



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ESMERALDINA DOS SANTOS

**ESCREVIVÊNCIA E COTIDIANO QUILOMBOLA NO ESPAÇO CULTURAL
TIA CHIQUINHA NO QUILOMBO DO CRIA-Ú AMAPÁ**

**MACAPÁ
2026**

ESMERALDINA DOS SANTOS

**ESCREVIVÊNCIA E COTIDIANO QUILOMBOLA NO ESPAÇO CULTURAL
TIA CHIQUINHA NO QUILOMBO DO CRIA-Ú AMAPÁ**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amapá, da linha de pesquisa: Educação, Cultura e Diversidades como requisito parcial à qualificação da dissertação.

Orientadora: Profa. Dra. Piedade Lino Videira

MACAPÁ
2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Cristina Fernandes – CRB-2 / 1569

S237e Santos, Esmeraldina dos.

Escrevivência e cotidiano quilombola no espaço cultural Tia Chiquinha no Quilombo do cria-ú Amapá. / Esmeraldina dos Santos. - Macapá, 2026.

1 recurso eletrônico.
279 f.

Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2026.
Orientadora: Profa. Dra. Piedade Lino Videira.

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Educação cultural. 2. Marabaixo - Amapá (Estado). 3. Territorialidade Quilombola. I. Videira, Piedade Lino, orientadora. II. Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 372.84

SANTOS, Esmeraldina dos. **Escrevivência e cotidiano quilombola no espaço cultural Tia Chiquinha no Quilombo do cria-ú Amapá**. Orientadora: Profa. Dra. Piedade Lino Videira. 2026. 279 f. Dissertação (Mestrado) - Educação. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2026.

ESMERALDINA DOS SANTOS

**ESCREVIVÊNCIA E COTIDIANO QUILOMBOLA NO ESPAÇO CULTURAL
TIA CHIQUINHA NO QUILOMBO DO CRIA-Ú AMAPÁ**

Data de Aprovação: 20/08/2026

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Piedade Lino Videira (Orientadora)
(Presidenta/Orientadora/UNIFAP)

Profa. Dra. Ângela do Céu Ubaiara Brito
(Membro Interna/UNIFAP)

Profa. Dra. Cícera Nunes
(Membro Externo/ (URCA)

Profa. Dra. Cândida Soares da Costa
(Membro /UFMT)

Prof.^a. Dra. Eugênia da Luz da Silva Foste
(Suplente Interno/UNIFAP)

Prof.º Dr. Elivaldo Serrão Custódio
(Suplente Externo/UEAP)

Dedico esta pesquisa, ao legado de meus pais Francisca Ramos dos Santos (Tia Chiquinha) e Maximiano Machado dos Santos (Mestre Bolão), *In memoriam*, a minhas filhas Suelem Francisca dos Santos e Samanda Giselle dos Santos, e aos meus netos, Ingridy R. dos Santos Araújo, Estefany V. dos Santos Leite, Saulo Ítalo dos Santos Araújo e Orival de D. L. Neto, que eles nunca se esqueçam o poder que a Educação tem sob nossas vidas.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é sobretudo partilhar vivências, experiências e momentos memoráveis, assim como entender que ninguém vence sozinho na caminhada da vida. Serei eternamente grata a todos que me ajudaram, me deram força para lutar, conquistar e realizar sonhos.

Dizer obrigada, às vezes, nem sempre é suficiente para agradecer às imprescindíveis e gentis pessoas que estiveram comigo na jornada do árduo percurso da conclusão do Mestrado em Educação, Cultura e Diversidade, no qual houve momentos bons e aqueles mais difíceis, que, no entanto, só foram superados porque recebi ajuda, acolhimento, compreensão, amparo de verdade.

Talvez não existam palavras suficientes e significativas que me permitam agradecer a vocês familiares, amigos e mestres, com justiça, com o devido merecimento. Mas tudo que posso fazer e dizer é que sou extremamente grata por nunca terem soltado a minha mão e nem me deixado desistir.

Primeiramente agradeço a Deus pela vida, saúde, sabedoria e força para manter-me firme diante das tormentas, me ajudando a me recompor, fortalecer-me e seguir, mesmo que os ventos contrários tentassem me impedir de continuar sonhando. A minha Nossa Senhora de Guadalupe por interceder por mim e ouvir meus clamores.

Aos meus pais, *in memoriam*, Francisca Ramos dos Santos (Tia Chiquinha) e Maximiano Machado dos Santos (Mestre Bolão) por incentivarem a mim e a meus irmãos a permanecermos em nossas raízes, valorizando e incentivando a história de luta e persistência de nossa ancestralidade, preservando nossos laços culturais com nosso povo.

A minhas filhas, Suelem Francisca dos Santos e Samanda Giselle dos Santos, por estarem ao meu lado, me apoiando e incentivando a nunca desistir. A meus netos, Ingridy Rafaela dos Santos Araújo, Saulo Ítalo dos Santos Araújo, Estefany Vitória dos Santos Leite e Orival de Deus Leite Neto, por sempre me ajudarem nessa trajetória, e que nunca se esqueçam o quanto a educação é um fator essencial na nossa vida, dou a vocês todo o incentivo, apoio e direcionamento para que permaneçam no caminho certo.

Meus netos Estefany, Ingridy e Saulo, meus grandes incentivadores, parceiros, que muitas vezes me acompanharam na minha jornada de estudos, me ajudando sempre e me incentivando a nunca desistir, mas persistir.

Agradeço imensamente a minha orientadora Profa. Dra. Piedade Lino Videira, por todos os momentos de conhecimento mútuo, pelo cuidado e toda sua paciência nesta jornada, pelas oportunidades de vivenciarmos momentos afetivos, de conhecimento acerca dessa

temática tão necessária. Aos professores e professoras da minha turma de Mestrado na Universidade Federal do Amapá, pelos diálogos e debates, que permitiram aprofundamento para pensar em uma educação democrática, antitética e inclusiva. Todos os meus colegas, aos quais construímos, nesta jornada, uma amizade de grande respeito, admiração e cuidado.

Aos professores Angleson Pinheiro e Wanda Borges pelas orientações e grande ajuda, neste período de reta final. Ao professor Dr. Osmando Jesus Brasileiro, pelo acompanhamento na revisão e formatação do texto. E, por fim, a todos meus amigos e amigas que vibram pelo bom êxito de minha caminhada acadêmico-científica e artística contribuindo significativamente para meu crescimento, torcendo a cada conquista, vibrando a cada novo passo.

Muitíssimo obrigada!!!!!!!

RESUMO

A presente dissertação tem como título “Escrevivência e Cotidiano Quilombola no Espaço Cultural Tia Chiquinha no Quilombo do Cria-ú no Amapá”, o qual faz parte da minha trajetória de vida enquanto mulher negra, pedagoga, quilombola e educadora cultural comunitária atuante nesse território. A pesquisa tem como problema “Investigar de que modo a Pedagogia do Batuque e Marabaixo e os princípios civilizatórios africanos e afro-brasileiros se manifestam e são mobilizados nas atividades pedagógicas e culturais do Espaço Cultural Tia Chiquinha, visando à formação identitária e antirracista no Quilombo do Cria-ú Amapá”, e apresenta como objetivos analisar as atividades da Pedagogia do Batuque e do Marabaixo e os princípios civilizatórios africanos e afro-brasileiros no Espaço Cultural Tia Chiquinha, visando à formação identitária e antirracista no Quilombo do Cria-ú Amapá, além de priorizar a narrativa autobiográfica (escrevivência), a minha como autora e pesquisadora e do público que frequenta o espaço cultural Tia Chiquinha; Configurar as atividades pedagógicas e culturais que são oferecidas para escolas, estudantes e sociedade em geral no Espaço Cultural Tia Chiquinha; Analisar qual é a contribuição de tais atividades pedagógicas e culturais para a formação na perspectiva antirracista do público visitante do local; e construir percursos de *ensinagem* à luz de vivências e experiência(ção) cultural a partir da articulação entre minha experiência de vida e comunitária como mulher preta, quilombola e pedagoga e a escuta dos colaboradores/griôs da comunidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com abordagem autoetnográfica e afrocentrada, que valoriza a minha experiência de vida como pesquisadora e fonte legítima de conhecimento, reconhecendo a centralidade em território quilombola do Cria-ú; escrevivência, afrocentricidade, memória, identidade, oralidade, educação cultural comunitária, espaço cultural Tia Chiquinha. A metodologia apoia-se na escuta, na observação participante e na escrita de si como prática de escrevivência (Evaristo, 2005), com o objetivo de construir saberes a partir da comunidade e para ela. Como resultados buscar-se-á verificar no Espaço Cultural Tia Chiquinha, importante território de formação identitária, de que maneira os princípios civilizatórios africanos e afro-brasileiros são utilizados e manifestados em suas práticas pedagógicas e de que forma eles colaboram para o fortalecimento da identidade cultural desta comunidade, bem como a manutenção das práticas sociais.

Palavras-chave: Território Quilombola do Cria-ú; Escrevivência; Memória; Educação Cultural Comunitária; Pedagogia do Batuque e Marabaixo.

ABSTRACT

This dissertation is titled “Escrivência and Quilombola Everyday Life in the Tia Chiquinha Cultural Space in the Quilombo of Cria-ú in Amapá,” which is part of my life journey as a Black woman, pedagogue, quilombola, and community cultural educator active in this territory. The research problem is “Investigating how the Pedagogy of Batuque and Marabaixo and the African and Afro-Brazilian civilizational principles manifest and are mobilized in the pedagogical and cultural activities of the Tia Chiquinha Cultural Space, aiming at identity and anti-racist formation in the Quilombo of Cria-ú, Amapá,” and its objectives are to analyze the activities of the Pedagogy of Batuque and Marabaixo and the African and Afro-Brazilian civilizational principles in the Tia Chiquinha Cultural Space, aiming at identity and anti-racist formation in the Quilombo of Cria-ú, Amapá, in addition to prioritizing the autobiographical narrative (life-writing), mine as an author and researcher and that of the audience that frequents the Tia Chiquinha Cultural Space; to configure the pedagogical and cultural activities that are offered to schools, students, and society in general at the Tia Chiquinha Cultural Space; to analyze what the contribution of such pedagogical and cultural activities is for the education from an anti-racist perspective of the visiting audience of the place; and to construct teaching paths in light of cultural experiences and experientiation based on the articulation between my life and community experience as a black woman, quilombola, and educator, and the listening to the collaborators/griots of the community. This is qualitative research, with an autoethnographic and Afrocentric approach, which values my life experience as a researcher and legitimate source of knowledge, recognizing the centrality in the quilombola territory of Cria-ú; life-writing, Afrocentricity, memory, identity, orality, community cultural education, Tia Chiquinha Cultural Space. The methodology is based on listening, participant observation, and writing about oneself as a practice of 'escrivência' (Evaristo, 2005), with the aim of constructing knowledge from the community and for it. As results, it will seek to verify at the Tia Chiquinha Cultural Space, an important territory of identity formation, how African and Afro-Brazilian civilizational principles are used and manifested in its pedagogical practices and how they contribute to strengthening the cultural identity of this community, as well as maintaining social practices.

Keywords: Quilombola Territory of Cria-ú; Writing experience; Memory; Community Cultural Education; Pedagogy of Batuque and Marabaixo.

LISTA DE SIGLAS

APA – Área de Proteção ambiental do Rio Curiaú
ARIE – Área de Relevante Interesse Ecológico
ADCT – Atos das Decisões Constitucionais Transitórias
BNCC – Base Nacional Comum Curricular
CEDIT – Conselho Editorial do Senado Federal
CEMA – Coordenadoria Estadual do Meio Ambiente
DCA – Diretriz Curricular Amapaense
DCERER – Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais
DOU – Diário Oficial da União
FCP – Fundação Cultural Palmares
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IETA – Instituto Educacional do Território do Amapá
INCRA – Instituto Nacional de Colonização Reforma Agrária
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LDBEN – Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional
NEER – Núcleo de Educação Étnico-Racial
OAB/AP – Ordem dos Advogados do Brasil Amapá
PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais
PDSA – Programa de Desenvolvimento Sustentável
PEE – Plano Estadual de Educação do Amapá Diretriz Curricular Amapaense
PPP – Projeto Político Pedagógico
SEAFRO – Políticas públicas da Secretaria Extraordinária de Políticas para os Povos Afrodescendentes
TCM – Trabalho de Conclusão de Mestrado
UEAP – Universidade do Estado do Amapá

LISTA DE GRÁFICOS, QUADROS E GRAVURAS

Gráfico 1 – População quilombola por município do estado do Amapá	83
Quadro 1 – Apresentação dos participantes e colaboradores de pesquisa	39
Quadro 2 – Plantas e ervas medicinais do Quilombo do Cria-ú	119

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Imagem da paisagem do Quilombo do Cria-ú.....	18
Figura 02 – Entrada do Espaço Cultural Tia Chiquinha.....	19
Figura 03 – Territórios da comunidade quilombola.....	32
Figura 04 – Visita dos alunos do curso de pedagogia da UEAP.....	59
Figura 05 – Visita dos alunos da Escola Municipal Joanna Santos.....	60
Figura 06 – Contação de história da artista Esmeraldina para os alunos da Escola Maria do Carmo.....	61
Figura 07 – Visita dos estudantes do curso de Pedagogia da UEAP.....	62
Figura 08 – Esmeraldina dos Santos assinando livro para professor visitante.....	63
Figura 09 – Esmeraldina dos Santos atendendo turista.....	63
Figura 10 – Esmeraldina juntos com visitantes na entrada do Espaço Cultural Tia Chiquinha.....	64
Figura 11 – Esmeraldina com Marcos Lucchesi, diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e o historiador Alexandre Samis.....	65
Figura 12 – Visita do embaixador do Marabaixo: Carlinhos Brown.....	66
Figura 13 – Visita do embaixador do Marabaixo: Carlinhos Brown.....	67
Figura 14 – Esmeraldina apresentando para a Escola Quilombola José Bonifácio.....	68
Figura 15 – Esmeraldina com equipe de professores do Centro de Ensino Podium.....	69
Figura 16 – Esmeraldina recebendo estudantes do Centro de Ensino Podium para roda de conversa sobre a cultura quilombola.....	70
Figura 17 – Igreja de Santo Antônio: Local onde se residia a família do Sr. Januário Clarindo.....	74
Figura 18 – Deck do Cria-ú: complexo turístico da comunidade.....	76
Figura 19 – Aspecto do Cerrado amazônico na região do Cria-ú.....	77
Figura 20 – Aspecto dos Campos Alagados na região do Cria-ú.....	78
Figura 21 – Aspecto da Floresta de Várzea na região do Cria-ú.....	79
Figura 22 – Aspecto das Matas de Galeria na região do Cria-ú.....	80
Figura 23 – Aspecto das Ilhas de Mata na região do Cria-ú.....	81
Figura 24 – Imagem da Rodovia do Cria-ú: AP-070.....	84
Figura 25 – Tia Chiquinha em produção de farinha.....	88
Figura 26 – Roda de Marabaixo no Espaço Cultural Tia Chiquinha.....	91
Figura 27 – Roda de Batuque na Festividade de São Joaquim na Maloca da Tia Chiquinha.....	93
Figura 28 – Preparação do almoço no dia 09 de agosto na Maloca da Tia Chiquinha.....	97
Figura 29 – Batuque na Festividade de São Joaquim na Maloca da Tia Chiquinha.....	99
Figura 30 – Mestre Pedro Bolão em produção de gengibirra.....	100
Figura 31 – Imagem da Tia Massalina, grande griô da comunidade.....	102
Figura 32 – Carreta com trator arrebenta fio de alta tensão, deixando a comunidade sem energia.....	104
Figura 33 – Momento de queimada no Espaço Cultural Tia Chiquinha.....	106
Figura 34 – Simulação da árvore genealógica da família Chiquinha e Bolão.....	109
Figura 35 – Bolão e Chiquinha com suas netas e tetranetas.....	112
Figura 36 – Imagem de Tia Chiquinha.....	114

Figura 37 – Mestre Bolão tocando pandeiro no Batuque do Cria-ú.....	124
Figura 38 – Esmeraldina dos Santos.....	127
Figura 39 – Eu junto com meus sobrinhos, Rosivaldo e Antônio Márcia, em nossa casa no Laguinho.....	130
Figura 40 – Eu e minha família no pátio da casa no Laguinho.....	131
Figura 41 – Esmeraldina estudando em casa.....	133
Figura 42 – Eu, Esmeraldina, na casa de família que trabalhava como empregada doméstica.....	135
Figura 43 – Colagem com as fotos dos aniversários de minhas filhas, Suelem e Samanta.....	136
Figura 44 – Esmeraldina em sala de aula na Escola Paulo Freire.....	137
Figura 45 – Formatura do curso de Maioridade, na UNIFAP.....	138
Figura 46 – Eu e minhas colegas de estudos apresentando trabalho durante o curso de pedagogia.....	139
Figura 47 – Lançamento do livro História do Meu Povo.....	141
Figura 48 – Lançamento do livro As Aventuras de Dona Florzinha.....	142
Figura 49 – Esmeraldina no lançamento do livro O Melhor Caminho é a Escola.....	143
Figura 50 – Esmeraldina sendo entrevistada em cidade percorrida pelo projeto.....	144
Figura 51 – Esmeraldina com seu grupo de contações de histórias na praça Floriano Peixoto, durante o Macapá Verão.....	145
Figura 52 – Esmeraldina em seção de fotos durante tratamento contra o câncer.....	147
Figura 53 – Flyer de convite para as lives de lançamento dos livros.....	150
Figura 54 – Esmeraldina recebendo alunos para palestrar sobre sua pedagogia.....	152
Figura 55 – Demonstração de Batuque no Espaço Cultural Tia Chiquinha.....	154
Figura 56 – Centro Cultural Tia Chiquinha visto de cima.....	156
Figura 57 – Sede Maloca da Tia Chiquinha em processo de revitalização.....	158
Figura 58 – Estudantes de universidade dos Estados Unidos em visita ao espaço cultural Tia Chiquinha.....	159
Figura 59 – Foto da Família Chiquinha e Bolão em Frente ao espaço cultural.....	161
Figura 60 – Januário, à direita, ao lado do nosso irmão Pedro.....	162
Figura 61 – João Ciro tocando dobrador em apresentação de batuque.....	163
Figura 62 – Imagem de Adelson do Socorro – Adelson Preto.....	164
Figura 63 – Imagem de Pedro Bolão cantando em roda de marabaixo.....	165
Figura 64 - Imagem de Pedro Bolão juntamente com seus filhos, netos e noras.....	165
Figura 65 – Imagem dos irmãos, Ismael e Benedito, respectivamente.....	166
Figura 66 – Imagem de Antônio Marcia e seus filhos, Alex e Maria.....	167
Figura 67 - Imagens de meus netos, do Maior para o menor, Ingridy, Orival, Estefany e Saulo.....	168
Figura 68 – Eu, Esmeraldina, junto de minhas filhas Samanta e Suelem.....	169
Figura 69 – Senhoras da comunidade, as irmãs Raimunda Leite, Minerva Leite, Maria Leite e Maria de Jesus em batuque na maloca da Tia Chiquinha.....	171
Figura 70 – Colagem com imagens da festividade de Santo Expedito na maloca da Tia Chiquinha, no Cria-ú.....	172
Figura 71 – Imagem de Santo Expedito, herança de tia Chiquinha.....	173
Figura 72 – Inauguração da capela de Santo Expedito, no Cria-ú.....	174

Figura 73 – Colagem com fotos da festividade de São Joaquim na maloca da tia Chiquinha.....	175
Figura 74 – Colagem com imagens da festividade de Nossa Senhora de Guadalupe.....	176
Figura 75 – Projeto social biblioteca Árvore da leitura.....	178
Figura 76 – Estudantes em oficina no ateliê do mestre Pedro.....	179
Figura 77 – Contação de história em bosque com Esmeraldina dos Santos.....	180
Figura 78 – Demonstração técnica da produção de farinha.....	181
Figura 79 – Nega do Biluca em demonstração técnica da gengibirra.....	182
Figura 80 – Demonstração de roda de Batuque e Marabaixo.....	183
Figura 81 – Grupo Raízes do Bolão em viagem ao Sonora Brasil.....	184
Figura 82 – Apresentação do Grupo Raízes do Bolão no teatro São João em Sobral, CE.....	185
Figura 83 – Grupo Raízes do Bolão em palestra sobre o Batuque e o Marabaixo.....	187
Figura 84 – Imagem das vestimentas utilizadas no Marabaixo e batuque.....	188
Figura 85 – Confeção dos instrumentos utilizados nas rodas de batuque e Marabaixo.....	189
Figura 86 – Roda de Batuque em apresentação durante o encontro dos tambores.....	190
Figura 87 – Confeção de roupas Batuque e Marabaixo para apresentação do Grupo Raízes do Bolão.....	192
Figura 88 – Produção e distribuição de gengibirra durante atividades formativas na maloca da Tia Chiquinha.....	193

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 DA VASSOURA PARA A CANETA: OS PRIMEIROS PASSOS ATÉ A “ROÇA” DO CONHECIMENTO ACADÊMICO-CIENTÍFICO	28
2.1 O ATO DE PESQUISAR	30
2.2 O TERRITÓRIO COMO ESPAÇO DE VIVÊNCIAS E SABERES	31
2.3 NATUREZA DA PESQUISA E BASES EPISTEMOLÓGICAS	33
2.4 MÉTODO UTILIZADO E INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS	34
2.5 SUJEITOS E COLABORADORES DA PESQUISA	38
2.6 BASES TEÓRICAS E CATEGORIAS ANALÍTICAS	41
2.6.1 Território Quilombola	42
2.6.2 Escrivivência	46
2.6.3 Autoetnografia	48
2.6.4 Afrocentricidade	49
2.6.5 Memória Individual e Coletiva	51
2.6.6 Identidade Racial e Quilombola	52
2.6.7 Oralidade	53
2.6.8 Educação Cultural Comunitária	54
3 “O MEU QUILOMBO É BONITO, QUILOMBO DO CRIA-Ú”: TERRITÓRIO DO MEU POVO	71
3.1 FATOS E PAISAGENS: ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS	72
3.2 A ROTINA DA COMUNIDADE: ASPECTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS.....	82
3.3 DO BATUQUE A FOLIA: ASPECTOS CULTURAIS E RELIGIOSOS	89
3.4 PROBLEMAS DA VIDA COTIDIANA DA COMUNIDADE	103
4 HISTÓRICO DA FAMÍLIA CHIQUINHA E BOLÃO	108
4.1 RAÍZES E RESISTÊNCIA: ANCESTRALIDADE DA FAMÍLIA CHIQUINHA E BOLÃO	108
4.2 FORÇA, TRABALHO E SUPERAÇÃO: OS OBSTÁCULOS ENFRENTADOS NA PARTIDA AO LAGUINHO AO REGRESSO AO CRIA-Ú	115
4.3 PRÁTICAS DE CURAS ATRAVÉS DAS PLANTAS E ERVAS MEDICINAIS	119
4.4 CULTURA VIVA: EXPRESSÕES ARTÍSTICAS E MUSICAIS DO TERRITÓRIO DA FAMÍLIA	122

5 O SONHO DE UMA MENINA: DA INFÂNCIA NO LAGUINHO AO APOSENTAR NO CRIA-Ú, MINHA AUTOBIOGRAFIA	126
5.1 INFÂNCIA, TERRITÓRIO E OS PRIMEIROS SABERES	128
5.2 TRAJETÓRIA EDUCATIVA: ENTRE O QUILOMBO E A ESCOLA FORMAL	132
5.3 VIVÊNCIA CULTURAL, CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	140
5.4 SABERES DO CHÃO: EXPERIÊNCIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO QUILOMBO DO CRIA-Ú	151
6 CENTRO CULTURAL TIA CHIQUINHA: VENCENDO O PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO	154
6.1 A NOSSA HISTÓRIA COMEÇA ASSIM	155
6.2 QUEM NÓS SOMOS: SUJEITOS DO TERRITÓRIO E PEDAGOGIAS DO PERTENCIMENTO	160
6.3 CELEBRAÇÕES E AFETOS: RITUAIS, FESTAS E O FORTALECIMENTO DOS LAÇOS CULTURAIS	170
6.4 A MEMÓRIA NO CORPO: ORALIDADE, BATUQUE E MARABAIXO COMO PEDAGOGIA	177
6.5 ENSINAGEM E PRÁTICA PEDAGÓGICA: VIVÊNCIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS NO TERRITÓRIO QUILOMBOLA	194
7 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS	246
REFERÊNCIAS	249
APÊNDICES	254
ANEXOS	275
ANEXO I – PARECER DO CEP/UNIFAP	275

1 INTRODUÇÃO

No Quilombo do Cria-ú¹, existe uma diversidade de cotidianos que contam a história da comunidade. Através dessas perspectivas que podemos entender a caminhada desse povo que resiste pelo território até os dias de hoje. Meu trabalho é a própria tessitura da minha autobiografia, entrelaçada com o fenômeno do Marabaixo e o modo como vejo o mundo a partir da minha comunidade. Estou vestida para dançar, estou vestida para cantar o ladrão. Estou bonita não por vaidade, mas porque carrego em mim a força do meu povo. E é assim que vou lhe contar minha história: de um jeito que nem todos compreendem, porque quem escuta o Marabaixo com o coração, nunca mais consegue esquecer.

Do lugar de mulher negra quilombola, herdeira de uma ancestralidade que resiste e floresce no território sagrado do Cria-ú em Macapá, no estado do Amapá. Território que fui forjada educadora cultural comunitária no Espaço Cultural Tia Chiquinha, onde fui atravessada por memórias, lutas e ensinamentos que me constituem e orientam a forma como compreendo, vivencio e compartilho o saber quilombola com as novas gerações. Assim se estabelece um novo olhar sobre a educação, longe da perspectiva bancária de que o educador educa e os educandos são educados, do mesmo modo afirma Paulo Freire:

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que para ser-se, funcionalmente, autoridade se necessita de *estar sendo com* as liberdades e não *contra elas*. (Freire, 1967, p.67)

Este trabalho nasce do chão que me sustenta: do batuque, do marabaixo, dos ladrões, das bandaias, dos tambores, das ervas, das danças e dos silêncios cheios de sentido. É a partir da escuta da comunidade, da observação do cotidiano e da minha própria vivência no espaço cultural que elaboro esta pesquisa qualitativa, de base autoetnográfica e afrocentrada escolho olhar para dentro e para perto, fazendo do meu corpo, da minha memória e da minha prática fontes legítimas de saber.

A autoetnografia, método de pesquisa que une a autobiografia à etnografia, mescla a vivência pessoal da pesquisadora com a observação e análise do grupo ou cultura ao qual ela pertence. É uma forma de fazer ciência com o corpo, a memória, o afeto e a história pessoal

¹ A palavra Cria-ú é a forma original do nome do quilombo do Curiaú, é a forma como os primeiros moradores denominaram o local e é falado pelos moradores mais antigos, o termo, segundo Piedade Lino Videira, na obra *Batuques, folias e ladainhas: a cultura do quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação* (2013), significa “lugar de criar: gado, boi” (p.328).

como partes legítimas do conhecimento. Denotando que a autoetnografia nesse contexto não é apenas um método, mas uma postura ética e política de valorização da experiência vivida e compartilhada em comunidade.

O referencial afrocentrado, por sua vez, orienta este trabalho na direção do recentramento de nossas epistemologias negras, da centralidade da ancestralidade como fonte de conhecimento, da oralidade como método e da cultura como território pedagógico. Visando sobretudo, romper com os modelos coloniais de produção do saber para, a partir das margens, construir novas centralidades, onde a cultura quilombola seja reconhecida como fonte legítima de educação e identidade. A teoria referenciada é a da afrocentricidade, cunhada pelo intelectual Molefi Asante (1980), teoria que permite constituir o lugar dos africanos e afro-brasileiros na história, considerando suas referências históricas e culturais, visando fortalecer a autoidentidade para que esses indivíduos passem a enxergar-se como sujeito e não mais objeto, e sim como agentes centrais das suas memórias e histórias.

A prática da afrocentricidade torna-se um agente transformador através do qual todas as noções velhas se tornam novas, e produz uma transformação de atitudes, crenças, valores e comportamentos na vida das pessoas criando, *inter alia*, uma perspectiva revolucionária sobre todos os fatos. É possível sentir e perceber a sua presença em todo lugar. Uma nova realidade é invocada; passamos a ter uma nova perspectiva. De fato, ela é a primeira e única realidade para o povo africano; é, simplesmente, uma redescoberta (Asante, 1980, p.5).

Nesse sentido, Asante (1980) apresenta a afrocentricidade como pensamento, prática e perspectiva que concebe os africanos e afrodescendentes como sujeitos ativos centrados e atuando sobre suas próprias referências culturais em concordância com seus próprios interesses humanos. O pensamento cunhado pelo filósofo norte-americano enfatiza a centralidade da África e das experiências africanas na construção do conhecimento, além de estabelecer a importância de reconhecer e valorizar as tradições, valores e histórias africanas como fundamentais para a compreensão da cultura global.

A escolha da temática e do território (*locus* de investigação) deu-se sendo considerado o papel político, cultural, econômico e pedagógico que o Quilombo do Cria-ú exerce na história, na memória, na luta política e na cultura amapaense, um território ancestral; um tesouro cultural; lugar de saber e de confluências de memórias e histórias de um povo que luta para preservar seu legado ancestral, numa demonstração clara da resistência dos povos afro-brasileiros e quilombolas no Meio do Mundo (Ver figura 1)

Figura 01 – Imagem da belíssima natureza do Cria-ú



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2025.

Na imagem (figura 1), observa-se os búfalos da comunidade no Rio Cria-ú com as garças repousando em suas costas. Essa prática acontece, pois, essas aves majestosas de pernas longas que são pertencentes ao nosso bioma amazônico, utilizam-se dos búfalos para se alimentar dos insetos que ficam em suas pelagens, e principalmente dos peixes e pequenos anfíbios do rio.

A pesquisa tem como foco o Espaço Cultural Tia Chiquinha, lugar de aprendizagem e resistência, onde saberes ancestrais são ensinados, vivenciados e recriados por meio de práticas culturais, oficinas, encontros, cantorias e danças. Os resultados apontam que esse espaço não apenas ensina, mas valoriza e mantém viva a cultura quilombola do Curiaú, possibilitando às novas gerações o contato direto com suas raízes, fortalecendo o pertencimento étnico-racial, a autoestima e a identidade coletiva.

Abaixo pode-se encontrar a imagem da entrada do Espaço Cultura Tia Chiquinha, ou também conhecido como Centro Cultural Raízes do Bolão, onde acontecem os encontros com a comunidade, estudantes e professores, com o objetivo de enfatizar a importância da dispersão cultural do Batuque e do Marabaixo através das vivências dos moradores do espaço, que são os descendentes de Tia Chiquinha e do Mestre Bolão, formadores da cultura Criauense (Ver figura 2).

Figura 02 – Entrada do Espaço Cultural Tia Chiquinha



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2023.

Desse modo, é mais do que um estudo acadêmico, este trabalho é uma forma de honrar minha ancestralidade e contribuir para a continuidade das memórias e das práticas do meu povo. É uma escrevivência, método cunhado por Conceição Evaristo (2017, p.59), que significa “escrever e vivenciar”, o qual permite escrever as vivências, no sentido de ressignificar as memórias dos povos afro-brasileiros a partir de sua coletividade, e que caminha entre o corpo, o território e a palavra. É um chamado à escuta e à permanência.

A presença dos valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros na prática pedagógica é essencial para o fortalecimento das identidades negras, a valorização da ancestralidade e a construção de uma educação decolonial, antirracista e territorializada. Para a autora Azoilda Trindade (2006, p.97), os princípios civilizatórios africanos e afro-brasileiros significam uma oportunidade de expressão do saber, modos de vida e cultura, que, dentro da perspectiva pedagógica, “[...]nos permitiria criar, imaginar e até sair da nossa zona de conforto e nos aventurarmos nas trilhas da criatividade”. No contexto do Quilombo do Cria-ú, em Macapá, no Espaço Cultural Tia Chiquinha emerge como uma experiência viva de educação cultural comunitária, enraizada nas tradições, práticas e saberes quilombolas.

Os princípios civilizatórios africanos e afro-brasileiros destacam a importância da cultura africana e afro-brasileira implantados pelos africanos e seus descendentes na nossa sociedade, um legado cultural inscrito na nossa memória e história, constituindo nosso modo de ser, viver, sentir que engloba os dez valores civilizatórios de ascendência africana: circularidade, religiosidade, corporeidade, musicalidade, cooperativismo, ancestralidade,

memória, ludicidade, energia vital/axé e oralidade, valores que colaboram com a formação e a sustentação da identidade cultural afro-brasileira e quilombola. Não foram poucas as tentativas coloniais de invisibilizar, excluir o tesouro cultural ancestral africano, mas graças à resistência e à força da maior população preta fora da África, nossas memórias ancestrais vivem e ajudaram a formar a sociedade brasileira.

É através dessa perspectiva, que a autora Azoilda Trindade (2006) introduz seus conhecimentos acerca dos valores africanos e afro-brasileiros, onde ela esclarece que todos os princípios citados anteriormente estão relacionados entre si, eles não são estanques, eles se interpretam, se penetram, se mesclam, e estão verdadeiramente juntos dentro da perspectiva pedagógica. Assim, a autora afirma:

Todos, absolutamente todos, se relacionam, afinal, temos valores que esperamos introduzir e/ou fortalecer no nosso cotidiano. Sabemos que não só os/as afro-brasileiros/as carregam a alegria no coração como um valor existencial. Contudo, é importante ressaltar esse aspecto, no caso deste projeto, porque, se não tivermos consciência das várias ascendências que coexistem dentro de nós, seremos brasileiros cindidos, com fendas existenciais, com vergonha, de cabeça baixa, sem autoestima. Estamos nos referindo à autoestima da nossa brasilidade. (Trindade, 2006, p.17).

Assim, abordar os princípios civilizatórios dentro da perspectiva pedagógica é ressignificar a nossa ancestralidade, uma vez que nosso povo tem dentro de si a sabedoria, a tradição, os fazeres e os costumes do povo africano. Além disso, é importante trazermos para esse estudo mais um conceito cunhado por Azoilda Trindade, a questão da afetividade, que, segundo a autora, engloba todos os outros princípios civilizatórios africanos e afro-brasileiros. Dentro da prática pedagógica e do ambiente escolar a autora teoriza:

Quando percebemos a demanda de uma reflexão acerca da afetividade num projeto que visa à implementação da História e cultura africanas e afro-brasileiras nos currículos escolares, tínhamos em mente sensibilizar os/as professores/as quanto a seu papel de promotores/as da qualidade de vida afetiva das crianças negras no cotidiano escolar. (Trindade, 2006, p.101).

A autora ainda esclarece que isso se deve ao fato das crianças, e consequentemente os jovens, serem alvos do racismo que foi instituído em nossa sociedade, o que contribui para o afastamento dessas crianças e jovens do ambiente escolar. É por isso que trago, mais uma vez, a relevância da Lei nº 10.639/03, onde ela busca a inclusão da história e cultura afro-brasileira na base curricular da educação, possibilitando com que essas crianças e jovens se sintam reconhecidas e valorizadas dentro do âmbito educacional. Assim, no livro *Pretagogia*, de Sandra Haydée Petit (2015, p.23), a autora expressa que:

O principal propósito desse livro é compartilhar uma parte da minha experiência e construção teórico-prática do jovem referencial teórico-metodológico chamado Pretagogia, sob um enfoque particular, que é o do meu trabalho de formação docente em torno da implementação da lei 10.639/03 que institui a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas de todo o país, desde o fundamental até o nível médio [e superior e tecnológico] – (grifo nosso).

Em concordância, Nilma Gomes (2012, p.105) afirma que “[...]a mudança estrutural proposta por essa legislação abre caminhos para a construção de uma educação antirracista que acarreta uma ruptura epistemológica e curricular, na medida em que torna público e legítimo o ‘falar’ sobre a questão afrobrasileira e africana”.

De acordo com a autora Piedade Videira (2009, p.197), “[...]um relevante trabalho de fortalecimento, das manifestações culturais e religiosas, mediante um amplo processo de mudanças e de atitudes ideológicas em face destas culturas”, foi desenvolvido em parceria com a comunidade do Cria-ú e com a comunidade escolar da Escola Quilombola Estadual José Bonifácio, em Macapá, no Estado do Amapá.

É nessa perspectiva que acredito nas palavras de Piedade Videira (2009, p.198), “[...]se houver um amplo trabalho de conscientização, respeito, valorização e reconhecimento das expressões étnicas brasileiras por meio da adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização à pluralidade étnica e multicultural do povo brasileiro, a fim de superar a desigualdade, será possível ver mais pessoas negras expressarem amor por si e por seus antepassados”. A autora ainda complementa,

Para combater tal paradigma, faz-se necessário que no Brasil – país multiétnico e pluricultural – os educandos indistintamente se vejam incluídos e que lhes sejam garantidos o direito de aprender e de ampliar conhecimentos, sem que sejam obrigados a negar a si mesmo, o grupo étnico a que pertencem e a adotar costumes, ideias e comportamentos que lhe são adversos. (Videira, 2009, p.170).

É a partir dessa linha de pensamento, que a autora do livro *Marabaixo: dança afrodescendente significando a identidade étnica do negro amapaense*, Piedade Videira (2009, p.199), citada anteriormente, esclarece que

[...]de base africana e afrodescendentes salvaguardados por seus descendentes para as futuras gerações como afirmação da identidade étnica do povo negro amapaense. Respeito e valorização por esses/as guerreiros/as que se emocionam e se engasgam a voz quando rememoram o tempo e trazem de volta a lembrança de seus antecessores e parentes falecidos. Sinto-me inteiramente comprometida e responsável por trazer “rostos sem rostos” e “vozes sem som” para ganharem visibilidade e relevância no estado do Amapá, a fim de que seus anseios e reivindicações sejam respeitados e atendidos”.

Ao reconhecermos e valorizarmos esses princípios civilizatórios, poderemos promover nas escolas e em espaços comunitários não apenas o reconhecimento histórico e cultural, mas

também se abre espaço para a materialização de uma educação mais inclusiva, antirracista e que respeite a diversidade. Além disso, permite-se que as gerações atuais e futuras compreendam a contribuição fundamental dessas tradições para a formação da identidade brasileira e amapaense.

No entanto, ainda é um desafio efetivar esses valores como princípios estruturantes de ações pedagógicas conscientes e afirmativas, especialmente diante da herança colonial e eurocentrada que ainda marca grande parte da educação brasileira. Portanto, partindo do problema da pesquisa, cuja inquietação é responder ao questionamento: Investigar de que modo a Pedagogia do Batuque e Marabaixo e os princípios civilizatórios africanos e afro-brasileiros se manifestam e são mobilizados nas atividades pedagógicas e culturais do Espaço Cultural Tia Chiquinha, visando à formação identitária e antirracista no Quilombo do Cria-ú Amapá.

Com base no disposto, o objetivo geral deste trabalho é analisar as atividades da Pedagogia do Batuque e Marabaixo e os princípios civilizatórios africanos e afro-brasileiros no Espaço Cultural Tia Chiquinha, visando à formação identitária e antirracista no Quilombo do Cria-ú Amapá. E os específicos visam: Priorizar a narrativa autobiográfica (escrevivência), a minha como autora e pesquisadora e do público que frequenta o espaço cultural Tia Chiquinha; Configurar as atividades pedagógicas e culturais que são oferecidas para escolas, estudantes e sociedade em geral no Espaço Cultural Tia Chiquinha; Analisar qual é a contribuição de tais atividades pedagógicas e culturais para a formação na perspectiva antirracista do público visitante do local; Construir percursos de *ensinagem* à luz de vivências e experiência(ção) cultural a partir da articulação entre minha experiência de vida e comunitária como mulher preta, quilombola e pedagoga e a escuta dos colaboradores/griôs da comunidade.

Sabemos que as experiências, saberes e tradições dos povos africanos perpetuam-se até os dias de hoje, e é isso que abordam em suas respectivas teorias, a valorização, o reconhecimento, o empoderamento e a autoconfiança. E de poder transformar sonhos em realidades com a educação, para que o nosso povo possa se reconhecer, ser livre de escolha para o futuro do nosso país, ou seja, que tenhamos consciência de nossas histórias e com elas contribuir para a valorização de uma educação antirracista.

Nesse sentido, esta pesquisa se justifica pela necessidade urgente de valorizar e visibilizar experiências educativas forjadas no seio das comunidades quilombolas do Amapá/Amazônia/Brasil, frequentemente silenciadas ou marginalizadas nos contextos formais da educação. Como mulher negra retinta, quilombola do Cria-ú, educadora de cultura popular e integrante ativa do Espaço Cultural Tia Chiquinha, reconheço a relevância dos saberes construídos coletivamente e transmitidos pelas práticas culturais do nosso povo. Visto que o

Espaço Cultural Tia Chiquinha não é apenas um lugar de expressão artística é essencialmente território de memória, identidade e ensinamento. A partir das rodas de marabaixo, dos tambores do batuque, das danças, cantorias e contações de histórias, das palestras em nossas práticas sociais, transmitem-se valores, histórias e modos de vida que sustentam a resistência quilombola.

Ao adotar uma abordagem autoetnográfica e afrocentrada, busco legitimar a vivência como fonte de conhecimento e produzir uma escrita comprometida com a ancestralidade, com o pertencimento e com o enfrentamento das epistemologias coloniais que historicamente negaram a voz e o saber das populações negras.

Para além disso, Abdias do Nascimento (2003) nos chama a atenção para a importância de entender a ancestralidade como algo dinâmico, que influencia diretamente as decisões políticas. Segundo ele, a cultura africana presente no Brasil não é apenas um resquício do passado, mas sim a essência da civilização, moldando a moral, a estética e a fé de diversas comunidades negras. Através do quilombismo, Abdias sugere uma forma de resistência política que utiliza as tradições ancestrais como alicerce para a construção de um futuro mais humano e igualitário, em outras palavras, “A ancestralidade africana no Brasil constitui uma matriz civilizatória, fonte de ética, estética e processo político de reexistência” (Nascimento, 2003, p.45).

Em contrapartida, Kabengele Munanga (2004) destaca que o racismo no Brasil se manifesta ao ignorar as diferenças, buscando uma uniformidade racial que invisibiliza os referenciais, as raízes africanas. Segundo ele, a construção de uma imagem positiva da identidade negra, é crucial e passa pela valorização da ancestralidade e a memória coletiva. Munanga afirma que “Reconstruir a história do negro é recuperar sua humanidade, é religar os laços desfeitos pela escravidão”. (Munanga, 1999, p.112).

Nesse diapasão, a escrevivência de mulheres negras quilombolas emerge da prática de resistência, que articula memória, identidade e ancestralidade para romper com o silenciamento histórico. Narrar-se é também reivindicar pertencimento, construir pontes com os que vieram antes. É semear possibilidades para as que virão. Pois cada história contada a partir da perspectiva negra é um ato político de cura, um gesto de reconexão com as raízes que sustentam e projetam a coletividade negra no mundo.

Por isso, reafirmo que a memória não é apenas algo que se guarda em livros ou museus, mas é algo vivo e dinâmico. Relembrar minhas memórias, faz-me sentir viva, conecta-me com minha infância com meus ancestrais que já se foram, mas que me ensinaram o valor da

memória, da identidade e da ancestralidade. A consciência da minha identidade é fruto das memórias, ancestralidade e da conexão com meu quilombo com meu território.

Hoje entendo o valor da memória, da minha identidade quilombola e ancestralidade afrodiaspórica, pois foram elas que me moldaram, politizaram-me, tornaram-me sujeita da minha história, para ecoar além dos muros do Curiaú, minha voz e dos meus irmãos quilombolas. E que as lutas travadas pelos meus ancestrais em especial meus bisavôs, avós e pais, ficaram de exemplos de resistência para que nunca se apague seu legado e nossa ancestralidade.

No entanto, em meio ao meu orgulho da minha identidade quilombola, entristece-me ver que muitos filhos deste sagrado território ancestral, não estão dando o valor que ele merece, ao se distanciaram das nossas práticas culturais. Foi diante desses fatos que surgiu o projeto Educação, Cultura e diversidade, no sentido de sensibilizar a nova geração sobre a importância da nossa cultura, da nossa identidade quilombola, visando despertar nesses jovens o sentimento de pertencimento, orgulho e valorização da cultura quilombola.

Cresci ouvindo as narrativas sobre nossas tradições, muitas das quais ainda se mantêm ao longo da minha vida. Essas histórias são pedaços preciosos tanto das memórias individuais, quanto coletivas, especialmente dos saberes ancestrais repassados de geração a geração. Lembro-me que por muitas vezes vi minha mãe Chiquinha tratar os membros da minha família e os vizinhos com seus infalíveis conhecimentos tradicionais, com chá de ervas plantados em nosso quintal, especialmente para os cuidados com meu povo.

Lembro ainda da minha avó Francisca Antônia do Rosário, ao ver meu avô Januário Clarindo dos Santos com couro de boi para colocá-lo de molho para a retirada dos pelos, para a preparação dos tambores do Marabaixo e das caixas do Batuque, minha avó dizia: “Lá vai o Januário com os livros dele na mão”, minha avó sabiamente previu que esses livros (couro) seriam demonstração da força da nossa cultura e que hoje estão além do nosso território, quebrando muros e construindo pontes, chegando às universidades, como vemos no caso deste estudo.

O Cria-ú é meu lar, meu território e minha identidade, porque é parte de mim é a materialização da minha ancestralidade afrodiaspórica que pulsa em minhas veias. Portanto, afirmo, que minha autoidentidade quilombola foi forjada a partir dessas memórias com minha história familiar no Lagunho e majoritariamente no Cria-ú, permeada pela tradição, língua, religião, valores e vivências, onde memória, identidade e ancestralidade são termos expressados neste ladrão de Marabaixo de autoria de Adelson Preto, meu sobrinho e neto de Tia Chiquinha

e do Mestre Bolão, que faz uma singela homenagem ao Quilombo do Cria-ú e os nossos griôs que tanto contribuíram para a manutenção e valorização da nossa cultura.

*O meu quilombo é bonito
Quilombo do Curiaú
Olha que couro cobre essa caixa
Couro de Sucuriju*

*A minha vovó Chiquinha
Tem força para trabalhar
Ela tem 90 anos
Ela gosta de dançar*

*Eu peço ao papai do céu
Que possa me abençoar
Que ela chegue a mais de 100
E comigo continuar*

*Eu tenho a tia Ezídia
Que é sua prima irmã
Tio Arin e tio Zé Duca
São filhos do Curiaú*

*O meu quilombo é bonito
Quilombo do Curiaú
Olha que couro cobre essa caixa
Couro de Sucuriju*

Este ladrão, segundo o autor, foi inspirado nos griôs do quilombo e em todo o seu legado e luta para manter as práticas do Batuque e Marabaixo no Cria-ú, em agradecimento às forças ancestrais deles. No entanto, infelizmente, dos citados no ladrão, apenas Tia Ezídia quase centenária, com seus noventa e nove anos encontra-se viva e inspirando a todos nós no sentido de manter a cultura da construção dos tambores do Batuque e caixa do Marabaixo. Um povo acredita e vive dessa arte, de quem crê na roda de gente na troca de energia e ancestralidade, embalados pelo toque dos tambores e caixas, ecoando as histórias que vivo pelos dons das palavras que recebi de meus pais e os meus ancestrais.

Sobre a estrutura desta dissertação, esta é composta por cinco seções, organizadas nos elementos: pré-textuais, textuais e pós-textuais.

Na primeira seção, nomeada: “DA VASSOURA PARA A CANETA: OS PRIMEIROS PASSOS ATÉ A ‘ROÇA’ DO CONHECIMENTO ACADÊMICO-CIENTÍFICO”, eu abordarei sobre o percurso metodológico da pesquisa, e todos os passos que me fizeram chegar até esta dissertação. Aqui está presente a importância do ato de pesquisar, além de explorarmos o território no qual a pesquisa é realizada. Ainda nesta seção, falamos sobre a natureza da pesquisa e suas bases epistemológicas, bem como o método utilizado para

a coleta de dados, a apresentação dos sujeitos/colaboradores que contribuíram com a pesquisa e por fim as bases teóricas e categorias analíticas para o desenvolvimento desta dissertação.

Na segunda seção, intitulada: “O MEU QUILOMBO É BONITO, QUILOMBO DO CRIA-Ú: O TERRITÓRIO DO MEU POVO”, eu falo do meu quilombo, o Quilombo do Cria-ú, o *locus* de pesquisa que através de seu rio nos faz revisitar minhas memórias. Nesta seção, faço uma breve contextualização do território quilombola, onde apresento sua diversidade, e atravesso pelos seus aspectos históricos, geográficos, sociais e econômicos, culturais e religiosos.

Na terceira seção, “NO DIA 13 DE MAIO, ONDE TUDO COMEÇOU: HISTÓRICO DA FAMÍLIA BOLÃO”, escrevo sobre minha família e como nossa história começou. Apresento-lhes nesta seção nossa árvore genealógica e conto todo o histórico da família, falo sobre meus antepassados – até onde é de meu conhecimento – e sobre como meus pais se conheceram. Disserto sobre nossa ida para o laguinho e principalmente sobre a nossa volta ao Quilombo do Cria-ú, sobre nossos desafios, nossas aventuras e nossas viagens. Nesta seção conto-lhes aquilo que não lhe contaram sobre a família da Chiquinha e do Bolão.

Na quarta seção, “O SONHO DE UMA MENINA: DA INFÂNCIA NO LAGUINHO AO APOSENTAR NO CRIA-Ú, MINHA AUTOBIOGRAFIA”, falo sobre mim, Esmeraldina dos Santos, uma menina sonhadora que encontrou nos livros o desejo de voltar a estudar. Nesta seção trago a minha infância, como foi necessário parar de estudar para trabalhar. Menciono os meus livros, e o desejo que meu pai, Mestre Bolão (*in memoriam*), despertou em mim de querer escrever nossas histórias. Falo sobre as dificuldades que a vida me deu e sobre como as superei, e por fim chego aos dias de hoje onde demonstro mais uma vez que nunca é tarde para voltar a estudar.

Na quinta seção, “CENTRO CULTURAL TIA CHIQUINHA: VENCENDO O PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO”, nesta última seção, apresento o Centro Cultural e como influenciemos nossos alunos, professores e visitantes em geral, através da pedagogia cultural comunitária. Além disso, também lhes conto a história do Centro Cultural e como surgiu a ideia de criar um lugar para recebermos turistas e visitantes, falo sobre nossas festas de devoção, nossos projetos para incentivar a cultura do Batuque e do Marabaixo e incentivar as escolas na ensinagem sobre História e Cultura Africana e Afro-brasileira, segundo a lei nº 10.639/03.

Assim, esta pesquisa é também um ato político e afetivo, gesto de cuidado com a memória, um grito de resistência contra os apagamentos e uma oferta de sementes para que as novas gerações possam florescer com orgulho de suas raízes. Com isso, convido-lhes a

embarcar nesta viagem pelas matas do Cria-ú e reescrever minha história, através de um novo olhar que nos permite explorar cada face do território quilombola e assim redescobrir minhas memórias.

Portanto, ao reunir essas diferentes perspectivas teóricas, o estudo constrói uma base crítica e plural que permite compreender a complexidade das experiências quilombolas, suas práticas culturais e educativas, bem como os processos de resistência e afirmação identitária que atravessam a memória, a escrita e a vivência coletiva.

2 DA VASSOURA PARA A CANETA: OS PRIMEIROS PASSOS ATÉ A “ROÇA” DO CONHECIMENTO ACADÊMICO-CIENTÍFICO.

*Negro toca essa caixa
Me soluça esse tambor
Vou lembrar de meus poetas
Que para glória Deus levou*

*O lápis e a caneta
eram o cabo do machado
as mãos todas calejadas
de encoiravar seu roçado*

(Ladrão de Marabaixo “Meus Poetas” de autoria de Esmeraldina dos Santos)

Dou início a estas primeiras palavras com um Ladrão de Marabaixo de minha autoria, que invoca meus poetas do passado que não tiveram a oportunidade de ter um estudo, que lamentaram suas dores, que não sabiam ler nem escrever, mas marcaram suas histórias compondo e cantando Ladrões de Marabaixo. Eu, Esmeraldina dos Santos, contadora de histórias, irei contar a minha história de vida, minha escrevivência, que perpassa grandes superações. Mas antes disso, é necessário entender o processo criativo e as metodologias que me guiaram até aqui. Nesta seção I, abordarei sobre a metodologia, a abordagem e estrutura dos conceitos do ato de pesquisar, o território em que o estudo está sendo realizado, a natureza da pesquisa e bases epistemológicas, o método que foi utilizado além dos instrumentos para coleta de dados, a apresentação dos sujeitos e colaboradores e as bases teóricas e categorias analíticas que embasaram este estudo.

As minhas motivações para esta pesquisa surgiram da minha experiência de vida na condição de mulher preta, quilombola, pedagoga, artesã, dançadeira e cantadeira de Batuque e Marabaixo, contadora de histórias e escritora macapaense alicerçada pelas raízes quilombolas que pulsam em mim, pertencente ao Quilombo do Cria-ú. Nascida em 11 de janeiro de 1955, sou a décima primeira filha de uma numerosa família negra, cujo nome foi um presente que recebi da minha amada avó materna, a qual se chamava Benedita Carlota. Trata-se de um nome que representa a mulher forte que me tornei e a mulher determinada, valente, resiliente que sou. Orgulha-me, sobremaneira, numa narrativa em primeira pessoa, poder escrever cada linha do meu destino, sonhos e condição acadêmica atual.

Ademais, luto arduamente contra as opressões que são inerentes à minha condição de mulher preta, quilombola, escritora, idosa, pedagoga que insiste em sonhar e realizar o mais ousado de todos os sonhos que é concluir o mestrado em Educação, cuja dissertação trará para o debate, alguns princípios civilizatórios africanos e afro-brasileiros na prática pedagógica e

antirracista calcada na perspectiva da educação comunitária operante no espaço cultural Tia Chiquinha no Quilombo do Cria-ú. Diante disso, aponta Edimara Soares (2017, p.2):

As Comunidades Remanescentes de Quilombos são espaços vivos da história e cultura da população negra brasileira, se mantêm como territórios de resistência por meio dos vínculos singulares com a terra, pela preservação da memória, pelas formas de produção do trabalho, pela perpetuação do conhecimento no uso e manejo das ervas medicinais, raízes e cascas. A terra para os quilombolas é mais que um pedaço de chão, é mais do que a possibilidade de fixação, é, sobretudo, condição para existência grupal e continuidade de seus valores simbólicos e materiais.

A escritora Edimara Soares defende que o reconhecimento dos direitos territoriais dos quilombolas é essencial para garantir sua autonomia e dignidade, isso inclui o direito à posse das terras e à proteção contra invasões e exploração.

A partir disso, como estudo complementar cabe analisar a obra intitulada o que é lugar de fala? Da autora Djamila Ribeiro (2017), na qual expressa que todos ocupam uma posição social a partir daquilo que falam, porém, nem todos são legítimos de possuírem o mesmo espaço para serem ouvidos. Assim como a Escrivência de Conceição Evaristo (2005), a obra busca reconhecer as vozes de grupos historicamente marginalizados, especialmente as mulheres negras, para reverter desigualdades estruturais ligadas à sociedade patriarcal. A autora busca determinar conceito para o termo lugar de fala, esclarecendo que:

Para além dessa conceituação dada pela comunicação, é preciso dizer que não há epistemologia determinada, sobre o termo lugar de fala especificamente ou melhor a origem do termo lugar de fala e imprecisa, acreditamos que este surge a partir da tradição de discussão sobre feminist stand point– em uma tradução literal “ponto de vista feminista” – diversidade, teoria racial crítica e pensamento decolonial (Ribeiro, (2017, p.40).

É importante ressaltar que a autora salienta em sua abordagem a teoria do ponto de vista feminista e que a partir dela, se falar em lugar de fala, ou seja, Ribeiro (2017, p.41) destaca que “[...]um dos objetivos do feminismo negro é marcar o lugar de fala de quem as propõe” e essa prática se torna necessária para compreendermos as realidades que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica. É necessário analisar a afirmação da autora de que todos têm um lugar de fala, sem confundir isso com representatividade.

De maneira mais clara e usando um exemplo semelhante ao qual a autora usou, significa dizer que eu enquanto uma mulher preta quilombola posso não me sentir representada por alguém que não é quilombola ao falar sobre quilombos e suas realidades, mas essa mesma pessoa pode teorizar sobre a realidade das mulheres quilombolas a partir do lugar que ela ocupa. Os dois possuem um lugar de fala, e os dois falam a partir da sua localização social. E assim

fica mais fácil de compreender a afirmação da autora de que todas as pessoas possuem lugar de fala. A partir da sua localização social, seja subalternizado ou não.

Para finalizarmos o pensamento sobre o termo lugar de fala, a autora afirma que é essencial que indivíduos de grupos privilegiados reconheçam as hierarquias criadas por seu lugar social e como isso afeta diretamente os grupos subalternizados no Brasil, país de herança escravocrata, observaremos o racismo de duas percepções diferentes, a dos negros que experienciarão o racismo do lugar de oprimidos e dos brancos que experienciarão do lugar de opressores graças ao sistema de opressão implícito na nossa sociedade. Ambos os grupos podem e devem refletir sobre o assunto, mas falarão de lugares diferentes.

Neste estudo, foram trabalhados os conceitos de territorialidade quilombola, que se concentra, nas teorias de Edimara Soares (2017) e Beatriz Nascimento (1985); escrevivência, cunhada pela autora Conceição Evaristo (2020); autoetnografia, abordado por Silvio Mateus Santos (2017); afrocentricidade, termo impresso pelo autor Molefi Asante (1980); memória individual e coletiva, que é teorizado por Maurice Halbwachs (1990); identidade individual/coletiva, por Frantz Fanon (2008); educação cultural comunitária, que é defendido por Paulo Freire (2013); cultura negra, que se manifesta nas teorias de Leila Gonzales (2020) e Conceição Evaristo (2020); a palavra “quilombos” expressa por Petronilha Beatriz (2024) e Rafael dos Santos Sânzio (2009); festas negras que é abordada por Piedade Videira (2008) e Glória Moura (1997); educação antirracista onde é explicitado por Nilma Gomes (2005), Djamila Ribeiro (2019) e Henrique Cunha Jr, (2001); Racismo, por Kabengele Munanga (2004); e gênero, que se observa em bell hooks(1981).

2.1 O ATO DE PESQUISAR

Para realizar um estudo investigativo como esse proposto aqui, é necessário tomar decisões, uma vez que, o estudo é envolto de possibilidades que poderão nos apresentar conceitos, perspectivas, definições e outras descobertas que possibilitarão novas compreensões do objeto que está sendo investigado. Em consonância com Sérgio Vasconcelos de Luna (1997, p.7),

[...]ao se realizar uma pesquisa, espera-se que o ponto de partida identifique um problema cuja resposta não se encontre explicitamente na literatura; consequentemente, a resposta obtida ao final da pesquisa constatada a correção metodológica deve ser relevante para a comunidade científica, não apenas por se tratar de uma resposta, mas, principalmente, por se tratar de uma resposta importante de ser obtida. Desta forma, pesquisa é sempre um elo entre o pesquisador e a comunidade científica, razão pela qual sua publicidade é elemento indispensável do processo de produção de conhecimento.

Quando nos permitimos a pesquisar, buscamos potencializar novos conhecimentos que serão de grande relevância para a sociedade, pois através da pesquisa é possível refletir o que permeia o objeto investigado e, para isso, é importante traçar estratégias para encontrar definições que o percurso investigativo apresentará.

Por isso, compreendemos que os saberes que existem na nossa sociedade não são estáticos, estão sempre em contínuas mudanças, dado que, a nossa própria essência cria e recria relações, memórias, saberes, simbologias, o que acaba proporcionando ao pesquisador diversas novas fontes de conhecimentos.

Dito isso, dada as características únicas dos territórios de cosmovisão africana, como é o caso dos Quilombos, onde o sagrado, os saberes ancestrais, os seres encantados e as manifestações culturais e religiosas são importantes para repensar sobre o ato de como pesquisar nesses territórios é importante, especialmente partindo de um olhar afrocentrado, da epistemologia da Afrocentricidade desenvolvida por Asante (2009), um paradigma capaz de manter as experiências africanas e afrodiaspóricas dentro e no centro da própria história, porque expressa o lugar dos africanos e descendentes como agentes de ação, mudança, transformação, ideias e cultura.

Em concordância com as propostas dos autores citados, Luna (1997, p.18), afirma que “[...]quaisquer que sejam as referências teórico-metodológicos do pesquisador, bem como seus compromissos pessoais, presume-se que ele inclua, entre seus objetivos para pesquisar, o crescimento do conhecimento e a ampliação do poder explicativo de sua teoria”. Isso reflete que pesquisar em território quilombola requer uma metodologia diferenciada que necessita de participação ativa, envolvimento direto com o Quilombo para que as percepções sejam formadas dignamente conforme a realidade experienciada e, como resultado, perceberá uma visão de conhecimento fidedigno, tanto no cunho teórico quanto socialmente. Dito isso, a presente pesquisa objetiva, também, contribuir para o conhecimento acadêmico-científico do território quilombola do Amapá e para o restante do Brasil, enfatizando os elementos culturais, de identidade que estruturam essa dimensão dos Quilombos.

2.2 O TERRITÓRIO COMO ESPAÇO DE VIVÊNCIAS E SABERES

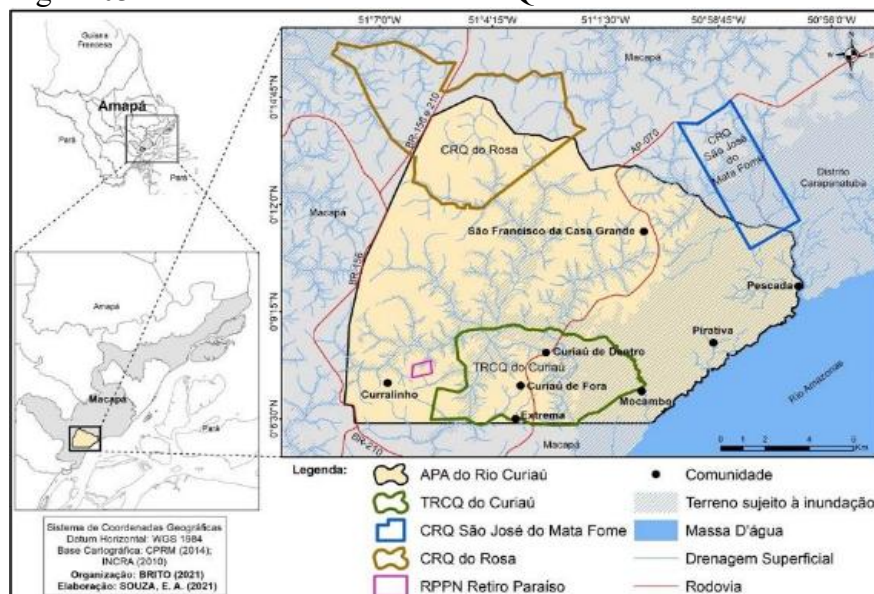
O estudo se assenta no Quilombo do Cria-ú, que está localizado no espaço de uma Área de Preservação Ambiental (APA), criada pelo Governo do Estado do Amapá, por intermédio do Decreto Estadual nº 0431 de 15 de setembro de 1998. Essa comunidade é

considerada o primeiro Quilombo do Estado do Amapá e o segundo a nível nacional em receber o título “Comunidade Rural Remanescente de Quilombo”, em 03 de novembro de 1999 pela Fundação Cultural Palmares, órgão ligado ao Ministério da Cultura, de acordo com Piedade Videira (2013).

O Quilombo do Cria-ú está localizado a 14 km do centro de Macapá, capital do Estado do Amapá. Por esta razão, a comunidade recebe influência direta das relações sociais da cidade para o Quilombo, possui uma área titulada e certificada, que corresponde a 3.321,8931 hectares.

A população que reside na comunidade é estimada em 1.803 habitantes, sendo 1.521 pessoas quilombolas conforme os dados obtidos pelo primeiro Censo Quilombola feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2022. No entanto, os dados do ano de 2022 da Unidade Básica de Saúde (UBS) é diferente do Censo Quilombola do IBGE, onde a comunidade abriga cerca 1.200 famílias. O quilombo do Curiaú é composto por três territórios: Cria-ú de Fora ou de Cima, Cria-ú de Dentro ou de Baixo e Extrema, tendo como limites as comunidades negras São Francisco da Casa Grande, Curralinho, Mocambo, Pescada, Pirativa, e os bairros urbanos Novo Horizonte, Mestre Oscar Santos e Ipê.

Figura 03 – Territórios da comunidade Quilombola do Cria-ú



Fonte: Organizado por Daguiete Brito, Cecília Brito e Elaborado por Souza (2021)² disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/admin_depxt.+64988-+Novo-4.pdf

Por se tratar de uma localidade protegida, necessita de uma atenção maior do Poder Público e dos habitantes do lugar, pois se trata de uma área sagrada que resguarda memórias da

² Chaves Brito, Daguiete Maria; Brito Bastos, 2022.

ancestralidade do povo criouense e que contribuíram para a identidade do povo do Estado do Amapá. As paisagens naturais são belíssimas e guardam memórias e histórias, por isso, destaco a importância em preservação do quilombo. Temos muitas histórias contadas dessa comunidade que até hoje se falam que é lenda, mas foram fatos vividos por esses moradores, tínhamos os povos da floresta muito respeitados, o lago então para tomar um banho primeiro falar com o senhor das águas era o respeito, respeita para se perpetuar a maior riqueza desse povo era os valores a ser respeitados.

2.3 NATUREZA DA PESQUISA E BASES EPISTEMOLÓGICAS

A natureza deste estudo é ancorada na abordagem qualitativa e suas bases epistemológicas serão focadas na cultura, quilombo, educação, escrevivência e principalmente no cotidiano quilombola no território do Cria-ú. A abordagem qualitativa proporciona ao pesquisador interpretações focadas nas experiências e práticas com seus pares, dentre essas experiências, destaca-se as histórias de vida, vivências, portanto, várias possibilidades.

A pesquisa qualitativa, método de investigação científica de caráter subjetivo do objeto, observando as experiências individuais. No sentido de compreender o comportamento de determinado grupo ou práticas sociais e culturais. Entender o porquê de certos fatos. Nesse sentido, sobre a pesquisa qualitativa, destaca Minayo:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis. (Minayo, 2002, p.21- 22)

Minayo (2002) evidencia que a pesquisa qualitativa pode ser utilizada para estudar fenômenos ou fatos. Que envolvem os humanos nas suas relações sociais em diversos ambientes de vivências. Como quilombo, trabalho, família, escolas dentre outros. Isso remete ao pensamento de que, por essa perspectiva poder-se-á entender um fato ou fenômeno social. Configurando a pesquisa qualitativa como facilitadora do entendimento de acontecimentos estudados cientificamente.

Nessa perspectiva, será utilizada também como metodologia complementar, o estudo de caso, ao qual Chizzotti (2000, p.102-103) enfatiza que “[...]é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso

particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência”.

Posto isso, entende-se a importância dessa pesquisa junto a esta abordagem, que possibilitará a esta pesquisadora, o enriquecimento no campo científico do objeto investigado, uma vez que assegurará uma visão mais completa do *lôcus* da pesquisa. Assim, articulo junto à pesquisa qualitativa para a reflexão das bases epistemológicas da cultura, quilombo, escrevivência, cultura negra e educação.

À vista disso, a vontade em debater o dinamismo que envolve o objeto desse estudo – pensar a relação sujeito/sujeito, surgiram pelo fato da ignorância por parte da cultura da branquitude em relação à identidade histórica, ancestral, e de saberes que as comunidades quilombolas tem para o desenvolvimento do Brasil.

Por isso, é imprescindível considerar que nenhum estudo pode ser dissociado do contexto local, uma vez que é nesse espaço que as manifestações culturais são produzidas, vivenciadas, ressignificadas e transmitidas entre as gerações. Em consonância com a Arte-educadora Piedade Videira (2013), é essencial que os estudos investigativos aconteçam dentro dessas comunidades, no seu contexto local, para que as observações sejam, de fato, verídicas de acordo com a realidade das comunidades quilombolas, em relação à história, cultura e aos saberes ancestrais.

E, dessa forma, conseguiremos compreender que as vivências no quilombo, são trajetos para a construção de conhecimento firmadas na identidade, contribuindo para o conhecimento científico pautado na ancestralidade, memória e resistências dessas comunidades.

2.4 MÉTODO UTILIZADO E INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

De início, para a realização deste estudo segui as orientações éticas previstas na Resolução n. 510/16 que disciplina pesquisas realizadas com seres humanos no campo das Ciências Humanas e Sociais utilizada pelo Comitê de ética da UNIFAP, que regulamenta as pesquisas que envolvem seres humanos.

Este estudo contou com aporte teórico metodológico da pesquisa qualitativa, com ênfase na metodologia autoetnográfica. A pesquisa qualitativa, de acordo com Heloísa Martins (2004, p.291), “[...]trata-se de uma discussão sobre técnicas qualitativas de pesquisa, mas sobre maneiras de se fazer ciência. A metodologia é, pois, uma disciplina instrumental a serviço da

pesquisa; nela, toda questão técnica implica uma discussão teórica”. Heloísa Martins (2004, p.292), complementa:

Assim, diante das diversidades de perspectivas, o “fazer ciência” não segue um único modelo ou padrão de trabalho científico. Ao contrário, a sociologia foi sempre marcada pela diversidade de métodos (e de técnicas) de investigação e de métodos de explicação. Vejamos de forma bem simplificada, no nível dos métodos e técnicas qualitativos o que significa “fazer ciência”. É preciso esclarecer, antes de qualquer coisa, que as chamadas metodologias qualitativas privilegiam, de modo geral, da análise de micro processos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais.

Em contrapartida, a metodologia autoetnográfica, é também, fundamental para a realização desse estudo, visto que ela trabalha sob perspectiva do pesquisador se tornar aporte teórico para a objetivação do seu estudo, ou seja, ele se torna um contribuinte para dialogar entre sua própria vida e um contexto cultural mais amplo. De acordo com Silvio Mateus Santos (2017, p.218), “[...] o que se destaca nesse método é a importância da narrativa pessoal e das experiências dos sujeitos e autores das pesquisas, o fato de pensar o papel político do autor em relação ao tema”. Observa-se, ao longo deste trabalho, a utilização de minha experiência pessoal como mulher preta, quilombola e pedagoga para fundamentar a elaboração de práticas pedagógicas pertinentes ao contexto deste estudo, considerando os princípios civilizatórios africanos e afro-brasileiros.

Além disso, também foi utilizada a escrivência dos demais colaboradores desta pesquisa, principalmente os que frequentam o Espaço Cultural Tia Chiquinha, para que se configure estratégias baseadas nessas histórias, para uma educação antirracista e para as atividades que são desenvolvidas no espaço. É importante destacar a metodologia afrodescendente de pesquisa, elaborada por Henrique Cunha Jr. (2001), a qual ele enfatiza a importância do estudo da afrodescendência nas pesquisas educacionais. O autor afirma que:

Afrodescendência é o reconhecimento da existência de uma etnia de descendência africana. Esta etnia tem como base comum dos membros do grupo as diversas etnias e nações de origens africanas e o desenvolvimento histórico destas nos limites condicionantes dos sistemas predominantes de escravismo criminoso e capitalismo racista. Esta etnia não é única, é diversa, não se preocupa com graus de mescla interétnica no Brasil, mas sim com a história (Cunha Jr., 2001, p.11).

Utilizar esta metodologia é crucial para o entendimento desta pesquisa, uma vez que se empregou as histórias dos afrodescendentes da comunidade do Cria-ú na elaboração de atividades pedagógicas e culturais construídas a partir da ideia de valores civilizatórios existentes dentro da comunidade que contribuíram para uma abordagem antirracista.

A abordagem do conceito de afrodescendência nos permite reescrever um pedaço da nossa história, assim como contribui para reelaboração das africanidades brasileiras. O autor

determina que “[...]as africanidades brasileiras são reprocessamentos pensados, produzidos no coletivo e nas individualidades, que deram novo teor às culturas de origem”. (Cunha Jr., 2001, p. 12).

Isso quer dizer que a afrodescendência está relacionada com as africanidades brasileiras, pois as heranças culturais que nos foram deixadas pelos nossos ancestrais são estudadas pelos descendentes africanos que nos apresentam uma nova percepção daquela cultura, um novo olhar, um olhar que estava oculto, mas que já era uma base preexistente daquela manifestação.

O que foi observado nesta pesquisa, visto que as histórias e escrevivências dos entrevistados descendentes de escravizados que fundaram a comunidade do Cria-ú, apresentou conteúdos relevantes para a preservação da cultura ancestral da comunidade, e assim repassar os ensinamentos para o público geral de maneira didática e antirracista.

Após percorrer todos esses caminhos, poderemos trabalhar com os conceitos do que são os princípios civilizatórios africanos e afro-brasileiros dentro das práticas pedagógicas e assim utilizá-los no Espaço Cultural Tia Chiquinha, com os visitantes e demais frequentadores do espaço. A partir disso, como instrumentos para a coleta de dados, considerando a especificidade do estudo que remete ao cotidiano, memórias de uma comunidade quilombola, serão utilizadas observações no espaço, bem como entrevistas com os sujeitos/colaboradores da pesquisa, pois de acordo com André (2005, p.39-45), tais procedimentos proporcionam uma aproximação maior com a realidade estudada, devido as possibilidades de riquezas de dados que oferecem para a pesquisa.

Os instrumentos para a coleta de dados seguiram um padrão de acordo com os objetivos e problemas de pesquisa. Diante disso, foi utilizada a história de vida autobiográfica como um instrumento para coleta de dados, pois, segundo Antônio Chizzotti (2000, p.95), diz que:

[...]a história de vida é um instrumento de pesquisa que privilegia a coleta de informações contidas na vida pessoal de um ou vários sujeitos. Pode ter a forma literária biográfica tradicional como memórias, crônicas ou retratos de pessoas ilustres que, por si mesmos ou por encomenda própria ou de terceiros, relatam os feitos vividos pela pessoa. As formas novas valorizam a oralidade, as vidas ocultas, o testemunho vivo de épocas ou períodos históricos.

Com isso, para a coleta de dados, as memórias e relatos dos entrevistados³, foram cruciais para o desenvolvimento da problemática, visto que contribuíram para a construção da ensinagem de práticas pedagógicas voltadas para os princípios civilizatórios africanos e afro-brasileiros.

³ O questionário a ser utilizado na entrevista será composto de 10 questões, conforme o Apêndice B, e será analisado atendendo aos objetivos descritos no questionário do Apêndice A.

Esses relatos utilizados pela coleta de dados contribuíram através de entrevistas semiestruturadas, por meio da aplicação de questionários, as quais foram direcionadas a perguntas conforme a idade e a atual situação emocional de cada indivíduo entrevistado, pois, dessa forma, as informações puderam ser extraídas de maneira mais fluida e menos cansativa para ambos os lados.

Segundo Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 93-95), a entrevista narrativa é uma técnica de coleta de dados em que se incentiva o entrevistado a relatar um acontecimento significativo de sua vida dentro do contexto social, por meio de perguntas em questionários. Trata-se de um método semiestruturado e aprofundado, com características próprias, que busca evitar o formato tradicional de perguntas e respostas imposto pelo entrevistador, mas que deixa o entrevistado à vontade para responder aos questionamentos feitos. A intenção é minimizar a influência do entrevistador para obter uma perspectiva mais autêntica do informante. Utilizando a prática cotidiana de contar e ouvir histórias, a entrevista alcança esse objetivo. Neste estudo, essa técnica foi fundamental, já que considera o território fortemente marcado pela tradição oral dos griôs, que transmitiram seus conhecimentos e experiências por meio da oralidade.

Além disso, foi utilizado, também como procedimento para a coleta de dados e apreciação das entrevistas, a análise temática, que é explicada por Braun e Clarke (2006, p.79 e 80) como “[...]um método para identificar, analisar e relatar padrões dentro dos dados coletados”. A análise temática descreve e organiza seu conjunto de dados com detalhes relevantes.

Como pesquisadora, é crucial estar preparada para conduzir as entrevistas, pois qualquer sugestão inadequada pode afetar as questões pessoais dos entrevistados e prejudicar a coleta de informações. Destaca-se ainda, que a presente pesquisadora, por medidas éticas, sempre portou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como as autorizações para os registros, fotográficos e áudios dos participantes da pesquisa. As entrevistas foram realizadas a partir do parecer positivo, sob o número 8.356.625, processo CAAE: 87597025.3.0000.0003, do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, da UNIFAP, conforme parecer anexo.

2.5 PARTICIPANTES E COLABORADORES DE PESQUISA

Os participantes e colaboradores da pesquisa, foram seis, sendo dois griôs, dois professores, sendo um da comunidade e outro externo, de preferência um professor (a) pesquisador(a), e dois estudantes, sendo um visitante e outro da comunidade, pessoas residentes no Quilombo do Cria-ú e que frequentem precisamente o espaço Cultural Tia Chiquinha. E eu como pesquisadora e colaboradora da pesquisa. Reitero, *a priori*, que apenas apresento os sujeitos/colaboradores da pesquisa nesse momento, sendo que suas concepções, entendimentos e compreensões foram aprofundadas adequadamente nas seções 3, 4 e 5 que serão apresentadas no decorrer desta dissertação.

De modo geral, me propus a escolher pessoas que possuem um grande envolvimento com o espaço, uma verdadeira conexão. Pessoas que com suas percepções, aumentaram ainda mais a relevância deste estudo. Não queria trazer alguém que apenas visitou o espaço, queria alguém que realmente vivenciou e se identificou com o lugar, com a cultura, os costumes e nossos modos de fazer e ensinar. São pessoas que possuem uma identidade, e que se reconheceram dentro do espaço e da comunidade. São estas que merecem ter suas histórias e experiências contadas nesta pesquisa.

Os griôs escolhidos foram o Sr. Pedro Bolão (65) e o Sr. Roldão Amâncio (92), que possuem vastos conhecimentos sobre a cultura da comunidade, sendo o senhor Roldão um dos homens mais velhos da comunidade, e se dedica à parte afrorreligiosa do território. O senhor Pedro Bolão, meu irmão, é ativamente engajado na proteção dos saberes da comunidade e que se dedica aos fazeres culturais e afro quilombolas. Escolhi um griô que tem em seu cotidiano uma boa proximidade com o espaço cultural e outro que não vive aqui diariamente, mas que reconhece a existência dele.

A professora interna escolhida para ser colaboradora desta pesquisa foi a Dona Núbia (59), mulher negra e quilombola, que reside na comunidade e que atuou boa parte de sua vida profissional dentro da escola da comunidade e que, embora tenha se aposentado este ano, já vivenciou experiências dentro do espaço e suas percepções serão significativas para esta pesquisa. A professora externa é a Benedita, mulher negra que participou de algumas oficinas e experiências no espaço, e que sua visão foi fundamental como colaboradora, pois é alguém que não conhecia sobre o espaço e que ao se aproximar se encantou com o que é ensinado aqui.

Para as estudantes, escolhi duas meninas que possuem contato direto com a cultura e com o espaço cultural, sendo uma vivenciando seu cotidiano aqui dentro e a outra colecionando experiências e construindo a sua vida com elas. Para a estudante interna, eu tinha preferência

para quem residisse no quilombo e estudasse em uma das duas escolas da comunidade, sendo quase impossível esse feito pois a maioria dos que moram aqui, estudam fora. Então escolhi minha sobrinha, Maria Vitória (10), menina negra residente e estudante da escola municipal da comunidade que está crescendo e construindo sua identidade dentro do espaço. A estudante externa escolhida para colaborar na pesquisa, é considerada minha sobrinha, Nathália Victória (16), menina amazônida e que ingressou como visitante, mas já participa ativamente do espaço. Ela não nasceu aqui, não reside e não estuda na comunidade, mas por obra do destino, ela passou a ser inserida e vivenciar a cultura através de meu sobrinho. Então, trago duas percepções de estudantes que vivenciam o espaço, mas de maneiras diferentes. Uma nasceu e cresceu no âmbito cultural e a outra foi incluída no decorrer dos anos de sua vida.

Logo abaixo apresento um quadro com os seguintes participantes e uma breve apresentação que coletei de seus dados pessoais:

Quadro 1 – Apresentação dos participantes/colaboradores de pesquisa.

PARTICIPANTES/COLABORADORES	BREVE APRESENTAÇÃO
Entrevista ocorrida no dia 22/05/2026 	Pedro Rosário dos Santos (65 anos), nascido no Laguinho em 03 /10/1960 e criado na Comunidade Remanescente de Quilombo do Cria-ú. É filho de Francisca Ramos dos Santos e Maximiano Machado dos Santos. Neto paterno de Januário Clarindo dos Santos e Francisca Antônia dos Santos e neto materno de Benedicto Antônio Ramos e Benedicta Carlota do Rosário. É mestre dos saberes tradicionais da comunidade.

Entrevista ocorrida no dia 23/05/2026 	Roldão Amâncio da Silva (92 anos), nascido e criado na Comunidade Remanescente de Quilombo do Cria-ú em 08/04/1935, é filho de Cecílio Euclides da Silva e Venina Antônia da Silva, é neto materno de Januário Clarindo dos Santos e Francisca Antônia do Rosário e neto paterno de Pedro Uó da Silva. É guardião dos saberes tradicionais da comunidade.
Entrevista ocorrida no dia 04/06/2026 	Núbia Maria Ramos Lopes (59), nasceu no dia 27/03/1967 na Comunidade do Lagoa dos Índios, e se criou na comunidade do Cria-ú. Filha de Pedro de Almeida Lopes e Maria Fernanda Ramos Lopes. Neta materna de Vitalino e Alzira e neta paterna de Pedro Lopes e Cândida. É professora (aposentada) da Escola Estadual Quilombola José Bonifácio e visitou o espaço com a escola e como visitante da comunidade.
Entrevista ocorrida no dia 08/06/2026 	Benedita do Nascimento Ramos (48), nasceu no dia 12/07/1978 em Macapá. É filha de Josefa do Nascimento Ramos e Raimundo de Souza Ramos. É neta materna de Theodorico Brás do Nascimento e Maria Ferreira e neta paterna de Antônio Ilário Ramos e Maria Ramos. É professora, atualmente, da comunidade do Maruanum e visitou

	o espaço com o Centro de Ensino Podium em 2025.
Entrevista ocorrida no dia 13/07/2026 	Maria Vitória (10), nasceu dia 05/11/2015 e é moradora do Quilombo do Cria-ú desde então. Filha de Antônio Márcia dos Santos e Jhonatan, neta materna de Catarina dos Santos e Benedito Lino. É estudante da Escola Municipal Joanna Santos, da comunidade, com quem sempre visita o espaço.
Entrevista ocorrida no dia 13/07/2026 	Nathália Vitória dos Santos (16), nasceu no dia 24/12/2009. É natural do Pará e filha de Risthielly Sena e de Tarcísio Seixas. Seus avós maternos são Maria José e Manoel e os paternos Maria Deuzarina e Manoel. É estudante da Escola Maria do Carmo, cresceu em meio ao espaço e sempre visita e participa do local.

Fonte: Esmeraldina dos Santos.

2.6 CATEGORIAS E BASES TEÓRICAS

Para este estudo investigativo, é importante delimitar as categorias e as bases teóricas que foram discutidas durante o caminho da pesquisa. Destarte, para Luna (1997) a pesquisa

configura-se em tomadas de decisões, sendo assim, ela passará por um planejamento. Ainda em conformidade com o autor, a pesquisa investigativa nos abre um leque de caminhos alternativos, onde o pesquisador deva estar preparado, e ele precisa estar atento e sensível às futuras alterações que devam surgir durante o caminho metodológico e teórico da pesquisa.

Dessarte, para a realização da pesquisa, foram listadas algumas categorias que permitiram sua compreensão, reflexão e planejamento para as futuras seções dessa dissertação, são elas: Território Quilombola, Escrivência; Autoetnografia, Afrocentricidade, Memória, Identidade, Oralidade, Educação Cultural Comunitária/Pedagogias do Batuque e Marabaixo. Essas categorias serão discutidas, abordadas e apresentadas por toda a escrita do texto dissertativo, objetivando o envolvimento das experiências em campo, para uma compreensão positiva desta pesquisa. Estas categorias serão apresentadas, discutidas e problematizada. No entanto, cabe enfatizar que o trabalho, contou com a contribuição das seguintes bases teóricas e conceituais que fundamentaram a pesquisa: Território de negros (Videira, 2010; Cunha Júnior, 2001); Educação Cultural Comunitária, festas de Santos – (Trindade, 2013; Petit, 2015) e Patrimônio cultural a partir das bases legais educacionais que regem sobre a educação para relações étnico-raciais.

2.6.1 Território Quilombola

Para o debate dessa categoria, trazemos Abdias do Nascimento (2002), José Arruti (2008) e Piedade Videira (2013), os quais nos ajudaram a refletir sobre os elementos de territorialidade que pautam esta pesquisa. O conceito dessa categoria é expresso por Nascimento (2002, p.92) ao afirmar que o Quilombo é uma “instituição africana”, fruto de uma das inúmeras formas de resistência do negro para manter a sua “identidade pessoal e histórica” ao longo dos séculos.

Quando se trata de território quilombola é necessário ressignificar conceitos que não são condizentes com a realidade quilombola. Dessa forma, para essas comunidades, o território e a própria terra ganham significados, cheios de valores culturais, como podemos observar no Parecer CNE/CEB nº 16/12 o qual define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola:

A terra, para os quilombolas, tem valor diferente daquele dado pelos grandes proprietários. Ela representa o sustento e é, ao mesmo tempo, um resgate da memória dos antepassados, onde realizam tradições, criam e recriam valores, lutam para garantir o direito de ser diferente sem ser desigual. Portanto, a terra não é percebida apenas como objeto em si mesmo, de trabalho e de propriedade individual, uma vez que está relacionada com a dignidade, a ancestralidade e a uma dimensão coletiva. Há

que se considerar, portanto, as distinções entre terra e território quando pensamos a questão quilombola. O território diz respeito a um espaço vivido e de profundas significações para a existência e a sustentabilidade do grupo de parentes próximos e distantes que se reconhecem como um coletivo por terem vivido ali por gerações e gerações e por terem transformado o espaço em um lugar. Um lugar com um nome, uma referência forte no imaginário do grupo, construindo noções de pertencimento (Brasil, 2012, p.16).

Em consonância com a citação acima, compreende-se que o Quilombo do Cria-ú, é abordado em vários aspectos, dentre eles: o geográfico, o histórico, o político, o cultural, o econômico, o racial, entre outros, e todos esses elementos descritos, mostram a grandeza de território para futuras compreensões e análises. A arte-educadora Piedade Videira (2013, p.20) afirma que “[...]é na base territorial que tudo acontece, nesse sentido a terra, o terreiro, o território a territorialidade assume grande importância dentro da temática da pluralidade cultural brasileira no seu processo de ensino, planejamento e gestão”. Com base nisso, compreende-se que o território deve ser o ponto essencial para o bom andamento do processo de ensino e aprendizagem no Quilombo do Cria-ú.

O intelectual e historiador José Mauricio Arruti (2008) garante que cultura e sua diversidade estão ligadas ao território e às comunidades quilombolas que pertencem ao território, uma vez que, neles:

Se incluem não só a terra diretamente ocupada no momento específico da titulação, mas todos os espaços que fazem parte de seus usos, costumes e tradições e/ou que possuem os recursos ambientais necessários à sua manutenção e às reminiscências históricas que permitam perpetuar sua memória. (Arruti, 2008, p.23)

Esse território é um lugar que salvaguarda raízes, tradições, herança ancestral e todos esses elementos são essenciais para que haja o movimento dos elos e vínculos comunitários fazendo com que a energia desse território possa ser sentida por quem convive nesses espaços. O Quilombo do Cria-ú se destaca pelas diversas práticas culturais vivas, sejam através da cultura negra, da memória de homens e mulheres do lugar, da pluralidade existentes no Quilombo. E não podemos esquecer dos ataques e conflitos que essas comunidades sofrem com frequência em nosso país.

Dando continuidade, trago alguns conceitos que considero importantes para nossa discussão, bem como buscarei fazer uma descrição do local onde o estudo está localizado, esse caminho de investigação objetiva caracterizar esse *lôcus*. Começo definindo o conceito de quilombo. De acordo com o artigo 2º do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003:

Os quilombos são “grupos étnico-raciais segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”. As comunidades quilombolas no Brasil são múltiplas e variadas e se encontram

distribuídas em todo o território nacional, tanto no campo quanto nas cidades. (Brasil, 2003, p.1).

O decreto nº 4.887/2003, expressa a definição oficializada de quilombo, reconhecendo essas comunidades como “[...]grupos étnico-raciais segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, com as relações territoriais específicas, e presunção de ancestralidade negra, forma de resistência à opressão histórica sofrida”. Essa concepção rompe com visões essencialistas e homogeneizadoras, valorizando a diversidade das comunidades quilombolas e seu direito à autodefinição.

Ao reconhecer a centralidade da ancestralidade negra e a continuidade histórica da resistência, o decreto consolida um entendimento político e territorial sobre os quilombos, compreendendo-os como espaços de construção de identidade, de memória coletiva e de reprodução cultural.

Além disso, ao destacar que essas comunidades estão distribuídas tanto no campo quanto nas cidades, reafirma-se o caráter múltiplo, dinâmico e contemporâneo da presença quilombola no Brasil, desafiando as representações fincadas, e sobretudo colaborando para consolidar políticas públicas específicas de reconhecimento e reparação.

Por outro lado, Beatriz Nascimento (2018) corrobora com os debates com o conceito desenvolvido por ela. Um conceito que ultrapassa a visão tradicional de quilombo como apenas um refúgio de cinco ou mais escravizados fugidos, aquele definido no período colonial pelo Conselho Ultramarino. Para esta autora, quilombo é um espaço político, cultural, territorial e simbólico de resistência negra, forma de organização social baseada na ancestralidade africana, na solidariedade, na coletividade e na luta contra todas as formas de opressões. Segundo Nascimento (2018) quilombo é:

Lugar de agrupamento, afirmação étnica, ideológica e cultural, onde passado e presente se encontram em território físico e simbólico. [...] Quilombo não possui um sentido estático. É um movimento atemporal. É uma estrutura social que agrega valores enraizados étnicos, identitários e culturais africanos, mas está sempre em sintonia com seu momento histórico e territorial, constituindo novos grupos e novas relações sociais, ressignificando-se. (Nascimento, 2018, p.94)

Para Nascimento (2018), o conceito de quilombo vai bem além de um simples refúgio de negros fugidos, é sobretudo, uma forma de organização social, símbolo de resistência, baseada em laços de solidariedade, parentesco, cultura comum, autonomia e busca por liberdade. O quilombo representa na contemporaneidade uma construção coletiva de identidade, resiliência e luta, um verdadeiro instrumento ideológico da luta negra. Um lugar

para expressar e valorizar as potencialidades, a cultura, as experiências e as identidades, um espaço de resistência e de negociações.

Diante disso, este estudo concentra-se na comunidade quilombola do Cria-ú, portanto, é essencial compreendermos os instrumentos e mecanismos que são utilizados para a construção de conhecimento, que são repassados de formas geracionais e que se constroem a partir dos saberes ancestrais, isto é, de homens e mulheres que reiteram a importância dos saberes que a comunidade apresenta de forma permanente para a história do povo quilombola.

Nessa perspectiva, cabe enfatizar, conforme os conceitos de quilombos descrito acima, a relevância da história, das manifestações culturais e religiosas que se configuram na resistência de seus conhecimentos, através das trocas orais de experiências que permitem a afirmação, pertencimento da identidade histórica e étnico-cultural do quilombo presentes nas narrativas e saberes da minha gente.

Sobre essa relação, Conceição Evaristo (2005), através da metodologia da escrivência, a escrita de si, aponta para a relevância do conhecimento advindo da mulher negra e da cultura negra, que possibilita a compreensão da identidade pessoais e coletivas, ou seja, dessas comunidades, pois os atos que vivenciamos no presente são reflexos das ações do passado. E que, ao registrar, promovem sentidos essenciais para que se conheça e se respeite uma diversidade rica que é o caso do quilombo.

É relevante, ainda, destacar que pesquisar em comunidade quilombola, como é o caso do Quilombo do Cria-ú, nos leva a refletir sobre a herança ancestral, símbolos, assim como as malocas, igrejas, oficinas de tambores, casas de farinha e centros e escolas presentes nessas comunidades, entre vários outros elementos do quilombo, proporcionando aos pesquisadores, a vontade em aprofundar seus estudos que envolvam a dimensão ancestral referentes a uma localidade com características únicas.

Para Barbara Carine (2003), esses elementos definem as características que estabelecem, de fato, as concepções de cultura a partir dessas comunidades quilombolas. Ainda de acordo com a autora, “É importante viver a diversidade em todas as instâncias da vida, entendendo que é só convivendo com a pluralidade que efetivamente cresceremos com ela.” (Carine, 2003, p.125). Nesse sentido, torna-se essencial a inclusão da diversidade nas escolas, na sociedade para que a pluralidade cultural seja valorizada e respeitada em todos os seguimentos sociais.

Eu como moradora do quilombo e muitas vezes, objeto de estudo de pesquisas, entendo a importância da educação para a diversidade, para o respeito e valorização das culturas dos

povos que formam a sociedade brasileira, no sentido de romper os silenciamentos e inviabilização de grupos historicamente subalternizado pela historiografia oficial.

Ressalto a importância de espaços culturais como o da Tia Chiquinha no quilombo do Cria-ú foco desta pesquisa, justamente por estar comprometido com uma educação cultural comunitária, tão necessária para o letramento racial tanto da comunidade como para a sociedade civil em geral que venha ao quilombo. Inclusive este espaço na última década tem sido muito visitado e servido para pesquisadores ampliarem os estudos sobre a história, a cultura e as práticas e educativas desenvolvida neste centro cultural.

No entanto, tanto a comunidade, quanto eu, ficamos felizes com os estudos e os pesquisadores no quilombo, pois esperamos sempre que nosso legado, nossos saberes e práticas sejam amplificados e que essencialmente que os ditos estudiosos da temática quilombola, voltem a comunidade e nos deixe a par dos resultados de suas pesquisas. Falo isso, porque são poucos os que retornam ao quilombo, para socializar os moradores os resultados. Entendo que esse retorno, esse feedback, configura, incentivos para as gerações do presente e do futuro.

2.6.2 Escrevivência

Para analisar a categoria Escrevivência e seus elementos, utilizo os conceitos de Conceição Evaristo (2005) e de Piedade Videira (2013) as quais refletem que esse conceito é dinâmico e definido a partir da existência e experiências de vida que contribuem para a construção de conhecimentos das comunidades quilombolas. Baseado nisso, compreendemos que essa prática é diversa e ampla, e precisa ser levada em consideração quando se trata de quilombo, e auxilia no combate ao esquecimento das tradições, dos saberes e da herança ancestral.

Tal conceito foi desenvolvido pela professora, escritora e intelectual brasileira Conceição Evaristo. Esse conceito trata-se de uma junção dos atos de escrever, viver e se ver, que, além dessas palavras, mas caracteriza-se de uma concepção oriunda da epistemologia negra, que consegue examinar, analisar os símbolos através das experiências das pessoas negras.

Essa escrevivência é gerida de uma compreensão afrocentrada e está conectada diretamente ao corpo negro, principalmente ao corpo das mulheres negras que foram escravizadas, e, de forma específica, à figura da Mãe Preta. Essa figura-gênese, de acordo com a autora, serve como instrumento fundamental para a reflexão sobre a base de categoria da

escrevivência. Ao voltar a essa figura, Conceição Evaristo (2020) encontra vigor para criar, pensar, expressar pensamentos, ressignificando conceitos ultrapassados e preconceituosos.

Dito isto, há diversas situações que atravessam o corpo da mulher negra que nunca serão vivenciadas pelo corpo de uma pessoa que não possua os marcadores sociais. Portanto, existe a potencialidade em traçar as narrativas a partir da tessitura de histórias, experiências de mulheres negras que possuem na sua trajetória uma cultura que marginaliza suas compreensões. Dessa forma, evidencia-se alguns pontos relevantes oriundos da escrevivência, são eles:

- Criação de oportunidades que valorizem o ato de escrever uma história;
- Ampliação do “lugar de pertença” da escrita para os grupos sociais;
- Inclui na sociedade letrada pessoas que não detêm essa competência, pois geralmente são marginalizadas, valorizar histórias de mulheres negras e pobres;
- Afirmação de que todas as histórias são significativas, principalmente a história do povo negro que resiste ao tempo.

Assim, essas cosmovisões negras, ultrapassam fronteiras dos diversos gêneros textuais, e a escrevivência destaca-se como uma maneira de potencializar as vivências da população negra e afro-brasileira através da autobiografia, escrita de si, autoficção, relato pessoal. Além disso, a escrevivência demonstra-se como uma relevante ferramenta para reivindicar identidades, memórias, saberes ligados diretamente ao silêncio das mulheres negras na sociedade.

Para Evaristo (2005), a escrevivência expressa a escrita das vivências, que representa “[...]a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido”, repleto de memórias, subjetividades e experiências. A escrita que nasce do si, das lembranças e das raízes, representando, desse modo, um ato de protesto, perseverança e presença. Conforme Evaristo, “[...]a nossa escrevivência não inventa, mas sim expressa a vida em palavras”.

A nossa escrevivência, a escrita de si da mulher negra, é para acordar os da casa grande. Então esse conceito nasce justamente com a tentativa de borrar parte dessa história, é o reverso. E é o reverso também por um outro aspecto, porque aí já tem escrita. Se antes a fala da mulher negra ficou condicionada a uma oralidade, hoje ela tem também a escrita. E ter a escrita é justamente apropriar das armas da casa grande.

Caracterizando que a Escrevivência nesta pesquisa é o próprio apropriar-se destas armas, um ecoar da minha voz, do meu povo, no sentido de trazer à tona minhas memórias sobre ser e se ver como uma mulher negra. É um posicionamento que representa a significação

“[...]de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra” Evaristo (2005).

Portanto, o presente estudo, tem o compromisso político de romper com o apagamento e o silenciamento histórico, trazendo à tona minha luta e resistência diante de uma sociedade racista, sexista e desigual como a brasileira, e sobretudo, a escrivência de mulher negra retinta, escritora, pesquisadora, pedagoga, servidora pública, contadora de história, cantadeira e dançadeira de Batuque e Marabaixo, artesã, costureira centralidade, como sujeita protagonista para a (re)construção de novos caminhos.

2.6.3 Autoetnografia

Para a discussão desta base teórica trazemos Silvio Mateus Santos (2017), Carmen Lúcia Guimarães de Mattos; Alessandra dos Santos; Valentina Grion (2024), que aborda sobre os conceitos de autoetnografia, embora seja um tema que ainda é pouco discutido no Brasil. É importante ressaltar que a autoetnografia é um termo cunhado por Heider (1975) e Heyano (1979) e definido oficialmente por Ellis e Bochner (2000), e que também sua metodologia é fundamental para a construção desta dissertação, visto que ela trabalha sob a perspectiva do pesquisador se tornar aporte teórico para a objetivação do seu estudo, ou seja, ele se torna um contribuinte para dialogar entre sua própria vida e um contexto cultural mais amplo.

Iniciamos esta discussão acerca da autoetnografia com Silvio Mateus Santos (2017, p.218), que descreve sobre a terminologia da palavra autoetnografia, “[...] nos remete a um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, ou seja, refere-se à maneira de construir um relato (escrever), sobre um grupo de pertença (um povo), a partir de ‘si mesmo’ (da ótica daquele que escreve)”. O que se percebe no corpo desta dissertação à qual busco pesquisar sobre a história de meu povo a partir de minha escrivência enquanto mulher, preta, quilombola e pedagoga e assim utilizá-las no processo de ensinagem acerca da história e cultura africana e afro-brasileira.

O autor continua sua construção teórica afirmando que a autoetnografia seria sustentada por um “modelo triádico” (Santos, 2017, p.218) que estaria baseado em três orientações:

[...]a primeira seria uma orientação metodológica – cuja base é etnográfica e analítica; a segunda, por uma orientação cultural – cuja base é a interpretação: a) dos fatores vividos (a partir da memória), b) do aspecto relacional entre o pesquisador e os sujeitos (e objetos) da pesquisa e c) dos fenômenos sociais investigados; e por último, a orientação do conteúdo – cuja base é a autobiografia aliada a um caráter reflexivo.

É, nesse sentido, devido a essa tríade que evidencio a importância de utilizar a metodologia autoetnográfica, pois além de utilizar minha escrevivência para o desenvolvimento desta pesquisa, também utilizo da escrevivência dos sujeitos/colaboradores deste estudo para que se configure estratégias baseadas nessas histórias, para uma educação antirracista e para as atividades que são desenvolvidas no espaço. É deste modo que o autor ainda complementa:

Se é certo que a autoetnografia não pretende fornecer uma resposta a todas as preocupações intelectuais, estéticas, emocionais e éticas sobre a pesquisa, pode-se, entretanto, dizer que, ao enxergá-la como um método, um modo de representação da experiência do indivíduo/autor/pesquisador e de seu modo de vida, compreendemos que o “fazer autoetnografia” ou o “ser um autoetnógrafo” exige dos pesquisadores uma atenção primordial para a investigação do “eu” em primeiro plano (suas memórias e experiências), para as preocupações representacionais durante todas as etapas do processo de pesquisa (interações com os “outros” – sujeitos investigados – e temas de pesquisa) e a representação desses processos em relação aos contextos social e cultural (Santos, 2017, p.223).

Embora o autor traga de maneira consistente a teoria da autoetnografia, devemos explorar os entrelaces da terminologia. É por isso que trago, também, a perspectiva das autoras Mattos; Santos; Grion (2024), que se dedicaram aos estudos dos autores que desenvolveram esta metodologia para meditar sobre o *self*, a identidade e a reflexão como categorias de análise em etnografia, definindo que:

Ao se tratar a autoetnografia como um gênero de escrita ou de histórias de pesquisa sobre as quais muitos tipos de narrativas são autobiográficas, pode-se reconhecer na autoetnografia um gênero embaçado, que encobre muitas formas diferentes de relatos em primeira pessoa e narrativas de experiência pessoal. Essencialmente, ela cria uma identidade narrativa para uma comunidade exclusiva, que não está descrita por meio de uma abordagem retórica única (Mattos; Santos; Grion, 2024, p.4).

As autoras explicam que a autoetnografia possui um movimento rápido e por isso “[...]as divisões pessoais e culturais se confundem, frequentemente tornando-se irreconhecíveis” (Mattos; Santos; Grion, 2024, p.4), ou seja, quando tratamos a autoetnografia como gênero de escrita é possível que as histórias sejam entrelaçadas e que relatos sejam encobertos. É por isso que tratarei este estudo de maneira minuciosa para que nenhuma narrativa se perca no decorrer do caminho metodológico.

2.6.4 Afrocentricidade

Para o debate dessa categoria trago Molefi Asante (2009), quem elaborou os conceitos acerca desta categoria analítica e base teórica para esta dissertação. A teoria desenvolvida por Asante (2009), busca a valorização da identidade africana, refutando a cultura escrita ocidental que a coloca como marginalizada em um contexto mundial. A partir da teoria, é viável o

desenvolvimento de uma abordagem para a problematização da teoria da afrocentricidade, que em relação à teoria eurocêntrica envolve um debate complexo e multifacetado. A teoria eurocêntrica tradicionalmente colocou a Europa e a cultura europeia no centro das narrativas históricas, filosóficas e acadêmicas, muitas vezes marginalizando ou subestimando as contribuições e perspectivas das culturas africanas e afrodescendentes. Assim:

A ideia afrocêntrica refere-se essencialmente à proposta epistemológica do lugar. Tendo sido os africanos deslocados em termos culturais, psicológicos, econômicos e históricos, é importante que qualquer avaliação de suas condições em qualquer país seja feita com base em uma localização centrada na África e sua diáspora. Começamos com a visão de que afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômeno atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos. (Asante, 2009, p.93)

Ao confrontar a teoria eurocêntrica, a afrocentricidade busca reequilibrar essa visão, reposicionando a África e as contribuições africanas como centrais para a compreensão da história, da cultura e da sociedade. Nesse sentido, a problematização da Afrocentricidade em relação à teoria eurocêntrica envolve uma crítica à hegemonia do pensamento eurocêntrico e uma reivindicação do reconhecimento e valorização das perspectivas africanas e afrodescendentes, conforme assevero neste projeto de pesquisa.

No entanto, é importante ressaltar que essa problematização não se resume a uma mera inversão de papéis, mas sim a uma reavaliação crítica das narrativas históricas, dos sistemas de conhecimento e das estruturas de poder que sustentam o eurocentrismo. Isso implica analisar como ambas as teorias lidam com a diversidade de experiências, como abordam a interconexão global das culturas e como contribuem para a construção de uma compreensão mais antirracista, inclusiva e equitativa da história da educação e da sociedade.

A Afrocentricidade como ideia articula uma poderosa visão contra-hegemônica que questiona ideias epistemológicas que estão simplesmente enraizadas nas experiências culturais de uma Europa particularista e patriarcal. Existe uma ética assertiva entre os afrocentristas para deslocar o discurso em direção a uma abordagem mais orientada para a agência para análise, exames, investigações e fenômenos. Portanto, para demonstrar a ideia de culturas ao lado umas das outras, ao invés da ideia de culturas sendo adotadas por uma ideia particular abrangente (Asante, 2016, p.12).

Ao abordar a ideia da afrocentricidade, busco orientar meu povo para o protagonismo de nossas culturas, valores e crenças. Assim afirma Asante (2009, p.14), “[...]a afrocentricidade é a convicção de que o povo africano estará no centro da história pós-moderna. É nossa história, nossa mitologia, nossas ideias criativas nosso ethos como expressão de nossa determinação coletiva”. O autor ainda afirma que ao adotar a teoria da afrocentricidade, começamos a entender e observar o mundo de maneira diferente, a partir de uma nova perspectiva. Ele

complementa que “[...] com a afrocentricidade você vê filmes, vê outras pessoas, lê livros, vê os políticos de maneira diferente; de fato, nada é como era antes de sua tomada de consciência”. Por isso, enfatizo a importância da categoria na escrita desta dissertação, pois ao escrever sobre meu cotidiano e de minha comunidade, busco centralizar nossas histórias e nossas memórias no estudo da afrocentricidade.

2.6.5 Memória Individual e Coletiva

Para o debate desta categoria, exploro os textos de Maurice Halbwachs (1990), Jean Jacques Courtine (2006) e Remenche; Sippel (2019), que abordaram sobre os exercícios da memória e dialogaram a sua relação com a linguagem e a história. Iniciando a discussão sobre a memória, Remenche e Sippel afirmam que:

Os exercícios de memória constituem nossas vivências e materializam nossas lembranças pessoais e coletivas. Realizar esses exercícios de retomada contribui para que possamos entender a nós mesmos e aos diferentes contextos em que estamos inseridos. Nessa perspectiva, conceber a materialidade da linguagem como tecido da memória é considerá-la instável, móvel, reorganizável e que pode, portanto, esgarçar-se e remodelar-se a cada acontecimento, que perfura e desloca esse tecido, obrigando-o a nos entrelaçar em novos espaços (Courtine, 2006). Desse entrelaçamento surgem novos dizeres, que produzem efeitos de sentido, percorrem/permeiam diferentes formações discursivas e interpelam novas posições-sujeito.

É nessa perspectiva, que Jean-Jacques Courtine (2006, p.3), enfatiza a importância dos estudos de Maurice Halbwachs, que trouxe o pensamento da linguagem com via de acesso essencial para a análise de quadros sociais de memória, ao qual a memória coletiva fosse “[...]compreendida no seio da sociedade onde ela constitui e relaciona grupos sociais ou então analisada nas formas individuais do sonho e da afasia”, estando a linguagem sempre de maneira explícita ou implícita no núcleo dos processos da memória.

A teoria cunhada por Maurice Halbwachs (1990, p.35), esclarece que existem dois tipos de memória, ou seja, duas maneiras de organizar as lembranças dos indivíduos, “[...]a que se agrupa em torno de uma pessoa definida, que considera o seu ponto de vista, e a que é distribuída no interior de uma sociedade grande ou pequena, que considera tantas outras imagens parciais”. O indivíduo participaria das duas personalidades da memória, porém, tomaria atitudes diferentes e até contrárias em relação a cada uma delas.

A memória nesse contexto, não é algo individual ou imparcial, mas sim um produto da sociedade, coletiva e situada, compartilhado e moldado pelas nossas vivências. Segundo Halbwachs (1990, p.39), “A memória individual depende de estruturas sociais e só pode ser

construída a partir da base comum do grupo”, ou seja, que a memória surge em grupo, por meio das interações sociais e culturais que dão forma às nossas recordações, com base nos contextos em que vivemos. No caso específico da população negra, esses contextos nascem da diáspora, da brutalidade da colonização e das redes de solidariedade, da tradição oral e da fé, elementos que foram cruciais para a manutenção da vida.

2.6.6 Identidade Racial e Quilombola

Nessa categoria, apresento os estudos e percepções de Stuart Hall (2004), Nilma Gomes (2005), e Henrique Cunha Jr. (1995) para o debate sobre identidade. Cunha Jr. (1995, p.159) afirma que “[...]as identidades são representações inevitavelmente marcadas pelo confronto com o outro”, onde esse confronto não significa necessariamente um conflito, mas sim um contraste ou uma interação entre as diversas diferenças do indivíduo, e que nos ajuda a refletir sobre quem somos ou quem deveríamos ser. Conforme Stuart Hall (2004, p.12-13), a identidade, especialmente em contextos diaspóricos, não se apresenta como algo imutável e inerente, mas sim como algo que se forma através de relações, da história e está sempre em aberto. A identidade negra não é uma herança intocada, mas um espaço de conflitos, onde o indivíduo se identifica ao contrastar e resistir.

Desse modo, para este autor a identidade é fronteira, está entre fronteiras e pode ser pensada como “[...]uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 2004, p.12-13). Significando que é uma espécie de laço que une as práticas e o modo como nos tornamos sujeitos, ou seja, ser negro também significa contar a própria história em oposição às visões predominantes que buscam negar a humanidade e calar, no caso desta pesquisa, realizar minha escrivência.

Ao tratar da identidade negra (Gomes, 2005, p.38-47), explica que a identidade negra se edifica progressivamente em um processo que envolve inúmeras gradações, causas e consequências que se desenvolvem desde os primórdios das relações vivenciadas no interior dos grupos sociais, o que geralmente tem seu início na família se estendendo por todos os espaços de convivência e interação que os indivíduos estabelecem com outras pessoas. O sentido da identidade negra por Gomes:

É nesse sentido que entendo a identidade negra como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/ racial, sobre si

mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela a nossa própria identidade. (Gomes, 2002, p.39).

De acordo com Gomes a identidade negra é entendida como construção histórico social, repleta de conflitos e diálogos através de um olhar de um determinado grupo étnico racial com sentimentos de pertencimento, ou seja, a identidade negra é um construto histórico, social, cultural e plural, que contribui para a afirmação e pertencimento a um determinado grupo étnico-racial a partir da relação com o outro (Gomes, 2005, p.39-47).

Portanto, construir uma identidade que valorize a cultura negra é um grande desafio, uma vez que vivemos em uma sociedade que hierarquiza e estigmatiza o ser negro, como inferior ou até mesmo subalternizado (Gomes, 2005, p.39-47). Esse desafio se torna ainda maior quando se trata da identidade de mulheres negras, haja visto que, ao longo de todo o processo histórico as mulheres negras foram invisibilizadas e discriminadas e marcadas pela ausência de referenciais positivos do ser negras, porém, as mulheres negras se mantiveram em constante luta pelos seus direitos em sociedade, sendo resistências as opressões.

2.6.7 Oralidade

Para tratarmos sobre essa categoria analítica, utilizarei das contribuições de Vanda Machado (2006), Azoilda Trindade (2006), Conceição Evaristo (2009) e de Halbwachs (1990) para discutirmos sobre os conceitos de oralidade. Primeiramente, devemos compreender do que se trata a oralidade através dos escritos de Vanda Machado (2006, p.85) que apresenta esse termo como literatura oral, afirmando que:

A literatura oral é composta por histórias míticas que contam o início do mundo, histórias mágicas, além de cantigas, provérbios, adágios e manifestações populares. A literatura oral apresenta versões diferenciadas. Passando de boca em boca, de geração a geração, este é um gênero que vai sendo reproduzido pela memória e enriquecido e consagrado por sua construção e atuação coletivas.

Nesse sentido, quando ouvimos ou contamos histórias, com nossos familiares, sobre qualquer fato que seja, histórias que já foram escritas ou dos antepassados de nossos avós, isso é a oralidade. A difusão de histórias ou a manifestação delas através da palavra. A oralidade caminha juntamente com a memória coletiva, mas é interessante saber que a memória coletiva não se confunde com a história, pois ela seria a compilação dos fatos, onde geralmente ela só começa no ponto em que uma tradição acaba, este seria o momento que a memória social se apaga ou se decompõe. Conforme explica Halbwachs (1990, p.54):

Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, aquele mesmo em que esteve engajada ou que dela suportou as consequências, que lhe assistiu ou dela recebeu um relato vivo dos primeiros atores e espectadores, quando ela se dispersa por entre alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais esses fatos não interessam mais porque lhes são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças, é deixá-las por escrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem.

Por isso, ressalto a importância deste estudo, para salvaguardar as memórias de minha escrevivência e do cotidiano de meu território, uma vez que estes serão utilizados nos processos da educação comunitária e, assim, promover uma educação antirracista para as novas gerações.

Dando continuidade ao pensamento, Trindade (2006, p.36) afirma que “[...]a expressão oral em todas as suas possibilidades é uma força a ser potencializada, vivenciada num projeto que propõe valorizar a cultura africana e afro-brasileira”, assim como Evaristo (2009, p.19) assegura que “Histórias orais, ditados, provérbios, assim como uma gama de personagens do folclore brasileiro, são heranças das várias culturas africanas aqui aportadas e podem ser entendidas como ícones de resistência das memórias africanas incorporados à cultura geral brasileira, notadamente a vivida pelo povo”.

Na presente pesquisa, a oralidade se faz presente na ocasião em que busco potencializar minha cultura ouvindo e coletando relatos sobre nosso cotidiano quilombola, pois para que eu escreva sobre minhas vivências e as de meu povo é preciso ouvir as suas histórias e enxergar o Quilombo do Cria-ú através de seus olhos, e assim mostrar nossas lutas e nossa resistência.

2.6.8 Educação cultural comunitária / pedagogia quilombola

A educação cultural comunitária é uma proposta pedagógica que nasce do comprometimento com os saberes, os modos de vida e práticas sociais e culturais enraizadas nas comunidades e territórios. Diferentemente das abordagens escolares formais e hegemônicas, essa concepção parte da vida cotidiana, das tradições orais, dos ritos e celebrações coletivas, promovendo processos formativos baseados na ancestralidade, no afeto e na resistência social.

De acordo com o pesquisador Anderson Gomes da Silva (2017, p. 88), a educação cultural comunitária “[...]é um processo educativo que nasce da comunidade, sustentado por práticas culturais, espirituais e cotidianas que estruturam a vida coletiva do povo quilombola”. Segundo esse autor, educação que parte da oralidade, da ancestralidade, das festas, dos cantos e dos ritos, como forma de ensinar e manter o pertencimento.

Por outro lado, a educação não formal, enquanto espaço de aprendizagem, promove a emancipação e a autonomia do sujeito, conectando saberes culturais e sociais da comunidade. Ao compreender que o território educa, se propõe uma pedagogia profundamente conectada com as experiências vividas, em que a escola pode dialogar com os saberes ancestrais e comunitários, valorizando o protagonismo local. Assim como afirma Maria Gohn (2004, p. 45):

A comunidade, nesse sentido, é associada à ideia de diversidade de culturas e, ao mesmo tempo, poder local – outra categoria ressignificada que saiu da concepção tradicional de poder das elites locais para significar força local organizada. O poder da comunidade passa a ser visto como a parcela da sociedade civil organizada. A diferença atual em relação aos anos 80 é que essa comunidade não está mais de costas ou contra o Estado; ao contrário, ela é convocada a participar e a interagir com os poderes constituídos, e parte de sua força advém dessa interação. Portanto, o poder local se exerce no espaço de relação da sociedade civil com a sociedade política, num determinado território, categoria esta que se vem impondo no lugar de comunidade porque incorpora a dimensão do espaço geográfico, aliada a processos de relações sociais; refere-se ao lugar da memória, da história, da cultura e do poder, da política, portanto.

O professor Ivan Lima (2017) complementa o debate sobre educação cultural comunitária, ao dizer que os saberes construídos em comunidades tradicionais com características negras são relevantes para a identidade de um povo. Sendo assim, dar-se tal prerrogativa visto que as informações e bases que são oriundas dos percursos de vida dos antepassados do lugar, favorece o entendimento e reconstrução do patrimônio provenientes das memórias reconfigurando os saberes da cultura trazida pelos africanos ao Brasil. Denotando que podemos defender a educação cultural comunitária como encontro e diálogo não só entre os grupos étnico-raciais, mas também como caminho para combater o preconceito e estereótipos, além de ser útil para traçar diálogos com a educação formal.

Corroborando com essa perspectiva educativa, Adair Rocha (2011) expressa que a educação, bem como a cultura e a comunicação e o conjunto das políticas públicas, são um direito. Para este pensador, se é um direito, seu acesso por estas populações é dever do Estado. Para ele, a educação cultural comunitária é um instrumento de democratização da cultura e construção de cidadania, pois permite que os sujeitos comunitários se reconheçam como autores de suas próprias histórias, por meio de linguagens simbólicas, saberes tradicionais e práticas culturais diversas.

Para o autor supracitado, a educação cultural comunitária não é apenas um método alternativo, mas também forma de resistência, de continuidade das memórias coletivas e de afirmação de identidades historicamente silenciadas. Ela transforma o território em escola, o corpo em arquivo e a cultura em currículo vivo.

No tocante às discussões é significativo ressaltar as percepções sobre educação cultural comunitária do historiador e mestre em educação Allan Rosa (2013, p.142), ao refletir que essa é na educação cultural comunitária que os conhecimentos se articulam com os saberes produzidos pelos negros e negras. Para este autor, “O conhecimento se faz articulando conexões entre os elementos que se apresentam nos campos da experiência, educação é a mediação dessa articulação, com suas interações entre conhecimento e as práticas históricas”. Segundo Allan Rosa, à medida que se centra no desenvolvimento da subjetividade dos educandos, sugerindo vias simbólicas num processo de querer ser mais, sendo si mesmo.

Em se tratando da educação cultural comunitária em contexto amazônico, esta apresenta contornos peculiares, por estar profundamente entrelaçada com os territórios, os rios, os saberes ancestrais e os modos de vida das populações tradicionais. Portanto, trata-se de uma prática educativa que nasce do cotidiano das comunidades, quilombolas, indígenas, ribeirinhas e periféricas, focada na valorização da oralidade, nos rituais, as festas, os cantos, o trabalho coletivo, a espiritualidade e os saberes e práticas da floresta, referente a formação humana.

No território amapaense, especificamente a educação cultural comunitária, acontece há algum tempo, através das práticas de ensino intergeracional que ocorrem nos centros culturais, nos quilombos, nas roças, nas casas de farinha, nos quintais, nos terreiros, e especialmente nos batuques e nas celebrações afro religiosas e profanas.

Esse conhecimento é transmitido por meio da convivência entre seus pares, escuta ativa, e da repetição cotidiana, das práticas, modos de vida denotando um saber não pode se dissociado do viver. Para Anderson Gomes da Silva (2017), esse tipo de educação não apenas ensina conteúdos, mas fortalece identidades, preserva memórias e transmite valores éticos fundamentais como a coletividade, a reciprocidade e o respeito à natureza.

Para além disso, vale referenciar as importantes pesquisas realizadas pela professora doutora Piedade Videira e Professor Henrique Cunha Junior, a primeira especificamente no quilombo do Cria-ú, e na comunidade de Mazagão Velho, em parceria com José Gerardo Vasconcelos, que se somam ao aporte teórico sobre educação cultural comunitária abordando os significados das experiências que homens e mulheres trazem em sua resistência construídas na diversidade.

Vale ressaltar ainda que no texto da Amazônia, que apresenta inúmeras especificidades, como a dispersão territorial, diversidade linguística, presença de saberes tradicionais e a forte espiritualidade dos povos, que categoricamente desafiam os modelos escolares formais. Ao considerar essas especificidades, a educação cultural comunitária se

consolida como uma alternativa essencial e potente para a formação de sujeitos que possuam fortes laços com suas comunidades e, também, cientes de seus direitos.

Por essa razão, esta seção, dedica-se à educação cultural comunitária, especificamente e especialmente desenvolvida no Espaço Cultural Tia Chiquinha (ECTC), localizado na comunidade do Curiaú de Dentro/Cima no Quilombo do Curiaú, por meio desse espaço de educação formal, que além colaborar com a promoção do respeito e a valorização da diversidade cultural, também faz um trabalho educativo de resgate dos saberes provenientes dos modos de vida, das práticas culturais e afro religiosas e profanas. Ressaltando que investimentos profícuos neste tipo de educação não formal, podem tornar esse espaço coletivo mais dinâmico, acolhedor e capaz de superar desafios e especialmente colaborar na manutenção do tesouro cultural dessa comunidade.

Importante salientar que a Educação Cultural Comunitária, quando desenvolvida em um quilombo caso deste estudo, encontra terreno fértil, concretiza-se como uma forma viva, ancestral e coletiva de produção de conhecimento. Justamente porque, nos quilombos, a educação vai muito além dos muros da escola.

Ela se realiza nas práticas sociais, nos modos de vida, na roça, no fogão a lenha, no tambor, nas festas, no canto e essencialmente na escuta dos griôs da comunidade. É sobretudo, forma de educação territorializada, que respeita os tempos da comunidade, os saberes locais e a espiritualidade negra e africanidade.

A educação cultural comunitária no quilombo do Curiaú é um campo de ensino, cheio de possibilidades porque perpassa o reconhecimento do território como espaço educativo. Independentemente do lugar, no quintal, na beira do rio ou nas malocas e barracão de festas, a comunidade ensina e aprende, transmitindo conhecimento e assimilando novos ensinamentos.

A valorização da oralidade e da memória coletiva é outra possibilidade de aprendizagem, tornando-se ferramentas pedagógicas. Onde os mais velhos e as griôs tradicionalmente são os guardiões de histórias, conselhos, saberes sobre plantas, curas e lutas do passado, que constituem uma pedagogia própria, no caso deste estudo, a pedagogia do Batuque e Marabaixo. Roda de conversa, contação de histórias, rodas de escrivência e trabalhos colaborativos são estratégias viáveis possíveis para impulsionar transmissão de saberes.

Destaca-se, ainda, que a educação cultural comunitária também abre caminhos para o protagonismo das mulheres negras quilombolas. Frequentemente responsáveis por preservar os costumes, as orações, a culinária tradicional e a organização do grupo, essas mulheres exercem um papel fundamental como educadoras, transmitindo saberes por meio da escuta, do diálogo

e da vivência cotidiana. Reconhecer, valorizar e centralizar sua importância é, acima de tudo, celebrar a existência e a trajetória histórica da população negra.

Além disso, a educação cultural comunitária no quilombo promove o encontro entre os saberes tradicionais e a escola, especialmente quando esta dialoga com a realidade da comunidade. Professores e lideranças locais podem construir propostas pedagógicas que se fundamentam nos valores do quilombo, impulsionando uma formação que combate o racismo, liberta e se conecta com as demandas locais.

E para finalizar o processo analítico, destaco que essa abordagem educacional viabiliza o resgate, a autoconfiança, a identidade e o sentimento de pertencimento dos sujeitos quilombolas, em particular entre as crianças e os adolescentes. Ao se reconhecerem como participantes de uma trajetória de resistência e honra, validando seu conhecimento como algo autêntico, eles desenvolvem seus objetivos de vida com maior convicção. Em síntese, nos quilombos, a educação cultural comunitária pode:

- Ativar o território como espaço educativo;
- Fortalecer as práticas culturais e espirituais da comunidade;
- Valorizar a oralidade, a memória e a ancestralidade;
- Promover o protagonismo de mulheres negras e griôs;
- Integrar saberes tradicionais e conteúdos escolares;
- Combater o racismo e afirmar identidades quilombolas.

O Espaço Cultural Tia Chiquinha (ECTC), coordenado por mim, Esmeraldina dos Santos, há 20 anos, é um espaço comunitário que fortalece nossa identidade coletiva, promove o sentimento de pertença, funcionando estrategicamente como resistência cultural e social, gerando oportunidades de renda para nossa comunidade. A convivência nesse espaço é permeada pela troca de experiências, celebrações de rituais afro religiosos e profanos, sobretudo pela socialização, manutenção e fortalecimento dos laços de parentescos e vizinhança. Abaixo você irá observar algumas figuras que permeiam a Educação Cultural Comunitária nesse espaço.

Figura 04 – Visita dos alunos do curso de Pedagogia da UEAP coordenada pela Esmeraldina dos Santos na Maloca da Tia Chiquinha



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2025

Nessa imagem temos um exemplo de como funciona a educação cultural comunitária no Espaço Cultural Tia Chiquinha, onde recebemos os estudantes das escolas e universidades e turistas de todas as regiões. O espaço recentemente passou por uma reforma que permitiu sua ampliação para a recepção desses indivíduos. Os universitários estão sentados em um banco na mureta ao redor da maloca. Uma adaptação arquitetônica e criativa que fizemos para melhorar o conforto em nossas reuniões.

Figura 05 – Visita dos alunos da Escola Municipal Joanna Santos



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2025.

A Escola Municipal Joanna Santos que possui o ensino de educação infantil (1º e 2º períodos) e fundamental I (1º ao 5º ano) chegou à comunidade no ano de 2020 com o intuito de possibilitar e facilitar o acesso das crianças da comunidade à educação. Na ocasião, recebi os alunos para participarem de um projeto de produção literária denominado “Quilombo das Letras” com o objetivo de incentivar a escrita e a leitura, projeto este que foi contemplado no edital 02/2024 – fomento – multilinguagens – Mestre Guiga Melo (*In memoriam*), na categoria Literatura, módulo Criação de Clubes de Leituras, com recurso da Lei Paulo Gustavo, geridos pela Fundação Municipal de Cultura (FUMCULT/AP).

Figura 06 – Contação de história da artista Esmeraldina para os alunos da Escola Maria do Carmo



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2024.

O Espaço Cultural Tia Chiquinha (ECTC), possui uma vegetação encantadora que consegue prender o olhar de qualquer indivíduo que tenha o dom de apreciar a natureza. Sobre os olhares de nossas ancestrais da natureza, conto e canto aos alunos que visitaram nosso espaço durante a programação do Festival Quilombo Groove as histórias que viram ladrões, e que na verdade continuam sendo histórias, já que o ladrão de marabaixo é uma história “roubada”. Neste dia, contei uma história nova, que os estudantes tiveram o prazer de serem os primeiros ouvintes dela.

Figura 07 – Visita dos estudantes do curso de Pedagogia da UEAP



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2025

No dia 13 de maio de 2025, recebemos no Espaço Cultural Tia Chiquinha (ECTC) os estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Amapá (UEAP) para discutirmos sobre o 13 e o 14 de maio, falamos muito sobre o Dia da Abolição da Escravatura, mas esquecemos do dia seguinte e como os escravizados ficaram jogados à própria sorte, porque não tinham dinheiro, não tinham terras, não tinham comida, não tinham nada. Muitos preferiram ir para a mata, outros voltaram para as fazendas. Foi um encontro importante com os alunos, pois nos faz refletir como a abolição da escravatura não deu total liberdade para os escravos, pois eles permaneceram sendo dependentes dos fazendeiros para garantir sua subsistência.

Além dos estudantes e professores que procuram o Espaço Cultural através das escolas, também recebemos inúmeros turistas e curiosos que buscam conhecer a cultura quilombola do Cria-ú. A busca destas pessoas pelo conhecimento me deixa muito grata, e isso me dá forças para continuar a disseminar a nossa cultura para que outros estados e outros países também conheçam e até reconheçam a diversidade cultural que o Brasil possui. Para demonstrar essa busca por esses apreciadores, irei mostrar algumas imagens de turistas e visitantes conhecendo o Espaço Cultural Tia Chiquinha.

Figura 08 – Esmeraldina dos Santos assinando livro para professor visitante



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2025

Nessa figura me encontro sentada de frente para o visitante, que depois de um café, teve o prazer de me pedir para autografar um dos livros que ele adquiriu. O professor universitário Rosimar Neves, veio ao meu encontro no Espaço Cultural juntamente com sua esposa e adquiriu três livros, sendo “*As aventuras de Dona Florzinha*”, “*A onça*” e o “*Sonho de uma menina*”.

Figura 09 – Esmeraldina dos Santos atendendo turista



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2025

Na figura acima está eu, Esmeraldina, com uma turista que veio de Tocantins conhecer um pouco sobre nosso estado e ao ouvir falar de nosso quilombo não perdeu tempo e veio ao meu encontro conhecer nosso cotidiano através de meus livros que contam um pouco sobre essas vivências socioculturais de nosso quilombo.

Figura 10 – Esmeraldina junto com visitantes na entrada do Espaço Cultural



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2025

Na imagem, encontro-me centralizada ao lado de quatro professoras, sendo uma escritora, a querida Liduina Vidal, que vieram de Fortaleza – CE para ministrar um curso de formação de professores na capital amapaense, e fez questão de vir ao Cria-ú visitar a comunidade e conversar comigo sobre meus livros. Estamos na entrada do espaço cultural, embaixo do portal que é a representação de duas mãos negras saindo da terra e segurando uma caixa de marabaixo. Este portal simboliza a força do povo negro, e foi erguido para a primeira edição do Festival “Quilombo Groove – Preces, Louvores e Batuques do Quilombo do Cria-ú”, um projeto que celebra as tradições do Batuque e Marabaixo e busca incentivar a cultura quilombola do Cria-ú, através de oficinas, palestras, ritmos, feiras e musicalidades.

Figura 11 – Esmeraldina dos Santos com Marcos Lucchesi, diretor da Biblioteca Nacional do Rio Janeiro e o historiador Alexandre Samis



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2024

A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, também chamada de Fundação Biblioteca Nacional, é responsável pela política governamental de captação, guarda, preservação e difusão da produção intelectual do país, com mais de 200 anos de história. Seu acervo, com aproximadamente 9 milhões de itens, cresce instantaneamente através da lei do depósito legal, que tem como objetivo assegurar o registro e a guarda da produção intelectual nacional, além de possibilitar o controle, a elaboração e a divulgação da Bibliografia Brasileira corrente, bem como a defesa e a preservação da língua e das culturas nacionais. O presidente da biblioteca, Marcos Lucchesi, esteve presente em Macapá, juntamente com o historiador Alexandre Samis, para o “Encontro Literário no Amapá: a Guiana Brasileira”, organizado pelo Conselho Editorial do Senado Federal (CEDIT) e realizado na sede da OAB-AP. Na ocasião, o presidente participou de um ato importante na sessão solene que celebrava os 71 anos da Academia Amapaense de Letras. Alexandre Samis realizou o lançamento de seu livro *Clevelândia: Anarquismo, Sindicalismo e Repressão Política no Brasil*, contendo prefácio do ilustre Senador Randolfe Rodrigues, presidente do Conselho Editorial do Senado Federal. Após o encontro, os dois vieram conhecer a comunidade, me permitindo uma manhã muito linda de trocas e experiências. Sua presença na comunidade do Cria-ú marca um compromisso importante para a educação cultural comunitária, enfatizando o objetivo da fundação de difundir e guardar as diferentes culturas que moldam e caracterizam nosso país, dando conhecimento aqueles que

procuram, reconhecendo o patrimônio cultural e promovendo a leitura e a educação, que são pilares de nosso desenvolvimento intelectual.

Figura 12 – Visita do Embaixador do Marabaixo – Carlinhos Brown



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2024

Esta talvez seja a imagem mais linda desta dissertação, pois ela tem uma história muito significativa para mim. Carlinhos Brown, o que falar desse homem? Um homem detentor de uma energia contagiante, que encanta a todos com sua potência. O primeiro músico brasileiro a fazer parte da Academia do Oscar e a receber os títulos de Embaixador Ibero-Americano para a Cultura, Embaixador da Justiça Restaurativa da Bahia e Embaixador do Marabaixo, cantor, compositor, arranjador, multi-instrumentista, técnico do The Voice Brasil, do The Voice Kids e artista visual, o esteta intuitivo e gestual Carlinhos Brown, construiu uma trajetória consagrada por sua atuação musical, social e percussiva, e pela exuberância das suas performances. Carlinhos Brown com seu fascinante conhecimento cultural promoveu, ao longo de sua carreira, diversas revitalizações rítmicas, desenvolvendo ricas e significativas conexões com suas raízes ancestrais.⁴

⁴ As informações foram retiradas da página oficial do artista Carlinhos Brown.

Figura 13 – Visita do Embaixador do Marabaixo, Carlinhos Brown



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2024

O Embaixador do Marabaixo veio ao Amapá para receber seu título no início do Ciclo do Marabaixo de 2024, tendo participação no cortejo e na retirada da murta⁵. O Ciclo do Marabaixo é um período de festejos em louvor à Santíssima Trindade e ao Divino Espírito Santo, que se inicia no Sábado de Aleluia e finaliza do Domingo do Senhor, o domingo após a festa de *Corpus Christi*. A participação de Carlinhos Brown foi significativa para divulgar a cultura do Marabaixo, e consequentemente, do Batuque. Como mencionei, esse encontro foi muito especial para mim, para além disso, foi muito emocionante. No mesmo dia de sua vinda, estava me preparando para levantar voo até Brasília, e algo inesperado aconteceu. A neblina no céu era tanta, que o voo que chegava de Belém não conseguia aterrissar, por isso, o voo atrasou. Atrasou por um motivo, Carlinhos Brown me esperava. Era necessário eu estar aqui. Voltei para minha casa, para o meu Cria-ú. Ao meiar do dia, meu irmão me chamou, e ao ouvir o que ele dizia, meu coração acelerou: “Corre, que o Carlinhos Brown tá aqui”. Arrumei meus cabelos e fui recebê-lo. Me lembro de suas primeiras palavras ao pisar nesta terra, e ao lembrar até me arrepio: “Eu já estive aqui”. Não tenho dúvidas de que houve uma conexão cósmica neste nosso encontro. A comunidade do Cria-ú com a Comunidade do Candéal Pequeno de Brotas, dois quilombos distintos, se conectando através de nossos guias ancestrais. A energia deste território era tão perceptível para ele, que até permissão ele pediu para entrar na floresta e tirar a “murta”.

⁵ Murta: planta arbustiva e aromatizante nativa da região mediterrânea e do norte da África que simboliza paz e renovação.

E ele está certo, meus antepassados diziam que nós não conhecemos este mundo, não conhecemos a natureza, não sabemos a força que ela carrega, e os donos que ela possui. Quando chegamos aqui, os povos da floresta já tinham anos de experiências e conexões com a mãe natureza. Por isso, em território que você não conhece, peça permissão para entrar, ali com certeza tem alguém que mantém aquele lugar energizado.

Figura 14 – Esmeraldina apresentando para a Escola Quilombola José Bonifácio



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2023

A Escola Quilombola Estadual José Bonifácio, tem como finalidade promover a educação de ensino básico para as crianças da comunidade. Uma prática que amplia a educação do país às comunidades quilombolas e facilita o acesso das crianças às escolas. Segundo a pesquisadora Piedade Videira (2013, p.233-234) “[...] a Escola Agrupada José Bonifácio iniciou suas atividades no ano de 1945. Foi recadastrada no governo do antigo Território do Amapá sob o nº 219 plaqueta do patrimônio sob ficha da Secretária Estadual de Administração do Amapá/SEAD – cadastro de bens imóveis nº 075”. O museu do Cria-ú foi o local onde abrigou a primeira escola da comunidade, no período de 1945 a 1966. As instalações eram em madeira de lei, como eram feitas as edificações públicas e residências antigamente. Hoje a escola é feita de alvenaria e está localizada no Cria-ú de Baixo, na rua Santo Antônio, nº 0219, e pertence ao sistema estadual de ensino do Estado do Amapá. A escola não é exclusividade da comunidade, permitindo que crianças e jovens de dentro e fora do quilombo tenham acesso à sua estrutura de ensino. Dentro das práticas de ensino da escola, a abordagem cultural é

essencial para as crianças compreenderem sua própria identidade comunitária. As visitas ao Espaço Cultural Tia Chiquinha são essenciais na formação comunitária desses indivíduos e acontecem geralmente em períodos festivos, datas importantes, eventos da escola e em projetos do espaço cultural.

Figura 15 – Esmeraldina com equipe de professores do Centro de Ensino Podium



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2025

Assim como a Escola Quilombola Estadual José Bonifácio, outras escolas também inserem em seu planejamento, estudos que abordam sobre nossa cultura local, por isso, também procuram o Espaço Cultural para reconhecerem a cultura quilombola, bem como a do Marabaixo e do Batuque. Enfatizo, novamente, a importância da lei 10.639/2003, que valoriza a história e cultura das heranças africanas e afro-brasileiras, permitindo que as escolas busquem nas lideranças e nos quilombos como podem abordar a lei nas práticas lúdicas e dia a dia dos estudantes. Sonia Rosa (2022, p.88) confirma que:

Uma das melhores maneiras de entender a força e a inteligência do povo negro é adentrarmos os estudos das resistências dos quilombos, também chamados de mocambos. Para professores e professoras que têm dificuldade em iniciar uma abordagem com base na lei 10.639/2003, esse é um ponto de partida empolgante, pois evidencia aquilo que nunca chegava às escolas onde estudei: a potência, a inteligência e a capacidade de organização do povo negro de africanos e africanas e de seus descendentes. Não eram pessoas conformadas e resignadas com a situação de serem escravizados. Onde havia escravização, havia o desejo de libertação.

Figura 16 – Esmeraldina recebendo estudantes do Centro de Ensino Podium para roda de conversa sobre sua cultura



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2025.

Por isso, a lei 10.639/03 tem um papel importante para a educação brasileira, pois ela contribui para o reconhecimento das comunidades quilombolas enquanto formadoras educacionais e guardiãs de heranças que colaboram para o entendimento da identidade quilombola e afro-brasileira. A Educação Cultural Comunitária busca utilizar do modo de vida da Comunidade Quilombola do Cria-ú para auxiliar os educadores a adotarem a lei e compreenderem sobre os movimentos culturais do Marabaixo, do Batuque e sobre a cultura da própria comunidade, envolvendo os rituais, as tradições e crenças deste território ancestral.

3 O MEU QUILOMBO É BONITO, QUILOMBO DO CRIA-Ú: TERRITÓRIO DO MEU POVO

O Quilombo do Cria-ú, é um lugar de saberes ancestrais localizado a alguns quilômetros do centro de Macapá, capital do Amapá, o estado mais isolado situado ao extremo norte do Brasil. Nesta seção abordarei uma breve contextualização sobre a história deste quilombo que guarda memórias de um povo que resistiu, e resiste até os dias atuais, à subalternidade que lhes é propiciada. Além disso, apresento-vos seus aspectos geográficos, como o clima, o relevo, e nossa biodiversidade, que abriga uma fauna e flora com uma riqueza incomparável e contém uma vegetação exuberante, mesclada de diferentes ecossistemas do nosso bioma amazônico, tais como floretas de terra firme, de várzea, manguezais e campos alagados, além de outros biomas, como o cerrado.

Sobre seus aspectos sociais e econômicos, abordo sobre nosso cotidiano quilombola, nossos fazeres e saberes tradicionais. Abordo sobre como as crianças vão para a escola, as pessoas vão para o trabalho, seja na cidade ou na roça, onde muitos cidadãos tiram seu sustento diário, e até nossos conflitos e embates com os rumos que a comunidade está tomando. Cabe salientar que nesta seção, falo também dos nossos aspectos ritualísticos, religiosos e culturais, que englobam nossas festas tradicionais, missas e ladainhas. O Cria-ú é repleto de saberes que precisam ser abordados para chegarmos ao nosso objetivo principal, vamos conhecer um pouco desse território cheio de ancestralidade.

“Cria-ú, lugar bom para criar o Ú”. Era assim que os velhos falavam ao mencionar essa terra. O “Ú” é o nosso gado pois eles se referiam a ele pelo seu mugido. Hoje em dia esse território é certificado como “Quilombo do Curiaú”, porque algumas professoras ao visitarem a comunidade há algum tempo disseram que o nome estava errado, mas na verdade elas só não entenderam o real significado desta palavra. Apesar de terem mudado o título do território nos papéis, o termo original se perpetua pela comunidade como nome popular.

O documento que dá posse das terras para a comunidade quilombola saiu no Diário Oficial da União no dia 13 de agosto de 1998. O documento nº 154, seção 1, páginas 95-98, aprova o relatório de identificação e o reconhecimento territorial da Comunidade Negra Rural de Curiaú e a delimitação das terras ocupadas pela mesma, Município de Macapá, Estado do Amapá, segundo relatório elaborado pelo grupo técnico – GT firmado pelo convenio nº 04/97 publicado no Diário Oficial da União nº 146, de 01 de agosto de 1997, entre a Fundação Cultural Palmares – MinC e a Universidade Federal de Alagoas – UFAL, que designou alguns

profissionais, dentre eles professores, engenheiros e técnicos para os serviços técnicos especializados. Vamos estudar e falar sobre este documento a partir de agora.

Sobre os limites e confrontações do território apresentados no documento temos o Norte do território na gleba Matapi, Cria-ú e Vila Nova, o Leste na margem direita do Rio Cria-ú, o Sul na área urbana da cidade de Macapá, e seu Oeste na comunidade de Currálinho. O território possui uma área de 3.321,8931 ha (Três mil, trezentos e vinte e um hectares e oito mil, novecentos e trinta e um décimos de milésimo de hectare.) e um perímetro de 30.941,24 m (Trinta mil, novecentos e quarenta e um metros e vinte e quatro centímetros). O texto apresenta algumas coordenadas geográficas que são tão precisas, que serão de certa forma irrelevantes para a construção desta dissertação, neste momento, mas não significa que são irrelevantes para o contexto histórico de meu quilombo, pois quando lermos essas coordenadas, vamos parar e refletir “como as coisas mudaram mesmo”. Nosso território era tão grande e agora pela ganância de nossos representantes, estamos ficando em um espaço minúsculo.

3.1 FATOS E PAISAGENS: ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS

O surgimento da Comunidade Quilombola do Cria-ú não é algo definido, mas temos histórias que conseguem se aproximar da realidade. Contarei as histórias até onde meu conhecimento alcança, histórias que aprendi com meus pais, Francisca Ramos dos Santos (Tia Chiquinha) e Maximiano Machado dos Santos (Mestre Bolão). Tudo começou no tempo da escravidão, escravizados fugidos procuravam um lugar para se acomodar. Naquela época, o estado do Amapá, ainda era muito inexplorado, as terras pouco habitadas, apenas os povoados indígenas dominavam este território. A versão mais conhecida sobre a origem do quilombo é a que meu pai me contou, e talvez seja a mais verídica pois era a mais contada pelos anciãos da comunidade. Um casal de origem africana, provavelmente oriundos da colônia portuguesa de Mazagão, no norte da África, chegaram ao Amapá com uma comitiva formada por eles e mais sete escravos, que viajavam pelo rio Pedreira levando gado encambado na jangada e se alojaram nas terras denominadas Retiro, no km 13. Dois escravizados andavam em uma expedição à procura de mel para seu senhor. Nessa procura, eles encontraram um lugar muito bonito, e que tinha boas condições para as suas criações de gado, com grandes campos e lagos. Afirmaram que esse lugar era bom para criar o “Ú”, esse era o nome que eles se referiam ao boi. Essa versão é confirmada pelos documentos da história da formação do Estado do Amapá, onde afirmam que a administração colonial teria doado gado aos colonos vindos dos Açores e de

Mazagão, para que implantassem a pecuária nos campos naturais da região litorânea do Cabo Norte.

Os escravizados que protagonizaram a origem do Cria-ú não eram propriamente fugitivos, e sim autorizados de permanecerem nas terras denominadas Mocambo, onde passaram a produzir farinha, mel de cana, além de se dedicarem à criação de gado e à extração de barro para a confecção de utensílios domésticos. Ou seja, a região não chegou a pertencer ao dono dos sete escravos, nem a nenhum herdeiro e tampouco a qualquer outro morador. Em 1891, Domingas Francisca do Espírito Santo, fez o registro de posse das terras denominadas São Joaquim do Cria-ú, que seria “[...]uma légua de terras formada por campinas, lagos e matas, de terras firmes e várzeas próprias para criação de gado vacuum e cavalar”.

Na construção da fortaleza de São José de Macapá, os escravizados carregavam pedras do Rio Pedreira para Macapá a pé, e os historiadores contam que quando os escravizados não obedeciam às ordens dos senhores, eles eram castigados sendo jogados no poço que fica no centro da fortaleza para morrerem afogados quando a maré do Rio Amazonas enchia, porém, alguns escravizados aproveitavam a oportunidade para tentar fugir pelo rio, alguns escravizados mais fortes conseguiam nadar e fugir pela mata, outros morriam pelo caminho. Diziam que estes escravizados que conseguiam se libertar se refugiavam no Cria-ú, e ali começavam uma nova vida.

E foi assim que se originou esse território quilombola que carrega saberes ancestrais desde os primórdios de seu surgimento. As famílias começaram a se constituir e dentre as histórias da formação da comunidade, me encanto com as histórias de minha família. Meu bisavô por parte de pai, escravo, fugiu de Mazagão para o Cria-ú, e contam que no caminho de sua fuga ele encontrou com uma indígena de cabelos longos e escuros, e com ela, ele formou sua família. Minha mãe me contava que quando a mulher ia para o igarapé tomar banho, seus cabelos caíam sobre a ponte de buriti e formavam uma belíssima silhueta. Meu bisavô por parte de mãe, era fazendeiro e um político local, tinha muito dinheiro, comprou a patente de capitão e passou a se chamar “Capitão Pedro Lazarino”, porém seu nome de batismo era Clarindo Florentino do Rosário. Nos registros da família, temos a indicação de que este era casado com Maria Prudência Ramos, herdeira de Domingas Francisca do Espírito Santo, a mulher que registrou posse das terras que hoje constituem a Comunidade Quilombola do Cria-ú.

As primeiras residências foram do Velho Lino, Tia Alta, Januário Clarindo e Chico do Rosário, que era filho da Dimiciana. Meu avô, Januário Clarindo dos Santos, tinha sua residência próximo ao Rio Cria-ú, onde hoje está localizada a Igreja Santo Antônio. Naquele local era uma casa grande, pois era onde moravam todos os irmãos. Antigamente, as pessoas

que residiam a comunidade tinham apenas um laço sanguíneo, ou seja, eram todos de uma única família. Com isso, era necessário – e até comum naquela época – que membros da própria família se unissem em matrimônio. É por isso que nos dias de hoje, mesmo com a comunidade em crescimento, todos os moradores possuem um laço familiar, pois descendem de uma única família. Antigamente as residências eram feitas com paredes de Buriti, o assoalho feito de Jussara e o telhado feito de palha. Na casa grande do Sr. Januário Clarindo, nasceu grande parte da minha família.

Figura 17 – Igreja Santo Antônio: local onde se residia a casa de Januário Clarindo



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2025.

A história é a ciência que estuda a relação do homem com o tempo, através de uma linha convencional dividida em períodos. Ao estudar o território do Cria-ú, devemos considerar seus aspectos históricos para compreender as ações realizadas pela comunidade atualmente. A linha do tempo da comunidade possui alguns marcos que foram essenciais para o crescimento e valorização desse território, enquanto comunidade quilombola. Todos foram essenciais, porém, o mais importante foi o reconhecimento deste território como terra quilombola, cedendo os direitos e posse das terras para os moradores. O documento que reconheceu a titulação apresenta três decisões para as justificativas e razões que foram apresentadas pelo grupo técnico responsável pelas pesquisas no território, sob parecer nº 1/98 onde contempla a Comunidade Negra Rural de Curiaú, localizada no Município de Macapá, Estado do Amapá, com vistas à

demarcação e à titulação definitiva da terra, seu reconhecimento como Remanescentes de Quilombo, com base no art. 68 do ADCT e nos arts. 215 e 216 da Constituição Federal, nos termos do Convênio nº 004/97 publicado no Diário Oficial da União nº 146, de 01 de agosto de 1997.

Vale ressaltar que há uma diferença entre a titulação e certificação das terras. De acordo com a Associação Estadual de Defesa Ambiental e Social, a titulação de terras de povos e comunidades tradicionais refere-se aos procedimentos administrativos para a identificação, o reconhecimento, a delimitação, a demarcação e outorga do título coletivo de propriedade definitiva do território tradicionalmente ocupado e utilizado por uma comunidade tradicional. Esse procedimento possui orientações legislativas específicas, sejam por leis federais ou estaduais e se constituem como uma medida de proteção aos direitos territoriais desses povos, bem como uma ação de reparação sócio-histórica em razão das desigualdades do acesso à terra consequência da colonização. Para as comunidades quilombolas, em específico, o Decreto nº 4887/2003 é a norma que regula o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos. Esse procedimento ocorre sob responsabilidade da autarquia INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Já a certificação é o reconhecimento administrativo onde a auto atribuição é o principal critério para identificação, após a autodeclaração comunitária que é quando a comunidade se reconhece como quilombola e essa autodeclaração é registrada em uma ata, se assim for do interesse da comunidade, ela deve procurar a Fundação Cultural Palmares, para expedição de sua certidão de autodefinição de comunidade remanescente de quilombo, visto que, a Fundação Cultural Palmares – FCP é a instituição responsável conforme o Decretoº 4887/2003 para emissão dessa certificação. Essa certificação garante acesso a políticas públicas e assistência técnica e jurídica ofertada pela própria Fundação Cultural Palmares.⁶

Em nosso território, o processo administrativo de titulação, como visto acima, ocorreu antes do processo de certificação, que ocorreu em 2013. O processo ocorreu através da portaria nº 28, de 12 de março de 2013, em seu Art. 1º que visa registrar no Livro de Cadastro Geral nº 14 e certificar que, conforme as declarações de Autodefinição e os processos em tramitação na Fundação Cultural Palmares, as comunidades citadas no diário oficial da união que se autodefinem como Remanescentes de Quilombo, sendo uma delas a Comunidade do Cria-ú.

⁶ As Fontes de pesquisa estão disponíveis a seguir: [Aedas](#).

Figura 18 – Deck do Cria-ú, complexo turístico da comunidade



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2025.

Para além disso, o Cria-ú é um lugar de muitas paisagens que são contempladas no estudo da geografia. A geografia é a ciência que estuda o espaço geográfico e a sua relação com o ser humano, isso envolve também o território, o lugar, a paisagem e o região de determinado ambiente. Ao percorrer a Rodovia do Cria-ú encontramos uma variedade de paisagens que vão desde residências, espaços culturais, e vegetações deslumbrantes, apesar de encontrarmos também uma vasta presença de poluições visuais, como o lixo acumulado na rodovia. O quilombo do Cria-ú possui uma diversidade de fauna e flora, contendo alguns ecossistemas importantes de nossos biomas brasileiros. Sendo eles o Cerrado, Campos Alagados, Ilhas de Mata, Matas de Galeria, Floresta de várzea e algumas regiões de Floresta de Terra Firme, que são abrangentes da APA do rio Cria-ú. É importante destacar que as informações apresentadas a seguir foram retiradas do Plano de Manejo da APA do Rio Cria-ú, elaborado pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Amapá.

A APA do Rio Cria-ú – área de proteção ambiental – é um grande marco histórico para a comunidade, possibilitando-nos estudar os aspectos geográficos desta região. A área foi criada pela Lei Ordinária N° 431, de 15 de setembro de 1998, que em seu art. 1º estabelece que “fica criada a Área de Proteção Ambiental do Rio Curiaú (APA do Rio Curiaú), situada no Município de Macapá, Estado do Amapá, com o objetivo de proteger e conservar os recursos naturais ali

existentes, visando a melhoria da qualidade de vida das comunidades tradicionais residentes no local”. (Amapá, 1998, pág. 1)

Figura 19 – Aspecto do Cerrado amazônico na região do Cria-ú



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2025.

O Cerrado está localizado essencialmente no Planalto Central do Brasil e é o segundo maior bioma do País em área, apenas superado pela Floresta Amazônica. De acordo com o Portal Embrapa, o Cerrado é considerado um complexo vegetacional que apresenta relações ecológicas e fisionômicas com outras savanas da América tropical e de continentes como África, Sudeste da Ásia e Austrália. No sistema de Martius, o Cerrado corresponde às “Oreades” e ocupa uma área superior a 2.000.000 km², representando aproximadamente 23% do território brasileiro. A vegetação do Cria-ú forma uma mescla com a vegetação amazônica, originando o cerrado amazônico ou cerrado amapaense, distribuindo-se em toda a porção oeste da APA. Ocupa uma área de 9.632,32 hectares (43,31% da área total da APA), sendo desta forma o ecossistema de maior representatividade dessa unidade de conservação. Além disso, ele possui vegetação densa e diversas espécies de plantas adaptadas às condições climáticas tropicais.

Figura 20 – Aspecto dos campos alagados da APA do Rio Cria-ú



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2025.

Os Campos Alagados, são denominados por regiões de planícies alagadas onde, fisicamente, correspondem as áreas deprimidas das várzeas que também são submetidas a inundações periódicas. Diferente das Florestas de Várzea, as inundações desses campos estão diretamente relacionadas aos níveis de precipitação das chuvas anuais, como a região de predominância amazônica apresenta duas estações ao longo do ano, os ambientes sofrem variações constantes entre o período mais seco e período de maior precipitação pluviométrica.

Na APA do Rio Cria-ú, os campos inundáveis representam 22,51% da área da área de proteção, o equivalente a uma área total de 5.007,93 hectares. A maior parte desse ecossistema se caracteriza por uma vegetação herbácea, embora alguns locais, como o Igarapé do Pirativa, apresentam características arbustivas ou arbustivas/herbáceas. Além disso, é importante destacar as formas biológicas das espécies vegetais encontradas nos campos alagados da região, sendo encontradas 7 formas por estudiosos e classificadas como: anfíbia ou semiaquática, emergente, flutuante fixa, flutuante livre, submersa fixa, submersa livre e epífita.

Figura 21 – Aspecto da Floresta de Várzea da APA do Rio Cria-ú



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2024.

A Floresta de Várzea apresenta dentre suas características, duas facilmente identificáveis em observações primárias. A primeira característica relaciona-se à ocorrência de inundações periódicas, decorrentes principalmente da variação das marés. Tal fenômeno contribui para uma contínua renovação dos nutrientes no ambiente, os quais são depositados diariamente em virtude do sistema de descarga da foz do rio Amazonas. Uma segunda particularidade desse ecossistema é sua expressiva diversidade de palmeiras, com destaque para o açazeiro, onde seu fruto representa importante fonte de renda e alimentação para o homem local. Além disso, a várzea abriga espécies nativas nobres como a andiroba, a macacaúba, a samaúma, o cedro, dentre outras que são amplamente utilizadas na confecção de materiais mobiliários.

A Floresta de Várzea tem uma ocupação de 4.632,71 hectares da área total do território da APA do Rio Cria-ú, o que corresponde a 28,83% dos ecossistemas presentes na região, sendo distribuídos numa faixa de orla fluvial de 5 km de largura no sentido sul/nordeste. A imagem foi retirada na região do Mocambo, próximo as localidades do Cria-ú Mirim, uma das vilas agregadas à Comunidade Remanescente do Quilombo do Cria-ú. É reconhecida como uma área de extrema importância para a realização de estudos e para a preservação da nossa biodiversidade (Plano de Manejo da APA do Rio Cria-ú)

Figura 22 – Aspecto das matas de galeria da APA do Rio Cria-ú



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2024

As Matas de Galeria são representações da vegetação florestal que acompanha os rios de pequeno porte e córregos dos planaltos do Brasil Central, formando corredores fechados (galerias) sobre o curso de água. Na Área de Proteção Ambiental do Cria-ú, as matas de galerias possuem porte variável entre pequeno e médio, estando majoritariamente restritas às veredas de buritizais, que atuam como formações pioneiras dessas matas. Nesses ambientes, o buriti constitui a espécie predominante e o solo apresenta características hidromórficas. Nas matas de galeria mais avançadas, observa-se um estrato arbóreo diversificado, com espécies típicas de florestas densas de terra firme.

Esse ambiente representa 6,16% da APA, possuindo uma área de 1.369,59 hectares. Desempenha um papel importante na proteção das nascentes dos cursos de água, evitando, entre outras coisas o assoreamento dos mesmos e garantindo a boa qualidade da água. Outro papel importante que justifica a proteção e a conservação desse ecossistema, refere-se a sua condição de servir de habitat natural e refúgio para várias espécies da fauna regional e migratória. (Plano de Manejo da APA do Rio Cria-ú)

Figura 23 – Aspecto paisagístico com as Ilhas de Mata da APA do Rio Cria-ú



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2025.

As Ilhas de Mata são áreas de fisionomia florestal que se manifestam isoladamente, ora nos domínios do ecossistema de cerrado, ora nos chamados “tesos” dos domínios dos campos inundáveis. Apresenta baixa diversidade florística, sendo essa, representada tanto por elementos da floresta de terra firme, quanto por elementos da floresta de várzea. Com esse aspecto peculiar, pode-se caracterizar esse ecossistema como uma área de ecótono, ou seja, representa manchas transicionais entre o ecossistema da floresta de terra firme e o ecossistema inundável da floresta de várzea.

As ilhas de mata representam 6,47% da APA, cobrindo uma área de 1.437,88 hectares. Por se manifestar na maioria das vezes de forma isolada, esse ambiente torna-se facilmente vulnerável a qualquer tipo de uso ou exploração. Em alguns casos, como se observa em imagens de satélite, constata-se a perda parcial ou total de algumas amostras desse ecossistema dentro dos limites da APA do Rio Curiaú. Seu uso se manifesta em forma de exploração de madeira ou em abertura de novas fronteiras agrícolas, principalmente para o cultivo da mandioca. A área alterada é da ordem de 169,67 hectares, representando 11,80 % de sua cobertura vegetal.

Todas as informações que cabem aos aspectos geográficos foram retiradas do Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental do Cria-ú, elaborado pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Amapá (SEMA), onde apresenta os fatores bióticos e abióticos da região.

3.2 O COTIDIANO DA COMUNIDADE: ASPECTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS

O Quilombo do Cria-ú é uma comunidade representada por uma estrutura social de base familiar, ou seja, todos os indivíduos que constituem a comunidade atualmente descendem de uma única família que se formou nessa região. A comunidade aprendeu a conviver em comunhão, compartilhando seus saberes, crenças e tradições, que se mantém vivas até os dias de hoje. Com o crescimento da população, a comunidade teve que oficializar a divisão da região, para que houvesse um controle sobre os indivíduos. E assim, surgiu as áreas: Cria-ú de Baixo, Cria-ú de Fora, Extrema, Ipê Cria-ú e Cria-ú Mirim. Sobre a população residente na comunidade, cabe analisar o censo demográfico, pois,

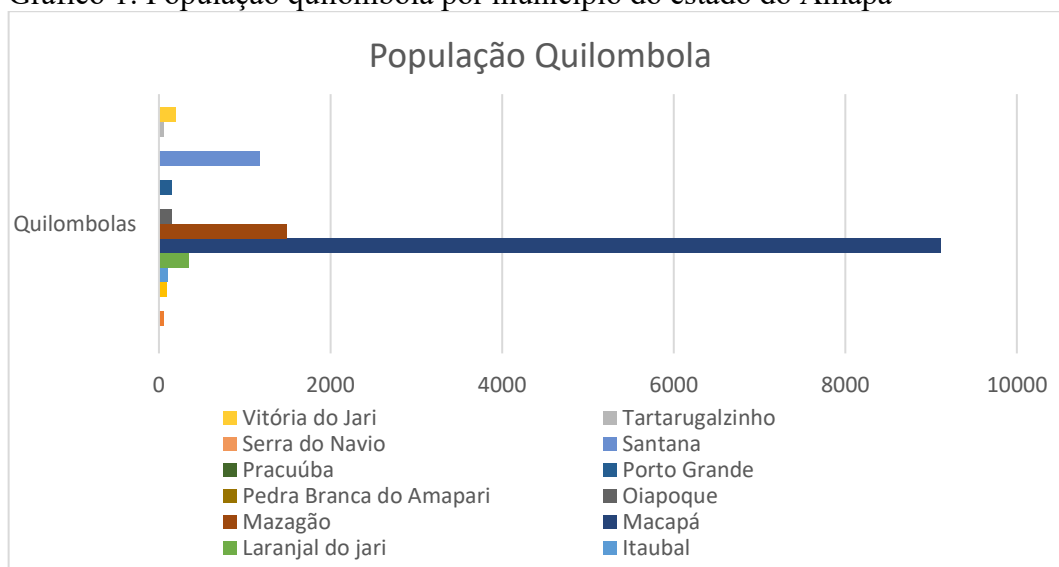
[...]pela primeira vez, a população quilombola foi identificada, enquanto grupo étnico, num censo de população, Censo Demográfico 2022 – o mais importante retrato demográfico, geográfico e socioeconômico do país” (IBGE, 2022, p.02). “Reunindo sob a categoria de ‘remanescentes das comunidades dos quilombos’ os indivíduos pertencentes à grande diversidade de comunidades quilombolas, comunidades negras rurais, terras de preto, terras de santo, mocambos, entre outras denominações regionais e locais, o texto constitucional reconhece o dever do Estado na garantia da segurança territorial desses grupos, atribuindo-lhes um novo estatuto social e jurídico. Em diferentes situações geográficas, os quilombolas produzem e ocupam seus territórios na contemporaneidade, dando continuidade à ocupação tradicional configurada pelo uso coletivo da terra, pelas relações de parentesco e pela reprodução de seus hábitos e práticas” (IBGE, 2023, p.14).

No censo demográfico quilombola, indica que a população quilombola que reside no Brasil é de 1.330.186 pessoas distribuídas em 1.700 municípios dos 24 estados e do Distrito Federal. De acordo com os resultados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, os dados referentes ao Cadastro Geral de Remanescentes dos Quilombos, da Fundação Cultural Palmares, constam o registro de 2.921 certidões de autodefinição quilombola emitidas, referentes a 3.583 comunidades dispersas por 24 estados. No Estado do Amapá, os dados indicam 44 Comunidades Quilombolas com certificação de autodefinição, e dentre essas, 31 são Territórios Quilombolas oficialmente delimitados, ou seja, são territórios categorizados em algum *status* fundiário conforme a etapa mais avançada do processo de regularização.

A população quilombola que reside no Estado do Amapá contabiliza 12.894, distribuídas dentre as 44 comunidades autodeclaradas quilombolas. Nos municípios amapaenses, a maior parte da população quilombola está localizada na capital, Macapá, com o quantitativo de 9.110 pessoas, seguido de Mazagão, com 1.483 quilombolas e Santana com 1.176, conforme o gráfico abaixo (Gráfico 2). Nas comunidades oficialmente delimitadas, o número é de 6.789 pessoas, residentes das comunidades do Curiaú, Conceição do Macacoari, Mel da Pedreira, São Raimundo da Pirativa, Rosa, Ambé, Cunani, São Pedro dos Bois, São

Tomé do Aporema, Alto Pirativa, Campina Grande, Carmo do Maruanum, Cinco Chagas do Matapi, Curralinho, Engenho do Matapi, Igarapé do Lago, Igarapé do Lago do Maraca, Igarapé do Palha, Ilha Redonda, Kulumbu do Patuazinho, Lagoa dos Índios, Nossa Senhora do Desterro, Porto do Céu, Ressaca da Pedreira, Santa Luzia do Maruanum, Santo Antônio do Matapi, São Francisco do Matapi, São João I do Maruanum II, São José do Mata Fome, São Miguel do Macacoari e Taperera.

Gráfico 1: População quilombola por município do estado do Amapá



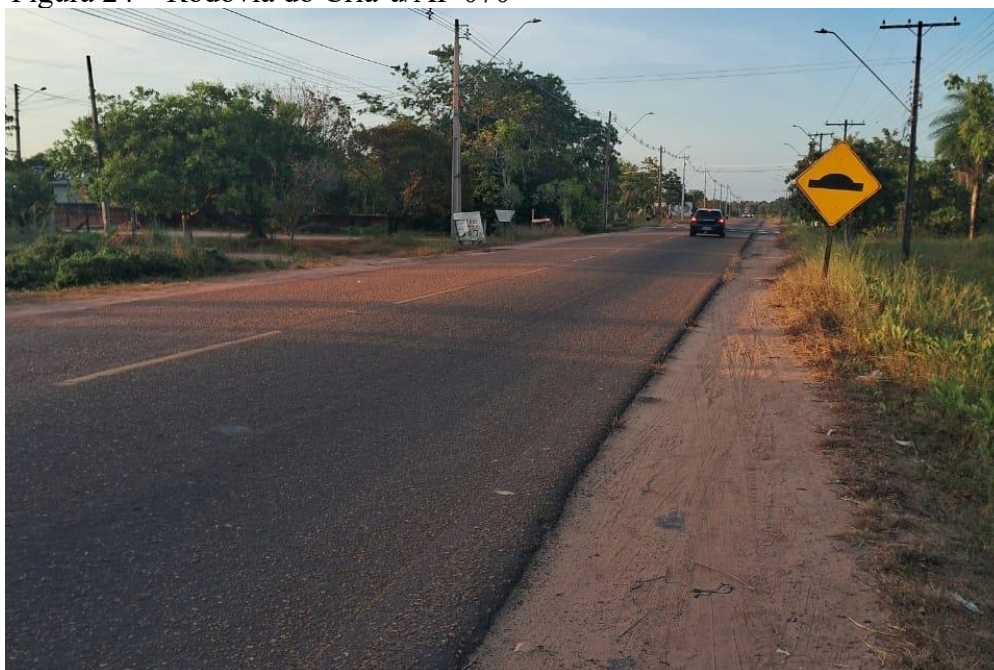
Fonte: Censo demográfico quilombola 2024, IBGE.

A Comunidade Remanescente do Quilombo do Cria-ú é a que possui o maior prestígio, tendo a maior parte da população quilombola amapaense, além de seu título de domínio territorial reconhecido. A comunidade é constituída de uma divisão simbólica estabelecida pelos moradores para facilitar na organização dos processos que ocorrem dentro da comunidade. Essas divisões são 5 vilas denominadas: Extrema, Cria-ú de Fora, Cria-ú de Dentro, Cria-ú Mirim (Mocambo) e Ipê (área correspondente ao de território quilombola).

Ao longo dos anos, a comunidade buscou melhorias para nos aproximar da vida urbana, sem que isso nos afaste de nossa vida tradicional. Na educação, a comunidade possui duas escolas, a Escola Municipal Joanna Santos e Silva, administrada pelo Município e ofertando o ensino infantil e fundamental I e Escola Estadual Quilombola José Bonifácio, administrada pelo Estado, ofertando o ensino fundamental II, e que foi a primeira escola da comunidade. Vale ressaltar que esta ficava localizada no atual Museu histórico da comunidade, na vila do Cria-ú de Dentro. Além disso a comunidade também é beneficiada com os serviços de energia e água, administrados pelos órgãos CEA Equatorial e CSA, respectivamente. Na saúde, a comunidade é beneficiada com a UBS Hilda Iléia Sant'anna Ramos, que está em atuação desde 2016 como

Unidade Básica de Saúde, porém, ela já funcionava como Posto de Saúde há muito tempo, tendo como a primeira técnica em enfermagem descendente da comunidade a Hilda Iléia e a primeira enfermeira a Sra. Clara, do vizinho Quilombo São Pedro dos Bois. A Rodovia AP-070 interliga a região metropolitana de Macapá com os municípios de Itaubal e Cutias do Araguari. Conhecida também como Rodovia do Cria-ú, é a principal estrada de acesso à comunidade, facilitando nossa locomoção e nos permitindo aprimorar nosso comércio local. A rodovia começou a ser construída na década de 90, e ao decorrer dos anos foram feitas melhorias na estrada, como pavimentações e iluminações. Na área do lazer, o Deck do Cria-ú funciona como um excelente impulsionador do turismo na região do Rio, possibilitando os turistas apreciarem a belíssima paisagem do rio ao pôr do sol, além de poderem se banhar nas águas frias deste braço do majestoso Rio Amazonas.

Figura 24 – Rodovia do Cria-ú/AP 070



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2025.

A comunidade é conduzida por associações que seguem o Estatuto Social, que teve sua reforma aprovada em assembleia geral extraordinária de 03 de abril de 2004 e o Regimento Interno da comunidade que foi instituído pelo estatuto como normas de procedimentos de ordem administrativa, financeira e patrimonial. Todas as associações colaboram para manter a ordem, o bem-estar e a qualidade de vida da população, bem como a valorização e integridade do território da comunidade. Dentre as associações que constituem a comunidade, a principal é a Associação de Moradores do Quilombo do Cria-ú (AMQC), registrada sob o CNPJ 14.572.978/0001-32 e fundada em 13 de setembro de 1997, sendo reconhecida como uma

sociedade civil de caráter comunitário e fins não remunerativos e tem por finalidades a defesa, a organização, a proteção e divulgação da cultura, a fixação e a representação legal dos descendentes e remanescentes do Quilombo do Cria-ú. Outras associações também atuam na comunidade como a Associação de Mulheres Mãe Venina do Quilombo do Cria-ú e a Associação dos Agricultores e Criadores do Quilombo do Cria-ú, seguindo seus próprios estatutos, objetivos e finalidades.

Sobre as interações entre os moradores da comunidade, esta é marcada por uma relação familiar e comunitária, que consiste no compartilhamento do território, da cultura e dos saberes que nos foram passados pelos nossos antecedentes quilombolas, herdeiros africanos trazidos ao Brasil como escravizados. O compartilhamento dessas vivências é perpetuado através das tradições orais mencionadas na seção 1 desta dissertação, onde afirmo a relevância da oralidade para a preservação das práticas e dos saberes ancestrais, assim:

Sendo a transmissão oral de suma importância para os africanos, passando entre as gerações, os depositários se encarregam de transmitir o que lhes foi ensinado preservando as memórias coletivas e histórias de seu povo. Num exercício constante de fala, escuta e memorização, os africanos se organizaram ao longo dos tempos e erigiram seus grupos familiares e comunitários. Conduzidos pela tradição oral edificaram suas famílias, religiões, associações e instituições diversas, e especialmente desta forma se educam. Orientados pela oralidade os indivíduos interligam-se uns com os outros e trocam conhecimentos e experiências relevantes para todos, num aprendizado coletivo. (Filho; Alves, 2017, p.55-56)

Os laços familiares que nos unem desde a criação deste território permitem fortalecer a história deste povo. São esses mesmos laços que nos unem em comunidade para lutar pelos nossos direitos enquanto remanescentes quilombolas. Um exemplo disso são nossas reivindicações por melhorias na comunidade, em que nos juntamos em assembleia para debatermos sobre propostas que irão fazer a comunidade crescer. Entretanto, como em todo lugar, há alguns conflitos que ocasionalmente impedem que nossas articulações sejam bem-sucedidas, devido aos embates entre determinados grupos da comunidade, principalmente quando estes estão relacionados à diretoria da Associação de Moradores. Assim confirma Piedade Videira (2013, p.147):

É bem verdade que a comunidade se divide diante das ações da diretoria da Associação de Moradores. Alguns (mas) moradores (as) são favoráveis e outros contrários e tais encaminhamentos, principalmente se as pessoas envolvidas forem de seu núcleo familiar particular. A falta de diálogo interno e apoio aos interesses comuns que a Associação de Moradores deve representar, faz com que esta instituição perca força política, se enfraqueça e o grupo étnico local coloque em risco seus laços familiares e ambos sejam rotulados de desunidos.

Esses conflitos refletem como existem desarmonias dentro de territórios vistos como resistentes, culturais e cheios de ancestralidade. De fato, este território do Cria-ú é resistente,

ancestral e luta pelos seus direitos, entretanto, essa luta só surge quando lhe convém. Devemos conscientizar as próximas gerações de que esses conflitos não contribuem para o crescimento da comunidade, e que devemos deixar de lado nossos interesses individuais e começar a pensar no coletivo, pela comunidade.

Dos aspectos econômicos da comunidade, nos primórdios de sua história, estes aspectos correspondiam às práticas de subsistência, ou seja, praticavam a agricultura familiar, onde os moradores produziam e criavam para seu próprio consumo. Assim afirma Ferrari (2016, p.82):

A atividade econômica nos quilombos, que sobrevive, em essência, nos atuais aglomerados remanescentes, teria sua origem numa peculiaridade da escravidão no Brasil: o hábito dos senhores de conceder parcelas de terra e um ou dois dias por semana aos escravizados para o cultivo de alimentos, a fim de se manterem. Era um modo de os proprietários se eximirem dos gastos com o sustento dos cativos, pelo menos em parte, mas havia outras razões, como reforçar o “amor à terra” para desestimular as insurreições e fugas em grupo. Nesse aspecto, o efeito foi o oposto: o hábito e o domínio da agricultura, incluindo a comercialização de excedentes, inspiraram escravizados a fugir e a construir uma vida sustentada pelo cultivo da terra.

Atualmente vemos que a prática da agricultura familiar ainda persiste como principal atividade econômica da região, entretanto não é a principal atividade dos moradores, visto que pela proximidade com a área urbana, muitos preferem trabalhar na cidade. Além disso, as oportunidades de hoje são mais abundantes, graças às políticas de ação afirmativa, o negro pode se valorizar e valorizar o seu conhecimento através da educação. Entretanto, os exercícios que caracterizam este território quilombola ainda se encontram presentes no dia a dia da comunidade, já que as escolas atuantes no território buscam incentivar os alunos a manterem suas tradições, através de projetos que firmem esse compromisso.

A criação de roças são as principais práticas agrícolas presentes na comunidade, tendo como os principais produtos cultivados a mandioca em ilhas de mata, para a produção artesanal de farinha, onde o solo ainda é favorável; cultura de hortaliças (alface, cebolinha, coentro, repolho etc.), em pequena escala, no cerrado e em áreas de várzea, utilizando adubação de origem orgânica e mineral, além de irrigação e defensivos agrícolas; além do cultivo de melancia e maracujá. (Plano de Manejo da APA do Rio Cria-ú)

Como mencionando anteriormente, a população cultiva alimentos para o seu próprio consumo, porém, quando a colheita é grande, é comum os agricultores venderem parte desses alimentos. A produção de farinha é um dos pilares da economia local. Antigamente, os trabalhadores desta terra carregavam as sacas de farinha no lombo do boi e carroças de cavalo, e saíam para vender na cidade por 10 tostões. A produção da farinha é passada de geração em geração, obedecendo cada etapa desse processo. Há todo um ritual para o preparo da farinha. Uma semana antes do preparo, retira-se uma parte da mandioca para deixar de molho até

amolecer. No dia do preparo, nos levantamos cedo. Passamos o café. Admiramos a natureza. E saímos rumo a roça, com nossos pés calejados no chão de terra, para a retirada da mandioca dura. Ao chegar na casa de forno, iniciamos acendendo o fogo para esquentar o forno. Descascamos a mandioca dura e ralamos até virar uma massa para misturar com a mandioca que foi deixada de molho. Depois misturamos as duas massas em uma tábua de farinha e levamos para o tipiti⁷ para retirar o tucupi. Retira-se a massa do tipiti e peneiramos para tirar os talos grande que ficaram e reservamos a massa. As risadas e conversas durante o processo indicam a união de um povo resistente. Com a massa pronta e forno quente, jogamos a massa para assar. Com o rodo na mão, usando gestos circulares e mexendo sem parar, a farinha é torrada. Retiramos a primeira fomalha para colocar a próxima. É uma festa na casa de forno quando completamos o processo. Com a farinha na tábua, fazemos a comunhão para todos que contribuíram durante o processo. Minha parte favorita é quando me intruso ao pegar um bocadinho para provar essa iguaria deliciosa.

Um dos grandes desafios que teremos que enfrentar é a juventude. Os jovens de hoje em dia se encontram desinteressados pelas nossas tradições e costumes. Percebe-se nos últimos anos um protagonismo dos anciãos nas práticas tradicionais da comunidade, o que antigamente era feito pela população mais jovem, hoje se acomodou como um exercício tradicionalmente realizado pelos mais velhos, distanciando o interesse pela juventude. Vemos isso no cultivo das roças, nas bandaias de batuque, nas rodas de marabaixo, nas ladainhas e folias dos santos de devoção, e na produção de farinha. Devemos fazer com que eles sintam fascinação pela nossa cultura, pois eles serão os novos defensores dela. Conforme afirma a Dra. Piedade Videira (2013, p.168 e 169):

A venda de farinha é realizada por parte mínima da comunidade do Cria-ú. A produção realizada desse alimento pelas famílias é para seu consumo próprio. Geralmente quem faz roça, ainda na comunidade, são os (as) idosos (as) e as mulheres que são chefes de família. Os jovens não querem participar desse ofício e recusam esse aprendizado relevante que os permitiriam não ficarem totalmente presos a obrigatoriedade e a condição de ter dinheiro para comprar absolutamente tudo de que precisam. Se plantarem, cultivaram a terra e os alimentos que nascem de suas entranhas, conseguirão livrar a si e aos seus (suas) filhos (as) do mal da fome que assola o mundo.

Esse alerta feito pela professora Videira reforça diretamente a preocupação que levantamos acerca do afastamento dos jovens das práticas culturais de sua própria comunidade. A recusa em aprender ofícios tradicionais, como o cultivo da roça ou a produção de farinha, não representa apenas uma perda de técnica, mas um rompimento simbólico com a memória

⁷ Utensílio feito de talas de buriti utilizado para fazer a retirada do suco da mandioca, que é o tucupi.

coletiva e com a autonomia que esses conhecimentos garantem. Ao evidenciar que são sobretudo os idosos e as mulheres chefes de família que continuam a sustentar tais práticas, a autora demonstra como a transmissão geracional está ameaçada, o que fragiliza não apenas a continuidade cultural, mas também a segurança alimentar e o sentido de pertencimento comunitário. Assim, a reflexão de Piedade Videira dialoga com a necessidade urgente de envolver a juventude em processos formativos que revitalizem o orgulho cultural, assegurando que esses saberes não desapareçam, mas se renovem por meio das novas gerações. E isso só será possível com a inclusão desses jovens nesse sistema da economia comunitária e fortalecendo o seu sentido de pertencimento.

Figura 25 – Tia Chiquinha na produção de farinha



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2014.

Em tal contexto, percebemos a importância dos aspectos econômicos da comunidade, os quais concentram-se nas áreas de campos alagados, a pecuária, cultivada por muitas pessoas atualmente. A pecuária é desenvolvida por pequenos criadores em criação extensiva de búfalos, sendo que este, gradativamente, está sendo substituído por gado bovino. Existe, também, criação de cavalos e carneiros, aproveitando-se as áreas de pastagem dos campos inundáveis que, além de fartas, oferecem forragem propícia e baixo custo de manutenção. (Plano de Manejo da APA do Rio Cria-ú, p.77)

Além disso, as práticas de pesca e caça ainda persistem na comunidade. A pesca é uma atividade que serve como fonte de alimentação, apesar de que vem sendo praticada de forma predatória, com utilização de malhadeiras e prática da “bateção” de água, que consiste em bater

na água com a mão ou uma vara para atrair os peixes para a linha, isso ocorre principalmente nos poços (lagos permanentes), pelos próprios moradores e por pessoas alheias à comunidade, que muitas vezes são conduzidas pelos próprios moradores. Mesmo sendo proibida a ação predatória da fauna silvestre, ela ainda é exercida para consumo local, apresentando espécies como cutia, veado, paca, garça, marreca etc. A caça é praticada pelos moradores da comunidade e por pessoas estranhas. Não há fiscalização e alguns dos moradores da comunidade afirmam que ocorre omissão por parte dos fiscais. O extrativismo vegetal ocorre em uma escala maior através da extração seletiva de madeira e açaí, onde este é vendido na comunidade e serve como importante componente na alimentação da população local. (Plano de Manejo da APA do rio Cria-ú)

3.3 DO BATUQUE À FOLIA: ASPECTOS CULTURAIS E RELIGIOSOS

A Comunidade Remanescente do Cria-ú recebeu forte influência da cultura Africana, devido ao processo de colonização que o Brasil sofreu durante o século 16, onde os africanos foram trazidos para o território brasileiro a fim de servirem como mão de obra escrava. Com isso, os negros africanos trouxeram nessa jornada imposta pelos colonizadores, todos os seus conhecimentos, saberes, tradições e práticas culturais que estão preservadas até os dias de hoje, graças aos ensinamentos passados de geração em geração através das tradições orais.

As expressões culturais que predominam na comunidade são o Marabaixo e o Batuque, sendo o Batuque a que mais se destaca pela Festividade de São Joaquim. O Marabaixo é uma expressão artística cultural e popular, predominante do Estado do Amapá. Seu nome faz referência à prática dos colonizadores de arremessarem os corpos dos negros apanhados como escravizados “Mar-a-baixo”. Seu ritmo é lento, tocado pelo bater das baquetas da Caixa de Marabaixo, um instrumento oco, feito originalmente de troncos de árvore, coberto por couro de sucuriçu ou couro de boi. Sua dança, assim como seu ritmo, simbolizam um lamento. O lamento dos escravizados que arrastavam seus pés acorrentados nos porões das fazendas e dos casarões dos senhores brancos colonizadores. Suas músicas, demonstram esse lamento através dos Ladrões de Marabaixo, que são composições caracterizadas pelo “roubo” de uma história do vizinho. Ou seja, quando acontece algum fato na comunidade com alguma família ou pessoa, alguém pode pegar – ou roubar – esse acontecido e fazer uma música sobre isso. Alguns podem levar na brincadeira e achar normal pelos fatores culturais envolvidos, como é na maioria dos casos, já outros já consideram ofensivo e até desrespeitoso.

Antigamente, os ladrões eram apresentados nas rodas de marabaixo, e existia uma prática que consistia em doar um ladrão para outra pessoa cantar nas Rodas de Marabaixo. Isso acontecia justamente pelo medo do autor da pessoa que inspirou o Ladrão de Marabaixo não aceitar que sua história estivesse sendo cantada nas festas da comunidade. Isso aconteceu com meu pai, Maximiano Machado dos Santos (Mestre Bolão), que recebeu das mãos de Laurindo Banha, a seguinte letra:

*Oh, adeus o lago das flores
Descanso dos passarinhos (2x)
Meu nome foi relatado
Na boca de meus vizinhos (2x)*

*Eu não sei eu não sabia
Para mim vieram contar
João de Paulo matou meu porco
Nas matas do Araxá*

*Oh valei-me Nossa Senhora
Senhora da beira mar
Se o porco não era teu
Por que tu fostes matar?*

*No dia 15 de abril
Tive um prejuízo imenso
João de Paulo matou meu porco
Que eu comprei do Guadense*

*No dia 15 de abril
Quando eu 'pros' campos montei
Em busca de Ouro Preto
Mas nunca eu encontrei*

*Eu comparo Ouro Preto
Com o rabixo da Geralda
As percas vêm a ser muito
E o lucro vem a ser nada*

*Ouro Preto está dizendo
Que o beijo se arrebentou*

*E foi tão grande o puxão
Que o severino puxou*

*Oh, rapaz, éramos amigos
Não quisestes considerar
O Laurindo tirou o verso
A mim tu vens processar*

Autoria de Laurindo Banha, Interpretação de Maximiano Santos

Este, para mim, é o ladrão de Marabaixo mais lindo e emocionante das rodas de Marabaixo. Laurindo Banha, um homem nobre, comprou um casal de porcos do Sr. Guadense, morador da comunidade do Cria-ú, para criar, pois era detentor de criações de gado e cavalo na região. Laurindo colocou seus porcos para serem criados na região chamada Lago das Pombas, lugar onde assentava muitas pombas, e onde hoje é o bairro Novo Buritizal. Lá era uma mata fechada, onde tinha muito porco do mato, do tipo Queixada. João de Paulo gostava de caçar, era obcecado. Numa noite, ele saiu rumo à mata com a intenção de caçar o porco do mato, mas não encontrou nenhum. Para não perder a viagem, ele resolveu matar os porcos de Seu Laurindo Banha. Só que quando o João de Paulo foi vender a carne do porco, o comprador reconheceu que aquela carne não era de Queixada, o porco do mato. Foi então que ele denunciou ao Laurindo Banha que João de Paulo havia matado seu porco, já que ele gostava de caçar na mata onde o casal de porcos era criado. Foi então que Laurindo tirou o ladrão mencionado acima.

Figura 26 – Roda de Marabaixo no Espaço Cultural Tia Chiquinha



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2024.

Como o ladrão é praticamente uma denúncia contra o João de Paulo, Laurindo Banha teve receio em cantar a música, pois era mais baixo que João de Paulo, e tinha medo de que lhe acontecesse alguma coisa. Meu pai era um homem alto e forte, jogava capoeira e já convivia com o Marabaixo. A figura perfeita para denunciar João de Paulo nas Rodas de Marabaixo. E assim ele o fez. O último verso não estava na música de Laurindo Banha, meu pai que acrescentou este verso no ladrão, haja vista que depois dele cantá-la, João de Paulo foi processá-lo. O delegado chamou meu pai na delegacia para que ele contasse sobre o ocorrido e cantasse a música, e então na hora ele tirou esse verso, mostrando como os mestres de antigamente tinham o dom de escrever os ladrões de marabaixo, sem papel nem caneta, apenas com a memória e a linguagem. Hoje o Marabaixo é declarado Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – desde o ano de 2018.

O Batuque é outra expressão cultural muito características dos povos africanos. É um termo mais amplo, pois possui várias conotações e significados para apenas uma palavra. O Batuque do estado do Amapá, mais precisamente do Cria-ú, é totalmente o oposto do Marabaixo. É mais alegre. É mais vibrante. É uma celebração.

O Batuque é uma manifestação artística, cultural e religiosa, oriunda dos povos africanos, assim como o Marabaixo. Se perpetuou em nosso território após a libertação dos escravizados, pois, como mencionado anteriormente, a única forma dos negros escravizados expressarem sua cultura era através do lamento do Marabaixo. Com a abolição da escravatura, embora ainda houvesse muitos problemas relacionados à cidadania do povo negro, houve a celebração, houve o festejo. Surgiu um ritmo mais animado, dançante, convidativo. O batuque.

Seu ritmo é caracterizado pela vibração e harmonia dos tambores e dos pandeiros. Estes são afinados através do calor das fogueiras. Sua confecção é realizada pelos próprios moradores da comunidade. Os pandeiros são feitos de madeira extraída da Corobeira, do Cacaueiro e são cobertos com couro de sucuriçu, de bode ou carneiro. Os tambores são confeccionados com pau cavado, podendo ser de troncos de açaizeiro, coqueiros, buritizeiros ou bacabeiras, e são cobertos com o mesmo material. Os festejos de Batuque duram uma noite inteira, começando na boca da noite e terminando no romper da aurora do dia seguinte. Seus festejos são chamados de mão de couro, que envolve os tambores e os pandeiros que são cobertos por couro de origem animal.

A festa do Batuque estrutura-se dentro do salão dos barracões da comunidade. Antigamente, existiam quatro tambores nas bandaias de Batuque chamados: Onça, Macaco, Tucupi e Dobrador. Destaco a presença do Onça, no qual não era tocado com as mãos assim

como os outros, pois funcionava como uma cuíca, que era puxado por dentro do tambor e soava como um ronco de uma onça que ecoava no meio do salão, animando mais ainda as noites de batuque. O som do tambor era tão estridente que, nas festividades de São Joaquim, se ouvia no Porto do Céu, atual Lagoa dos Índios. Hoje esses quatro tambores já não estão mais presentes nas rodas de batuque, se constituindo apenas de dois tambores. O amassador, que tem função de marcar o ritmo, e o dobrador ou repinicator, que tem a função de dobrar ou repinicar o ritmo, e são armados no meio do salão. Os pandeiros, se locam ao lado dos tambores, e servem para a sustentação do ritmo da bandaia. Os cantores, por sua vez, entoam seus versos atrás dos tambores, enquanto a comunidade adentra o salão, formando uma grande roda e respondendo os refrões das bandaias. Quando os foguetes estouram no céu anunciando o festejo do batuque, as dançadeiras gritam com alegria, entoando um “eeeeeeeeeeeeitááááá” bem vibrante, é aí que o “couro come” e o batuque se anima. As saias floridas rodam no meio do salão, e as mulheres ficam cheias de graça. Suas toalhas postas em seus ombros, ajudam a enxugar o suor de seus rostos molhados pela emoção contagiante da dança do batuque, além de servirem como proteção do sereno para que não adquirissem rouquidão e continuassem cantando plenamente durante toda a festa.

Figura 27 – Roda de Batuque na Festividade São Joaquim, Maloca da Tia Chiquinha



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2016.

As músicas são chamadas de “Bandaias”, pois o caráter festivo e duradouro da festa tinha o objetivo de “bandaiar” os brincantes. Assim como os ladrões de marabaixo, as bandaias contam uma história de fatos que ocorreram na comunidade ou são simplesmente músicas

criadas a partir de um momento vivido pelo autor da bandaia. Como seu ritmo, as músicas são alegres, divertidas e celebram a vivência da comunidade, são feitas com o intuito de festejar. Nas festividades, saudamos o padroeiro do lugar, nosso glorioso São Joaquim, pedindo interseção, cantando:

*São Joaquim está na terra
Com prazer e alegria
Oh, vamos louvar
O vosso sagrado dia*

*Oh, meu Senhor, São Joaquim
Divino consolador
Consolai as nossas almas
Quando deste mundo eu for*

*São Joaquim está dormindo
No colo de vossa tia
Acorda Joaquim santo
Que amanhã é vosso dia*

Ou então:

*Ah, é São Joaquim
Ah, é São Joaquim
Na hora da morte
Se lembre de mim*

*São Joaquim está na terra
São Joaquim está na terra
Com prazer e alegria*

*Glorioso São Joaquim
Glorioso São Joaquim
A vossa capela cheira*

*Cheira cravo cheira rosa
Cheira cravo rosa
Cheira flor de laranjeira*

Autoria de Benedicto Folha Fina

Como percebe-se durante esta discussão, a Comunidade Remanescente do Cria-ú é totalmente devota a São Joaquim, que é o padroeiro da comunidade. A população é predominantemente católica, embora também haja a presença de grupos protestantes na região. A comunidade dispõe de três Igrejas Católicas vinculadas à Diocese de Macapá. Nossas tradições e culturas não se perdem, elas se fortalecem. A fé e a cultura popular caminham juntas na comunidade. Por isso, festejamos nossos santos de devoção com muito Batuque e Marabaixo. O calendário Afrorreligioso e Cultural do Cria-ú, atualmente é composto por seis festas tradicionais. Antigamente as festividades eram celebradas em janeiro – São Sebastião, em maio – Santa Maria, em agosto – São Joaquim (Padroeiro), em setembro – Santo Antônio e em dezembro – Nossa Senhora da Conceição. Segundo Piedade Videira (2013, p.184):

Para os descendentes do Quilombo essas festas são como uma “brincadeira” que os (as) deixa muito felizes e orgulhosos (as) de quem são e de seus ancestrais. Participar dos Batuques e Marabaixos representa, ainda, viver momentos valorosos no reencontro e compartilhar de emoções e aprendizados com seus familiares, parentes, amigos conterrâneos e desfrutar da imensa fartura de comida – cozedão – regado a afrodisíaca gengibirra distribuída em abundância nesses festejos.

Dando ênfase na festividade de maior prestígio da comunidade, não desmerecendo as outras, pois, todas são importantes para a formação cultural e identitária de cada indivíduo, a Festividade de São Joaquim se destaca justamente por celebrar o padroeiro da comunidade. São Joaquim, é conhecido por ser o avô de Jesus e pai de Maria. A história de São Joaquim com a Comunidade do Cria-ú é antiga. Já se festejam o santo a aproximadamente 250 anos, preservando nossas tradições e saudando aquelas que ficam apenas em nossas memórias. A festividade ocorre de 09 a 18 de agosto, sendo dez dias de pura devoção e tradição, passando de pai para filho, não deixaram acabar, e não deixarão.

A parte do festejo religioso é totalmente coordenado e organizado pela Igreja de São Joaquim e pela “corte afrorreligiosa”. Esta por sua vez é composta por 22 pessoas, sendo o padrinho da bandeira Sr. Joaquim da Silva da Paixão, que também desempenha o papel de coordenador geral da festa, a madrinha da bandeira Sra. Raimunda Leite da Paixão, o mestre-sala Sr. Pedro Malazarte, o primeiro porta-bandeira Sr. Roldão Amâncio da Silva, o segundo porta-bandeira Sr. Joaquim Assunção Ramos – “Chuteira” e os tocadores da folia. De acordo com Videira (2013, p.198 e 199), acerca da formação da corte afrorreligiosa:

A formação da “corte afrorreligiosa”, predominantemente masculina parece a constituição de uma realeza africana composta pelo: rei, rainha, primeiro-ministro e guardiões ou guerreiros com atribuições específicas. Quanto maior é o posto ocupado pela pessoa, maior também a responsabilidade de o honrar pelo bem moral de seu nome, de sua família e de toda a sua linhagem. É com base nessa tradição que os (as) filhos (as) idosos (as) do Cria-ú assumem o compromisso de dar continuidade à

herança cultural legada por seus ancestrais, assegurando sua conservação, respeitando-a, bem como transmitindo-a às novas gerações.

Durante todo o período da festividade ocorre na Igreja de São Joaquim a folia e a ladainha em louvor ao padroeiro. Dos dias 09 a 18 de agosto, as pessoas se reúnem na igreja para rezar, contemplar e louvar São Joaquim. A folia é tocada pelos tocadores, que são os foliões, com uma viola, três pandeiros, um tambor, dois chocalhos e oito reco-recos, eles entoam cantos em louvor ao santo, para dar início e para finalizar a ladainha. A ladainha é toda rezada em latim, com algumas variações do português brasileiro. Aqueles que sabem a reza, acompanham o rezador com bastante devoção, e os que não sabem, apreciam apenas com o olhar e ouvidos, em um semblante sereno, contemplando o momento em paz. A parte religiosa possui alguns ritos importantes em datas específicas, como os que acontece na “festa da bandeira”. No dia 14, realiza-se o “levantamento do mastro”, e até o dia 18 faz-se a “elevação da bandeira”. Por volta das 08h00min da manhã a corte sai de dentro da igreja para a sua frente onde está localizado o mastro em um tipo de “cortejo afrodescendente”, seguindo a ordem de: dois porta-bandeiras movendo a bandeira de São Joaquim, em seguida o “padrinho” e a “madrinha da bandeira”, que vêm segurando a bandeira dobrada em suas mãos, na sequência vem o mestre-sala e por fim os tocadores da folia, chamado de foliões. Após a elevação da bandeira, os mesmos participantes do ato voltam para dentro da igreja seguindo essa mesma ordem, dando a volta ao redor do mastro. Às 18h00min o ritual se repete, mas agora para a “descida da bandeira”. Durante todas as realizações religiosas constam, de acordo com minha conterrânea Piedade Videira (2013, p.209):

No conjunto das “rezas” tem uma que é realizada na madrugada do dia 17 de agosto, véspera do dia do padroeiro, às 05h00 da manhã e recebe a denominação de “alvorada”. Esta folia é cantada e, em seguida, os foliões realizam a cerimônia do pedido de “benção coletiva ao padroeiro”. Essa parte do “festejo afroreligioso” a exemplo de todos os momentos dos que compõem o ritual como um todo é aberta ao público. Mas pelo horário, poucas pessoas conseguem vencer o sono se fizerem presentes na igreja.

Atualmente, com a inserção da Igreja de São Joaquim na Diocese através da Paróquia Nossa Senhora do Rosário e São João Calábria, no dia 18, que é comemorado de fato o dia do padroeiro, acontece a Santa Missa e logo depois a procissão pelas ruas da comunidade. Esta acontece geralmente pela manhã ou pela tarde, dependendo do ano e do festeiro.

Passando para a parte cultural e tradicional da festividade de São Joaquim, esta está dividida em três momentos eufóricos para a comunidade, onde acontece o batuque e depois o baile social. “São gritos, choros, dobrados de tambores, e os pandeiros só faltam chorar de tanto apanhar”. (Santos, 2002, p.17). Nos dias 9 e 10 do mês de agosto, a Família Raízes do Bolão

começa a festividade, continuando o legado do patriarca, o Mestre Bolão, que muito contribuiu para a difusão da herança cultural do Batuque e do Marabaixo. Para estes dias, a programação começa bem cedo. Tia Chiquinha “contratava o boi e o porco” e estes chegavam uma semana antes da festa começar. No mesmo pensamento, a partição da lenha ocorre semanas antes do festejo, os homens vão rumo à mata atrás de lenha para o cozidão. No dia do início da festa, os fogos anunciam o amanhecer, e a movimentação já está cheia para organizar tudo. Os homens se reúnem na casa de carnes para abater o boi e o porco. Na cozinha, as mulheres tratam logo de lavar e cortar as verduras e os legumes. As conversas e as risadas refletem a união desse povo que celebra com paixão seu padroeiro. Na hora do almoço, as pessoas chegam e adentram à cozinha da maloca para saborear do famoso caldo que fortalece tanta gente, e isso enquanto a tarde segue preparando essa gente para o grandioso batuque que acontece na Maloca da Tia Chiquinha. À noite, as pessoas se reúnem na Igreja de São Joaquim para rezar a ladainha e a folia. Depois seguem para o Espaço Cultural Tia Chiquinha, onde é servido o jantar e depois ocorre o famoso “batuque do bolão” até o alvorecer do outro dia. Quando vai chegando à aurora, anunciamos com fogos e cantamos com alegria:

Oh vem oh vem oh vem oh senhora

A aurora do dia vem

Figura 28 – Preparação do almoço no dia 9 de agosto, na Maloca da Tia Chiquinha⁸



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2016.

⁸ Estão na foto, da direita para a esquerda: Davina Santos dos Santos, Maria – Dona Mariquinha e Maria de Jesus Leite da Luz – Dadá.

No amanhecer do dia, é costume servir uma sopa para os que ficaram no batuque ou um café da manhã bem reforçado, para que as pessoas pudessem voltar as suas casas para descansar. Na noite do mesmo dia, acontece o baile social, esperado por todos os jovens. No passado, o baile era tradicional e era realizado ao som do clarinete, que era tocado pelo Joaquim Crescêncio, conhecido como Velho Dário. Atualmente, essas tradições se perderam, abrindo espaço para as festas de som mecânico, as famosas festas de aparelhagens, que tocam diversos ritmos durante toda a noite, como o *Reggae*, a Lambada, o *Zouk*, o Brega, o Merengue e até o *Kaciko*, ritmo musical original de Caiena (Guiana Francesa).

Nos dias 14 e 15, acontece a festa da bandeira na sede de São Joaquim, no Cria-ú de Fora, com o segundo batuque de São Joaquim, onde a festa é organizada por promesseiros que mudam a cada ano, ou pela própria comunidade. Para esta festa, são necessários aproximadamente 12 bois para sustentar os 4 dias de almoço e jantar que são servidos. O Batuque é realizado após o jantar ser servido, e segue até o amanhecer do outro dia, onde acontece o baile social. Nos dias 17 e 18, celebram, de fato, o dia do santo, com seu terceiro e último batuque. Nestes dias, a programação cultural e social segue a mesma dos outros dias, contendo o batuque até o amanhecer e baile social no dia seguinte, que também tem o costume de perdurar até o sol raiar. Vale ressaltar que como parte da programação anual, no dia 18, após o último batuque, é servido o café da manhã para a comunidade, podendo ser depois da realização da missa. Dentre algumas curiosidades da festa do santo:

Houve uma época em que a festa foi realizada em uma residência, retirando o costume de ser na sede ao lado da igreja. Uma pessoa de pouca fé mencionou do acontecimento neste lugar. Deu uma chuva grande que até as “cumbucas” de água dançavam com a maresia. A casa ficou cheia de água e as pessoas que ali se encontravam ficaram apavoradas com tal fato. (Santos, 2002, p.27)

São Joaquim é um santo de sinais, santo de milagres. Dentre os casos que já ocorreram durante as festividades, contam que certo dia, um devoto pagou uma promessa com um boi. São Joaquim é um santo de muitos promesseiros, recebe muitos presentes de seus devotos. Com a promessa paga, no dia da festa, como era de costume, mataram o boi e começaram a descorá-lo. O amigo do promesseiro, em meio a uma conversa disse:

– Nem se São Joaquim quisesse esse boi se levanta do chão.

O susto dos que estavam lá foi grande. O boi se levantou com um lado do corpo todo descorado e saiu correndo para o mato. Todos que estavam presentes passaram a acreditar que com santo não se brinca. Outro fato aconteceu também com um dos bois que chegam para a festividade. Antigamente, quando os primeiros bois chegavam de vários lugares, os cavaleiros corriam muito para laçar os bois. Em um desses momentos de chegada, um dos bois saiu em

direção à igreja e se ajoelhou lá na frente. Era como se estivesse se despedindo e pedindo perdão a São Joaquim. Quando as pessoas chegavam, era só o que se comentava. Essas lendas são contadas até hoje, e acredito fielmente em cada uma delas, pois são parte de nossas tradições e saberes ancestrais que nos foi repassado de geração em geração. Gostaria também de recordar as boas lembranças da festividade de São Joaquim:

Havia os dias para se preparar, fazer farinha para vender e poder comprar roupas novas, onde as moças e os rapazes se produziam para fazer bonito para as pessoas de outra comunidade e da cidade. Antigamente, nos dias de festa, os prefeitos cediam caminhões para a nossa família ir para o Cria-ú. Nós tínhamos que acordar bem cedo, ainda de madrugada, para pegar o carro e chegar cedo para arrumar tudo. O próprio caminhão servia de alojamento para as crianças dormirem enquanto os adultos prestigiavam as grandes festas. Quando foi feita a festa da bandeira dos irmãos na “maiadinha”, pelos filhos de Januário Clarindo, na época o som que tocava era de Paulinho Ramos, e o controlador de som era o Saci (meu irmão). As músicas eram das escolhas das moças do lugar. Ah! Tempo que não volta mais. (Santos, 2002, p.28)

Ah! Tempo que não volta mais. Recordar esses momentos é essencial para fortalecer nossa identidade, e reconhecer as mudanças que ocorrem em nossas tradições e em nossas festividades. Como por exemplo, hoje já não é necessário ir buscar água nos igarapés para utilizar na festa, temos a água encanada que facilita no processo de limpeza do salão e na cozinha. Por isso reitero a importância da memória individual e coletiva e das tradições orais no processo de formação de cada indivíduo.

Figura 29 – Batuque na festividade de São Joaquim, na Maloca da Tia Chiquinha⁹



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2016.

⁹ Se destacam na imagem, da esquerda para a direita: Pedro, Diego e Raimundo Paulo no pandeiro; Benedito – Nena no tambor; e Joaquina – Bacu (*In memoriam*) e Luan (*In memoriam*), cantando.

Além de servir o cozidão nas festividades, também se tem o costume de servir a nossa deliciosa gengibirra. A gengibirra é uma bebida tradicional do Marabaixo e do Batuque, que mistura a picância e o aroma do gengibre com o adocicado sabor alcoólico da aguardente. Essa bebida foi originalmente criada como um remédio para ajudar na rouquidão das mulheres que passavam noites e madrugadas inteiras cantando nas festividades. A bebida era tão boa que ficou rapidamente popular nas rodas de Marabaixo e de Batuque. Antigamente, a gengibirra era feita da seguinte maneira: o gengibre era socado no pilão, colocado em vasilhames de barro para que fermentasse durante 8 dias sol e no sereno, e então se coava para servir na festa. Hoje em dia temos a facilidade de fazer tudo em um só dia, pois existem maneiras até bem contemporâneas como o uso de liquidificadores para triturar a gengibre, refrigeradores para servir a bebida bem gelada, e a utilização de aguardentes produzidas industrialmente. Essa é a nossa gengibirra, nossa bebida tradicional que todos deveriam experimentar ao menos uma vez na vida. Há quem prefira mais forte, há quem já prefere ela mais fraca, alguns como eu preferem sem o teor alcoólico, o que importa é saborear. Mas tomem cuidado, já dizia Dona Natalina: “Gengibirra não é mole não, se o negro beber demais vai fazer zueira, se perde pelo salão, adeus brincadeira”.

Figura 30 – Mestre Pedro Bolão em produção de gengibirra



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2024.

Ao lhes contar a história de minha comunidade, conto-lhes todas as facetas deste território. Mas antes, quero que vocês leitores abram suas mentes para o que pode vir agora. Falar do território quilombola do Cria-ú, é falar de ancestralidade, ou melhor, falar de espiritualidade. Acreditem, existe. Não vou dizer que não. Não colocarei uma máscara em meu quilombo para dizer só o que convém à sociedade em geral. Faz parte de nossa história, de nossa identidade quilombola, por isso precisa ser dita.

Nós temos as benzedadeiras, mulheres que sabiam defender seu território através de suas bênçãos. Que com suas ervas, seus óleos e incensos, praticavam a cura desse lugar e dessa comunidade. Benziam crianças, tirando seus quebrantos. Protegiam corpos. Davam passes. Eram verdadeiras guerreiras do mundo espiritual. Hoje em dia, temos poucas influências desses saberes na comunidade. Essas mulheres deixaram este mundo e não conseguiram repassar todos os seus conhecimentos para que fossem preservados pelas próximas gerações. Aqueles que ainda sabem, são verdadeiros mestres guiados por um dom que só eles conseguem explorar. Me lembro de quando minha família morava no laguinho. Éramos crianças. Acordávamos de madrugada, saindo às pressas de casa com meu irmão José Raimundo – Saci, para que Tia Massalina nos acudisse em sua residência. Esta era uma mulher sábia, e muito paciente. Nunca se dispôs em nos ajudar com o Saci. Na época não entendíamos o que ocorria com meu irmão. Era uma manifestação, que só meus pais sabiam a quem recorrer. Os primeiros médicos a receberem nosso chamado, eram elas, nossas curandeiras, as doutoras da alma e do espírito. É difícil comentar sobre esses fatos. Uns, assim como eu, acreditam fielmente na espiritualidade da natureza. Outros até tentam entender, mas se confundem dentro de seus próprios pensamentos. O que é de meu entendimento, é aquilo que eu vi com os meus olhos: os homens da comunidade, meus tios e primos, que se deslocavam em peso para segurar meu irmão. Tia Massalina, só era baixa e muito magrinha, mas quando ela chegava com seu chocalho na mão, arrebatava qualquer força com seus saberes oriundos de seus ancestrais.

Além disso, é importante dizer que nosso sangue é misturado. Temos também sangue dos originários. Esses que aqui estavam antes de mim, antes da minha mãe, antes de minha avó, antes de minha bisavó, e assim adiante. Seus saberes se encontraram com os dos povos africanos, e se transcenderam, pois se complementam. Tia Massalina tinha um dom que chamavam de “Pena e Maracá”, ou conhecido como práticas de Pajelança, onde as pouquíssimas pessoas que tinham esse dom eram chamadas de pajé, devido aos seus riquíssimos conhecimentos de cura. As pessoas que corriam ao encontro desses indivíduos, certas vezes se surpreendiam com os seus saberes. Eles sentiam de longe quando estavam sendo recorridos. Quando estavam sentados no giral e sentiam que a pessoa que vinha pedir ajuda “não tinha mais

jeito”, colocavam a mão no queixo e com os lábios fechados exclamavam: “hum, hum”. Agora, se a pessoa tivesse jeito de resolver, eles já se preparavam. Mandavam os outros da casa prepararem o café para receber a família que vinham ao seu encontro.

Se fosse uma mulher que estivesse angustiada, mandavam um homem da casa preparar um café. Se fosse um homem que estivesse angustiado, mandavam uma mulher da casa preparar o café. Isso significava que aqueles pajés iam ter trabalho. Iam pegar o banco para trabalhar e chamar os seus *caruanas* para ajudar. A família se instalava lá durante 7 dias, só saíam quando os curandeiros diziam: “Hoje tu vais te levantar daqui para ir embora”. Era como se a pessoa ficasse internada em um hospital, e os pajés eram seus médicos. Os médicos de espírito.

Figura 31 – Imagem da Tia Massalina



Fonte: Material do acervo familiar da Tia Massalina, 2008.

Há, ainda, a presença de crenças em muitas lendas na comunidade. O poço do buritizal tem uma lenda que é contada até hoje. Existia na região uma grande extensão de buritizeiros e lá tinha um poço com uma profundidade muito grande, onde nos horários de meio-dia às duas horas da tarde, o período mais quente do dia, aparecia um soldado na beira do tal poço. Dizem os antigos, que este soldado teria se encantado no período da escravidão, pois veio procurar os

escravizados que fugiam para o Cria-ú e alguém ou alguma coisa o encantou. O soldado morreu afogado e seu corpo nunca foi encontrado.

Ouvi histórias que na localidade desta terra, exatamente na região onde é chamada de “Baixo”, que fica atrás do Centro Comunitário do Cria-ú, aparecia uma mulher que por razões de não possuir cabelo era chamada de “a pelada do baixo”. Essa mulher fazia as pessoas desaparecerem através de seus encantamentos. Ela desviava as pessoas, levando-as para o fundo do rio, e depois trazia elas de volta para a superfície. As pessoas morriam rápido. Sumiam e depois apareciam boiando. O último caso que associam a essa lenda, aconteceu justamente nessa localidade. As pessoas foram tomar banho de rio, como é costume todos os fins de semana. Uma família, ao tirar uma foto percebeu uma mão no fundo do rio. Não se sabe se era a pata de um jacaré, ou se era mesmo a mão dessa entidade. A imagem foi enviada para análise, e até hoje não desvendaram o mistério dela.

“Nem tudo que se vê é para ser falado. Nem tudo que o olho vê a boca é para falar [...]”

Recordo-me desta fala intrigante dos filhos e filhas desta terra que desde sempre nos ensinavam sobre a cultura do Quilombo do Cria-ú, e que está presente na obra de Videira (2013, p.183). Essas são as histórias que me contaram. Histórias que eu ouvi, guardei em minha memória, e agora escrevo para que vocês também possam saber, e guardar em vossas memórias. O Cria-ú é um lugar de muitos saberes, tradições, conhecimento e até segredos.

3.4 PROBLEMAS DA VIDA COTIDIANA DA COMUNIDADE

A Comunidade Quilombola do Cria-ú, em seus aspectos mais extraordinários, que incluem a paisagem, os costumes, a crença, a cultura e até as relações sociais, se destaca pela beleza e a simplicidade de um lugar quase místico. Porém, o cotidiano da comunidade é muito mais do que apenas uma paisagem bonita, sendo desafiado por fatores internos e externos ao território. Viver em comunidade é um ato desafiador para a população, e existem diversas razões que contribuem para isso.

A Rodovia do Cria-ú é a principal via de ligação entre a comunidade quilombola e a cidade de Macapá. Ela inicia na rodovia BR-210, no bairro Jardim Felicidade, com o mesmo nome e vai se desfazendo na rodovia AP-070, que acaba lá no município do Itaubal, passando por vários distritos dos dois municípios. O que era para ser uma conquista para a comunidade se torna um pesadelo. Essa ligação é uma ótima rota de fuga para caminhoneiros que não querem pagar pedágio e passar pela rodoviária federal. Os caminhões e carretas imensas que passam por aqui causam muitos danos para além dos danos sonoros. Quando passam por essa

rodovia sem estrutura para elas, arrastam e arrebentem fios de alta tensão, fiação telefônica e de internet que ficam expostos a céu aberto. Essa ação gera um outro problema gigantesco, que é a falta de energia constante na comunidade. Com nossos fios derrubados, ficamos reféns da boa vontade da CEA – Equatorial de ligarem a energia novamente, e esperamos horas para que a energia seja religada. Perdemos nosso tempo e nossos afazeres com essa espera. E os caminhoneiros? Eles simplesmente seguem com suas carretas para seu destino, nos deixando com os prejuízos. E o engraçado é que quando nos manifestamos fechando a rodovia, nós é que saímos como errados por obstruir o fluxo de transportes.

Figura 32 – Carreta com trator arrebenta fio de alta tensão, deixando a comunidade sem energia.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2025

Além disso, o grande tráfego de carros incomoda muito a população que reside aqui. Ficamos receosos, principalmente nos finais de semana e feriados, onde o tráfego é maior. A grande quantidade de motos que causam um ruído ensurdecedor na rodovia, atrapalha diariamente nosso sossego. Pense em viver um dia aqui comum aqui com caminhões, carros e motos barulhentas passando o dia inteiro. É simplesmente uma loucura. E ainda mais, as gestões demoram muito para nos ouvir. Hoje a rodovia já está toda estruturada na parte urbana, com

boa iluminação, sinalização adequada, faixas elevadas e uma boa pavimentação, o que tem melhorado o tráfego de carros e nos ajudado a ter um pouco mais de sossego. Mas tudo isso aconteceu de forma tardia e mediante a muitas tentativas de diálogo e de muitos protestos na rodovia também.

Outro fator que incomoda, é o jeito que somos tratados pela sociedade civil, não enquanto comunidade, mas como território de pertencimento. Para ser bem sincera, somos tratados com imenso desprezo. Imagine que você está vindo para o Cria-ú tomar um banho em nosso majestoso rio, você vai em seu veículo com a janela aberta, sentindo a brisa leve do vento e olhando nossa belíssima paisagem, até que você é surpreendido com um odor desagradável para o nosso olfato. Pois bem, isso é as consequências do grande acúmulo de lixo que as pessoas jogam aos arredores da nossa comunidade. O descarte de resíduos na comunidade é extremamente precário e as pessoas, visitantes e até moradores, jogam tudo o que podem imaginar, desde uma simples lata de refrigerante até carcaças de animais, que além de deixarem um cheiro desagradável, também contaminam a paisagem reunindo animais da espécie dos decompositores. Uma grande dificuldade que sofremos é acerca da coleta de lixo, que dificilmente é eficiente dentro da comunidade, fazendo com que os resíduos fiquem acumulados e nos submetendo a práticas robustas de queima do material descartado.

Além disso, esse lixo pode fazer muito mais do que só deixar um cheiro desagradável, causando prejuízos severos através das queimadas. Especialmente na época de seca, em que o mato está igual palha e o sol ardente, as queimadas surgem no campo. Elas afetam diretamente nossa comunidade, pois o fogo chega em nossas roças e em nossas casas e vai destruindo tudo. As vezes o efeito disso nem é o lixo seco, e sim as próprias pessoas da comunidade, que vão para o campo passarinhar¹⁰ e acabam deixando bisnagas de cigarro pelo chão, ou então os fazendeiros que possuem criação de gado e queimam o campo para fazer pasto e acabam perdendo o controle do fogo. É uma época muito triste, principalmente para os animais que perdem seu lar e perdem o seu habitat, o que implica na invasão desses seres em nossa comunidade. Tentamos a todo custo conter as chamas do fogo, é uma corrida para pegar baldes, bacias e mangueiras para apagar o fogo antes que chegue às nossas casas. Infelizmente, essa prática se tornou recorrente na comunidade, e todo ano já esperamos a época de queimadas iniciar. As queimadas causam um impacto significativo na vida da comunidade, como pode ser observado na figura abaixo, com a liberação de poluentes no ar que causam problemas respiratórios e de saúde em geral, principalmente em idosos e crianças, na perda de recursos

¹⁰ Passarilhar: ato de observar e identificar aves em seu habitat natural. O termo é usado em nossa comunidade para a prática de caça de aves.

naturais como nossas frutas e animais silvestres, nossas plantas medicinais e as áreas de caça, além de que podem prejudicar nossas roças e a qualidade do solo.

Figura 33 – Momento de queimada no Espaço Cultural Tia Chiquinha



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2023.

Em nosso cotidiano, existe um debate contínuo sobre as relações sociais que são mantidas entre as pessoas da comunidade. Como mencionado anteriormente, a comunidade é dividida em vilas, em que cada vila possui o seu agrupamento de pessoas, e essa divisão causa um conflito interno entre os moradores, que acabam por se confrontar na tomada de decisões no que tange aos assuntos relacionados as melhorias da comunidade. Os grupos aqui são individualistas, não pensam no coletivo e acabam prejudicando a comunidade inteira. Quando um recurso é destinado para a comunidade, é muito difícil que um acordo seja selado entre as vilas da comunidade, e me dói falar sobre isso porque gera uma visão preconceituosa e generalizada da nossa população. Além disso, a política dentro da comunidade gera ainda mais discussões, não por causa de partidos ou políticos, e sim por causa de nossos gestores internos. Muitos dos que já passaram pela Associação dos Moradores do Quilombo do Cria-ú, só lutam pelas causas da comunidade quando lhes convém e quando lhes favorecem, ignorando que reger uma comunidade é lutar por todos dentro dela e pelas causas que favoreçam o território quilombola, e não lutar apenas por um determinado grupo ou movimento. Um exemplo claro,

e recente, é o caso que aconteceu com as famílias da tia Isídia e do tio Guri, simpatizantes da comunidade do Cria-ú, que moram na região da Taba Branca e que foram despejadas do local por ordem judicial devido a conflitos no processo de dominação das terras. E durante o movimento em prol dessas famílias, a gestora da época se indis pôs a realizar ações que contribuíssem para com a comunidade daquela região, alegando que não era de sua competência como presidente, devido a área do ocorrido não fazer parte do território quilombola do Cria-ú. Após movimentações negativas por parte da comunidade, hoje já acontecem ações para que a região seja reconhecida como remanescente de quilombo, por conta do peso histórico e cultural das famílias que moram ali.

Há também, muitas discussões em relação ao nosso território, pois se é comunidade remanescente de quilombo, a área pertence aos quilombolas e seus descendentes. Infelizmente, não é o que acontece hoje em dia, já que boa parte da comunidade está sendo tomada por pessoas que não tem nenhuma relação com a comunidade. Não me refiro a ex-esposas, filhos, sobrinhos ou primos de moradores, e sim pessoas externas à comunidade que estão adentrando e se instalando aqui. O rumo que estamos tomando é preocupante, porque há uma ideia que circula em nosso meio de que o Cria-ú perca sua posse, seja loteado e acabe sendo invadido. Ainda mais por conta da sua beleza e rica biodiversidade em nutrientes e matéria prima. Ressalto que esta é a minha visão, moradora da comunidade há mais de 20 anos e com sangue de pessoas que pisaram neste solo sagrado há muito tempo. Por isso, tenho domínio e consciência do escrevo nesta dissertação, pois é o que eu vivo diariamente.

4 HISTÓRICO DA FAMÍLIA BOLÃO

*No dia 13 de maio
No quebrar de uma açucena
Província quebrou a mão
Ai que deu foi muita pena*

Bandaia de Batuque de autoria de Clarindo Florentino

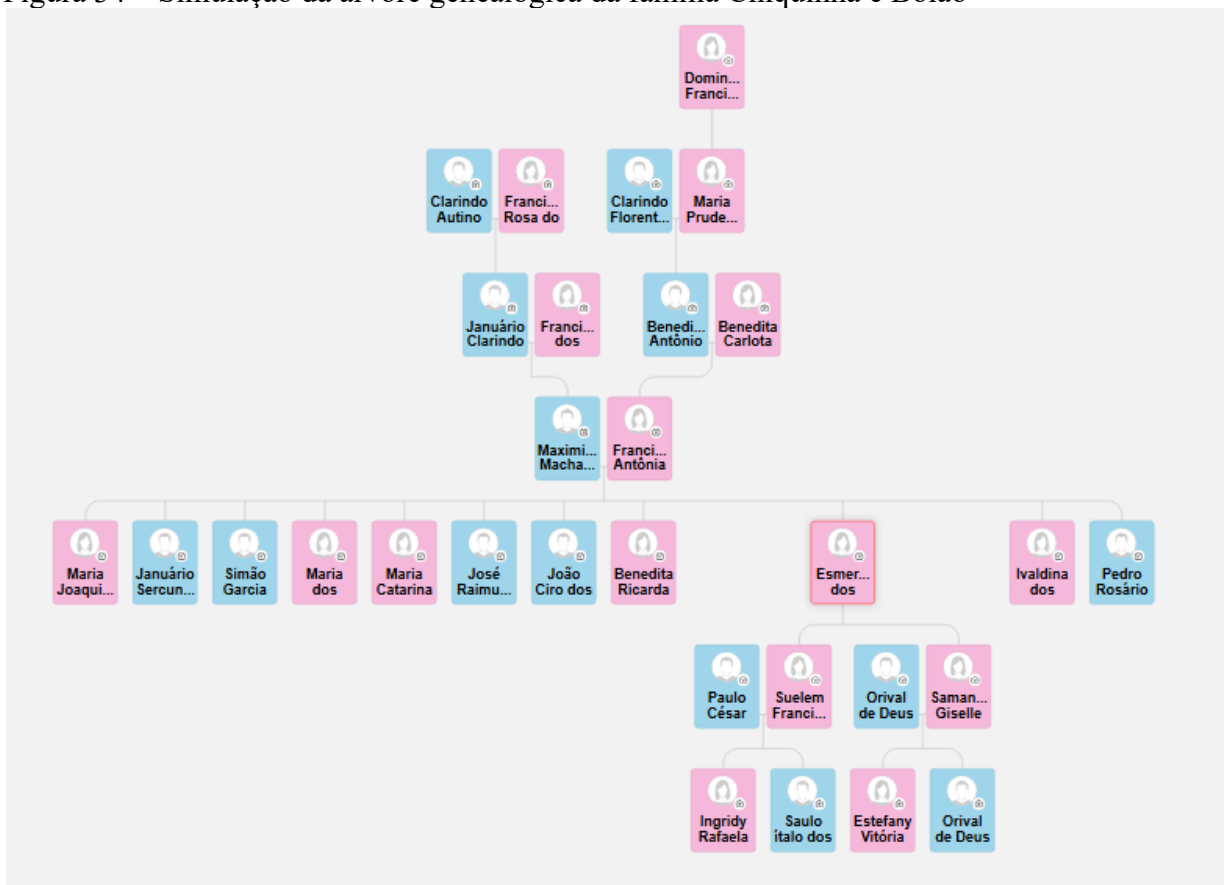
Cada família que constitui a Comunidade Quilombola do Cria-ú possui uma história diferente, que envolve o surgimento, as gerações, o cotidiano, os desafios e as suas superações. Nesta seção, busco apresentar todos esses aspectos sobre a família a qual eu pertenço, a família da Tia Chiquinha e do Mestre Bolão, ambos nascidos no Cria-ú. Escreverei um breve histórico, abordando nosso cotidiano na comunidade, entretanto, contextualizarei nosso trajeto até os dias de hoje, enfatizando que todo esse processo foi necessário para que nos tornemos cultivadores da educação cultural comunitária que é adotada no Espaço Cultural Tia Chiquinha. Os ensinamentos que a nós foi ofertado, as tradições que vivenciamos, serão pautados nesta parte da dissertação, para quando chegarmos ao ápice dela, entendermos nosso principal objetivo. E reitero, novamente a importância de conhecer e utilizar valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros na prática pedagógica na perspectiva da educação cultural, comunitária e antirracista no espaço cultural Tia Chiquinha, localizado no Quilombo do Cria-ú-Amapá.

4.1 RAÍZES E RESISTÊNCIA: ANCESTRALIDADE DA FAMÍLIA CHIQUINHA E BOLÃO

Para buscar as raízes de minha família enfatizo a vida de meu bisavô paterno, que também é meu bisavô materno, conhecido como Capitão Pedro Lazarino, mas seu nome de nascença era Clarindo Florentino. 13 de maio de 1888, Dia da Abolição da Escravatura, o dia em que os negros acordaram livres de toda a escravidão, mas será que a escravidão os deixou realmente? A abolição da escravatura no Brasil foi um processo lento, e analisando a linha cronológica da história, foi algo bem recente, tendo a Lei Áurea apenas 137 anos que foi assinada. Das leis de cunho antiescravista que antecederam a Lei Áurea, apenas quatro tiveram o resultado esperado, sendo elas a Lei Eusébio de Queirós (1850), que proibia o tráfico de escravizados a partir daquele ano; a Lei do Ventre Livre (1871), que abolia a escravidão de crianças nascidas a partir daquele ano, embora seja uma lei controversa, pois as crianças mesmo não sendo mais escravas, continuavam reféns da escravidão e sendo obrigadas a trabalhar nas

fazendas para compensar os donos pela “estadia”, já que a lei não contemplava as mães das crianças; a Lei dos Sexagenários (1885), que abonava a escravidão para quem possuía +60 anos, embora poucos conseguiram esse feito já que a expectativa de vida para os negros era baixa. E enfim, chegamos a Lei Áurea (1888), assinada pela Princesa Isabel, que abonava a modelo escravista no Brasil. Naquele mesmo dia, nascia do ventre de sua mãe, Benedita Carlota do Rosário, conhecida como “mãe velha”, minha avó. Ela sempre nos dizia: “Meus filhos, foi uma luta muito triste o que meus pais e meus avós passaram. Tudo o que possuíam de valor, tinham que enterrar. Negro tinha que ser pobre, negro era só sofrimento e dor”. As palavras de minha avó Benedita confirmam que os negros, mesmo depois de estarem libertos, ainda sofriam com a falta de cidadania, sendo tratados como inferiores e sem poder acessar a serviços como a educação e a saúde.

Figura 34 – Simulação da árvore genealógica da família Chiquinha e Bolão



Fonte: Elaborado pela autora, 2025

A árvore genealógica da família começa com a parente mais distante encontrada em nossos registros, a Sra. Domingas Francisca do Espírito Santo, mãe de Maria Prudência Ramos e avó de Benedito Antônio Ramos. Minha avó, Benedita, teve 4 filhos, 2 homens e 2 mulheres, sendo eles Marinho Ramos (Tio Arin), Raimundo Tavares Ramos (Tio Saramba), Francisca

Antônia Ramos (Tia Chiquinha) e Joana Ramos. Já meu avô, Januário, nascido dia 10 de julho de 1884, teve 8 filhos, sendo 6 homens e 2 mulheres, são eles, todos residiam na mesma casa. Na árvore, não há informações sobre os pais de Benedita Carlota, pois são os mesmo de Januário Clarindo, já que os dois eram irmãos. Antigamente, era comum e cultural que em comunidades pequenas, parentes próximos se juntassem em matrimônio para aumentar a população da comunidade. Meus pais, Maximiano Machado dos Santos (Tio Bolão) tendo 18 anos e Francisca Ramos dos Santos (Tia Chiquinha) com 13 anos, casaram-se, e juntos constituíram uma numerosa família composta por 11 filhos e ainda criaram 5 netos. Em ordem de nascimentos, eles tiveram a Joaquina (*In memoriam*), Januário, Catarina (*In memoriam*), Simão Garcia (*In memoriam*), José Raimundo (*In memoriam*), João Ciro, Benedita Ricarda, Maria (*In memoriam*), Esmeraldina, Ivaldina (*In memoriam*) e Pedro Rosário. Desses citados, apenas 5 estão vivos.

Nos anos iniciais da constituição da família, bem antes de eu nascer, minha mãe Chiquinha e meu pai Bolão, tiveram de construir sua própria casa para criar sua família, e por isso deixaram a casa grande de Vovô Januário e passaram a morar no Cria-ú de baixo. Meu pai trabalhava como domador de cavalos da Dona Sara, da família dos Banhas, e em um momento de seu trabalho sofreu uma queda, que ocasionou na fratura de seu pé, a família se mudou para o Cria-ú de fora, perto da igreja de São Joaquim, pois a maioria de seus irmãos já tinham residências naquela região e assim poderiam ajudar a cuidar de meu pai que estava com o pé fraturado. Na década de 1943, após a criação do ex-Território Federal do Amapá, meu pai, o Tio Bolão, foi convocado para trabalhar na Prefeitura Municipal de Macapá, em um projeto com o objetivo de abrir/construir o canal na frente da cidade, onde hoje é o Trapiche Eliezer Levy, para a chegada de navios e principalmente o navio que trazia os restos mortais de Joaquim Caetano da Silva, que foi um importante pesquisador, geógrafo e diplomata reconhecido por sua obra “L’Oyapoc et L’Amazone” que serviu como base para as teses argumentativas do jurista Barão do Rio Branco quando saiu em defesa do território do Brasil no histórico Laudo Suíço de 1900. Pelas suas contribuições, o pesquisador foi reconhecido no estado tendo seu nome em uns dos mais importantes museus da história do Amapá, o Museu Joaquim Caetano da Silva, localizado no centro da cidade de Macapá.

Naquele período, minha mãe, “Tia Chiquinha”, ficou conosco na comunidade, enquanto meu pai continuava a trabalhar na prefeitura em outras obras. Porém, os filhos começaram a crescer e ela não dando mais conta da responsabilidade, tomou a decisão de deixar a comunidade e seguir para junto do marido com as crianças. Ao chegar na região urbana da cidade fez diversos tipos de trabalhos, como na roça, lavando roupas, para ajudar nas despesas

da família, pois apenas o salário que meu pai recebia não era suficiente para sustentar todos os filhos. Primeiramente, meus pais se situaram no bairro Jacareacanga, atualmente bairro Jesus de Nazaré, e lá existiam três casas no início, a nossa, a de seu Fulano e a de Vovó Chica. Precisamos nos mudar de lá, pois ainda não era muito povoado e era cheio de matos e lagos, um lugar propício para a mediunidade atuar. Não detalharei sobre o que vivenciávamos, mas sofriamos muito. Depois a família se mudou e tivemos muitos prejuízos na mudança, nossa casa era muito grande e era feita com madeira nobre e por isso perdemos muitos desses materiais. Passamos a morar no bairro do Laguinho, na Rua General Rondon, e lá minha mãe trabalhou incansavelmente dia após dia, sendo empregada doméstica, cozinheira de restaurante, até que veio a sua aposentadoria. Já meu pai, continuou trabalhando na prefeitura, onde se aposentou e passou a se dedicar apenas a sua vida tradicional. Ainda no Laguinho, faleceu no dia 22 de setembro de 1998, sem poder ter a oportunidade de voltar a morar e descansar em seu território natal. Após a morte de Bolão, Chiquinha decidiu voltar para o Quilombo do Cria-ú, onde atuou fortemente em prol da cultura do nosso povo, construiu a maloca, honrou sua devoção a Santo Expedito, presenteando-o com uma Igreja, e foi onde viveu até o seu último dia de vida, quando descansou com seus 94 anos, deixando um legado de força e resistência para sua grande família e comunidade. Nos educou culturalmente com os saberes ancestrais de nossa comunidade para que pudéssemos honrar cada vez mais esta herança, que vale muito mais do que qualquer valor estimável, como suas bandaias e ladrões de marabaixo tirados a partir de um simples olhar que só nossos anciãos possuíam.

*Eu me pus a coar sereno
 Numa noite de luar
 Eu vou cantar um ladrão
 É do bicho tamanduá*

*Oh credo, eu te desconjuro
 Olha o bicho tamanduá
 Oh credo, eu te desconjuro
 Ele está roendo é tucumã*

*Passei a mão na galhada
 Para surrar o tamanduá
 Compadre não faça isso
 Que esse bichou já vai passar*

*Oh credo, eu te desconjuro
 Olha o bicho tamanduá
 Oh credo, eu te desconjuro
 Ele está roendo é tucumã*

Ladrão de Marabaixo de autoria de Francisca Ramos dos Santos

Figura 35 – Bolão e Chiquinha com suas netas e tataranetas



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 1998.

Aqui está uma foto do Bolão e da Chiquinha ao receberem uma visita de suas tataranetas em um domingo de manhã. Estão na imagem, seguindo a ordem da esquerda para a direita estão: Juliana (filha de Paulo Sidney), Maximiano (Tio Bolão), em pé está Carliane (filha do Pedro), Carlienny (filha do Pedro), Paula Cibeles (filha de Paulo Sidney), Francisca (tia Chiquinha) e no seu colo Lorena (filha de Paulo Sidney) e no canto esquerdo está a Samanda (minha filha mais nova). Apesar de toda a família conviver na zona urbana, Chiquinha e Bolão nunca deixaram suas raízes, e faziam questão de que todos os filhos e netos vivessem e celebrassem a nossa cultura.

Meu pai Bolão, era um homem muito sábio, gostava muito de sua cultura e era muito bom com os instrumentos. Tocava caixa de Marabaixo, tambores de Batuque, mas seu forte mesmo eram os pandeiros, que tocava como ninguém. Na frente do Marabaixo, vinha nos cortejos jogando carioca, era assim que chamavam a capoeira antigamente. Além disso, foi ritmista da Associação Universidade de Samba Boêmios do Laguinho, aonde foi marcador de surdo por muitos anos. A bateria da universidade sempre inovava em suas apresentações, e os ritmistas tinham o costume de se jogar no chão e ao se levantarem gritavam “BO-Ê-MIOS!!!”. Meu pai era um homem grande, bem barrigudo, e por isso sempre ficávamos com receio dele quando ia fazer essa manobra, porém ele era um homem muito astuto, tinha muita energia. Seu amor pela tradição permitiu que nós nos apaixonássemos também, era Folião da Folia de São

Joaquim, ocupando o posto de porta bandeira, que lhe foi herdando de seu sogro. Quando teve que se mudar para o centro da cidade, passou a bandeira para seu sobrinho Roldão Amâncio da Silva, que continua à frente da bandeira até os dias de hoje. Minha mãe Chiquinha era uma mulher muito talentosa, boa com as palavras, com as ervas, com a dança, e nas horas vagas também compunha ladrões de Marabaixo e Bandaias de batuque, mesmo não sendo escolarizada ela compunha as músicas e as fixavam primeiro em sua memória depois, nós filhos, escrevíamos no papel. Sua presença era marcante nas noites e rodas das festas na comunidade, louvando os santos de sua devoção. Um legado que estamos lutando para manter e se perpetuar junto aos familiares e a comunidade. Pensamos sempre nela nos festejos, na sua história, na sua fé, sua perseverança e ancestralidade. Somos um povo que canta até na hora da morte, como fez minha mãe dona Chiquinha, e tenho certeza de que continuaremos o seu legado. Nos últimos dias de sua vida, ainda se encontrava a falar e ainda estando com o dom das composições, expressou seu último lamento cantando:

*Ê, Ê, Ê Senhor
Ê, Ê, Ê Senhor
Chora murandendê, ô Senhor
Chora murandendê, ô Senhor*

*Chora Maria do Rosário
Chora Maria do Rosário
É mãe de nosso Senhor
É mãe de nosso Senhor*

*Sete estrela voa alto
Sete estrela voa alto
Mais alto vai ao luar
Mais alto vai ao luar*

*Lá no céu tem um farol
Lá no céu tem um farol
Que ilumina noite e dia
Que ilumina noite e dia, Senhor*

*Ilumina lá no céu
Ilumina lá no céu
No rosário de Maria
No rosário de Maria, Senhor*

*Despedida, despedida
Despedida, despedida
Despedia da aurora
Despedida da aurora, Senhor*

*Aqui se despede o cravo
Aqui se despede o cravo
Quando sai do pé da flor
Quando sai do pé da flor, Senhor*

Bandaia de Batuque de autoria de Tia Chiquinha

Minha mãe sempre dizia que achava que os mais velhos sabiam o dia de sua partida. Eu tive essa impressão no dia da morte da minha mãe tia Chiquinha, quando ela cantou pela última vez essa Bandaia de Batuque, antes da sua partida para junto do pai celestial, deixando essa terra e mostrando a presença de Deus em sua vida. Foram tantos momentos bons, guardo em minhas memórias as viagens ela fez com seu grupo “Raízes do Bolão”, que até para outros países fora do Brasil teve a oportunidade mostrar nossa cultura. Ela foi de uma grande importância para todos que a conheceram.

Figura 36 – Imagem de Tia Chiquinha



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2011.

A família Chiquinha e Bolão, não teve muitas oportunidades de estudar, frequentar a escola, se escolarizar. No entanto, foram mestres da vida, mesmo diante de toda dificuldade que negros no Brasil atravessam, conseguiram de uma certa forma, romper com o silenciamento e através de uma educação cultural comunitária iniciaram um movimento cultural no Curiaú, que muito tem colaborado com a valorização e fortalecimento da identidade desse povo. Bolão, servidor público e Chiquinha, dona de casa, foram a representação de força e resistência, tornando-se mestre e mestra da cultura popular pelo imenso engajamento que produziram durante o tempo de vida. Sempre preocupados com a melhoria da comunidade, não mediam esforços na busca por meios para melhorar a vivência do seu povo. A forte atuação no contexto

cultural deixou marcas profundas neste território, fizeram escola e juntos com seus amigos e familiares foram essenciais na amplificação do legado social e cultural do quilombo do Curiaú.

Tia Chiquinha, especialmente, foi uma mulher à frente de seu tempo, incansável em construir pontes, laços e estratégias para manter a cultura do seu povo. Uma mulher determinada, que não media esforços para realizar seus sonhos, sendo um dos principais a construção do Espaço cultural da Tia Chiquinha, deixando sua marca viva nessa terra e, nesse sentido, a família Chiquinha e Bolão representa a continuidade da luta e resistência dos quilombolas, pois eles foram exemplos de como a identidade e a cultura são preservadas através de gerações. Eles tinham consciência da importância da manutenção da nossa história familiar, e de nossas origens. Ao se estabelecerem no Cria-ú contribuíram bastante para a formação da comunidade, ajudando a enriquecer a cultura do nosso povo.

Eles valorizavam os ancestrais que atravessaram o oceano, na condição de pessoas escravizadas, mesmo diante dessa situação de violência, trouxeram na memória e na alma a sua cultura e tradição, repassando para a próxima geração, garantindo esses conhecimentos, modos de vida e rituais, que hoje refletem a história do povo negro e quilombola do Estado do Amapá. Apesar do sofrimento e dor que rondaram a vida dos meus ancestrais e a minha também, hoje reflito sobre tudo isso, muitas memórias vêm em minha mente, lembranças de um passado não tão distante, especialmente da minha mãe e minha vó. Hoje, entendo que as lutas que travaram, me ensinaram o valor da família, de viver em coletividade e sobretudo, de ser força, resistência para melhorar minha vida e do meu quilombo, e, especialmente, dar continuidade a todo legado produzido e deixado por eles sobre nosso povo, nossos saberes, modos de vida e práticas religiosas e artísticas.

4.2 FORÇA, TRABALHO E SUPERAÇÃO: OS DESAFIOS ENFRENTADOS NA PARTIDA AO LAGUINHO AO REGRESSO AO CRIA-Ú

Abordar sobre os desafios da família é muito importante para compreender algumas ações que praticamos na atualidade. Para esta parte desta seção, precisarei exercitar minha memória para recorda-me dos momentos durante o período em que vivemos no bairro do Laguinho. Falar sobre essas barreiras, permite-nos enriquecer nosso legado de resistência e de sobrevivência durante a caminhada até a consolidação da família enquanto defensora da cultura quilombola do Cria-ú. A família Chiquinha-Bolão cresceu em um período em que, mesmo depois da Abolição da Escravatura, com a assinatura da Lei Áurea, a população negra era condicionada a viver na qualidade de subalternidade. Os estudos de Barros (2020), que reúnem

reflexões sobre a subalternização do negro nos anos pós-abolição e as políticas de Estado que impediam a inserção desse grupo social no mercado de trabalho, apontam que:

[...]no processo da formação sócio-histórica do Brasil a escravização do negro e a produção de capital por meio do tráfico desses escravizados foi fundamental na consolidação do capitalismo em território europeu. Já no Brasil, com o fim da escravização e durante as primeiras ações de inserção do modelo capitalista no país ao longo da República Velha, o racismo teve expressão na criação de legislações que criminalizavam as práticas dos negros, além de sua não inserção no mercado de trabalho. Podemos considerar que esses foram os dois grandes pilares da prática institucional do racismo naquele período, e que resultaram na não reparação histórica com a população negra que saiu da escravização sem nenhuma medida compensatória. Isso reflete que os governantes que atuaram no processo da abolição tinham como principal objetivo atender os interesses das potências internacionais no que tange as pressões pelo fim da exploração de mão de obra escravizada, além de não terem qualquer compromisso com a causa da população negra, conforme temos constatado ao longo de nossa reflexão. É importante dar destaque a essa abolição feita pela elite, pois da forma que foi feita significou relegar ao negro a subalternidade histórica, pois lhes deixou impresso, no aspecto social, as marcas de mais de trezentos anos de expropriação e vilipêndio. Dos negros foram retirados todos os direitos por meio da escravidão e ao findar o trabalho forçado não lhes foi assegurado nenhum direito e isso não poderia significar menos do que manter aquela população nos lugares mais subalternos da sociedade (L. P. Barros, 2020, p.682-683).

A afirmação mencionada acima, esclarece que após a abolição da escravidão no Brasil, as instituições brasileiras buscaram criar mecanismos para marginalizar e segregar a população negra, excluindo seus direitos como indivíduos em sociedade e condicionando o negro a viver como subalternizado. A persistência do racismo na sociedade brasileira pode ser compreendida como resultado direto da manutenção dos mecanismos ideológicos e estruturais de dominação herdados do período escravista. A transição do trabalho escravo para o trabalho livre não implicou uma transformação significativa na estrutura social; ao contrário, os aparelhos ideológicos que sustentavam a escravidão foram preservados e adaptados às novas condições, perpetuando um pensamento racista que molda até hoje as relações sociais e políticas. Esse legado autoritário se manifesta especialmente na forma como pensadores e instituições abordam a questão racial, muitas vezes reproduzindo visões hierarquizantes e excludentes. Nesse contexto, a tese do racismo institucional ganha força ao demonstrar que a desigualdade racial não decorre apenas de ações isoladas de indivíduos racistas, mas está entranhada nas próprias instituições sociais. Estas, hegemônicas por grupos racialmente privilegiados, operam com mecanismos que reproduzem e legitimam a exclusão dos negros, impondo interesses políticos e econômicos que mantêm a hierarquia racial. Assim, o racismo institucional é a continuidade moderna dos dispositivos ideológicos da escravidão, agora travestidos de normas, práticas e discursos institucionais que naturalizam a desigualdade. (C. Moura, 1988, p.23 & S. Almeida, 2019, p.27)

As dificuldades sempre existiam para o povo negro. A elite brasileira através do exército, depois do período escravocrata, convocava diversos ex-escravizados para lutarem nas guerras em que o Brasil participava. Durante a Segunda Guerra Mundial não foi diferente. O exército veio até o Cria-ú para convocar – sem o direito de negação – os homens que eram altos e fortes para lutarem na guerra. Quando isso ocorreu, um senhor da comunidade, com medo de ser convocado pediu a saia da irmã para se passar por mulher. A irmã logo retrucou afirmando “mas eu só tenho essa”. Meu tio, irmão de minha mãe, Marinho Ramos dos Santos – Tio Arin, também foi convocado, entretanto não chegou a lutar na guerra, pois quando chegou em Belém a guerra já tinha acabado. Naquela época, existia um cidadão que perseguia todos da comunidade, e justo no período da convocação, as pessoas faziam promessas pedindo aos santos que os soldados levassem este homem. Elas afirmavam:

- Que ele leve o fim que a fumaça levou.

O homem foi convocado e nunca mais voltou da guerra. Não se sabe se ele fugiu, se morreu em uma emboscada, só se sabe que ele levou mesmo o fim que a fumaça levou. E o que é o fim que a fumaça levou? Quando colocamos fogo, a fumaça se espalha pelo ar, e vai embora, não volta mais. Esse é o fim dela. O mesmo fim desejado ao homem que atormentava a comunidade. Essas são as histórias de minha comunidade, que são reconhecidas e merecem ser escritas, registradas para a valorização deste território a qual vos falo. Nossas tradições orais jamais deixarão de existir, cabendo aos mais velhos contar as histórias, os saberes, e as tradições, e ficando aos mais novos a responsabilidade de ouvir, olhar e compreender cada palavra e ação.

Todo esse processo de contextualização é necessário para entender que a família de Chiquinha e Bolão, desde o período em que vivia no Cria-ú, teve que ter sua vida privada de privilégios, devido ao sistema escravista que perdurou por muitos anos – e ainda perdura atualmente – após a abolição da escravidão no Brasil. Trabalhar era nossa única opção. Trabalhar para sobreviver. Trabalhar para nos manter diante de um sistema que tentava nos calar, nos oprimir, e extinguir nossos valores. E esses trabalhos? Eram dos mais simples possíveis, mas nos ajudavam a (sobre)viver. Desde cedo meus pais tiveram que trabalhar, pois não tiveram a oportunidade de frequentar a escola. Seus saberes foram adquiridos de forma empírica, através da formação comunitária do Quilombo do Cria-ú que preserva seus conhecimentos através das oralidades.

Meu pai e minha mãe moravam na casa grande de vovô Januário. Lá moravam todos os seus filhos e foi onde nasceram muitos de seus netos. Dos filhos de Francisca e Maximiano, nasceram na casa grande a Joaquina, o Januário e o Simão Garcia, os filhos mais velhos. Com

o nascimento dos netos, a casa que era grande começou a ficar pequena, e com isso foi necessário que a família se mudasse para sua própria casa, que ficava no Cria-ú de baixo, ao lado da casa da Tia Venina, irmã de meu pai Maximiano. Lá tiveram mais três filhos, a Maria, a Catarina e o José Raimundo. Quando meu pai sofreu o acidente de cavalo, a família se mudou para o Cria-ú de Fora, onde os irmãos de meu pai já residiam. Lá nasceram mais dois filhos, João Ciro e Benedita Ricarda. Nenhum filho nasceu na maternidade, todos foram através das mãos de parteiras e curiosas.

A vida não foi fácil durante esses períodos de mudança. Como mencionado anteriormente, meu pai foi funcionário da prefeitura. Na época não existia concurso público, era através de convocação. Meu pai foi convidado pelo governador do Amapá, Janary Nunes, para trabalhar na construção do Trapiche Eliezer Levy e depois ficou a serviço da Prefeitura Municipal de Macapá. Minha mãe ficou no Cria-ú, cuidando dos filhos. Durante esse período, Chiquinha também trabalhava na sua roça, capinando, arando, plantando e tirando sua colheita.

Dia após dia. Trabalhando sol a sol. Apenas com a ajuda dos filhos mais velhos. Com isso, percebeu que sozinha não daria conta de cuidar de tantos filhos e ainda ter que trabalhar para o sustento da casa. Naquela época, a roça era um dos principais meios de sobrevivência. Tudo o que se plantava, era colhido para a nossa subsistência. Foi então que ela tomou a decisão de se juntar ao meu pai, se deslocando para o centro da cidade com seus nove filhos. A mobília da casa era pouca, levaram tudo em suas trouxas. Em uma carroça de burro, embarcaram rumo ao centro da cidade de Macapá, inicialmente para o bairro do Laguinho, pois era onde moravam alguns membros da família de Chiquinha e Bolão. Lá nasceram os demais filhos dos dois, Esmeraldina, Ivaldina e Pedro. Todos nasceram na casa de vovó Chica, mãe do Bolão.

Já no laguinho, o trabalho não acabou. A dedicação pela roça continuava, porém, agora o serviço ia ser mais difícil. Apesar de morar no bairro do Laguinho, as roças do pessoal ficavam no campo da bacaba, entre o Cria-ú e o bairro do Novo Horizonte. Lá era um lugar próximo a lagoas, onde tinha uma terra propícia para a plantação de mandioca, macaxeira e outros frutos.

Os filhos puderam estudar ao menos o ensino escolar básico, como foi o caso dos filhos mais velhos que estudaram no Cria-ú, na Escola Quilombola José Bonifácio. Uns conseguiram se formar no ensino de 2º grau, como o Pedro que estudou no GM – Ginásio de Macapá, atual Antônio Cordeiro Pontes, podendo apenas a Benedita se formar no 3º grau, no IETA – Instituto Educacional do Território do Amapá, conquistando o diploma do Curso de Habilitação Específica para o Magistério. O processo de paralisação dos estudos para alguns dos filhos se deu pela necessidade de contribuir para com o sustento da casa onde morávamos. Tivemos de ajudar na roça da família, ou então, trabalhar em casas de famílias com grande renome para que

não passássemos nenhuma necessidade. Mesmo assim, muitas vezes tivemos que lutar contra muitos desafios. Recordo-me das palavras de Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2014, p.32), que diz: “e assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual – a fome!”. Lembro-me das vezes tivemos que dormir sem ter o que comer. Ou então das vezes em que minha mãe e minha avó iam atrás de muçujá para fazer aquele mingau com banana ou com arroz, para que não passássemos a noite com fome. E assim era a vida de nossa família em tempos difíceis, tempos que nos ensinaram a sermos persistentes, resilientes e não nos conformar com as dificuldades que surgiam. Foram tempos que nos fortaleceram e nos ensinaram a buscar uma vida melhor.

4.3 PRÁTICAS DE CURA ATRAVÉS DAS PLANTAS E ERVAS MEDICINAIS

Falar de Chiquinha, é falar de sabedoria. Minha mãe, Francisca, tinha um conhecimento diversificado sobre os saberes do Cria-ú. Detinha saberes sobre diversas práticas de cura utilizando as plantas e ervas medicinais. Usava de todos os seus saberes para nos tratar quando estávamos doentes, ou então com algum machucado. Esses são saberes que nos foram passados pelos nossos ancestrais e que hoje são raramente utilizados, devido as diversas tecnologias na manipulação de remédios industriais. Além de minha mãe, outras grandes mulheres também detinham dos saberes das práticas de cura das plantas e ervas medicinais. Tais como a

Dentre as principais plantas e ervas medicinais que se utiliza (ou utilizava) para as curas dentro da comunidade, temos a Alfavaca, a Erva-cidreira, o Grelo da goiaba, Raízes de açazeiro, o Capim santo, a Fava de Jucá, o Boldo, a Folha de laranjeira, a Casca de laranja, o Limão galego, a Laranja da terra, a Alfazema, o Alecrim, a Veronica, o Barbatimão, o Quebra pedra, a Folha do abacate, Folha de imbaúba, Manjerição, o Pariri, o Hortelã, a Cana ficha, a Folha do pirarucu e a Folha do algodão. Essas são as plantas, ervas e frutos utilizados na medicina da floresta que contribuem para as curas da natureza.

Das aplicações de cada uma destas ervas e plantas medicinais, encontram-se em destaque na tabela abaixo:

Quadro 2: Plantas e ervas da medicina popular quilombola

Planta ou Erva	Para que serve?	Modo de uso
Alfavaca	Utilizada para a retirada de gases do intestino e serve,	Hortaliças

	também, para o preparo de caldos e temperos.	
Erva-cidreira	Utilizada para diminuir a pressão alta, e antigamente, utilizada para lavagem do intestino.	Chás
Grelo da Goiaba	Utilizado na regulação do ciclo intestinal.	Chás
Raízes de açaizeiro	Utilizadas para o tratamento de indivíduos que possuem Ameba.	Chás
Capim Santo	Utilizado para o tratamento de infecções, inflamações.	Chás
Fava de Jucá	Utilizada em batidas ou cachaças para o tratamento de gastrite.	Garrafadas
Boldo	Utilizado para o tratamento de problemas no estômago e no fígado.	Chás
Flor de laranjeira	Utilizadas para o tratamento de pessoas que tem palpitação (problema no coração).	Chás
Casca da laranja	Utilizadas, também, para problemas do coração.	Chás
Limão galego	Utilizado no preparo de banhos para alívio de dor de cabeça	Banhos
Laranja da terra + sal amargo + sol e sereno	Utilizadas para mulheres gestantes com abomina.	Remédio
Alfazema	Utilizadas no tratamento de problemas intestinais.	Chás

Alecrim	Utilizado como chás e banhos para o alívio de cólicas em crianças.	Chás e banhos.
Veronica	Utilizadas como chás anti-inflamatórios da saúde da mulher. Pós-parto.	Chás
Barbatimão	Utilizado como banhos de asseio para a saúde das mulheres. Pós-parto.	Banhos
Quebra pedra	Utilizado no tratamento de problemas renais.	Chás
Pião roxo	Utilizado para banhos de descarrego e proteção espiritual	Banhos
Folha da Imbaúba + Folha do abacate + Quebra pedra	Utilizados para o tratamento e regulação do colesterol.	Chás
Manjerição	Utilizados como chás para a saúde do homem, e como temperos de caldos e cozidos.	Chás e temperos
Pariri	Utilizado no tratamento de anemia.	Chás
Hortelã	Utilizado para problemas de garganta e infecções.	Chás
Hortelãzinho	Utilizados para problemas de intestino e cólicas, principalmente em crianças.	Chás
Cana ficha	Utilizada para o tratamento de anemia e inflamação nos rins.	Chás
Folha do pirarucu	Utilizadas para a inflamação do estômago e do intestino.	Chás

Folha do algodão	Utilizadas para o tratamento da tosse e liberação do catarro no peito.	Chás
------------------	--	------

Fontes: Elaborado pela autora, 2025.¹¹

A medicina tradicional deste quilombo, transmitida por meio da oralidade e fundamentada nos conhecimentos ancestrais indígenas, africanos e amazônicos, configura-se como um patrimônio cultural dinâmico, articulando saberes em práticas de cuidado profundamente conectadas ao território. Observa-se que, para o quilombo, saúde representa uma experiência holística, envolvendo corpo, comunidade, espiritualidade e natureza. Além do emprego de plantas medicinais, trata-se de um sistema de conhecimento sofisticado que demanda reconhecimento, valorização e proteção, principalmente diante das ameaças contemporâneas à biodiversidade e à memória ancestral. Nesse contexto, abordar essa prática ancestral neste estudo contribui para a valorização dos conhecimentos relativos à saúde física e espiritual utilizados por gerações anteriores. E, ainda, esta abordagem também colabora para com o reconhecimento de entidades

4.4 CULTURA VIVA: EXPRESSÕES ARTÍSTICAS E MUSICAIS DO TERRITÓRIO DA FAMÍLIA

A cultura viva está profundamente ligada à relação dos quilombolas com a terra, a natureza, e os saberes tradicionais sobre cultivos e manejos de plantas medicinais e práticas sustentáveis que são passados de gerações em gerações refletindo uma conexão íntima com o meio ambiente. As festividades locais, que podem incluir celebrações religiosas e culturais, como apresentado na seção anterior, são momentos fundamentais para a manutenção da cultura viva, essas ocasiões promovem a união da comunidade e a transmissão de tradições.

As expressões artísticas e o artesanato local representam formas significativas de manifestação da identidade cultural das comunidades quilombolas. Por meio da criação de peças artesanais, utilizando materiais disponíveis na própria região — como, argila, fibras vegetais, sementes e palhas — os quilombos preservam e transmitem saberes tradicionais de geração em geração. Os trançados, as louças, os bordados e as esculturas não apenas expressam criatividade, mas também carregam simbolismos e memórias ancestrais. Além disso, as danças tradicionais, os cantos e as apresentações teatrais funcionam como meios de contar histórias,

¹¹ Algumas informações retiradas de Silva; Nery; Lacerda, 2022. Instituto Mapinguari, p. 25-41.

celebrar rituais e manter viva a memória coletiva. Essas manifestações artísticas podem abordar temas históricos, religiosos ou cotidianos, revelando as experiências, os valores e a resistência cultural do povo quilombola Criaense diante das transformações sociais e do esquecimento histórico.

A música é um porte essencial na vida do povo do Cria-ú, os ritmos locais como o do Marabaixo e o batuque são expressões que misturam influências africanas, indígenas e portuguesas. As letras das canções muitas vezes falam sobre lutas e tristeza, as alegrias e as experiências de um povo quilombola. O uso de instrumentos tradicionais como os tambores de Batuque e as caixas de Marabaixo, é fundamental nas celebrações, a música não apenas entretém, mas também educa e mantém viva as histórias da comunidade, a importância da preservação ambiental e da memória coletiva do povo do quilombo, ao mesmo tempo em que preservar essas expressões culturais é essencial para fortalecer a identidade quilombola.

Na família Bolão e Chiquinha, esses aspectos da cultura viva estão fortemente entrelaçados no sangue dos sujeitos que compõem a família. Francisca Ramos dos Santos e Maximiano Machado dos Santos trabalharam arduamente para disseminar a cultura de seus ancestrais dentro sua família, ensinando seus filhos, netos e bisnetos, os saberes e as divindades do Quilombo do Cria-ú. Isso se percebe na determinação dos filhos em manter a cultura do território viva, através da criação do Grupo Folclórico e Cultural Raízes do Bolão. Se percebe no Pedro, ao confeccionar suas caixas de Marabaixo, pandeiros e tambores de Batuque. Se percebe no Adelson e na Benedita – Bena, que compõem os ladrões e as bandaias que refletem a vivência na comunidade. Se percebe no Benedito – Nena, Ismael, Diego e Alex que tocam as caixas, os tambores e os pandeiros de um jeito que só o Mestre Bolão poderia ensinar. Esses ensinamentos ainda perpetuam até os dias atuais. Mesmo com os dois não estando mais vivos, ambos ainda trabalham pela preservação de nossa cultura e identidade. Percebe-se essa prática na inserção de nossos mais novos à cultura quilombola, reiterando a mesma ação de meus pais que sempre defendiam o aprendizado desde criança, ao mencionarem: “deixa os moleques tocarem o tambor”. Enfatizando a prática de nos permitirem aprender por nós mesmos, além de não deixarem que corrigiam-nos falando para não se sentar no tambor ou pegar o pandeiro para tocar, mesmo que o modo estivesse, de certa forma, errado, a correção deles não existia – naquele momento – e sim, surgia no momento necessário para o aprendizado.

Enquanto morávamos no Laguinho, Francisca e Maximiano continuaram perpetuando sua cultura do Quilombo do Cria-ú. Nossa devoção não se cessou, mas foi fortalecida. A família do Sr. Januário Clarindo recebia o salão da sede de São Joaquim do Sr. Chico Marinho para realizar o Batuque, pois era a Família de Januário era a única que tinha herdado o dom do

Batuque do Cria-ú. Sendo assim, todos os irmãos, juntamente com meu pai, se juntavam para a realização da festa. Como meu pai era o Primeiro Porta-Bandeira da Folia de São Joaquim, recebido o posto de seu sogro, todos os seus filhos se mudavam para o Cria-ú para participar da Festividade. No primeiro dia de Folia e Ladainha, que acontece no dia 09 de agosto, as pessoas que vinham prestigiar ficavam vagas após a reza, sem ter o que fazer. Foi aí que resolveram começar a tocar o Batuque depois da ladainha e da folia. Como toda a família da Chiquinha e do Bolão se empenhava em participar da festa, com os filhos cantando, tocando e dançando, as pessoas começaram a associar este dia como sendo “o dia do Batuque de Bolão”. E aí meu pai, Maximiano, começou a ficar responsável pela abertura da Festividade de São Joaquim. A responsabilidade continuou mesmo depois de Bolão passar a posse de Primeiro Porta Bandeira para seu sobrinho, Roldão. A abertura da festividade ainda continuou sendo organizada pela minha mãe, Tia Chiquinha, depois que o Mestre Bolão faleceu, e ainda continua sendo realizada pela Família Chiquinha e Bolão, seguindo a tradição de ambos para com o fortalecimento da cultura quilombola do Cria-ú.

Figura 37 – Mestre Bolão tocando pandeiro no batuque do Cria-ú



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 1978.

Observando esta imagem, recordo-me dos tempos do Batuque do Bolão. A família toda era empenhada na execução da peça, e não que hoje isso seja diferente, mas é que naquela época

a mão de couro tinha um valor a mais, um valor mais sentimental, devoto. Comparo isso ao Marabaixo, que antigamente era tocado com lamento. O canto era mais sutil, leve e tinha um valor sentimental muito grande. A melancolia dos cantos que entoavam no salão nos permitia executar os ritmos da nossa dança tradicional, que era caracterizada pelo arrastar dos pés. Agora, o ritmo já é mais acelerado, se desvinculando do que era o Marabaixo antigamente. Percebe-se essa mudança até nos Ladrões de Marabaixo, que estão perdendo a essência de seu significado. As danças já são mais rodadas e vibrantes, diferente do que era épocas passadas. Isso ocorre pois com a modernidade do tempo, é preciso nos reinventar para nos adequarmos ao período em que estamos inseridos, entretanto, nunca devemos esquecer de nossas tradições. Devemos continuar perpetuando a cultura quilombola, do Marabaixo e do Batuque, sem que isso deixe de lado os saberes ancestrais que constituem estes movimentos artísticos e culturais que fazem parte de nossa identidade.

5 O SONHO DE UMA MENINA: DA INFÂNCIA NO LAGUINHO AO APOSENTAR NO CRIA-Ú, MINHA AUTOBIOGRAFIA.

Esta seção será uma parte desta dissertação carregada de sentimentos, pois contarei a história da minha vida. Toda a minha trajetória até o presente momento da escrita será apresentada nesta parte da dissertação. Será a minha autobiografia, a minha narrativa. Esta é dividida em quatro subseções que contribuem para a narrativa de minha história. Dentre as subseções que correspondem a esta seção abordarei sobre a minha infância, o território em que fui criada e, também, abordarei sobre as minhas relações com o meu território de fato, o Cria-ú, pois mesmo não tendo nascido neste terreno me considero parte dessa herança que meus ascendentes me deixaram. Abordarei sobre a minha trajetória educativa, tanto dos saberes adquiridos através das oralidades de meu quilombo, quanto da escola e do ensino formalizado. Além disso, também é válido mencionar sobre minha vivência cultural, a minha perspectiva acerca da cultura e tradições curiaúenses, bem como suas contribuições para com a construção de minha identidade cultural e minhas narrativas autobiográficas. Por fim, concluirem a escrita desta seção abordando os saberes de meu território quilombola, incluindo as experiências de ensino e os aprendizados ancestrais que foram repassados a mim.

O processo autobiográfico é caracterizado pelo registro dos principais acontecimentos da vida do autor que escreve, neste caso a autora. Dentre as inúmeras autobiografias que existem, principalmente as de mulheres pretas, me familiarizo com a de Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de Despejo* (1962), onde ela descreve com sua própria maneira de escrita, sobre sua vida cotidiana na favela do Canindé sendo uma catadora de lixo que lutava para sobreviver diante das grandes desigualdades persistentes nesse nosso Brasil. Seu livro é um verdadeiro ensinamento para todos nós. Por isso, reitero aqui o conceito de escrevivência, cunhado por Conceição Evaristo (2020, p.30), onde ela explica que:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais.

Portanto, utilizarei nesta seção o conceito criado por Evaristo, pois trarei minhas experiências e vivências do meu cotidiano que constituem minha trajetória de vida. Além de que a escrevivência também constitui nossa relação com a escrita.

Iniciarei a abordagem desta seção me apresentando, embora já tenha feito isso no decorrer desta dissertação, pois considero importante reiterar quem eu sou para contar a história de como cheguei até aqui. Me chamo Esmeraldina dos Santos, uma mulher preta, retinta e quilombola, nascida no bairro do laguinho no dia 11 de janeiro de 1955. Sou filha de Francisca Ramos dos Santos (*In memorian*) e de Maximiano Machado dos Santos (*In memorian*). Sou mãe de duas mulheres maravilhosas, Suelem, minha primogênita, e Samanda, minha caçula. Elas que me presentearam com lindos tesouros, meus quatro netos, Ingridy, Estefany, Saulo e Orival Neto. E agora, Deus também me permitiu a oportunidade de ser bisavó, com a chegada de Maitê Aurora. Essas são as maiores bênçãos de minha vida. Minha família.

Figura 38 – Esmeraldina dos Santos



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2024.

Ao retornar aos estudos depois de um longo tempo tendo que trabalhar para ajudar no sustento da casa, fui me consagrando uma persona importante para a cultura e literatura amapaense. Moradora do Quilombo do Cria-ú, pois estar e viver no Cria-ú foi um reencontro com minha ancestralidade africana e quilombola. Minhas raízes africanas e quilombolas vão além de um gesto de memória, simboliza um ato de resistência e especialmente de cura. É reconhecer que cada passo que dou, carrego a força de muitos passos dos que vieram antes de mim, trilhados por mãos calejadas, corpos dançantes e vozes que nunca se calaram, mesmo

diante do silêncio imposto pela violência colonial. Por muito tempo, essas raízes me foram ocultadas, distorcidas e silenciadas por uma história que tentou apagar a presença e a potência do povo negro. Mas a memória, essa guardiã ancestral, nunca se perdeu de mim. Ela estava presente em lembranças das cantigas da minha avó, nas ervas da minha mãe e nas receitas que atravessaram gerações, nos gestos de cuidado entre as mulheres da minha família e, sobretudo, nos toques de tambor do Batuque e nas caixas de Marabaixo que ecoam no meu peito sempre que os ouço.

A partir de agora, já que contei a história do meu território e da minha família nas respectivas seções 2 e 3, o foco estará enquadrado em minha vivência educativa, cultural, identitária, profissional e quilombola, passando desde os tormentos mais difíceis até as conquistas mais triunfantes.

5.1 INFÂNCIA, TERRITÓRIO E OS PRIMEIROS SABERES

Faço ecoar a minha voz para lhes dizer que nasci em território solo fértil de resistência, o bairro do Laguinho, em Macapá, foi meu primeiro território de pertença. Até onde é de meu conhecimento, o bairro do Laguinho surgiu com a chegada do primeiro governador do Amapá, quando estas terras viraram o Território Federal do Amapá. Como já abordado anteriormente, a capital amapaense no período da década de 40 era pequena e possuía pouco desenvolvimento, até que o governador Janary Gentil Nunes chegou com a ideia de modernizar e urbanizar a cidade com o intuito de que ela se desenvolvesse mais. Os conhecidos quatro cantos da cidade de Macapá representavam o perímetro urbano da capital, e eram utilizados como meio de localização pelos moradores daquela época. A população negra de Macapá, que era composta por pessoas que vinham dos interiores e por descendentes de escravizados, residia em um desses quatro cantos que podemos dizer que era o mais requisitado da capital amapaense, já que este se localizava próximo às áreas estratégicas da frente da cidade, como o Trapiche Eliezer Levy e a Igreja de São de José de Macapá. Com o objetivo de promover a urbanização, Janary Nunes realizou ações que resultaram na remoção da população residente naquela área, sem prévia notificação ou oferecimento de suporte, ocasionando o seu desalojamento. Atualmente, esse local corresponde à antiga Casa do Governador, reconhecida por ter servido de residência oficial aos governadores do estado do Amapá.

O bairro do Laguinho, antes conhecido como Campos do Laguinho, por ser uma área de campos situados em uma parte mais alagada da cidade, viria surgir como refúgio para estas famílias que estavam desabrigadas, tornando-se um lugar de pura e consistente concentração

cultural, sendo reconhecido até hoje como um dos berços da cultura amapaense. Além da falta de apoio institucional que as famílias não receberam ao serem realocadas para a região, as políticas de urbanização do governo de Janary Nunes excluía ainda mais aquele povo que era obrigado a viver na condição de marginalizado, sem direitos às tecnologias inovadoras da capital como os serviços de água e esgoto, simplesmente porque eram pretos. Isso condicionou a perpetuação das fontes primitivas utilizadas pela comunidade local, como buscar água no Poço do Mato, que se tornou característica central daquele bairro. É justamente por conta disso que existe o famoso ladrão de Marabaixo intitulado “Aonde tu vais rapaz”, de domínio popular, mas que foi escrito pelo Raimundo Ladislau e Bruno, que estes ao se encontrarem pelos caminhos da vila de Macapá, se questionaram:

- “Aonde tu vais rapaz, por esses caminhos sozinho?”

- “Vou fazer minha morada lá nos campos do Laguinho.”

Esse ladrão expressa de forma concisa a realidade vivida por esta comunidade, contando a história de como se deu esse momento de tanta tristeza, e é cantado assim:

*Aonde tu “vai” rapaz
Nesses caminhos sozinho
Eu vou fazer a minha morada
Lá nos campos do Laguinho*

*Destelhei a minha casa
Com a intenção de retelhar
Se a Santa Engrácia não fica
Como eu irei de ficar*

*Me peguei com São José
Padroeiro de Macapá
Para Janary e Coaracy
Não saírem deste lugar*

*A avenida Getúlio Vargas
“Tá” ficando que é um primor
As casas que foram feitas
É só “pra” morar doutor*

*Eu não sei o que tem o Bruno
Que anda falando só
Será possível meu Deus
Que dele não tenha dó*

*O lago do São João
Já não tem nome de santo
Hoje é reconhecido
Como Barão do Rio Branco*

(Música: Aonde tu vais rapaz. Composição: Raimundo Ladislau e Bruno)

Minha infância foi marcada pela oralidade das mais velhas, dos griôs, sendo guardada nos segredos passados, abençoada entre as rezas e as ladainhas, sendo tecida nos panos e bordados, e valorizada pelos saberes ensinados sem pressa, como conhecer a utilidade curativa de uma erva, ou ouvir os sinais do tempo, ou até mesmo como cuidar dos outros com o que se tem. Mas, ao mesmo tempo em que aprendia a viver em comunidade, sentia os duros golpes do preconceito, o olhar torto, a exclusão silenciosa, o silêncio sobre minha história nos livros da escola. E a pele retinta que carregou foi meu sinal de pertencimento e a certeza de um grande desafio em uma sociedade racista como a nossa. Portanto, ser mulher, preta, quilombola, pobre e de voz firme, mesmo muitos querendo me calar, desde cedo, me colocou em confronto com um mundo que ainda insiste em nos negar humanidade.

Figura 39 – Eu junto com meus sobrinhos, Rosivaldo e Antônio Márcia, em nossa casa no Laguinho.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 1976.

Em minha memória, ficaram marcadas as ruas do bairro do Laguinho. Lugar de gente preta, de batuque forte, de vida dura e de muita esperança. Cresci entre as casas simples, com o cheiro de peixe na brasa ou do cozidão de carne de boi, entre o som dos tambores ritmados ou entre as vozes que ecoavam da vizinhança e se misturavam às nossas risadas como se fossem todos da mesma família, criando um ambiente acolhedor no qual ficarei grata de eternizar nesses escritos. Cresci na mais pura simplicidade, ou então posso dizer, na maior dificuldade. Cresci vendo as cumbucas na cabeça das mulheres que iam pegar água no poço; ouvindo os latidos dos cachorros ao saímos de madrugada para ir à roça, e incomodá-los com o som dos tamancos na estrada de barro; cresci andarilhando com o prego embaixo das sandálias para sustentar a única que tinha; cresci na dureza da vida.

Lembro de muitos tormentos que a gente viveu. De muitas dores que a gente sentiu. Lembro de me retirar da roça ao meio do dia, pois não tinha nada que sustentasse o vazio do estômago, ou então do coqueiro de minha mãe no fundo do quintal de casa, que nos dava de sua fartura para ela fazer um delicioso mingau de arroz com coco, e então irmos dormir satisfeitos. Mas, acima de tudo, lembro do mais importante, da criação de minha mãe. Ela que nos ensinou cada passo que deveríamos dar. Ela que sempre se dedicou ao máximo em nossa criação. Que qualquer achado na rua era motivo para uma surra. Nos ensinou a não pedir nada na casa alheia, e que apenas com um olhar dela, já entendíamos o que tínhamos que fazer. Isso se chamava criação, criar todos os seus filhos pobres, mas não ia criar nenhum ladrão.

Figura 40 – Eu e minha família no pátio de nossa casa no Laguinho.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2002.

Naquelas ruas, lembro de mim. Eu, menina retinta, serelepe, curiosa, com cabelos crespíssimos, às vezes trançados pelas mãos firmes de minha mãe, na maioria das vezes com os pés descalços, correndo com outras crianças, brincando de bole-bole ou equilibrando latas d'água na cabeça, ou então ajudando nos trabalhos em casa. Minha infância foi bastante difícil, onde a pobreza fazia morada em tudo, na falta de brinquedos, nas roupas herdadas, na comida que nem sempre bastava. No entanto, apesar de tudo, havia também a fartura, expressado no afeto, nos cuidados coletivos e de saberes que não cabem em livros.

No Laguinho, aprendi cedo que o mundo lá fora me olhava com desdém, pois desde cedo sentia o racismo nos olhares desconfiados, nos insultos velados, na forma como eu era ensinada a ficar no meu canto, calada. No entanto, foi ali que aprendi a erguer a cabeça. Vi minha mãe lutar diariamente para garantir a comida e o cuidado para nossa numerosa família. Meus pais resistiram dignamente, mesmo diante da dureza da vida. Foi no Laguinho que vivi minhas primeiras dores e alegrias. Que descobri a força do meu povo, mesmo quando o mundo dizia que não valíamos nada. Foi ali que compreendi que eu era uma menina negra que cresceu cercada de ausências materiais, porém, envolvida de uma ancestralidade e espiritualidade pulsante. Hoje, ao revisitar essa infância, esse território, entendo que o que aprendi ali, me sustentou em cada luta. Onde meus primeiros saberes vieram da oralidade, da escuta, do corpo e do chão. Vieram do amor incondicional de quem, mesmo com pouco, ofereceu tudo.

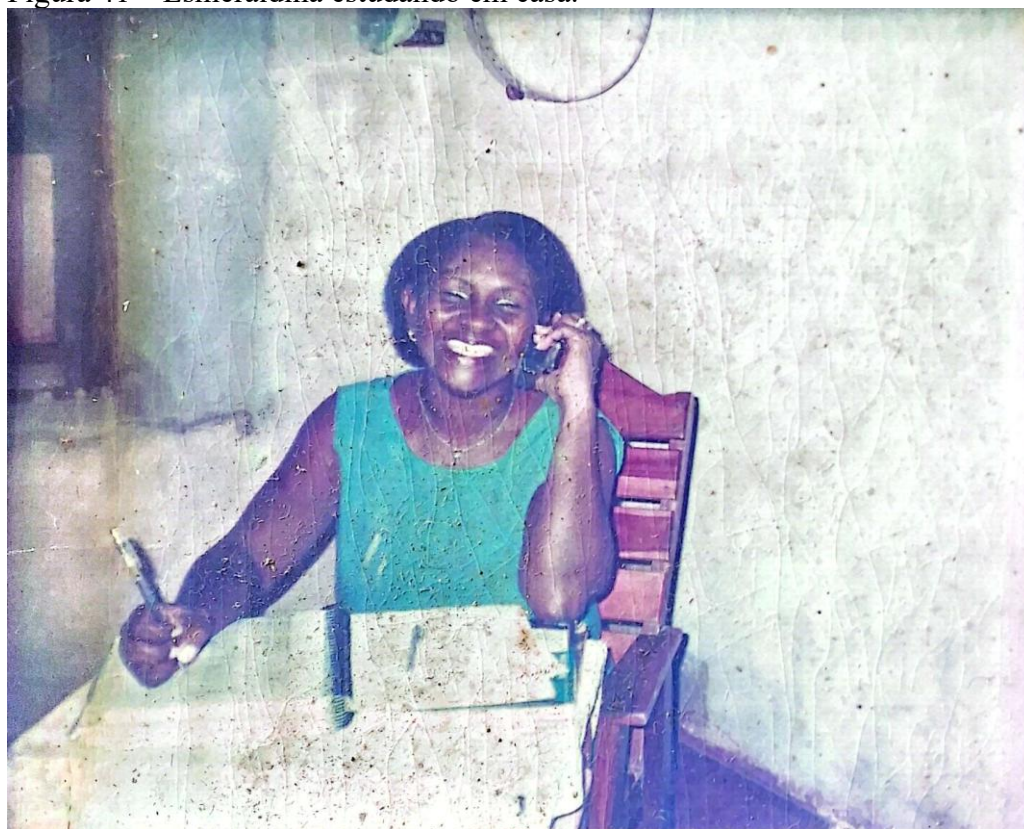
5.2 TRAJETÓRIA EDUCATIVA: ENTRE AS VIVÊNCIAS NO COTIDIANO AFRODESCENDENTE E A ESCOLA FORMAL

A educação foi meu caminho de virada, mesmo diante das pausas que fui obrigada a fazer em minha formação, nunca desisti do sonho de estudar. Como mulher negra e quilombola, enfrentei muita dificuldade, nos muros das escolas e nos portões da universidade. Considerando que as escolas e universidades não facilitam a entrada de pessoas negras, digo que entrei nesses espaços não pela porta da frente, mas pela força dos meus passos, dos meus guias ancestrais. Tornei-me pedagoga, mestranda, e me reconheci pesquisadora de mim mesma, da minha gente e da minha cultura. Durante toda a minha vida, sempre tive um grande fascínio pela educação, mas, como a realidade de muitos hoje em dia, tive que frear esse desejo para dar lugar ao trabalho de subsistência. Sustentar uma grande família era, e ainda é, muito difícil para apenas duas pessoas. Por isso, admiro muito a força de meus pais nessa grande batalha, pois não abaixaram a cabeça em nenhum momento. Entre a formalidade do ensino educacional, onde nos ensinam o valor da leitura para compreender textos, a base de todas as equações

matemáticas e até a composição do corpo humano, aprendi muito com o quilombo e com o que a família tinha a me oferecer.

Trabalhar na roça desde cedo me trouxe ensinamentos que eram passados de geração em geração, e sustentados na oralidade dos griôs das comunidades negras. Os ensinamentos sobre o tempo, que me guiam até hoje, eram necessários para saber quando tínhamos que arar a terra, plantar as sementes e mudas e colher no período certo. Quando o céu está nublado e o clima quente, é sinal que logo vai chover. Se o dia amanhece tarde, sem muitos raios solares, e anoitece cedo é indicação de que o inverno amazônico chegou. São estes os chamados conhecimentos empíricos ou populares, que atravessaram nossa linha do tempo pelas palavras dos nossos anciãos e se salvaguardaram nas memórias dos nossos povos. Contudo, meu pai sempre dizia que as palavras são levadas pelo vento e se perdem no caminho, por isso é necessário eternizar esses ensinamentos para que próximas gerações possam conhecer e entender nossos antepassados. É aí que se faz necessário a educação, e é por isso que decidi procurá-la para eternizar os ensinamentos de meus ancestrais.

Figura 41 – Esmeraldina estudando em casa.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2003.

Minha história com a escola começou cedo, estudando na Escola General Azevedo Costa e nas escolas da Paróquia de São Benedito, onde estudei até a sexta série, equivalente ao

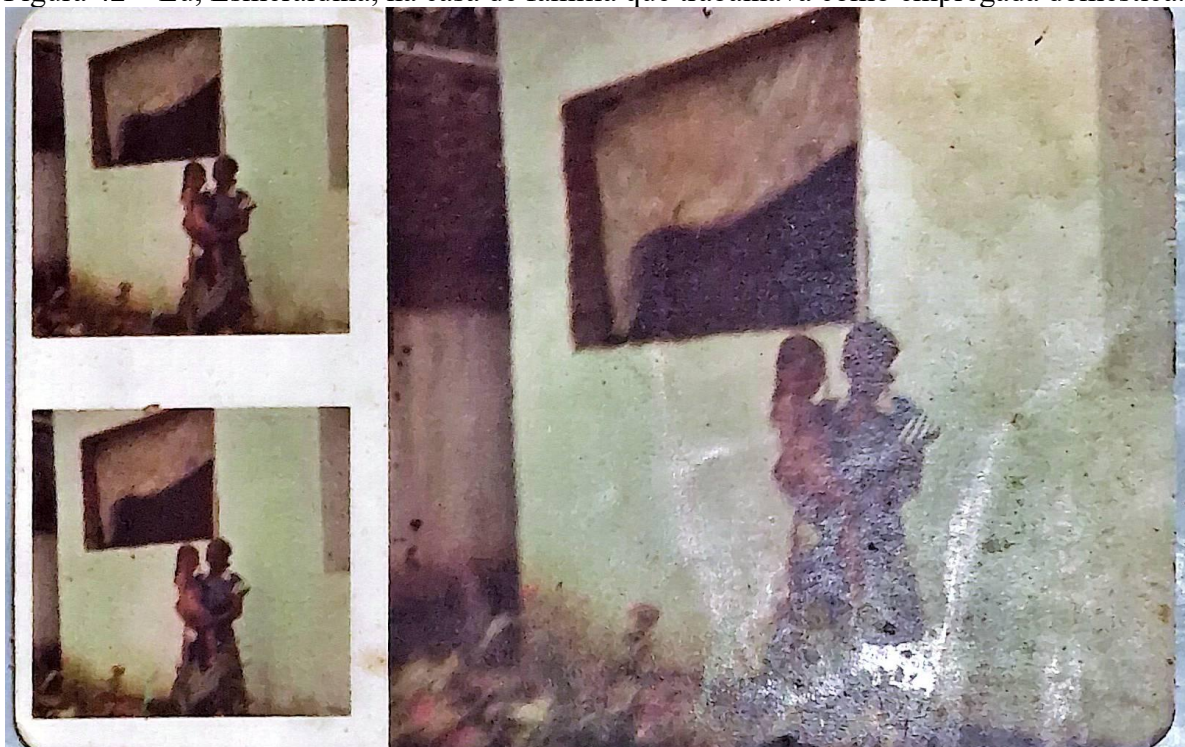
quinto ano do ensino fundamental hoje em dia. Foi quando tive que abandonar os estudos, ainda na adolescência, para trabalhar duro e ajudar no sustento da minha família. Portanto, na escola primária, aprendi a ler o mundo não só pelas palavras nos livros, mas pelas ausências, pelas exclusões e pelas dores que o racismo traz silenciosamente para o cotidiano das crianças de pele preta e retintas como eu. O racismo não veio com nome, mas com ausência, o sexismo não se anunciou, se impôs quando diziam que mulher preta só serve para trabalhar duro e nos postos de trabalhos subalternizados. A desigualdade social se fazia presente no prato, no transporte, nas filas, nas faltas e doeu muito quando tive que abandonar a escola ainda na adolescência para trabalhar duro e ajudar a sustentar a minha numerosa família. Mas, mesmo diante de tanta falta, tanta opressão eu plantava presença e esperança em dias melhores. A cada desafio, crescia em mim inquietação que logo transformei em luta e resistência.

A pobreza também se sentava ao meu lado na sala de aula, no caderno feito pela minha mãe com papel almaço, no uniforme remendado, na falta de calçados e muitas vezes no estômago vazio que acompanhava os dias de aula. Os sonhos que carregava foram, em determinado momento, interrompidos pela dura realidade da sobrevivência. Fui obrigada a abandonar os estudos para trabalhar e ajudar minha família, exercendo vários tipos de atividades subalternas, como tantas outras meninas negras que têm o futuro interrompido para sustentar os dias presentes.

Em 1980, me mudei para o município de Oiapoque para trabalhar como empregada doméstica e babá da família de Maria de Jesus Cardoso Barbosa, esposa de “Pedro Boi”, um grande fazendeiro da cidade do extremo norte amapaense. Lá, ainda tentei retornar aos estudos pelas salas de aula da Escola Joaquim Nabuco, onde trabalhavam várias professoras de Macapá, como a Profa. Maria de Jesus, Elenita, Olgarina Guilhermina da Costa, Raimundinha Congó, Sônia – esposa de Sandim, que era policial no Oiapoque – e outros que me fugiram da memória neste momento. Lá me aventurei muito, e até pude conhecer a cidade de Saint-Georges-de-l’Oyapock, na Guiana Francesa, atravessando de catraia em um sábado qualquer. Foi encantador para mim e muito surpreendente, passeamos por toda a cidade conhecendo as casas, o cotidiano e a cultura, e fiquei muito triste ao me deparar com várias mercadorias em frente das lojas que estavam fechadas. Questionei isso para o homem que nos acompanhava e, na maior naturalidade, ele disse que aquilo era comum, que ninguém roubava, e se caso acontecesse eles saberiam que era do território brasileiro, fiquei triste de saber que nosso povo era lembrado desta forma. Voltamos para nosso território, eu e o Dico, uma das crianças da família que eu cuidava. Também me permitiu descobrir a vida, conhecer pessoas e construir

amores, e com isso vivenciei uma experiência única para muitos jovens, a gestação. Em 83', conheci o pai da minha filha primogênita, que trabalhava na aeronáutica, era jovem como eu e imaturo como qualquer outro homem. Quando olho para o passado, vejo com tudo mudou, as estradas que eram longas hoje não são mais, as grandes montanhas que me assombravam hoje não existem mais. Enfrentei o medo, enfrentei os obstáculos e voltei à Macapá, já que a cidade ainda era muito pequena e não tinha recursos para seu desenvolvimento. Liguei para meu pai, e peguei a estrada. Na época, os aviões eram só do exército e da TABA – Transportes Aéreos da Bacia Amazônica, que só tinha voos semanais. Tive a morte além da vida e tive a vida além da morte, e mesmo assim não percebi que era só mais uma Carolina Maria de Jesus.

Figura 42 – Eu, Esmeraldina, na casa de família que trabalhava como empregada doméstica.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 1980.

Nas escolas da Paróquia São Benedito aprendi para além do ensino acadêmico e educacional. Lá obtive ensinamentos que estão comigo até hoje, principalmente do catecismo, além de cursos simples, como de costura, bordados, crochê, artesanatos, pintura em tecidos, flores em tecidos, entre outros. Esses cursos me ajudaram muito, pois com eles consegui tirar meu sustento por muitos anos, principalmente após abandonar o pai da minha primeira filha e voltar para Macapá. Na escola da vida, seguia tentando aprender sobre os obstáculos que apareciam em minha caminhada. Ao gerar minha segunda filha, estava certa de que trabalhar era minha única saída para sustentá-las, e que voltar a escola seria um erro diante das

dificuldades que tínhamos. Porém, mesmo com tantos obstáculos, meus pais sempre me ajudaram e sempre trabalhei duro para que nunca faltasse nada para minhas filhas, que sempre andassem bem-vestidas, que sempre tivessem as coisas para não pedir de outras pessoas e, acima de tudo, elas sempre tiveram plena consciência de nossas condições, e viviam bem com isso.

Figura 43 – Colagem com as fotos dos aniversários de minhas filhas, Suelem e Samanda.

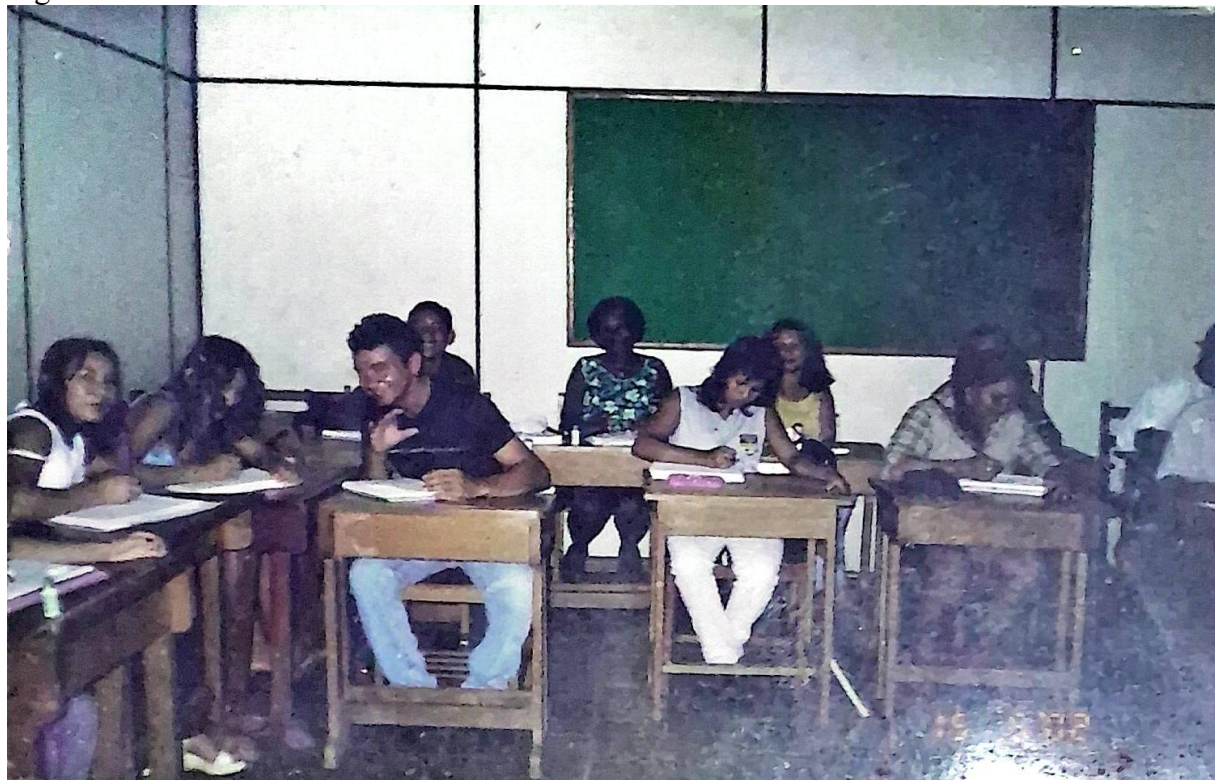


Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 1987 e 1996.

No entanto, o tempo, que tudo atravessa, também abre portas. Depois de muitos anos longe da escola, voltei e enfrentei o medo, a vergonha e os olhares de espanto por voltar a estudar depois de velha. Não me abalei, segui firme em busca dos meus sonhos. Voltei a estudar em meados de 2003, na Escola Paulo Freire, destinada a pessoas que tem o desejo de concluir os estudos, assim como eu. Porém, mais uma vez esse desejo foi interrompido, mas agora pelo medo. Durante uma das aulas, uma confusão foi gerada entre dois rapazes que ocasionou em minha fuga pela janela do prédio e um receio de voltar aos estudos. Durante determinado

período, mantive essa ideia até decidir superar o receio e retornar à sala de aula. Realizei a conclusão do ensino fundamental na Escola Municipal Jardim I, pela modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), em 2009, para fins de comprovação de escolaridade diante da ausência de documentos. Posteriormente, finalizei o ensino médio, também pela EJA, na Escola Estadual Maria do Carmo Viana dos Anjos, no ano de 2012.

Figura 44 – Esmeraldina em sala de aula na Escola Paulo Freire.

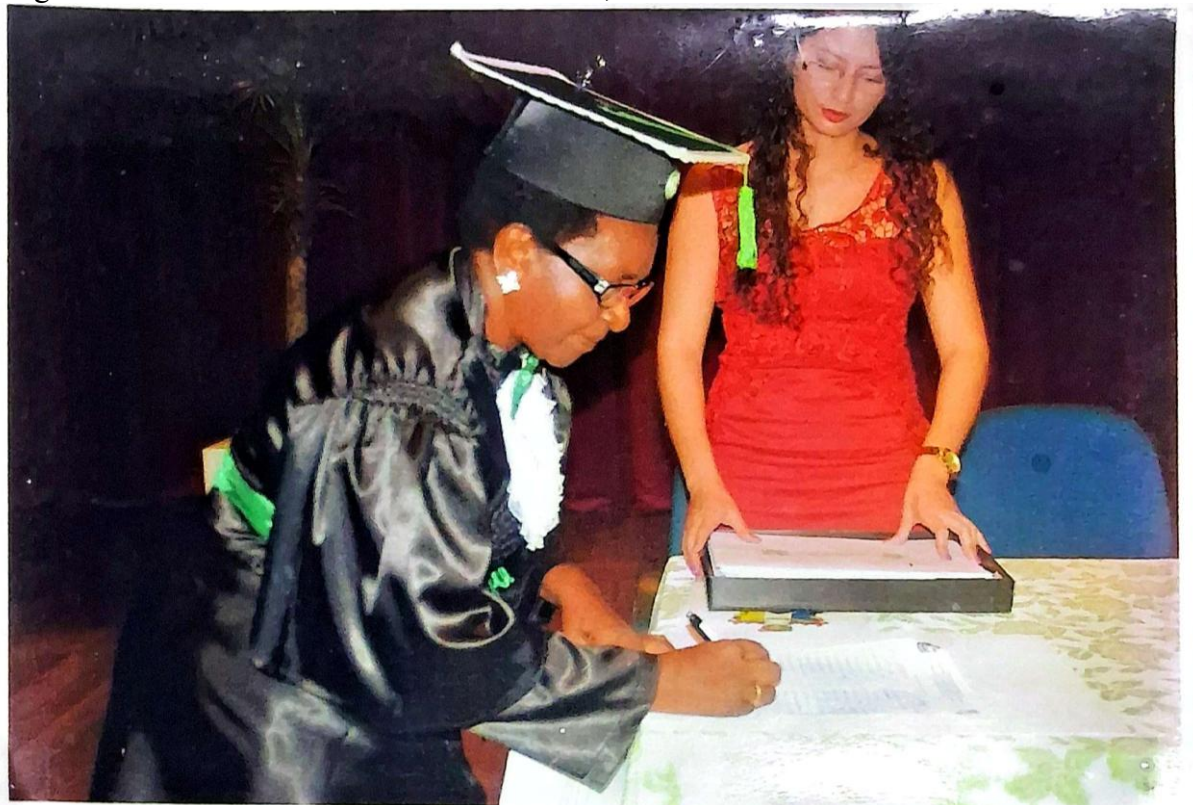


Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2003.

Após a morte de minha mãe, no ano de 2015, iniciei o curso da Universidade da Maioridade do Amapá, um projeto de extensão ofertado pela Universidade Federal do Amapá voltado para pessoas idosas, que foi um incentivo importante para mim que estava com a cabeça cheia e precisava esvaziá-la. Nesse meio termo, recebi em minha casa duas estudantes que estavam fazendo seu Trabalho de Conclusão de Curso sobre minha história de vida, que já estava se materializando como uma história de vida importante para a sociedade amapaense, elas defenderam o trabalho que, além de aprovado, também foi prestigiado na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO e me rendeu uma bolsa de estudos doada pelo dono da instituição, a Faculdade Atual, onde cursei Pedagogia e iniciei minha jornada acadêmica. Foi maravilhoso, me identifiquei com o curso de uma maneira surreal e pude voltar a sonhar. A pedagogia me tornou professora certificada e esse

conhecimento veio se somar às minhas práticas de educadora popular no meu quilombo e nas palestras, rodas de conversas que participo.

Figura 45 – Formatura do curso de maioridade, na UNIFAP.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2018.

No entanto, em meio à conclusão da minha graduação, recebi em 2018, o diagnóstico de câncer de mama, foi terrível, foi um choque, me abati, pensei muito na morte, mas depois me recompos e entendi, que precisava mais uma vez lutar com todas as forças para com a ajuda médica, vencer essa doença. E eu consegui! Hoje o câncer é só mais uma história de luta e superação em minha vida, mas isso é uma história que precisa ser aprofundada em outra parte desta seção. Em 2023, através do incentivo da minha amiga professora Wanda Borges, das minhas filhas e netos e quase septuagenária, aos 68 anos, atravessei o portão de uma universidade pública como aluna, sendo mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação da Universidade Federal do Amapá, na linha de pesquisa: Educação, Cultura e Diversidades. Um lugar que, por tanto tempo, parecia inalcançável para mim, uma griô quilombola. Um lugar que se tornou espaço de fala, de escuta e de afirmação.

Figura 46 – Eu e minhas colegas de estudos apresentando trabalho durante o curso de pedagogia.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2017.

Hoje estou demasiadamente satisfeita por ter percorrido esse caminho que foi, para mim, um grande desafio em minha vida acadêmica, pois era inimaginável nos meus sonhos, quase aos setenta anos voltar à academia, à pesquisa, em especial à pesquisa sobre a cultura do meu povo. Uma experiência incrível que está marcando profundamente minha existência. Especialmente porque não estou sozinha, meu quilombo está comigo, Laguinho também está fazendo parte dessa caminhada, especialmente através da minha magnífica orientadora e mulher negra, professora doutora Piedade Videira. Toda essa parceria tem sido força para a realização deste sonho. Estou vencendo as barreiras que não eram apenas pedagógicas, mas também sociais, simbólicas e estruturais.

Neste espaço acadêmico, carrego comigo não apenas minha trajetória pessoal, mas sobretudo, a história do meu povo. Que por meio da autoetnografia, que estou a escrever com o corpo, com a memória e com a palavra, tudo aquilo que tantos tentaram, mas não conseguiram invisibilizar e calar. Portanto, digo-vos que minha jornada estudantil é feita de recomeços, de insistência, de ancestralidade viva. E que é dentro do meu território ancestral pulsante que construo minha história e pesquisa, no sentido de inspirar e ampliar as possibilidades para mim e para as futuras gerações do quilombo.

Podemos nos referir a uma escola “normal” como uma escola regular, mas esse conceito vai muito além da simples localização geográfica. Envolve, sobretudo, a filosofia educacional

adotada, o currículo implementado e a relação que a escola estabelece com a comunidade. Para os estudantes quilombolas, o ato de “sair de um lugar para outro” — por exemplo, ao frequentarem escolas distantes de suas comunidades — representa desafios significativos, tanto culturais quanto pedagógicos. Por isso, é fundamental analisar ponto a ponto como as escolas quilombolas vêm incorporando a cultura, a história e as tradições do povo quilombola em seus currículos. Isso significa integrar, de forma efetiva, a língua materna, os saberes tradicionais, a memória histórica e as lutas sociais dessas comunidades no processo de ensino-aprendizagem. No entanto, essas escolas ainda precisam seguir um currículo padronizado, que muitas vezes desconsidera as realidades e necessidades específicas das comunidades tradicionais. Daí a importância de refletir sobre a pedagogia adotada nas escolas quilombolas, buscando torná-la mais contextualizada, inclusiva e significativa.

5.3 VIVÊNCIA CULTURAL, CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE E NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

Sou mulher quilombola, de corpo negro, e carrego em minha pele a ancestralidade, a luta e os atravessamentos do meu povo africano, em uma história marcada pelo racismo, pelo sexismo e pela desigualdade social. Cresci entre os silêncios impostos e as vozes que resistem entre o que queriam me apagar, porém, fiz questão de resistir e afirmar minha existência ancestral, política e poética. Apesar dos muros erguidos contra mim, eu segui. E sigo. Porque encontrei no estudo, na palavra e na arte, os caminhos de libertação tão desejados. Diante das minhas múltiplas atividades como servidora pública, pedagoga, pesquisadora, mestranda, escritora, poeta e contadora de histórias, crio e recrio o mundo nos ladrões do Marabaixo, nas bandaias do Batuque, nas cantigas que entoo, nos passos que danço, nos palcos e nas rodas onde me reconheço e sou reconhecida.

Minha voz ecoa em palestras, nos versos que escrevo, nos panos que costuro, nos objetos que crio com as mãos e com o coração. Sou educadora de cultura popular comunitária, artesã, costureira de afetos e de memórias. Mas, antes de tudo, sou mãe e avó, irmã, tia, amiga, acredito que neles e por eles, minha história floresce e se fortalece. Minha vida é atravessada por dores, mas é também abundante em saberes, em amor e coletividade. É no chão do quilombo, no toque do tambor, no cheiro da terra molhada e na palavra partilhada que me reconheço inteira: mulher preta, quilombola, viva, potente e sábia. A inspiração para contar minha história, realizar minha escrivência enquanto pesquisadora de mim mesma e tecer os fios da minha existência, veio dos meus pais, especialmente do meu pai, quando o vi falando sozinho, fiquei curiosa e fui

perguntar sobre o que falava. Ele me disse uma frase que ficou marcada para sempre em minha vida: “As palavras os ventos levam, temos que escrever sobre nossa cultura e sobre nossa história”.

Essa conversa ficou cravada em minha memória e a parti daquele diálogo, decidi que não deixaria a história do pai e do meu povo se perder ou ser levada pelo vento, e passei a ouvir meu pai diariamente, contando-me as histórias dos meus antepassados, que juntaram as minhas memórias e me forjaram a escritora autodidata que me tornei. Acredito piamente que foram meus ancestrais que me guiaram para a escrita, pois quando escrevo os sinto junto comigo, e isso é algo incrível, pois sei que eles estão ao meu lado nessa jornada que se iniciou com meu primeiro livro intitulado “*Histórias do meu Povo*”, publicado em 4 de fevereiro de 2002, em homenagem ao meu amado pai e meus irmãos quilombolas. Nesta obra retrato o cotidiano e histórias do povo do Cria-ú, que vão desde o surgimento da comunidade até as lendas mais encantadoras.

Figura 47 – Lançamento do livro História do meu Povo.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2002.

Para além disso, também passei a me dedicar à literatura infanto-juvenil e à escrita de livros paradidáticos. Percebi com a ajuda de minha mãe que a escrita pode fluir através de momentos vividos em nosso cotidiano, e isso é observado justamente na criação dos ladrões de Marabaixo, que roubam histórias do cotidiano de outras pessoas. Foi aí que passei a escrever

sobre os momentos vividos em minha vida. Com esse propósito que nasce meu primeiro livro infantil, intitulado “*As Aventuras de Dona Florzinha*”, que conta sobre um fato que ocorreu com a minha mãe enquanto ela criava suas galinhas no quintal, algo regularmente normal em comunidades rurais, incluindo a comunidade do Cria-ú. Além disso, como os livros são baseados nos ladrões de marabaixo, acompanham junto com as histórias a música que segue o mesmo enredo do livro, contando a história de uma maneira mais poética e melódica. Após a publicação deste livro, fui patrona da Primeira Feira do Livro do Amapá (FLAP), em 2012, onde tive a oportunidade de mostrar meu trabalho como escritora e toda a arte que me envolve e, também, de conhecer vários escritores consagrados na literatura brasileira, como Ignácio de Loyola Brandão e Rogerio Andrada Barbosa.

Figura 48 – Lançamento do livro “*As Aventuras de Dona Florzinha*”.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2012.

Com esse projeto que escolhi para minha vida de escritora, de misturar os ladrões de Marabaixo e contar suas histórias em forma de livros infantis para ajudar no fomento e difusão da nossa cultura e no reconhecimento do Marabaixo como uma pedagogia dentro das escolas, surgiram ao longo dos anos outros livros que foram inspirados por momentos ou histórias que seriam motivadas pelos ladrões de Marabaixo. Como “*O melhor caminho é a escola*”, lançado no ano de 2014, onde busco incentivar as crianças e jovens a permanecerem no ambiente escolar de um jeito divertido e feliz de crescer e de ser criança, porque é o melhor lugar onde eles

possam estar. Ao abordar sobre este livro, sempre recordo de minha vida e de como foi difícil parar de estudar, e ainda dou ênfase nos desafios vividos naquela época e das dificuldades que tínhamos para frequentar a escola. Vejo como as coisas são mais fáceis hoje em dia, as crianças e os jovens bastam frequentar a escola. Pelo menos a maioria, pois sabemos que a estrutura da educação básica brasileira ainda é pouco desenvolvida e não alcança grande parcela da população, principalmente os ribeirinhos, indígenas e quilombolas.

Figura 49 – Esmeraldina no lançamento do livro *O Melhor Caminho é a Escola*.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2014.

Nesse meio tempo, além de me dedicar a escrita infantil, tive a oportunidade de viajar para várias regiões do Brasil, através do projeto Sonora Brasil, com o grupo de Marabaixo e Batuque Raízes do Bolão, que herdei de minha mãe junto com meus irmãos. Viajamos por 56 cidades das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, na edição de 2013. Em 2014, com o mesmo projeto, passamos por 49 cidades do Sul e Sudeste, levando a cultura do meu povo através dos ritmos do batuque e Marabaixo. Durante essas viagens, me propus a escrever relatando sobre as experiências do grupo e, principalmente, as minhas. Entretanto, o livro que deveria ser lançado no mesmo ano de conclusão do projeto, em 2014, infelizmente não foi finalizado e segue guardado esperando que um dia esses relatos sejam apreciados.

Figura 50 – Esmeraldina sendo entrevistada em cidade percorrida pelo projeto



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2013.

Nos anos posteriores, após a morte de minha mãe, me senti deslocada e determinada a me concentrar apenas aos estudos. Foi um período muito desafiador e pouco produtivo para o meu lado escritora, apesar de não largar o amor pela leitura. Sempre tive vontade de explorar mais o mundo dos editais de fomento a cultura, mas nunca tive apoio necessário para seguir com esse desejo, então foquei apenas nas iniciativas que depois viriam ser grandes projetos. Um exemplo claro é meu projeto social de leitura, que chamava de “Árvore da Leitura”, onde eu recolhia livros pelas escolas e de doações e recebia alunos nos finais de semana que tinham vontade de ler ou estudar. Essa iniciativa me trouxe uma outra ideia, como recebia poucos estudantes já que a era digital começou a ganhar força e a leitura começou a ficar de lado, eu pensei que ao invés de esperar os alunos virem até mim, porque não ir até os alunos, não levando apenas a leitura, mas, principalmente, o Marabaixo também. Foi assim que nasceu meu projeto de contação de histórias denominado “As aventuras de Dona Florzinha”, onde eu visito praças e escolas para contar e cantar as histórias de meus livros. A partir deste projeto que comecei a me encontrar no mundo, comecei a exercer minha fala, que por muitos anos foi silenciada,

comecei a criar a minha imagem, que por anos foi apagada. Era a materialização da figura artística que lá atrás, ao escrever meu primeiro livro, eu tinha criado, só não imaginava aonde eu chegaria com ela.

Figura 51 – Esmeraldina com seu grupo de contações de histórias na praça Floriano Peixoto, durante o Macapá Verão.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2017.

Mas quando eu penso que os desafios haviam acabado, eu levo um tombo mais uma vez. Em fins de 2018, quando cursava pedagogia, chegava tarde da noite em casa, cansada, e em um dia qualquer percebi algo diferente em meu corpo, um nódulo. Achei estranho, logo me desesperei, e fui atrás de averiguar o que poderia ser aquilo, mas com um receio de que fosse o que eu imaginava. Descubro que estou diagnosticada com câncer de mama. Aquilo me abalou muito, e me trouxe memórias muitos angustiantes de quando eu não tinha vida. Relembrei da minha família, primos, tios, todos faleceram com essa doença, na minha cabeça eu seria só mais uma. Ao sair da clínica com os resultados dos exames nas mãos, passava apenas uma coisa na minha cabeça, que eu iria sofrer e dar trabalho para minhas filhas e minha família, assim como meus familiares que já partiram. Naquele momento eu perdi a cabeça, meus pensamentos, meus sentimentos e perdi o que eu tinha de mais importante, a minha fé. Ao chegar na Av. FAB, a principal e mais movimentada avenida da cidade de Macapá, estava convicta de que iria me

jogar na frente do primeiro carro que passasse na avenida. Para a minha surpresa, não havia nada. A avenida estava deserta. Não havia um sinal sequer de carros. Era 12h (meio-dia) do dia 14 de janeiro, horário em que as crianças saem e vão para as escolas, as pessoas saem para almoçar, voltam para o trabalho. Mas não havia uma movimentação sequer. Olhava, olhava e nada. O sol, como dizem por aqui na região, estava torrando. Estava batendo o cansaço, então eu desisti, e logo passou o ônibus. Fui em direção ao Hospital Geral, e chegando com a minha doutora, que já estava me acompanhando, ela me pergunta como eu tinha chegado lá, e eu serena disse que tinha ido com Deus, e com ele, iríamos tratar daquele câncer.

Voltei para casa pensando no que tinha acontecido, aquilo não era natural. Como pode a avenida mais movimentada da cidade não ter um carro sequer em um horário considerado de pico? A única resposta para o ocorrido é que foi planos de Deus. Talvez você não acredite, e por um bom tempo eu custei a acreditar, mas tenho fé no que eu vi e vivi naquele momento, sentindo o calor forte do sol, o suor caindo na testa e uma angústia muito grande dentro de meu peito. Recordei-me de outro momento passado, e que começou a fazer sentido para mim. Eu não estava sozinha naquele momento. Estava com minha a Virgem de Guadalupe, minha protetora, que já havia feito milagres na minha vida. A minha história com Nossa Senhora de Guadalupe começou bem antes de eu me realocar à Comunidade do Cria-ú. Nossa relação começou há 40 anos, recebi uma graça da Virgem de Guadalupe. Eu era uma mulher muito doente, mas também era cheia de fé. No dia 12 de dezembro de 1985, ouvi o primeiro toque do sino da Paróquia de São de Benedito, às 18:00, estava debaixo de uma árvore de açaizeiro com minha filha primogênita e senti em meu coração que deveria ir para a missa naquele dia. Lá, sentada no último banco da igreja, ouvia o padre José celebrar o Dia de Nossa Senhora de Guadalupe, contando sobre sua história. Ao ouvir tudo aquilo, me ajoelhei e intercedi à Senhora, pedindo que me curasse daquela doença que já tinha me tirado minhas forças e meus recursos. Em meu pedido, disse que passaria a celebrar o Dia de Nossa Senhora de Guadalupe, abrindo minha casa para a comunidade e servindo o almoço dos inocentes, doando brinquedos para as crianças e festejando com um grande batuque até o sol raiar. Ela mostrou sua força e curou aquela doença maligna que me assombrava. Me emociono cada vez mais ao lembrar de meu tratamento. Fui operada no dia 12 de abril de 2019. E realizei 13 seções de quimioterapia. A cada ano, celebro com grande fervor a Virgem de Guadalupe, padroeira da América Latina. Sua história é símbolo de amor, fé e identidade, mostrando que não abandona seus filhos. Como ela mesmo disse a Juan Diego: “Escute, meu filho, não há nada o que temer, não fique preocupado nem assustado; não tema esta doença, nem outro qualquer dissabor ou aflição. Não estou eu aqui, a seu lado? Eu sou a sua Mãe dadivosa. Acaso não o

escolhi para mim e o tomei aos meus cuidados? Que deseja mais do que isto? Não permita que nada o aflija nem o perturbe. Quanto à doença do seu tio, ela não é mortal. Eu lhe peço, acredite agora mesmo, porque ele já está curado”. Hoje eu estou curada, e seguindo confiante no amor e na misericórdia de Deus e da minha Virgem de Guadalupe.

Figura 52 – Esmeraldina em seção de fotos durante o tratamento contra o câncer

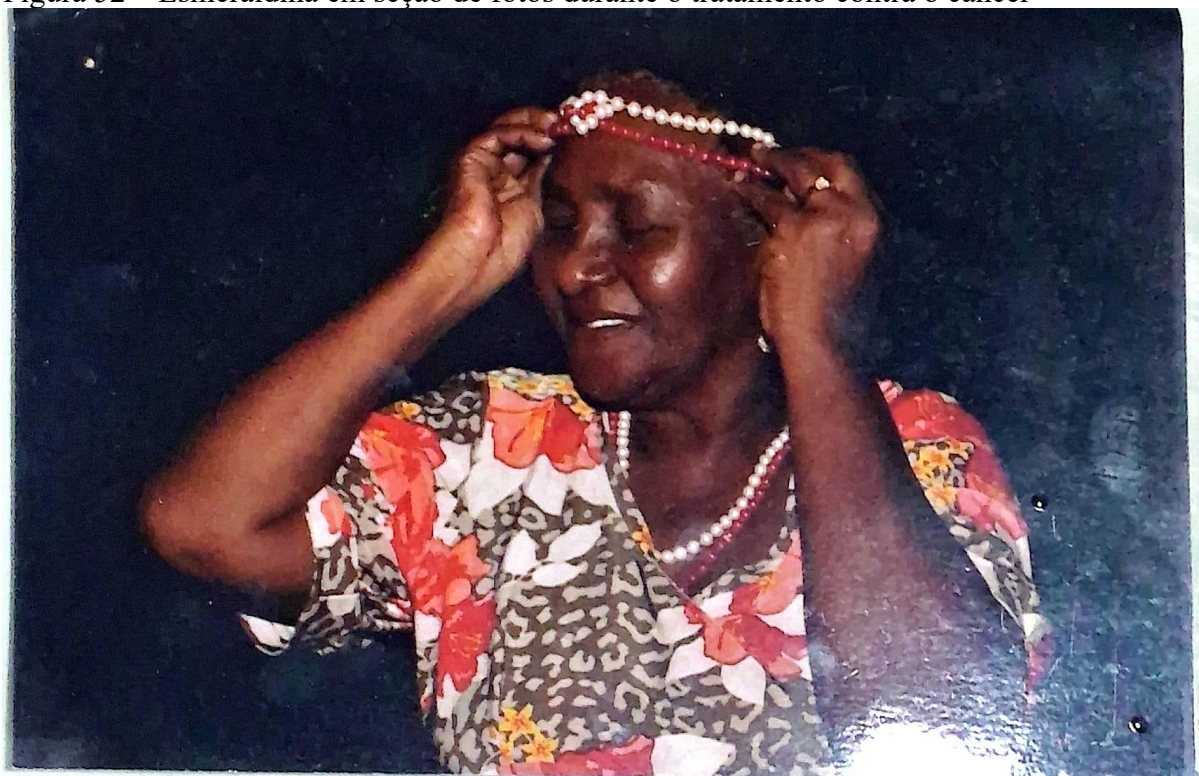


Foto: Material do acervo da pesquisadora, 2019.

O tratamento foi longo, e trouxe uma mudança brusca de rotina. As coisas mudaram na alimentação, nas atividades diárias, e nas relações com a família. Enquanto eu tinha apoio de minhas famílias e netos, irmãos e sobrinhos, alguns familiares se questionavam se eu tinha mesmo essa doença. E por mais incrível que pareça, esse questionamento era mantido mesmo depois da cirurgia para a retirada do seio, quando eu chegava fraca e cansada da seção de quimioterapia ou até quando meu cabelo caiu por completo. Bom, eu não precisava responder quanto a isso, aquilo não me abalava. Eu sei o que eu sentia e vivia na pele. Com o apoio da família e dos amigos e com as graças do meu bom Deus, concluí todo o tratamento de quimioterapia e não precisei me ausentar do estado. Organizamos um bingo beneficente na época, que custeou grande parte das despesas médicas que eu tive, incluindo exames e até o remédio para a dose de quimioterapia, que as vezes faltava no hospital. Via tantas pessoas voltando para casa, desoladas com a falta do medicamento. Por isso agradeço imensamente a

minha família, em especial minhas filhas e sobrinhos, e meus amigos que sempre estiveram comigo durante essa caminhada.

Segui minha jornada na vida, tinha passado por mais um obstáculo, e tinha conseguido superar ele. Com a chegada da pandemia e a paralisação do mundo, tive que me reerguer para não parar no tempo. Já estava com o diploma de pedagoga na mão, então bastava que eu retornasse com a escrita. Escrevi três livros infantis e lancei todos juntos em 2021. Criei um projeto de lives intitulado “Em busca de minhas raízes: Quem canta, conta suas histórias”, que na época estavam em alta, para fazer o lançamento dos livros. Foram um total de 4 lives, sendo três realizadas com o intuito de arrecadar de fundos para o lançamento, e uma última para o lançamento oficial dos livros. Os livros que foram lançados e que passaram a compor meu acervo de histórias infantis foram *A Onça*, *O Sonho de uma Menina* e *O Encanto do Boto*.

Respectivamente, o primeiro conta a história de uma família afetada, indiretamente, pelos efeitos das queimadas na comunidade, onde uma onça ataca sua criação de gado trazendo prejuízos, gerando conflitos e uma história humorística para as crianças e jovens. O segundo é sobre mim, e fala sobre a importância de nunca desistir dos nossos sonhos. Lidar com as críticas é difícil, só não podemos baixar a cabeça para elas. Ao estar fazendo o curso da maioridade na Unifap, precisava me deslocar de ônibus do Cria-ú para a universidade, porém, a linha que atravessa a cidade só passa no bairro ao lado da comunidade, não adentrando na mesma. Ir caminhando não é um problema, apenas se você sai de tarde de casa, como foi o meu caso neste dia, e ir apressada na rodovia chamou a atenção de duas parentas que vinham caminhando e questionaram a minha pressa. Respondi que não poderia conversar como é costume quando encontramos algum conhecido, já que a minha primeira aula do dia era o francês e eu não poderia perdê-la. Elas se entreolharam e riram debochando “ela não fala nem o português direito, vai falar francês”. Segui em frente, e dentro do ônibus escrevi em meu caderno apenas a frase *o sonho de uma menina é falar francês*. E assim nasceu o livro. Já o terceiro citado, conta sobre nossas lendas, e uma das mais famosas que é a lenda do boto. Este segue o mesmo princípio das conversas que tinha com meus pais, onde me contavam histórias sobre nosso passado. Logo quando Macapá surgiu, e quando ainda existia a vila na frente da cidade, era lá que aconteciam as festas de Marabaixo. As lendas dizem que muitos homens de branco com chapéus de massa surgiam nos salões dançando e cortejando as moças. Eram os botos que se transfiguravam em homens altos e bonitos, e que subiam às margens do rio Amazonas para encantar as belas moças da cidade. Todos os livros são acompanhados do ladrão de Marabaixo, que é cantado a partir da história que é contada.

*Amigo eu matei a onça
Ora, deu tamanha complicação
A juíza ambiental
Veio fazer averiguação*

*A onça estava com fome
Estava comendo a minha criação
Eu dei um tiro certo
Eu joguei com a onça no chão*

(Refrão)

*Culpada foi minha cunhada
Que chamou a televisão
Pensando em fazer o bem
Quase me meteu na prisão*

(Refrão)

*Estava na minha casa
Com um aperto no coração
A onça estava sentada
Estava comendo a minha criação*

(Refrão)

*Valei-me nossa senhora
Senhora da conceição
Que a malvada desta onça
Não acabe a minha criação*

(Refrão)

*Eu não sei, eu não sabia
Zé Antônio quem me contou
Onze de homens de mãos dadas
Teve um deles que se borrou*

(Música do livro: A Onça. Composição: Esmeraldina dos Santos)

Minhas obras são escritas para dar incentivo às crianças mostrando como fazer ladrões de Marabaixo e bandaias de Batuque, ao mesmo tempo vou contando a história da comunidade, e despertando o interesse por nossa cultura, especialmente para as crianças do quilombo, mostrando a importância da continuidade de nossas tradições, saberes, modos de vida e rituais afro-religiosos, tudo isso faço de forma didática com o corpo, com a dança no ritmo do Batuque e do Marabaixo. Minha arte e minha literatura, tem me dado imensas alegrias e hoje o projeto de contação de histórias se consolida como “Histórias do Quilombo nas Escolas”, com o qual é agraciado nos editais de fomento a projetos culturais e roda por todo o Brasil.

Figura 53 – Flyer de convite para as lives dos lançamentos dos livros



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2021.

Mas não foi só nos livros que construí minha trajetória, sou mulher de saberes múltiplos e corpo dançante. Me fiz escritora e poeta dos meus dias, contadora das histórias que aprendi ouvindo os griôs do meu quilombo, compositora de ladrões do Marabaixo e bandaias do Batuque, cantadeira e dançadeira que honra cada ritmo com o coração. Falo em rodas de conversa, congressos, escolas, universidades no Amapá e pelo Brasil. Sou reconhecida, homenageada, entrevistada e sigo encantando os lugares. Minha fala é embebida de chão, de ancestralidade e de fé. Como educadora de cultura popular comunitária, caminho entre crianças e adultos, plantando sementes de pertencimento, identidade e orgulho. Costuro roupas, faço artesanato, crio com as mãos o que o mundo tenta roubar de nós, povo negro rico em beleza, talento, dignidade e força.

Acima de tudo, sou mãe de duas filhas fortes e determinadas e avó de quatro netos que são minha alegria e continuidade. São eles que me lembram, todos os dias, por que sigo, por que resisto, por que danço, por que escrevo, por que crio e reinvento o viver de uma mulher quilombola septuagenária que já viveu o doce e muito amargo da vida, mas que não desiste, pois entende que um corpo negro, uma mulher negra em nosso país não descansa, estarão sempre de prontidão para os desafios da vida. Apesar da vida e trajetória marcada por

atravessamentos, posso dizer que há também reencantamentos, pois encontrei na escrevivência, na escrita de mim, na autoetnografia, a força ancestral de escrever com o corpo e com a memória, de quem conhece a tripla jornada de ser: mulher, preta e quilombola, que na prática reflete a minha forma de existir e resistir através da minha voz. É com essa voz que sigo contando minha história, porque todas as histórias importam e as pessoas precisam ouvir e conhecer as histórias que meu quilombo não deixou morrer.

Hoje, meus contos e cantos se estendem pelos mais diversos lugares, e me dão oportunidades inimagináveis. Dentro da profissão artística, obtenho o título de Comendadora da Ordem dos Benfeitores Culturais da Humanidade, concedido pela Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes; sou Conselheira Editorial do Senado Federal, concessão feita pelo presidente do conselho e um grande amigo, Senador Randolfe Rodrigues, que publicou a ata no boletim original nº 9214, seção 1, de 24/03/2024; Também sou reconhecida no âmbito da Expo Favela Innovation Amapá, nomeando a Favela Literária – Espaço Esmeraldina dos Santos, concedida pela Central Única das Favelas – CUFA, na edição de 2025; e sou membro da Academia de Letras Barão do Rio Branco e certificada como Mestre das Letras pela mesma. E isto é apenas os títulos mais importantes, pois sou reconhecida e agraciada em vários lugares e eventos. Além disso, atualmente retorno ao mundo do trabalho como Servidora Pública da União, estabelecido na ATA CEEXT nº 06/2024 que adotou os critérios e procedimentos previstos na Portaria SGP/SEDGG/ME nº 384, de 11 de janeiro de 2021, em cumprimento à Emenda Constitucional nº 98, de 06 de dezembro de 2017. É uma grande honra e me sinto realizada por deixar esse lindo legado para minha família, meus amigos e a sociedade amapaense, que me acolhe e me reconhece no âmbito da literatura infantil, nas artes e na cultura do nosso estado.

5.4 SABERES DO CHÃO: EXPERIÊNCIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO QUILOMBO DO CRIA-Ú.

Os saberes do chão referem-se ao conhecimento prático e ancestral que é transmitido de geração em geração nas comunidades especialmente nas aldeias e quilombo. No contexto do quilombo do Cria-ú, essa aprendizagem é profundamente enraizada na vivência cotidiana e nas tradições culturais, os saberes do chão, os moradores do quilombo têm um profundo conhecimento sobre a terra suas plantas seus ciclos e como cultivá-la de forma sustentável, isso inclui a sabedorias sobre agricultura coleta de ervas medicinais e práticas de preservação ambiental. As receitas e técnicas culinárias são passadas adiante utilizando ingrediente locais. A

comida não é apenas um sustento, mas é também um meio de preservar a cultura e as tradições, e o artesanato é uma forma importante de expressão cultural e os saberes relacionados à confecção de objetos utilizados ou decorativos refletem a identidade da comunidade. A vida em comunidade envolve um forte senso de um passado que todos colaboravam para um bem-estar coletivo, e essa experiência ensina valores como solidariedade respeito e ajuda mútua. Tínhamos as práticas, rituais, festas e celebrações que são momentos de união que reforçam a identidade culturais e o fortalecimento os laços comunitários.

Figura 54 – Esmeraldina recebendo alunos para palestrar sobre sua pedagogia



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2016

Ao me tornar e me identificar como educadora cultural comunitária, represento todos estes saberes nos lugares por onde vou, especialmente nas escolas e centros educacionais. A mulher negra e quilombola que sou não é um ponto de partida, mas sobretudo, um processo. Uma ação contínua de descoberta, de reconstrução, de enfrentamento e de afirmação. Não nasci sabendo que ser negra no Brasil é também resistir. Aprendi isso com o tempo, com o corpo, com os silêncios e com as ausências que, pouco a pouco, fui nomeando como racismo, desigualdade, apagamento.

Minha militância política, social, cultural e artística nasceu do incômodo, da dor e da urgência de me reconhecer em um país que nega diariamente a humanidade das mulheres pretas. Ser quilombola do Cria-ú, pertencer ao povo que lutou pela liberdade mesmo depois da falsa abolição, é parte da minha história, de quem sou e me tornei. Para isso, foi preciso reencontrar

essa origem para me afirmar com voz e coragem. Descobri que minha pele, minha fala, meu corpo e minha ancestralidade são também instrumentos de luta.

Com a docência percebi que ensinar não é apenas repassar conteúdo. É se posicionar e acolher. É afirmar a identidade de cada criança preta, de cada menina de trança e de olhar tímido que, como eu um dia fui, necessita se ver como potência. A docência é minha trincheira de transformação. Ser educadora é, para mim, um ato político, um ato de coragem, um gesto de cuidado coletivo, uma forma de abrir caminhos onde antes havia muros enormes. Como mulher negra quilombola que sou, trago no meu trabalho o compromisso com a memória do meu povo, com a oralidade dos griôs, com os saberes invisibilizados pela educação eurocentrada. Minha militância está nos corredores das escolas, nos espaços de formação, nas rodas de conversa, nos encontros comunitários, nas palavras que escrevo e nas lutas que abraço. Declaro que assumi minha identidade como quem acende um fogo ancestral. Reafirmo, todos os dias, que ser mulher negra e quilombola é uma construção viva, coletiva, está profundamente conectada a história daqueles e daquelas que nos antecederam, pois não me tornei apenas por mim, mas especialmente por aqueles que vieram antes e que virão depois.

Minha militância e práticas pedagógicas caminham juntas, são sementes do mesmo chão. E minha identidade, antes silenciada, agora é voz firme, tambor que ecoa, raiz que se espalha. Tornei-me mulher negra e quilombola com a coragem de quem sabe que existir, nesse corpo e nesse tempo, é também um ato revolucionário. Porque a militância é parte fundamental da vida de uma mulher quilombola, na luta e defesa de direitos, da preservação de suas culturas e da luta contra as desigualdades social e raciais. As mulheres educadoras quilombolas têm a responsabilidade de transmitir não apenas conteúdos acadêmicos, mas também saberes tradicionais, história e valores da cultura quilombola. Ser mulher quilombola e educadora é viver uma intersecção rica entre luta ensino e identidade, promovendo mudanças sociais significativas no meio da educação.

6 CENTRO CULTURAL TIA CHIQUINHA: VENCENDO O PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO

Nesta última seção, compreende-se abordar sobre a história da família Chiquinha e Bolão a partir do momento em que ela retorna ao seu território de origem, onde se cria o Espaço Cultural Tia Chiquinha e o objetivo de recepcionar estudantes, professores, turistas e a comunidade em geral para que sejam instruídos sobre a cultura local que permeia no coração da família, começa a ser colocado em prática. Além disso, é importante destacar que nesta seção serão trabalhados os conceitos dos princípios civilizatórios na perspectiva da educação cultural comunitária, o que implica na formação de uma pedagogia própria do Espaço Cultural Tia Chiquinha, que por sua vez, será analisada no decorrer deste pensamento. Esta seção é constituída de cinco subseções, onde serão abordados aspectos históricos do espaço, incluindo a reiteração de que somos herdeiros deste território e que mesmo assim quase fomos impedidos, judicialmente, de adentrar à essas terras. Também tratarei sobre os sujeitos que compõem este território e como o nosso crescimento cultural contribuiu para a formação de pedagogias que valorizassem a nossa cultura e nossa ancestralidade. Além disso, também abordarei sobre nossas festas, rituais, tradições e afetos que circundam este solo abençoado por minha mãe, Tia Chiquinha. E por fim, os conceitos da educação cultural comunitária e a sua contribuição na formação da pedagogia do Batuque e do Marabaixo.

Figura 55 – Demonstração de Batuque no Espaço Cultural Tia Chiquinha



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2023.

6.1 A NOSSA HISTÓRIA COMEÇA ASSIM

Nossa história com o Centro Cultural Tia Chiquinha começou logo após a morte de meu saudoso pai, quando no Laguinho nos deixou. A família Raízes do Bolão se consagrava com os ensinamentos deixados pelo eternizado Mestre Bolão, realizava apresentações culturais e grandes viagens através do Batuque e do Marabaixo. No Laguinho, vivíamos diante de muitas dificuldades, conflitos e desinteresses, e não foi nada fácil viver em meio a tantos tormentos, principalmente depois do luto. Nossa história com o território do Cria-ú nunca foi encerrada, pois sempre mantínhamos um forte vínculo com a comunidade ao participar ativamente das festividades em louvor aos nossos santos. Minha mãe tinha um grande desejo de retornar às suas terras ancestrais e após a morte de meu pai esse desejo se intensificou cada vez mais. O processo de retorno da nossa família se deu durante uma viagem que o grupo fez até Brasília, indo de avião até Belém, no Pará, e de ônibus até a capital brasileira. Em meio à estrada longa, minha mãe, Tia Chiquinha, ficou de pé no ônibus e disse que quando voltasse para Macapá viria até o Cria-ú tirar um terreno para construir uma maloca. Seu propósito seria de receber estudantes pois, mesmo minha mãe não sabendo ler e nem escrever, ela era procurada por muitas pessoas pelos seus ensinamentos sobre a história do seu povo, do Batuque e do Marabaixo. Ela queria apenas uma maloca, e assim fez. Vendeu a casa do Laguinho por 30 mil reais e voltou para o Cria-ú com toda a sua família.

No entanto, sofremos muito para voltar para o nosso território, principalmente minha mãe, que teve que provar na justiça que tinha direito à estas terras após denúncias de um homem, que não cabe mencionar o seu nome aqui, que usou o nome de seu pai falecido para reivindicar as terras que não lhe pertenciam, e queria apenas se aproveitar das terras e tomar posse para si. Sofremos muitas perseguições enquanto o processo corria na justiça. Quando vínhamos para o Cria-ú limpar o terreiro, encontrávamos as cercas trancadas com cadeados, pois não nos deixavam entrar em nossa própria ocupação para construir a maloca. Com a ajuda de testemunhas e dos documentos encontrados em cartórios, minha mãe provou que tinha direito a este lugar, e o homem ainda fugiu da última audiência pois corria o risco de ser preso por usar o nome de uma pessoa falecida para nos denunciar. Aquele homem não sabia é que minha mãe não tinha só os direitos dessas terras, ela era a herdeira deste lugar. Era por isso que ela sempre dizia que ninguém iria tirar ela daqui. Reafirmo a dizer, sua bisavó era Domingas Francisca do Espírito Santos, a proprietária das terras que depois viria a se chamar o Cria-ú. Não sou eu que estou dizendo isso, temos documentos que afirmam e comprovam a posse. Hoje digo com muito orgulho, minha família é herdeira do território quilombola do Cria-ú e ninguém jamais tirara

esse nosso título. Com nosso direito reconhecido, conseguimos construir a maloca, onde veio ser nossa residência por algum tempo. Ao longo dos anos, cada filho e neto foi construindo sua própria moradia e expandindo mais o nosso espaço, e hoje constituímos uma vila de casas e histórias onde foi intitulado como Centro Cultural Raízes do Bolão. Este nome surgiu a partir de um empasse, pois, minha mãe queria que o nome fosse “Rancho Alegre: União das Raízes”, mas foi descartado pelo pensamento de que o lugar não era um rancho, já que não tínhamos criação de gado. Então quando pudemos nomear o espaço, decidimos em conjunto que o nome seria “Centro Cultural Raízes do Bolão – Maloca da Tia Chiquinha”, assim engloba tanto o patriarca e a matriarca como, também, o grupo da família.

Figura 56 – Centro Cultural Tia Chiquinha visto de cima



Fonte: Brunna Silva, 2025.

Passamos a escrever um novo capítulo naquele pedaço de chão herdado de meus ancestrais, com a construção da Maloca, hoje reconhecido Espaço Cultural Tia Chiquinha, onde vivemos para amplificar e manter a cultura de nosso povo. Esse espaço é um ponto de encontro na comunidade, um espaço visitado por turistas, pesquisadores e estudantes do Brasil e de muitos outros países. É um espaço de memórias, vivências e de muita ancestralidade. Lembro-me de quando chegamos aqui e tudo era diferente, a floresta engolia todo o terreiro. Durante a construção da maloca, costumávamos armar vários lençóis nas árvores para nos proteger do sol, já que não existia nada ainda. Vendo isso, as pessoas falavam que estava se

construindo uma favela na comunidade, não tinham noção do que nos tornaríamos hoje. Minha família sempre sofreu diversas críticas, mas sempre conseguimos superá-las. Todo mundo dizia que minha mãe não tinha possibilidade de terminar a maloca, e quando colocaram a última telha começamos a festejar soltando muitos fogos no céu, a emoção foi tanta que meu tio Arin – Marinho, se levantou chorando e desmaiou com nossa empolgação. Para se deslocar até aqui, vínhamos na fubica¹² velha de meu irmão, todos se arrumavam para vir ajudar na limpeza do terreno e na construção da sede. Tenho diversas memórias alegres destes dias, como quando fazíamos diversas brincadeiras durante nossas vindas para cá, inclusive nossos futebóis de final de semana entre homens e mulheres, onde todo mundo se juntava e era uma alegria só.

Voltar ao Quilombo do Cria-ú, esse território de vida, luta e liberdade, significa voltar a mim, reencontrar o eu que habita dentro do meu ser. É aprender a escutar o tempo da terra, a linguagem do mato, a sabedoria dos griôs e dos nossos ancestrais. É compreender que o quilombo não é apenas um lugar geográfico, mas um modo de ser no mundo, onde a coletividade, a solidariedade e o respeito ao sagrado se entrelaçam. E nesse reencontro, percebi que minha identidade é feita de ancestralidade e movimento. Ser mulher negra quilombola é carregar no corpo e na fala a escrivência de muitas que vieram antes de mim. É escrever com o corpo, com as emoções, com a memória coletiva. É resgatar o que nos foi negado: a dignidade de ser inteira, com orgulho de onde vim, com consciência de onde estou e com coragem de para onde quero ir. Reencontrar minhas raízes é, acima de tudo, um ato de amor. Amor por mim, pelos meus, e por todos que ainda caminham em busca da própria origem. Que esse reencontro siga florescendo em mim como uma árvore, um velho embondeiro, firme, profunda, cheia de frutos e água.

Compreendendo quem sou eu e o lugar de meu pertencimento, este trabalho, bem como o espaço, justifica-se como uma forma de contribuir para que a história da comunidade seja honrada e que nossa ancestralidade e cultura continuem a ser perpetuadas para as futuras gerações como nossa maior riqueza. O Espaço Cultural Tia Chiquinha é rico no fazer cultural, sendo composto de uma maloca, que além de abrigar nossas celebrações também representa parte de nosso sangue indígena herdado de minha bisavó paterna; uma igreja, que representa, principalmente, a fé de minha saudosa mãe e matriarca da família, Tia Chiquinha, que era muito devota de Santo Expedito; uma casa de farinha, onde era costume reunir a família para fazermos farinha, tirar o tucupi e a goma de tapioca, tudo oriundo da mandioca e da macaxeira que se colhia na roça nas épocas de colheita; também compõem o centro cultural uma loja de

¹² Fubica: nome popular dado às caminhonetes da época.

artesanatos e uma oficina de fabricação de caixa de Marabaixo e tambores de Batuque. Tudo é administrado por filhos, netos e sobrinhos da Tia Chiquinha. Dentre nossas programações, temos um calendário de práticas religiosas que são as festividades de nossos santos de devoção, além de inúmeras manifestações afro-artísticas como o Tambor da Liberdade e o Bloco carnavalesco Kulembé, que são práticas criadas especialmente para atrair os jovens da comunidade para o nosso fazer cultural. O Espaço Cultural Tia Chiquinha se tornou um dos pontos de cultura mais emblemáticos do estado, graças a resiliência de nossa saudosa Tia Chiquinha.

Figura 57 – Sede Maloca da Tia Chiquinha em processo de revitalização



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2024.

Ele representa muito mais do que uma simples estrutura física, trata-se de um território simbólico, sagrado e afetivo, onde pulsa a memória viva da comunidade. É um lugar de pertencimento, de preservação das raízes e de fortalecimento da identidade quilombola. A maloca abriga e sustenta saberes ancestrais, histórias de resistência, práticas espirituais, artísticas e pedagógicas que atravessam gerações. Cada canto desse espaço ecoa a presença dos que vieram antes — nossos antepassados que, com sabedoria e coragem, construíram os alicerces culturais do quilombo. Mais do que um ponto de encontro, a Maloca da Tia Chiquinha é um espaço de partilha, de reencontro com os valores coletivos, onde se realizam rituais, rodas

de conversa, danças, cantos, ensinamentos e celebrações que reforçam os laços comunitários. Ali, ensina-se não apenas com palavras, mas com o exemplo, com o ritmo dos tambores, com o movimento dos corpos, com o cheiro dos alimentos tradicionais e com a emoção das histórias contadas com a recuperação da memória. Assim, a maloca é uma verdadeira escola de vida, onde se aprende a ser, a conviver, a resistir e a valorizar a riqueza da cultura quilombola.

O objetivo deste espaço é divulgar nosso tesouro, no sentido de valorizar nossas raízes, nossa ancestralidade e, sobretudo, sensibilizar as gerações do presente e do futuro sobre nosso quilombo. A nossa maior vitória é poder transformar este espaço em um ponto de debate para as discussões temáticas contra o racismo e a discriminação. São várias rodas de conversas em que discutimos estes assuntos, principalmente sobre o dia 13 de maio de 1888, o dia da suposta libertação dos escravos, já que são fatos que todos os dias temos que vencer o preconceito e o ódio e ainda provar que temos valor nesse mundo. Vemos tantas pessoas sofrendo e nos perguntamos se um dia ainda vamos poder gritar viva a liberdade. Apesar de tudo, acreditamos que podemos superar tais dificuldades através da educação, por isso enfatizamos o propósito de construir um espaço para incentivar uma educação inclusiva e antirracista.

Figura 58 – Estudantes de Universidade dos Estados Unidos em visita ao Espaço Cultural Tia Chiquinha.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2016.

Esse era o grande desejo de Tia Chiquinha, construir este espaço especialmente para receber estudantes da comunidade e, também, os estudantes de fora do quilombo, como já recebemos diversos alunos e visitantes de vários estados do Brasil e de outros países como

Estados Unidos, França, Portugal e Alemanha. A educação tem o poder de transformar aqueles que desejam, verdadeiramente, se transformar. Não adianta olhar para o retrovisor do carro do vizinho se o meu próprio espelho está embaçado, temos sempre que olhar para frente e seguir em frente. Que eu possa, então, afirmar com orgulho: sou quilombola! Não para ser apenas objeto de estudo alheio, mas para ter acesso, voz e protagonismo nos resultados que me dizem respeito. Por isso, reforço a relevância deste estudo e o significado que ele representa para mim, pois me tira da condição de objeto de estudo e me transforma em sujeito de pesquisa, de minha própria pesquisa.

Dentro de nosso conteúdo buscamos enaltecer nosso território, o Cria-ú, que foi criado por pessoas que tiveram a capacidade de olhar essa terra com o coração e a tornaram em um território ancestral. Nas lembranças, reconhecemos aqueles que vieram antes de nós, como seu Inácio da Bacaba, que sempre será uma grande referência, pois nossos velhos diziam que ele tocava sua caixa de marabaixo só para ele e seus 3 cachorros que ficavam amarrados em sua cintura, esse era seu maior pertencimento de gratidão por sua vida livre da escravidão. O poder da memória se torna aporte crucial na fundamentação de nossos saberes, já que buscamos tudo aquilo que nos foi ensinado através da oralidade de minha mãe e de meu pai, que nos contavam suas histórias para que pudéssemos cooperar com a disseminação dos saberes culturais de nossos ancestrais e, assim, fortalecer cada vez mais a nossa cultura.

Além de estudantes e turistas, minha mãe – Tia Chiquinha, recebia diversos cantores da terra e do Brasil, como Lecy Brandão e Nilson Chaves. Os artistas da terra que a conheciam por seu deleitar com suas histórias, sua luta e sua devoção tinham um carinho enorme por ela e por isso foram acolhidos em nossa família como membros interinos. Sou muito grata com tudo e por tudo que minha mãe nos deixou, plantou a semente e nos motivou a continuar seu legado, a repassar seus ensinamentos e seus valores que dinheiro nenhum compra, o valor de uma vida repleta de dores, lutas e de muitas vitórias.

6.2 QUEM NÓS SOMOS: SUJEITOS DO TERRITÓRIO E PEDAGOGIAS DO PERTENCIMENTO.

Fazer-se sujeito do território é um ato fundamental para a afirmação da identidade e da cultura quilombola para nós que vivemos no quilombo do Cria-ú, em especial o Espaço Cultural Tia Chiquinha. Essa construção de pertencimento não é apenas uma questão de espaço físico, mas sim de conexão profunda com nossas raízes, história e comunidade. Ser sujeito do território significa reconhecer e valorizar a vivência e as práticas culturais que nos foram legadas por

nossos antepassados. É entender que a nossa história é marcada por lutas, resistências e conquistas e que cada um de nós possui um papel importante na continuidade dessa narrativa. A pedagogia do pertencimento nos ensina a celebrar nossas tradições e contribui para fortalecer nossos laços comunitários e promover uma educação sobre a importância da nossa cultura para as futuras gerações. Nesta subseção, a temática se concentrará na apresentação dos membros que constituem este território e de suas formas de ensinagem que contribuem para a formação cultural e identitária do Espaço Cultural Tia Chiquinha, além de descrever cada característica, seus dons e abordar suas perspectivas acerca do espaço. Como parte dessa descrição, irei abordar sobre o processo identitário desses sujeitos que hoje se reconhecem artistas e sabedores da cultura deste lugar. Irei apresentar a família dos mais velhos até as crianças, que serão parte dos futuros formadores deste espaço e que continuarão repassando nossa cultura e nossos saberes para as próximas gerações. Um legado tão importante e tão significativo não merece ser enterrado junto com aqueles que permitem vivenciá-lo hoje.

Figura 59 – Foto da Família Chiquinha e Bolão em frente ao Espaço Cultural.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2025.

Começarei com o primeiro filho homem da família, meu irmão Januário (Ver figura 60), este não faz morada no Cria-ú, mas vive tanto aqui que é como se residisse no espaço. Meu

irmão se dedica aos afazeres da plantação e da criação de animais. Cria muitas galinhas e ainda é responsável pelo plantar de mandiocas, macaxeiras e bananas na roça que era de nossa mãe. Vejo este meu irmão como um defensor da natureza, e é claro que é, pois ele nasceu e cresceu no Cria-ú quando a comunidade ainda havia tão poucas famílias, que era possível contá-las nos dedos. Por isso, se conectou com os hábitos de plantar, caçar, pescar, aprendeu desde cedo que este trabalho era digno, até ter que ir trabalhar na cidade. Após sua aposentadoria, se dedica a manter estes hábitos que lhes foram ensinados quando era criança, e permite que eles sejam passados para as próximas gerações.

Figura 60 – Januário, à direita, ao lado de nosso irmão Pedro



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2023.

Quem lhe ajuda todos os dias é meu outro irmão, João Ciro (Ver figura 61), que reside em no espaço junto conosco, e é o nosso empreiteiro pois tudo sabe fazer, principalmente os serviços elétricos. Está sempre ajudando quando é necessário. Ele se mantém firme em sua fé, sem abandonar os costumes e tradições da nossa comunidade. Se precisamos de tocador, ele está lá para ajudar, toca o pandeiro, amassa o amassador, dobra o dobrador, e às vezes até um lamento na caixa de Marabaixo ele pode tocar. Ambos ajudam na casa de farinha e no fazer dessa iguaria típica do prato nortista.

Figura 61 – João Ciro tocando o dobrador em apresentação de Batuque



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2023.

Há a minha irmã Benedita Ricarda que, apesar de não residir no espaço territorial de nossa mãe, contribui firmemente nos ensinamentos e tradições de nossa comunidade, mantendo as composições e os saberes que nos foram repassados por nossa mãe, Tia Chiquinha. Ela possui duas filhas residentes na comunidade, Helenice e Hedmara, que moram com seus filhos e, também, colaboram para a difusão da cultura quilombola do Cria-ú. São eles Maira e sua filha Moana, Monique, Max, Ana Francisca, Hiago, Gabriele, João e Guilherme.

Seguindo um pouco no espaço, temos meu sobrinho Adelson Socorro – Adelson Preto (Ver figura 62), que foi criado pela minha mãe e, logo, o considero como um irmão. Adelson tem um dom, o dom da composição. Faz músicas com a alma e o coração. Desde cedo envolveu-se com a música, integrando projetos marcantes como o Projeto/Grupo Sambarte e o Grupo Senzalas. Atualmente, atua em sua própria banda, “Afro Cria-ú”, difundindo Batuque, Kaciko, Reggae e Zouk pelo Brasil. Sua proposta mistura ritmos e conecta o Cria-ú à Guiana Francesa. Ele se aventura em suas composições que misturam nossa cultura com romances vividos ou imagináveis. Suas ideias são grandiosas e quando colocadas em prática se tornam um sucesso, se destacam o Projeto Banzeiro, que foi idealizado junto de outras parcerias, e tem o objetivo de ensinar a essência do Marabaixo e levá-lo para as ruas de Macapá. Adelson é sinônimo de

compaixão e de amor pela cultura. Sempre se dispõe a ajudar, quando é necessário, seja a família, amigos e até conhecidos. Sua música é conhecida e admirada em todos os lugares e o seu “caquiado” único é marcante. Para ele, viver neste espaço, onde resgatamos nossas raízes identitárias, é de uma felicidade sem tamanho, pois é aqui onde ele consegue suas inspirações e onde se recarrega de força, fé e conhecimento cultural de nossa história.

Figura 62 – Imagem de Adelson Socorro – Adelson Preto



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2024.

Temos meu outro irmão, Pedro Bolão (Ver figura 63), o criador dos nossos instrumentos. Artesão instruído por nosso pai, que antes de partir deste mundo, deixou seu legado para seus filhos e netos. Pedro também é tocador, tem uma forte conexão com nossos tambores. Do amassador ao pandeiro, do atabaque à conga, suas criações tomam vida e incendeiam os lugares por onde percorrem. Seus produtos são todos confeccionados a mão e com muito esmero, e sua dedicação pelo trabalho lhe levou à lugares que nunca imaginaria. Mestre da Cultura Popular Brasileira, Comendador da Ordem dos Benfeitores da Cultura e da Humanidade, Artesão formado pelo conhecimento empírico adquirido através da oralidade. Seguindo para seus filhos (Ver figura 64) – os que residem no espaço – apresento-lhes a Carliane (Kaká), que é a filha mais velha, é professora na escola municipal da comunidade do Cria-ú e, também, dançarina do grupo da família, onde contribuiu para apresentações em diversos estados do Brasil, tem uma fila encantadora chamada Maria Clara, uma menina sapeca que adora dançar Batuque. Diego também é tocador, toca o pandeiro com a alma e é formador

cultural em nosso espaço, se apresenta em nosso grupo, no bloco da família e com artistas da terra, este tem dois filhos chamados João e Pedro Valentim. E tem seus filhos mais novos, Pedro Rosário (Júnior) e Pietra Vitória, que são de seu último relacionamento, com minha cunhada Izilnete. Pedro tem outros filhos além dos que moram aqui, mas que escolheram explorar o mundo e vivenciar novos lugares.

Figura 63 – Imagem de Pedro cantando em roda de Marabaixo.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2023.

Figura 64 – Pedro Bolão juntamente com seus filhos, netos e noras.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2023.

Ainda, temos meus sobrinhos Ismael – Biluca e Benedito – Nena Silva (Ver figura 65), filhos de minha irmã Catarina. Estes são abençoados com os dons da percussão. Tocam em diversos lugares e com vários artistas, tais como eles. Fizeram parte de inúmeros projetos artísticos e de música também. Nena e Ismael são percussionistas consagrados, conhecidos por todo território amapaense, contribuindo para artistas como Brenda Melo, Patrícia Bastos, Carlinhos Brown, Alcione e até nos barracões do ciclo do Marabaixo. Ambos também sentem a paixão pelo samba, colaborando com diversas escolas de samba e grupos de pagode.

Figura 65 – Imagem dos irmãos, Ismael e Benedito, respectivamente.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2025.

Estes são irmãos de Antônia Márcia – Nega do Biluca (Ver figura 66), que possui mãos mágicas na cozinha, e é a detentora de saberes tradicionais do fazer da gengibirra. Costumam dizer que é a melhor do estado, e eu acredito pois esta aprendeu com minha mãe e minha irmã Catarina, e foi apenas aperfeiçoando seus métodos ao longo dos anos. Com seu bailado, já participou do Grupo Cia de dança Afro Baraká em seus primeiros anos de criação, quando ainda morávamos no Laguinho. Hoje ela utiliza de seus dons da culinária em sua lanchonete que se

localiza em frente à sua casa, neste espaço cultural. Seus dois filhos, Maria Vitória e Alex Ruan (Alex Biluca) e seu neto Rael, também são difusores da nossa cultura, e enfatizo o trabalho de meu sobrinho, Alex, que está seguindo grandes passos nas composições e na poesia. Com sua caixa de Marabaixo, ensina os visitantes do Museu Sacaca – onde trabalha – sobre a valorização da cultura desta terra.

Figura 66 – Imagem de Antônio Márcia e seus filhos, Alex e Maria.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2023.

E por fim, apresento a minha família, composta de minhas filhas e netos. Suelem é a minha filha primogênita e é esposa do meu genro Paulo e Samanda é minha caçula, esposa de meu genro Orival Júnior. Desde criança estão imersas em nosso cotidiano cultural e afrorreligioso, participando das festas da família, dançando em nosso grupo de Batuque e Marabaixo e se aperfeiçoando nos saberes de nossos ancestrais. Se elas sabem tocar a caixa, o amassador e até o pandeiro, mesmo que não seja perfeito, foi porque elas se empenharam em buscar os ensinamentos destes instrumentos. Nesta família, é dever obrigatório aprender todos os nossos costumes para que possamos progredir em sua perpetuação. Por isso, meus netos (Ver figura 67) também são detentores destes saberes, pois buscam, conscientemente, a valorização

da nossa cultura através de nossas práticas de aprendizagens, estando sempre engajados em nossos projetos e levando consigo o legado deixado por seus bisavôs, Chiquinha e Bolão. São eles, em ordem de nascimento, Ingridy Rafaela, Estefany Vitória, Saulo Ítalo e Orival Neto, sendo a Ingridy e o Saulo filhos da minha filha Suelem e a Estefany e o Orival sendo filhos da minha filha Samanda.

Figura 67 – Imagem de meus netos, do maior para o menor, Ingridy, Orival, Estefany e Saulo.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2025.

De forma mais específica sobre a minha família, Suelem trabalha na área administrativa, e trabalha arduamente para sustentar sua família e sempre se impõe quando necessário para defender os interesses e valores desta família. Ela é a pessoa que sempre ajuda nos serviços gerais desta casa territorial, que são necessários para manter o espaço preservado para receber nossos visitantes. Samanda é da área da saúde, e trabalha muito, muito mesmo, mas não se afasta de suas raízes jamais. Assumiu uma grande responsabilidade há um tempo, quando se tornou coordenadora da Igreja Santo Expedito, seguindo até hoje a frente da mesma defendendo os princípios de nossa matriarca, Tia Chiquinha. Aos meus netos, procuro incentivá-los à busca pelo conhecimento, seja científico ou tradicional comunitário. Minha neta maia velha, Ingridy, possui curso técnico em alimentos pelo Instituto Federal do Amapá e hoje faz duas faculdades, direito na Faculdade Estácio de Macapá (SEAMA) e relações internacionais na Universidade Federal do Amapá. Minha outra neta Estefany, agora se dedica pela área da saúde, assim como sua mãe, e faz curso técnico em enfermagem na Escola de Enfermagem São Camilo, além de

estar empenhada em ingressar no curso de fisioterapia na Universidade Federal do Amapá. Meu neto Saulo, possui curso técnico em edificações pelo Instituto Federal do Amapá e, hoje, permanece na área e faz curso de engenharia civil na Universidade Federal do Amapá. Meu neto caçula permanece estudando no ensino fundamental, e está prestes a ingressar no ensino médio onde irá trilhar seu caminho, apesar de estar confiante de que sua formação será a medicina veterinária, pois este meu neto ama os animais, principalmente os cavalos.

Figura 68 – Eu, Esmeraldina, junto de minhas filhas Samanda e Suelem.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2025.

Destes membros, ser sujeito deste território é entender que somos pertencentes dele, e nos identificamos com o espaço pela energia que circula por ele. É celebrar com vigor o que nos foi repassado, o que nos foi dado como herança. Este espaço é de uma variedade de saberes que permanecem invictos graças à essas pessoas, elas que permitem viver por estes saberes e os aplicam em seus cotidianos, pois fazem parte de nossa vida. Posso, ainda, mencionar aqueles que, apesar de não residirem no espaço ou não estarem ativamente engajados no fazer cultural, compõem a árvore genealógica desta família e, em algum momento, se dedicam ou já se

dedicaram às práticas culturais, são eles: Raimundo Paulo, que já atuou de maneira honrosa no grupo Raízes do Bolão tocando seu pandeiro, dom herdado por meu pai e seu avô; Maria Enilda, que sempre contribui na organização e administração do grupo e tantos outros primos, primas e familiares distantes que fazem parte deste legado.

6.3 CELEBRAÇÕES E AFETOS: RITUAIS, FESTAS E O FORTALECIMENTOS DOS LAÇOS CULTURAIS

Tia Chiquinha e Mestre Bolão, meus pais, deixaram um legado repleto de saberes que lhes foram conferidos por seus ancestrais, e dentre os dons herdados, o de celebrar com afeto nossas festividades e nossos rituais. O espaço cultural se faz necessário na luta pela perpetuação de nossas práticas culturais e religiosas, pois estamos passando por uma grande mudança atualmente. Nos tempos de meus avós, tínhamos a forte presença de parteiras, benzedadeiras, curandeiras(os), que hoje estão desaparecendo pelo enfraquecimento destes dons, restando apenas as histórias de suas realizações. Hoje nos vemos privados da cura pela medicina tradicional, dos remédios naturais que antes eram comuns, bem como do conhecimento sobre essas práticas que se perdeu com nossos anciãos, já ausentes. São poucos os que realmente se dedicam a preservar a história do nosso povo e a manter vivas as tradições ligadas à cura pela natureza.

As celebrações afrorreligiosas são as únicas que estão sobrevivendo, havendo uma grande mobilização para trazer os mais jovens para continuar esse legado que está sendo ameaçado, ano após ano, onde a tradição tem que competir com o mundo globalizado, da internet, das redes sociais, do celular que acabam por desinteressar nossos jovens sobre a importância da sua cultura e manutenção dos nossos modos de vida, saberes e africanidades. É uma luta diária despertar o interesse e trazer a juventude para práticas culturais do nosso povo hoje, para isso, precisamos lançar estratégias para sensibilizá-los através de palestras, rodas de conversas, festivais, blocos carnavalescos e eventos que aumentam significativamente a presença dos jovens quilombolas nesta atividade. Diante desse cenário, minha única certeza é que devemos continuar nos mobilizando, para manter nossas tradições e acima de tudo, continuar passando esses ensinamentos para as gerações futuras e manter vivo o nosso tesouro cultural, como os grandes festejos que ocorrem durante o ano todo no quilombo, como o de São Joaquim. Penso que apesar dos problemas que enfrentamos, e não são poucos, o Quilombo do Cria-ú é uma comunidade privilegiada, especialmente com um povo forte, aguerrido, com uma

natureza exuberante e cheia de biodiversidade, e, principalmente, rico em cultura, saberes, ritos e tradições que são mantidos pelo seu povo.

Figura 69 – Senhoras da comunidade, as irmãs Raimunda Leite, Minerva Leite, Maria Leite e Maria de Jesus, em Batuque na Maloca da Tia Chiquinha.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2010.

Trazendo o contexto para dentro do Espaço Cultural Tia Chiquinha, temos um calendário afrorreligioso e artístico diversificado. Minha mãe era muito católica, de uma fé imensurável, e louvava a todos os seus santos com muita devoção, um exemplo que ficou para nós como algo a ser alcançado. Como parte das celebrações anuais do território de Tia Chiquinha, estão a Festividade em louvor a Santo Expedito, em abril; a abertura da Festividade de São Joaquim, em agosto; e a Festividade em louvor a Nossa Senhora de Guadalupe, em dezembro. Além das festividades, seguimos também todo o calendário de solenidades da Diocese de Macapá, pois temos a Igreja de Santo Expedito, integrada à Paróquia Nossa Senhora do Rosário e São João Calábria, onde celebramos tempos como a Páscoa, o Natal e a Quaresma. A partir daqui irei apresentar cada festividade e como elas começaram em nossa vida, os motivos e a trajetória de cada uma.

Primeiramente, a pioneira, a nossa maior e mais simbólica festividade da família Chiquinha e Bolão, que é a Festividade em louvor a Santo Expedito (Ver figura 70). Minha mãe começou a festejar Santo Expedito quando desejava retornar para o Cria-ú, porém não tinha muitos recursos para a construção da maloca e da sua casa aqui no território. Em uma visita a sua amiga, Dona Sulica, ela se deparou com a imagem do santo coberta com uma toalha no

canto da sala, e em meio a conversa questionou a amiga que santo era aquele, e Dona Sulica lhe contou a história de Santo Expedito, o santo das causas justas e urgentes e padroeiro dos militares. Minha mãe, fascinada com sua história, fez uma promessa pedindo a ele que lhe ajudasse a vender a casa no laguinho para que ela realizasse seu desejo de voltar à sua terra ancestral. Santo Expedito intercedeu seu pedido, e ela conseguiu vender a casa. O comprador foi tão justo, que nos deu um prazo para terminamos a maloca e poder nos mudar da casa com paciência. Desde então, passamos a festejar Santo Expedito, que virou padroeiro deste território cultural.

Figura 70 – Colagem com imagens da Festividade de Santo Expedito na Maloca da Tia Chiquinha, no Cria-ú.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2024.

Todos os anos, desde que nos mudamos, minha mãe seguia uma programação cercada de fé, tradição e de muito Batuque e Marabaixo. Ela saía do Cria-ú e ia buscar a imagem do santo emprestada de Dona Sulica, no laguinho, já que esta não festejava o santo. Todos os anos no dia 19 de abril, dia em que o santo é festejado, ela mandava rezar a ladainha, que era conduzida por seu primo, o Seu João da Cruz (*In memoriam*), e feita na sala de sua casa. Depois o santo era levado para a maloca, onde serviam o jantar e eram feitos o Batuque e o Marabaixo até o amanhecer do dia. As festas de minha mãe eram grandiosas, não que hoje não sejam, mas as de minha mãe tinham um clima diferente. Ela costumava “contratar o boi”, como ela dizia,

meses antes da festividade acontecer. Tudo era muito bem planejado e organizado com muito amor, carinho e muita devoção.

A Prof. Raimundinha Ramos, vendo toda a luta que ela tinha de ir buscar o santo no laguinho e trazer para o Cria-ú, resolveu presentear minha mãe com uma imagem média de Santo Expedito. Porém, minha mãe achava que apenas a imagem grande fazia milagres, e descontente, mandou encomendar uma imagem grande de fora do Amapá. Minha mãe era certa no que fazia, e ninguém mudava suas decisões, era uma mulher forte, confiante e cheia de si e, por isso, mesmo depois que sua imagem de Santo Expedito havia chegado, ela continuou indo buscar a imagem de Santo Expedito que pertencia a Dona Sulica, pois pensava que suas promessas não seriam bem pagas e que o santo não lhe intercederia mais. É por isso que ficavam as duas imagens, lado a lado, no centro da sala de sua casa e da maloca. A imagem de Santo Expedito que vinha de Dona Sulica, só parou de visitar nosso território quando a dona faleceu, e convencemos minha mãe que não era mais necessário ir buscá-lo, pois o santo continuaria intercedendo por ela. Assim, a festa continuou a ser festejada anualmente e segue sendo até hoje, com Santo Expedito sendo o padroeiro deste território familiar e intercedendo pela família.

Figura 71 – Imagem de Santo Expedito, herança de Tia Chiquinha.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2020.

Minha mãe, além de Santo Expedito, tinha muitas outras imagens, que ficavam em uma mesa na sala da casa dela. Como ela criava bastantes galinhas, elas tinham o costume de pôr os seus ovos nos vasos de flores que tinham na mesa da sala, junto das imagens, e isso a deixava frustrada pois as galinhas saiam voando e derrubavam tudo. Com isso, ela resolveu que iria construir uma capela para abrigar suas imagens e que a nomearia com o nome de Santo Expedito. Assim ela o fez. Com a ajuda da família, ela começou a construção da capela, sempre dizendo que está também serviria para aproximar alguns de seus filhos e netos à igreja, pois eles não tinham a prática de ir à missas ou até mesmo às ladainhas da comunidade. Seu desejo foi realizado, porém ela não pode ver essa realização, já que faleceu antes que a capela fosse inaugurada. Seus filhos e netos continuaram o desejo que se tornou promessa e finalizaram a construção da igreja, que foi inaugurada no dia 19 de abril de 2015, dia de Santo Expedito. O pároco responsável pela Paróquia Nossa Senhora do Rosário e São João Calábria, realizando sua caminhada matinal pelo Cria-ú se deparou com a capela e veio até a minha casa perguntar sobre o que se tratava aquilo. Conversei com ele e lhe contei toda a história da família e, principalmente, da devoção de minha mãe pelo santo. Ele, encantado, disse que faria a vila se tornar uma comunidade da paróquia e que a capela passaria a fazer parte da Diocese de Macapá. Ficamos muito felizes com o rumo que a família estava tomando, de um simples gesto de amor e devoção ao santo, se tornou ponto de louvor e interseção para muitos devotos. A capela se tornou igreja, e hoje a programação é concentrada na religiosidade da festividade.

Figura 72 – Inauguração da Capela de Santo Expedito, no Cria-ú.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2015.

A outra festividade que celebramos no espaço é a em louvor a São Joaquim, em que a família realiza a abertura da festividade que mobiliza a comunidade inteira durante o mês de agosto. Essa festividade, que já foi aprofundada na seção 2, é considerada a maior festividade da comunidade do Cria-ú, tendo em vista que é a celebração de nosso padroeiro. Tia Chiquinha passou a celebrar São Joaquim neste espaço como uma forma de manter o legado de seu marido, meu pai, Mestre Bolão, que era porta-bandeira da folia de São Joaquim e celebrante da primeira noite de batuque da festa. Manter essa tradição é manter viva a memória da pessoa que tanto se doou em devoção ao santo. Por isso, permanecemos a celebrar a primeira noite de Batuque da Festividade de São Joaquim no espaço cultural, mantendo as tradições antigas como servir o cozidão de carne no almoço e no jantar, e tocar o Batuque até o amanhecer do dia. O Batuque que é conhecido apenas pelo seu toque único e autêntico, o “Batuque do Bolão”, associado ao Mestre pelo empenho da família em celebrar a primeira noite da festividade.

Figura 73 – Colagem com imagens da Festividade de São Joaquim na Maloca da Tia Chiquinha.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2023.

E por fim, no mês de dezembro, dedicamos nosso espaço à Nossa Senhora de Guadalupe, que é festejada no dia 12 do mês (Ver figura 74). Esta é a única festividade que

trouxemos do laguinho e a festejamos a quase 40 anos. Esta festa é organizada por mim, Esmeraldina, mas com o apoio e incentivo de toda a família Bolão. Em muitas igrejas, as comunidades celebram e festejam outros santos além de seus padroeiros. Em nosso espaço, Nossa Senhora de Guadalupe é um exemplo disso. Com a santa missa, iniciamos o festejo agradecendo a ela por mais um ano de devoção. Seguimos a tradição cultural de nossa comunidade quilombola e oferecemos o “almoço dos inocentes”, como parte de minha promessa, com a matança do boi e do porco para fazer um delicioso cozido de carne e um belíssimo porco assado na panela. Além disso, me coloquei a disposição dela para doar brinquedos às crianças da comunidade. Primeiro no Laguinho e hoje no Cria-ú. Ao cair da noite, começa o Batuque e o Marabaixo, que faz parte do cotidiano cultural de meu território e da minha família. Agradeço no amanhecer, aos sons das caixas e dos tambores, por todas as atuações dela em minha vida e na de minha família, com gritos de “EITAAAA!!!” e “VIVAAA!!!”, louvo a ela, padroeira da América Latina.

Figura 74 – Colagem com imagens da Festividade de Nossa Senhora de Guadalupe.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2001, 2018.

Em nosso espaço, buscamos manter viva as nossas tradições, por mais que muitas delas tenham se perdido e que residam apenas em nossas memórias. Vivemos em uma outra época, onde tudo está diferente, e nossos costumes antigos foram ultrapassados pela era tecnológica e pelo diálogo de que certas práticas são muito ultrapassadas ou até absurdas demais. Estamos nos aproximando cada vez mais dos centros urbanos, e esses costumes acabam se distanciando

para os interiores. Por exemplo, na Semana Santa, tomávamos banho apenas até a quarta-feira santa, pois acreditavam que tomar banho depois lavava o Corpo de Cristo, e por isso não o praticavam até o Sábado de Aleluia. Após a quarta-feira das trevas tudo parava, um silêncio se instaurava nas vilas que não se ouvia nem o barulho dos grilos nas matas, não se varria mais as casas, não penteavam os cabelos, e muito menos se pegava em facas. Naquele tempo não existia geladeira, os peixes que pegávamos nos rios eram fritos na quarta-feira, bacias de açaí eram amassadas e tudo era guardado em nossos alguidares de barro, e mesmo assim, nada se estragava. Ao lembrar de tudo isso, fico abismada de ver que os fazeres de antigamente eram impressionantemente respeitados e feitos com muito cuidado. Hoje em dia, até no dia da Paixão do Senhor, há pessoas nas feiras comprando peixe para o almoço. Não julgo ninguém, pois sei que, infelizmente, muitos não tem tempo para se preparar. Mas, antigamente, se alguém não comprasse suas coisas da semana até quarta-feira, não comprava mais, porque tudo fechava nas cidades, então ou a pessoa ia para casa de familiares e vizinhos ou ficava em jejum.

Além do calendário religioso, também temos nossos eventos artísticos, onde buscamos aproximar o público de fora a conhecer mais nossa cultura. O tambor da liberdade é o que mais se destaca, realizado no dia 13 de maio por meu irmão Pedro Bolão, o evento é uma celebração conjunta da assinatura da Lei Áurea e do nascimento de nossa avó, conhecida como “mãe velha”, mãe de Tia Chiquinha. Com rodas de conversas, oficinas de caixa de marabaixo, utilizamos este dia para conscientizar a população sobre a importância de combater o racismo no nosso dia a dia. Para fortalecer nossa cultura, além de seguir as tradições da comunidade, é costumeiro chamarmos artistas amapaenses para compor os eventos do espaço, seja cantando, tocando ou debatendo em alguma palestra ou roda de conversa, contribuindo para o crescimento cultural de nossa comunidade e de nosso estado.

6.4 A MEMÓRIA NO CORPO: ORALIDADE, BATUQUE E MARABAIXO COMO PEDAGOGIA

O ensino do Batuque e do Marabaixo em nosso centro, nas escolas de nosso quilombo e até mesmo nas convencionais, representa uma oportunidade valiosa de valorização da cultura afroamapaense, especialmente no contexto das comunidades quilombolas. Essas manifestações artísticas, ricas em ritmos, danças, instrumentos e narrativas, são expressões vivas da resistência, da fé e da identidade do povo negro no Amapá. Ao integrá-las ao processo de ensino-aprendizagem, busca-se não apenas transmitir conhecimentos técnicos e musicais, mas também fortalecer a consciência histórica e o pertencimento cultural dos alunos. Neste sentido,

a presente forma didática de trabalhar no nosso quilombo estrutura-se em torno de elementos essenciais para a abordagem do Batuque e do Marabaixo em sala de aula. Sendo considerados o contexto histórico e cultural dessas manifestações, a definição clara dos objetivos de aprendizagem, exemplos práticos de atividades com músicas, instrumentos e danças, a descrição detalhada dos conteúdos, além de uma metodologia participativa, que valorize a prática, a aprendizagem colaborativa e a escuta dos mais velhos como guardiões da tradição, os nossos griôs.

Figura 75 – Projeto social Biblioteca Árvore da Leitura.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2016.

Nossos projetos são um reflexo desse esforço contínuo em perpetuar nossa cultura. Nomes de simples concepções como Tambor da Liberdade, O Canto do Quilombo, Árvore da Leitura (Ver figura 75), Histórias do Meu Quilombo nas Escolas, Resgatando Tambores e até de grandes projetos que se expandiram grandiosamente como o Quilombo Groove e Sonora Brasil. Todos com o intuito de apresentar os nossos rituais e fazeres artísticos para a comunidade estudantil e população geral. Estes utilizam as nossas vivências e o nosso cotidiano como parte da metodologia de ensinagem. Tudo o que aprendemos desde criança, passando

pela juventude e o que foi aprimorado pelo tempo, buscamos repassar e difundir esses ensinamentos através desses projetos.

O Festival Quilombo Groove, originalmente apresentado como “Quilombo Groove: Precês, Louvores e Batuques”, foi um projeto proposto ao grupo com o intuito de promover e exaltar a imersão cultural deste território quilombola. Ele é realizado pela Companhia Ói Nóiz Akí, produtora cultural que orienta o grupo e a família na mobilização de projetos culturais. O evento une as práticas pedagógicas do espaço com a música popular amapaense, contribuindo para o fortalecimento da cultura do nosso estado. O foco na apresentação deste evento são as atividades que ocorrem para a comunidade acadêmica e geral, que ainda desconhecem de nossa cultura e que não viveram nenhuma experiência com ela.

Dentre a programação das atividades pedagógicas, os visitantes iniciam a jornada de experiências na maloca sendo apresentados sobre o projeto, os objetivos e o que eles conhecerão ali. Depois, eles seguem para o ateliê/lutheria do meu irmão, Pedro Bolão (Ver figura 75), onde participam de uma oficina sobre a confecção dos instrumentos de Batuque e Marabaixo. Nela eles aprendem as origens destes instrumentos, como eram feitos e a maneira como foram se modernizando com o passar do tempo.

Figura 76 – Estudantes em oficina no ateliê do mestre Pedro Bolão.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2024.

Após a oficina, o grupo de visitantes caminha até um bosque que fica atrás da casa de meu sobrinho, Adelson, onde são mergulhados nas palavras e histórias desta escritora. É aqui onde eles são aguçados pela curiosidade para buscar mais informações sobre os saberes que circundam este território. As histórias sobre este povo os fascinam e fico encantada ao ver o despertar, principalmente das crianças, quando demonstro os ladrões de marabaixo de meus livros.

Figura 77 – Contação de história em bosque com Esmeraldina dos Santos.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2024.

Logo depois, eles seguem no espaço para se deliciar de experiências únicas do nosso cotidiano quilombola. Na casa de farinha (Ver figura 78), os visitantes, estudantes e professores são ensinados a maneira como essa iguaria típica da nossa região é feita, desde a retirada da mandioca, até a torragem no forno construído a lenha. Demonstrando técnicas ancestrais de amolecimento e até a maneira como é moída a mandioca e a macaxeira, onde é utilizado o catitu, uma máquina rústica movida a eletricidade que possui lâminas para cortar as raízes. No momento da demonstração, as fornadas logo se esgotam pelo gosto dos visitantes de provarem a farinha d'água quentinha e bem torrada.

Figura 78 – Demonstração técnica da produção de farinha.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2024.

E para se saciarem da experiência gastronômica, os visitantes são guiados para a demonstração técnica da gengibirra, com a Márcia Santos – Nega Biluca (Ver figura 79), que os ensina o modo de fazer da bebida, a origem dela e o porquê de ser tão conhecida no meio artístico. Além de serem inseridos para produzir a bebida, ao final da demonstração, eles podem degustá-la e seguir para a roda de Batuque e Marabaixo. É um momento de pura descontração, pois os visitantes e os estudantes leigos do conhecimento dela ficam impressionados ao saber a composição da bebida, que possui aguardente.

Figura 79 – Nega do Biluca em demonstração técnica da Gengibirra.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2024.

Para finalizar a imersão cultural, os visitantes são inseridos em uma oficina de Batuque e Marabaixo, onde eles aprendem a tocar os instrumentos com meus sobrinho Diego Bolão e Ismael Biluca, alguns vão para as caixas, outros para os tambores, para os pandeiros, e todos se divertem com essa vivência cultural. Ensinamos também a cantar nossas músicas e dançar no ritmo da nossa cultura comigo, Esmeraldina. Ao final, cria-se uma grande roda em um momento de descontração, com todos cantando, dançando e tocando, totalmente imersos em nossa realidade cultural e finalizando uma experiência que marca qualquer pessoa que se propõe em vive-la.

Dentro da programação pedagógica, não temos parada na Igreja de Santo Expedito, que é um dos pilares deste território e dialoga muito com a essência da vida da matriarca Tia Chiquinha. Porém, estamos em articulação para que mais práticas estejam inseridas nessa programação formativa. Além disso, o que se busca nesta dissertação é analisar para reconhecer as atividades pedagógicas e culturais que são desenvolvidas neste espaço, bem como perceber os princípios civilizatórios nestas práticas, para que se crie, ou melhor, para que se reconheça uma metodologia de ensino baseada na cultura do Batuque e do Marabaixo

Figura 80 – Demonstração de roda de Batuque e Marabaixo.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2024.

O Sonora Brasil é uma iniciativa do SESC – Serviço Social do Comércio, que tem como objetivo apresentar ao público as mais diversas produções culturais do Brasil. O Grupo Raízes do Bolão teve a oportunidade de se apresentar por diversas regiões do Brasil, no circuito 2013-2014, com o tema “Tambores e Batuques”, durante a 16ª e 17ª edição do projeto. Em 2013, percorremos por 71 cidades dos estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Já em 2014, contemplamos 59 cidades dos estados do Sul e do Sudeste. Durante o percurso, visitamos inúmeros lugares surreais de tão belos, e fomos muito bem recebidos em todos eles. Na época do convite, o grupo realizava várias apresentações com o Sesc Amapá, e vendo nosso trabalho, o Sesc Nacional nos deu a oportunidade de mostrar nossa cultura por todo o Brasil, com outros grupos que tinham em suas culturas o som dos tambores como herança ancestral e cultural.

Figura 81 – Grupo Raízes do Bolão em viagem pelo Sonora Brasil.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2013.

Além disso, as histórias que vivenciamos e as conexões que tivemos ficaram marcadas para sempre em minhas memórias. Me lembro de quando estivemos no Ceará, no município de Sobral, em que ao subirmos no palco e para contar a história e cantarmos a bandaia “Baturité”, o público inteiro se emocionou, e ali eu senti um vínculo que era ancestral. Quando terminamos a apresentação, algumas pessoas vieram até nós, emocionados, dizendo “Onde vocês estavam esse tempo todo?” ou então “Encontramos nossos irmãos” (Ver figura 82). Esta bandaia, existente desde bem antes de meu nascimento, assim como todas as outras bandaias e ladrões de marabaixo, ela conta uma história, e é a história de Baturité, um município do estado do Ceará. Esta história, minha mãe quem me contou, que ela ouviu dos mais velhos, que na época em que o Cria-ú ainda era muito pequeno, muitas pessoas vinham através do Rio Cria-ú, que recebe um dos braços do Rio Amazonas. Dentre essas pessoas, vinham muitos comerciantes para fazer vendas, compras e trocas de mercadorias. Eram os chamados marreteiros. E um desses comerciantes ao se deparar com a biodiversidade do Cria-ú, ficou encantado com a beleza do nosso território e comentou que tinha vontade de ver a liberdade do Ceará, que era a terra dele. Naquela época tudo o que os velhos ouviam de história, eles faziam música. Pois

bem, eles tiraram a bandaia e ela se popularizou nas rodas de batuque. Essa história se concretiza, pois, ao pesquisar a fundo sobre a cidade de Baturité, percebe-se que houve uma revolução dos retirantes, operários que estavam construindo a Estrada de Ferro de Baturité. Há ainda a aproximação com a história da cidade de Redenção, da província de Baturité, que entrou para a história do Brasil como a primeira cidade do país a abolir oficialmente a escravidão em seu território.

Figura 82 – Apresentação do Grupo Raízes do Bolão no teatro São João, em Sobral, CE.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2013.

Ao apresentar estes projetos nos transformamos em educadores culturais comunitários, utilizando como metodologia de ensinagem nossas próprias vivências culturais para explicar sobre o Batuque e o Marabaixo. Fico maravilhada por ter herdado de minha mãe o dom de poder contar nossas histórias, esta que foi uma autodidata e que não teve a oportunidade de se escolarizar, se transformou em uma educadora cultural, onde sabia contar a história de seu povo. A lição que ela nos passava era, muitas vezes, com um olhar de uma verdadeira educadora, sempre firme em defender os valores e o respeito à nossa africanidade. Minha mãe tinha um profundo respeito pelos educadores, pois ela acreditava que os professores eram a base da educação e do saber compartilhado, e isso foi passado veementemente por ela para todos nós.

Ser educador na atualidade é um grande desafio, pois temos que lidar diariamente com inúmeras situações, a começar pelo desinteresse dos alunos em aprender, a falta de disciplina, a falta de participação dos pais no acompanhamento dos filhos na escola e a violência, algo

muito aterrorizante, pois ela se manifesta de várias maneiras e em vários lugares. Além disso, a falta de valorização para com o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, estabelecido obrigatoriamente pela Lei nº 10.639/03, é extremamente preocupante. Muitas pessoas não compreendem a importância do ensino, e muitas vezes até condenam práticas que buscam incentivar o conhecimento acerca da cultura africana e afro-brasileira. Em nossa comunidade, por exemplo, onde muitos alunos não residem no território, a escola é impedida por alguns pais de abordar sobre nossa cultura e nossas tradições devido ao desconhecimento ou até mesmo da intransigência de membros da escola que acreditam que essas atividades culturais e religiosas atrapalham o calendário escolar. Quando na verdade, estas atividades correspondem à nossa cultura e deveriam ser inseridas no calendário escolar, já que a escola está locada em uma comunidade quilombola e deve ensinar aos seus estudantes a importância histórica e cultural deste território.

Eu, particularmente, como educadora cultural e antirracista, faço questão de trabalhar a temática do racismo, porque sei que são poucas as escolas que conseguem abordar esta temática e fazer a diferença na diminuição dos traumas em decorrência do racismo, que impede muitas crianças de permanecer na escola, principalmente quando a instituição não toma as devidas providências em casos de racismo. Com o uso das minhas vivências, em minhas práticas pedagógicas, busco sensibilizar e colaborar com uma educação antirracista, cultural e inclusiva, especialmente quando a maioria dos professores, não negros, se quer conhecem a vivência de comunidades como o Cria-ú. Por isso, sou totalmente a favor que os professores que são designados para trabalhar nas escolas de comunidades quilombolas, sejam da própria comunidade, justamente porque conhecem nossa realidade e sabem a importância de manter nossa cultura e saberes vivos.

Figura 83 – Grupo Raízes do Bolão em palestra sobre o Batuque e o Marabaixo.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2013.

Estudando a lei nº 10.639/03, me indaguei sobre como poderia abordar sobre a história e cultura africana e afro-brasileira dentro da sala de aula, levando em consideração o Marabaixo e o Batuque e as práticas de ensinagem que realizamos neste espaço. A partir daí, passei a estudar os elementos destas manifestações e percebi como elas podem ser explicadas dentro das disciplinas que são ministradas nos dias de hoje. Após o estudo de minhas próprias práticas dentro do espaço, cheguei à conclusão de que o Marabaixo e o Batuque são, de fato, uma pedagogia contada através de minhas vivências, que já era posta em prática dentro deste ambiente desde muito antes de eu entender e me identificar enquanto educadora cultural comunitária. Ainda existe a percepção de que abordar o Marabaixo e o Batuque no ambiente escolar se resume à realização de apresentações culturais durante a “Semana da Consciência Negra”, atendendo superficialmente aos objetivos da lei 10.639/03. Entretanto, essas manifestações culturais devem ser integradas ao currículo regular, sendo trabalhadas na sala de aula de forma sistemática e não apenas como atividades extracurriculares.

A pedagogia do Batuque e do Marabaixo estrutura-se na oralidade herdada de nossos ancestrais, que, embora não identificassem explicitamente as disciplinas presentes nas manifestações, reconheciam sua existência por meio do conhecimento empírico e dos elementos envolvidos, e, assim, transmitiam seus conhecimentos envolvendo as manifestações através da tradição oral, que passava de geração em geração até chegar em seu reconhecimento por meio da prática de ensinagem, que acontece no Espaço Cultural Tia Chiquinha. A ideia

trazida neste estudo é de que o Batuque e o Marabaixo podem ser abordados dentro da sala de aula, pois são manifestações do meio artístico-cultural, social, humano e natural, por isso é possível observá-los em diversas disciplinas.

Na esfera artística, os aspectos culturais manifestam-se por meio das vestimentas utilizadas em festividades tradicionais, como saias rodadas e floridas, blusas rendadas e franzidas, adornos de flores na cabeça, além de instrumentos confeccionados de forma artesanal com materiais rústicos. Esses elementos visuais contribuem para a composição estética nas rodas de marabaixo e nas apresentações com instrumentos de couro, resultando em um cenário marcante durante a execução dos ritmos das caixas e dos tambores, que impulsionam o movimento das saias no salão.

Figura 84 – Imagem das vestimentas utilizadas no Marabaixo e Batuque.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2024.

No campo da biologia, nos estudos de botânica e zoologia, pode-se abordar sobre os instrumentos que eram/são confeccionados a partir de troncos cavados de palmeiras para os tambores de Batuque e de árvores grossas para as caixas de Marabaixo, principalmente de troncos retos e lisos, tais como de mucajazeiro e amapazeiro. Além disso, os estudos podem contemplar sobre os tipos de couro que são utilizados nos instrumentos, que antes eram de animais mais silvestres, como o de sucuriçu, que faz um som diferenciado por causa das escamas

de sua pele, e que hoje já não são mais utilizados pela consciência de preservação ambiental e pela dificuldade que temos em encontrar estes animais. Bem raramente, quando alguém encontra um animal deste tipo morto, que ainda pode-se usar em algum instrumento, porém o custo para a confecção se torna altíssimo, agregando bastante valor ao material. Os tipos de couro usados atualmente são de carneiro, de bode e de boi, que geralmente são aproveitados das festas tradicionais. Todos necessitam passar por um processo de amolecimento e, depois, de secagem natural ao sol, que costuma durar uma semana (7 dias).

Figura 85 – Confecção dos instrumentos utilizados nas rodas de Batuque e Marabaixo.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2023.

Na Educação Física, especificamente nos estudos da dança, aborda sobre os movimentos realizados durante as rodas de Marabaixo e Batuque, que podem ser, respectivamente, passos curtos e lentos de arrastar os pés ou passos rápidos e de giros contínuos. Cada movimento e sua execução possuem um significado: o arrastar dos pés no Marabaixo, representa a forma como nossos ancestrais escravizados dançavam nas senzalas com seus pés acorrentados – assim contavam os mais velhos – e os passos rápidos e rodados no Batuque representa a alegria sentida pelo sentimento de liberdade. E para além da dança, pode ser trabalhado a capoeira, que também fazia parte das rodas de Marabaixo e eram jogadas na frente dos cortejos desta manifestação.

Figura 86 – Roda de Batuque em apresentação durante o Encontro dos Tambores.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2025.

Na História e na Geografia, as manifestações não são tão difíceis de serem integradas, pois a história estudaria as hipóteses do surgimento, as principais ações ao longo dos anos e os nomes daqueles que honraram e que lutaram pelo reconhecimento e valorização deste fazer cultural, além de todo contexto histórico em que o Marabaixo e o Batuque estavam inseridos. E a geografia, estuda-se os conceitos de região e território, nos quais estas manifestações são desenvolvidas e celebradas.

Na Língua Portuguesa, pode-se abordar os estudos de interpretação dos Ladrões de Marabaixo e Bandaias de Batuque, estes que são histórias contadas através dos ritmos dos tambores, cabendo aos que buscarem esse conhecimento entenderem qual é o sentido de determinada música, e qual o sentimento que ela transpassa para quem escuta ou quem lê. E devem entender, claramente, a história por trás de cada Ladrão e de cada Bandaia. Segue exemplos de um Ladrão de Marabaixo e uma Bandaia de Batuque:

Ladrão de marabaixo: Patavina (Autoria de Francisca Ramos)

*Eu vou lhe dar um presente
Eu não tenho patavina
Desmanchei a minha cerca
Que passou pela campina*

*Já desmanchei minha roça
Toma conta do que tem lá
Já tirei a minha maniva
Só ficou os pés de ananã*

*Mulher sem dinheiro e mato
Eu não falo por tradição
Ainda lhe dei sem miragem
Em cima da minha razão*

*Tem uma calça de saco
E uma camisa de “letrão”
Assim tu andas na rua
Chamando o povo atenção*

Bandaia de Batuque: Barão do Rio Branco (Autoria de Francisca Ramos)

*Eu hoje me sinto formosa
Debaixo do sol e da lua
Lá naquela linda praça
É a barão do rio branco*

*Era 4 horas da tarde
foi quando o a jato passou
Os astros estavam tão baixo
que a fumaceira ficou*

*O João que reclamava
A mamãe não estava em casa
Estava na casa da vizinha
Por causa da casa dos outros
Deixou os filhos sozinhos*

*Nas terras do Cria-ú
Foi quando a notícia chegou
Que o a jato passou tão baixo
Que os fios se “arrebentou”*

*Valei-me nossa senhora
Senhora da conceição
Quem trouxe esta notícia
Foi o tio Damião*

Na Matemática, abranja-se os estudos simples de cálculos, tais como adição ou multiplicação. No fazer artesanal das vestimentas de Batuque e de Marabaixo, as costureiras, que possuem este dom herdado de gerações passadas, precisam saber sobre as metragens dos tecidos e das fitas. Dependendo do gosto pessoal e do manequim de cada pessoa, quantos metros de tecido florido são necessários para se fazer uma saia? E quantos metros de fitas e rendas eu preciso para enfeitar esta saia? E se, caso eu queira combinar a saia e a blusa é preciso acrescentar mais um ou dois metros do tecido. E isto era apenas o pensamento antigo, quando cada pessoa era responsável pela sua vestimenta. Hoje, com as criações de grupos de Marabaixo

as contas se expandem, pois é necessário ter esse pensamento para 20, 30 ou até 40 pessoas, o que envolve um trabalho minucioso e detalhado sobre cada vestimenta.

Figura 87 – Confeção de roupas de Batuque e Marabaixo para apresentações do grupo Raízes do Bolão.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2022.

E na Química, observa-se o preparo da gengibirra, onde misturamos os compostos presentes em produtos naturais, que ao se unirem criam uma composição de sabores única. Na gengibirra, o sabor picante e ardente do gengibre se junta com o sabor forte e dulçor alcoólico da aguardente, resultando em uma bebida intensa e envolvente capaz de queimar a garganta de quem não é acostumado. Para além de uma bebida alcoólica, a gengibirra serve também para curar a garganta das cantadeiras de Batuque e Marabaixo, que ficam (ficavam) roucas ao passar noites inteiras cantando ao sereno do luar.

Figura 88 – Produção e distribuição de gengibirra durante atividades formativas na Maloca da Tia Chiquinha.



Fonte: Material do acervo da pesquisadora, 2024.

A seguir, será apresentado um modelo de planejamento de aula envolvendo a pedagogia do Batuque e do Marabaixo, e demonstrado graficamente, de forma a contribuir para a demonstração de uma vivência pedagógica rica, respeitosa e significativa, promovendo o reconhecimento e a valorização das culturas afrodescendentes, em especial no contexto do quilombo do Cria-ú, portanto, apresentamos uma espécie de Pedagogia do batuque e do marabaixo, que pode ser utilizada em sala de aula como parte do estudo da História e Cultura Africana e Afrodescendente, estabelecido pela Lei 10.639/03:

1. Objetivo de aprendizagem: Definir claramente o que os alunos devem ser capazes de fazer, ao final do processo de aprendizagem.
2. Conteúdo: Definir os conteúdos a serem ministrados com seus temas e suas origens e contexto de produção.
3. Metodologia: A prática é fundamental, a pedagogia deve priorizar a participação ativa dos alunos na execução do batuque e o marabaixo desde os ritmos mais simples até os mais complexos. A aprendizagem colaborativa: incentivar o trabalho em grupo, a troca de experiências e o aprendizado mútuo entre os alunos; aprendizagem

- intergeracional: integrar os mais velhos, mestres e mestras do batuque e do marabaixo como transmissores de conhecimentos e sabedoria, suas histórias e experiências são inestimáveis; os recursos didáticos: utilizar diversos recursos, como imagens, vídeos, áudios, instrumentos, musicais, partituras simplificadas etc.
4. Contexto histórico-cultural: Apresentação do contexto histórico e cultural do Marabaixo;
 5. Instrumentos: Descrever os instrumentos tradicionais utilizados no batuque e marabaixo (tambores, caixas chocalho e pau de chuva) etc. A sua construção, manutenção e a forma como são tocados.
 6. Funcionamento dos instrumentos do Marabaixo: Exemplos de como reconhecer os ritmos e instrumentos tocar alguns ritmos básicos, compreender a letra das músicas, entender a importância social e cultural do batuque e marabaixo.
 7. Ritmos e melodias: Apresentar os ritmos e melodias; suas estruturas, canções e letras; analisar as letras das canções, seus significados, sua história e sua relação com a vida cotidiana e a história do quilombo do Cria-ú.
 8. A dança: A dança faz parte do batuque e do marabaixo; descrevo os passos e movimentos, sua simbologia e sua relação com a música.
 9. Avaliação: A avaliação deve ser continuada e abranger a participação ativa dos alunos nas aulas, seu desenvolvimento ritmos e melódicos e sua compreensão, do contexto do batuque e do marabaixo.

6.5 ENSINAGEM E PRÁTICA PEDAGÓGICA: VIVÊNCIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS NO TERRITÓRIO QUILOMBOLA.

Após percorrer esse longo caminho de saberes herdados de meus antepassados, sigo em busca de novos aprendizados para apresentar os resultados desta pesquisa. Por isso, retomo o ponto de partida deste percurso: responder ao problema que orienta este estudo, isto é, investigar de que modo a Pedagogia do Batuque e do Marabaixo e os princípios civilizatórios africanos e afro-brasileiros se manifestam e são mobilizados nas atividades pedagógicas e culturais do Espaço Cultural Tia Chiquinha, visando a formação identitária e antirracista no Quilombo do Cria-ú, no Amapá.

O foco desta subseção, e última desta dissertação, será em concluir os objetivos que estabelecemos no início da pesquisa. Sendo eles: o objetivo geral que é analisar as atividades da Pedagogia do Batuque e Marabaixo e os princípios civilizatórios africanos e afro-brasileiros

no Espaço Cultural Tia Chiquinha, visando a formação identitária e antirracista no Quilombo do Cria-ú Amapá. E os específicos que visam: Priorizar a narrativa autobiográfica (escrevivência), a minha como autora e pesquisadora e do público que frequenta o espaço cultural Tia Chiquinha; Configurar as atividades pedagógicas e culturais que são oferecidas para escolas, estudantes e sociedade em geral no Espaço Cultural Tia Chiquinha; Analisar qual é a contribuição de tais atividades pedagógicas e culturais para a formação na perspectiva antirracista do público visitante do local; Construir percursos de *ensinagem* à luz de vivências e experiência(ção) cultural a partir da articulação entre minha experiência de vida e comunitária como mulher preta, quilombola e pedagoga e a escuta dos colaboradores/griôs da comunidade. Estes serão transformados em questões emanentes para que nos auxilie a encontrar solução para o problema de pesquisa.

Como mencionado na estrutura que introduz esta dissertação, ou seja, na seção 1, a pesquisa foi realizada por meio da coleta de dados através de entrevistas semiestruturadas com o uso de questionários, onde pôde-se priorizar a narrativa de vida e vivências dos entrevistados, bem como suas experiências de vida. Iniciei minha jornada para a coleta das informações estudando sobre como guiar uma entrevista por meio do uso de questionários, para que tudo ocorresse da melhor maneira possível. Além disso, comecei estruturando questões que funcionaram como roteiros guias para que os entrevistados pudessem conduzir ao fornecimento das informações requeridas. Esta é chamada a fase de preparação de uma entrevista semiestruturada. Após isso, segui em busca dos meus colaboradores para que fossem entrevistados. As entrevistas foram organizadas em blocos correspondentes aos objetivos geral e específicos descritos anteriormente, e a cada bloco transcrito nesta subseção foi seguido de uma parte comentada da pesquisadora acerca do que fora abordado pelos entrevistados.

Iniciei as entrevistas com os griôs da comunidade, Sr. Pedro Bolão e Sr. Roldão Amâncio. A escolha deles para a minha pesquisa se deu pois o Sr. Roldão é uma das pessoas mais velhas da comunidade, tendo vivido em tempos em que a comunidade era apenas uma família composta de irmãos e primos. O Sr. Pedro Bolão, embora seja meu irmão, aprendeu como é a vida em comunidade através de saberes que eu não tive e que contribuirão para a fundamentação da pesquisa.

Fui em busca de seus conhecimentos me deslocando de minha residência até as deles, e ao chegar vamos logo nos cumprimentando. Dou ênfase ao Sr. Roldão, meu primo, que faz longo tempo que não nos vemos, e que ao me ver chegar brincou: “*por isso que tá’ chovendo hoje hahaha*” dando a entender que minha ida repentina e de forma rara fez com que o clima mudasse – prática de associação natural em nossa comunidade. Conversamos um pouco sobre

como a vida anda e lhes expliquei sobre a minha pesquisa. Ao apresentar o programa de pós-graduação e o intuito da pesquisa, lhes apresentei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Eles consentiram e assinaram, e então demos início às perguntas que foram movidas como se fossem em uma conversa.

Coletei primeiramente os dados pessoais deles, apenas para formalizar a pesquisa:

1. Qual é o seu nome completo?

Pedro: *“Meu nome completo é Pedro Rosário dos Santos, mais conhecido como Pedro Bolão.”*

Roldão: *“É Roldão Amâncio da Silva.”*

2. O senhor nasceu em que dia?

Pedro: *Nasci dia 13 do 10 de 60...1960.*

Roldão: *“Dia 20...dia 08 de abril de 1935.”*

3. O senhor é filho de quem?

Pedro: *Maximiano Machado do Santos e Francisca Ramos dos Santos*

Roldão: *“Cecílio Euclides da Silva e Venina Antônia da Silva”.*

4. Quem são seus avós maternos?

Pedro: *Benedita Carlota do Rosário...Benedita Carlota do Rosário...e Benedito...Januário Clarindo e Benedita”.*

Roldão: *“Era o...do pai...da mãe né? Da mãe é Januário Clarindo da Silva.*

5. Quem são seus avós paternos?

Pedro: *Januário Clarindo e Benedita do...Benedita, que era a minha avó”.*

Roldão: *“Era Pedro do Uó da Silva.”*

6. Quantos irmãos o senhor tem? Quem são eles?

Pedro: *“Ah, a gente tinha, hoje a gente somos 5 irmãos. É Januário Clarin...Januário, João Ciro, Benedita Ricarda dos Santos e Esmeraldina”.*

Roldão: *“Nós éramos nove irmãos. Hoje nós temos só dois. Era o João. Primeiro era o João...primeiro era uma Maria, mas essa nasceu e morreu. Depois veio o João, foi o segundo. Terceiro veio o Francisco, que era o Chico que a gente chamava. O quarto era eu, Roldão Amâncio da Silva. A quinta era a Rosilda. E o sexto era o Pedro Mosquiteiro. O quarto era a Isabel. O quinto era o Mióia. O sexto era o Joaquim. E o sete era o José e o nove era esse Raimundo, que é o caçula da mamãe”.*

7. Qual é a sua cor ou raça?

Pedro: *“Eu sou é preto”.*

Roldão: *“A nossa cor é o negro. Nós somos da família negra. E a raça é brasileiro”.*

8. Qual é o seu gênero (Masculino ou Feminino)?

Pedro: *“Agora pegou (Risos), masculino. (Risos)”.*

Roldão: *“Masculino”.*

9. O senhor mora em qual Cria-ú?

Pedro: *“Eu moro na...no Curiaú, Curiaú mesmo”.*

Roldão: *“Eu moro aqui, Curiaú de Baixo. Que foi o nome...foi Cria-ú. Mas, depois que houve as escolas, aí que foi que dividiram, que era um só nome. Aí que dividiram Curiaú de Fora e Curiaú de Baixo. Porque a gente, quando estudava no Curiaú de Fora, aí os professores...o professor perguntava: ‘Cadê o pessoal do*

Curiaú de Baixo?'. Quando começamos a estudar no Curiaú de Baixo: 'Cadê os meninos do Curiaú de Fora?'. Aí foi que foram divididos, mas ele é só um nome: Cria-ú. Porque Cria-ú, ele trouxe esse nome porque criava tudo, até o tuiuiú, que era o porco que eles chamavam. Então era essa...era apagado, boi e tuiuiú, que era o porco que eles chamavam".

Comentarei sobre a coleta de dados dos entrevistados apenas para formalizar algumas informações que foram repassadas de maneira equivocada. Não porque os entrevistados estão errados, mas sim porque vossas memórias falharam naquele momento, o que é totalmente normal no cotidiano de nossos anciãos em que a idade já está em estado avançado. Primeiramente, sobre os irmãos do Sr. Roldão citados acima, que na verdade são 10 irmãos citados – contando com a primeira que morreu no parto – e 11 filhos de Dona Venina no total. Outra inconsistência que há nos fatos apresentados pelo Sr. Roldão é sobre seu avô materno, que na verdade se chamava Januário Clarindo do Santos. Agora, dando prosseguimento a entrevista, coletei dados da escolaridade de nossos griôs:

1. O senhor estudou? Se sim, até que série (ano)?

Pedro: *"Até a sexta série".*

Roldão: *"Estudei. Até a quarta série. Porque após que nós vivemos aqui, os nossos professores... nós era lá Curiaú de Fora, Curiaú de Baixo. Depois que o Janary chegou aqui em 1940, ele veio aqui embaixo e pediu para a Velha Flosina, que morava aqui, se tinha um lugar para fazer uma escola. E ela deu que é onde é o museu ali embaixo. Aí foi que foi em 49... 48 foi feita essa escola. Dessa escola nós estudamos de 49 até 50. Aí de 50, eu fiz a... o quarto ano, aí as professoras foram e disseram para a minha mãe que eu não podia mais estudar, porque eu já era de quarta série e todos os professores eram de quarta série. Então pediu para a minha mãe que era para ela ir na Educação, que era para fazer eu ficar como professor. A mamãe disse: 'Não, ele tem que ir para a roça'. Aí foi que nós fomos para a roça e não tive esse privilégio de estudar para ser o que fosse o necessário."*

2. "O senhor gostaria de estudar mais?

Pedro: *"Ah...eu não quero mais não".*

Roldão: *"Não, eu gostaria de estudar mais, mas como a mãe pediu e a gente tinha que obedecer, o que a mãe pedia, a gente tinha... tive que me conformar e só fiz a quarta série. Foi até a minha... estudo foi de quarta série".*

3. O senhor sabe ler e escrever?

Pedro: *"Sei, pouco, mais sei".*

Roldão: *"Às vezes eu escrevo alguma coisa, o problema mais é por causa da vista, mas ainda dá pra escrever bem meu nome e alguma coisa que é o necessário."*

4. Qual era a disciplina (matéria) que o senhor mais gostava?

Pedro: *"Mais é... gostava, é Matemática".*

Roldão: *"Olha, o nosso ramo mesmo aqui era a roça, né? A gente ia pra roça, saía às 5 horas da manhã, chegava 3, 4 horas da tarde. E quando não, a gente ia pro lago pescar, ou faxiar à noite, ou pro mato apanhar o açaí. E aí a gente ficava nesse período aqui para o alimento para a nossa... para a gente comer e beber dentro daquilo que era o necessário para o nosso... para a gente sobreviver."*

5. "Qual é a matéria que o senhor mais gostava na escola?

Roldão: *"Olha, a matéria que eu mais gostava era para aprender a estudar e fazer conta. Porque a gente às vezes não sabia contar, contava de um até dois e não sabia... Então a gente tinha uma matéria para querer saber contar até o último número que fosse o necessário, que fosse para quando a gente saber responder."*

6. O senhor ainda pretende estudar?

Pedro: “Não”

Roldão: “Não, agora não tenho mais condições de estudar porque eu estou com meus 91... 92 anos, então não tenho mais condições de estudar. A minha origem mesmo é só comer e beber até viver aquilo... a hora que Deus precisar, enquanto eu estiver aqui. Quando ele precisar de mim pra lá, eu tenho que ser... ir alegre e satisfeito, que o meu lugar é lá.”

7. O senhor pretendia/pretende cursar uma universidade (ensino superior)?

Pedro: “Não, não...não, minha vista não dá mais”.

Roldão: “Olha, eu fiz um teste no... no São Camilo com o Padre Dr. Raul. Eu tenho até o certificado que eu fiz como enfermeiro. Ai eu fiz, mas só que depois que eu me casei, a mulher não achou justo que eu tinha que trabalhar na roça, agora eu ia ser enfermeiro, quem é que ia para a roça? Ai eu deixei de ser o enfermeiro e fiquei na roça, né? Ai foi que eu fui, procurei o Marcelino, e ai ele pediu que era para mim falar com a irmã dele, a Ilda. Ai foi que eu falei com a Ilda, e ela foi fazer o estágio. Ai que quando ela fez o estágio, ai o doutor me chamou e disse: ‘Olha, seu Roldão, ela já está formada. Ai você vai ficar acompanhando ela daquilo que ela precisar’. Que ela ainda não sabia era dar a injeção na veia, né? Ai sempre quando ela me chamava, que eu ia explicar como era, ai eu ensinava ela a fazer como era o período. Mas infelicidade de depois ela veio a falecer.”

É interessante observar que o Sr. Roldão teria uma vida promissora de um grande educador, se não fosse impedido de seguir as oportunidades que lhes eram ofertadas pelo pensamento retrógrado que pertencia à senhora sua mãe e a sua esposa. Porém, era comum mesmo, naquela época, a cultura de que o homem provia o sustento da casa através da roça, e a mulher, além de auxiliar nos afazeres da casa, tomava conta de serviços mais simples nas plantações. Além disso, os filhos também tinham que seguir o mesmo caminho dos pais, pois não se acreditava que a educação podia mudar a vida desses senhores. Era uma época em que a abolição da escravidão estava muito recente, e ainda se perpetuava – e se perpetua até hoje – o preconceito e discriminação com a raça negra. Portanto, estudar para se formar e ter uma profissão com diploma, nem passava pela cabeça dos quilombolas daquela época, e isso implica nos desejos posteriores de ambos não buscarem a conclusão de seu ensino. Agora iniciaremos o bloco de perguntas sobre a relação entre Escola e a Comunidade:

1. O senhor é, tem sido ou já foi convidado a participar das atividades pedagógicas desenvolvidas nas escolas EQE José Bonifácio e EMEF Joana Santos?

Pedro: “Já, José Bonifácio. Com o projeto ‘A Ler’. E Joana Santos, o projeto é... Quilombo Groove”

Roldão: “Não. Ai... ai que veio um caso. Essa escola, era feito lá onde é o museu. Eu trabalhava pela LBA. Eu recebia um leite, era na rua da Difusora, tinha o posto lá. Eu ia buscar o leite, trazia pras mulher aqui, pesava, media as crianças e distribuía o leite lá pela LBA. E o Dr. Magalhães, então, falou comigo, com o governador que era o Barcellos, se ele atendia os representante das comunidades. Que eu era representante, depois do Azevedo, eu vou contar a história. Ai ele disse que atendia o pessoal. Ai foi que nós fomos lá esse dia, ele chegou lá, deu bom dia, nós já chegamos... quando ele chegou nós já estava. Deu bom dia e disse que estava à disposição das comunidades. Ai eu levantei o dedo e identifiquei o que eu era, da onde eu era, então pedi que nós tínhamos uma escola até de quarta série, se havia possibilidade dele fazer uma escola até pro primeiro ano, que o pessoal iam daqui pra Macapá e não tinham transporte pra ir. E ele prometeu se eu arrumasse um lugar... foi que eu arrumei esse lugar, mandei o pessoal roçar aí, em 84. Veio uma firma de... de... Maranhão, Iguatemi, essa firma. E fizeram essa quadra aí de escola. Mas só que depois, que foi 86, eles me entregaram essa quadra aí, já o pessoal já não quisera mais estudar. Agora tem a sala, mas não tem estudo de ninguém, é só até o primeiro ano que estuda aí”.

2. O senhor foi convidado para fazer o que na escola?

Pedro: “Palestra”

Roldão: “Olha, a escola eu fui chamado pra fazer, o que eu pedi. Pra fazer a escola, e foi o poço artesiano. Nós tinha 10 casas, e tinha o poço ali. Aí fez, aí que quando a firma fez a ligação do poço artesiano, então entregou a chave aí pro pessoal daqui que tava trabalhando na escola. Aí ele foi lá, disse pro comandante Barcellos que já tinha feito o poço e tinha entregado pra a firma. Ele disse: ‘Não, quem pediu foi o líder da comunidade! Volte e vá buscar a chave e entregue... procure onde é o líder da comunidade mora’. Aí foi que ele foi na minha casa, quando foi 95 eu recebi a chave, trabalhei 12 anos aí nesse tratamento de água aqui dentro da comunidade”.

3. Como o senhor se sentiu?

Pedro: “Senti bem”.

Roldão: “Senti alegre demais, porque eu era o representante e tudo dependia de mim. Tudo que o pessoal chegavam, vinham comigo. O Azevedo, em 85, ele foi candidato a prefeito, ele foi comigo, me pediu para eu ajudar ele. Aqui, aí foi que nós... nós ajudamos a dar os votos, ele foi eleito. 86 ele foi candidato, eu fiquei como subprefeito na comunidade pelo Azevedo Costa, aqui dentro do Curiaú”.

4. Na sua opinião, as escolas da comunidade trabalham os saberes locais como conteúdo escolar? Explique sua resposta.

Pedro: “Bom, funcionava quando tinha o Mais Educação. Hoje parou. Não se vê mais falar. Quando tinha o Mais Educação, que era do governo federal, funcionava”.

Roldão: “Não. Tem as escolas que foram feitas... está mais olha essa escola ali, Joana Santos, foi feito, não tive comunicação, soube que eles estavam fazendo, fizeram, inauguraram pra lá também, não fui convidado. Aí fiquei num desprezo que hoje os movimentos da escola não têm ninguém. Eu fiquei muito preocupado, filha, pela uma situação: quando fizeram esse... essa escola aqui, eu fiz duas viagens. Fui primeiro pra Caiana. De Caiana eu passei cinco dias em Caiana, de lá eu voltei, eu fui para Brasília. Que quando eu cheguei de Brasília, já tava feito essa escola aí, tava o nome de José Bonifácio. Aí que quando eu cheguei, achei esse nome. Aí eu perguntei pra comunidade: ‘José Bonifácio veio?’. Disse que não. Esse nome veio não sei de onde. Eu digo: ‘E por que vocês aceitaram? Ah, tu era o representante, não tava... e nós aceitamos e fizeram o nome de José Bonifácio’. Que ninguém conhece de onde ele é e quem era essa pessoa, e tá esse nome. E esse é a minha preocupação com tanta gente que nasceu e se criou-se aqui que podia botar o nome da escola, como qualquer pessoa da própria comunidade, botaram esse José Bonifácio que ninguém sabe quem ele era”.

Percebi na fala do Sr. Roldão, um descontentamento em relação aos métodos de ensino das escolas da comunidade. Seus relatos evidenciam que ele teve grande mobilização e participação na construção da escola EQE José Bonifácio, bem como grande relevância política e social dentro da comunidade. Há a necessidade de valorização desse personagem que tanto fez pela comunidade, mas não recebe o devido reconhecimento enquanto líder e guardião dos saberes tradicionais do território. Iniciaremos o bloco de perguntas correspondentes aos seus Pertencimentos e Vivências na Comunidade Quilombola do Cria-ú:

1. Qual é o nome correto da comunidade, é Curiaú ou Cria-ú? Qual é o significado do nome?

Pedro: “Cria-ú. Era criar o ú. Era Cria-ú, boi-búfalo. Cria-ú”.

Roldão: “O nome era Cria-ú. Mas hoje, pelo dado das professoras, que mudaram, foi que botaram Curiaú. Mas o nome era Cria-ú. Agora o nome dele que foi reconhecido fomos Cria-ú. Agora através dos professores foi que foi mudado Curiaú.”

2. Há quanto tempo o senhor mora na comunidade?

Pedro: *"Vinte anos. Mais de vinte de anos".*

Roldão: *"Eu, foi desde o meu nascimento. Eu tô com 92 anos, nasci em 1934. Agora, tá um erro no meu documento. Nasci em 1934, e eu fui batizado em 1935, e tá toda meu documento tá como 35. Mas pelo meu batismo, não pelo meu nascimento. Cê tá me entendendo como é? (Risos)".*

3. O senhor gosta ou não gosta de morar na comunidade? Se o senhor pudesse escolher, moraria em outro local ou comunidade? Explique o motivo.

Pedro: *"Não. Daqui do Curiaú eu não saio mais. Já vim pra cá e daqui eu não saio".*

Roldão: *"Gosto, e adorei. Porque foi um lugar onde eu nasci e me criei, até hoje ainda estou e tenho muita paixão por esse lugar, aqui dessa comunidade. Quilombo do Curiaú".*

4. O senhor exerce alguma função social, qual? Ou já exerceu? Dizer qual.

Pedro: *"Eu exerço da parte cultural. Hoje eu trabalho com o governo federal, mas fora da comunidade".*

Roldão: *"A função? Era só mesmo como líder da comunidade e fiquei como representante e subprefeito pelo Azevedo Costa, e foi o líder, que fiquei como líder da comunidade. Primeiro era o líder, depois eu passei como subprefeito da comunidade. Agora, hoje eu fiquei... através de um pra lá, outro pra cá, e já não tem mais procuração comigo, não... Aí tão fazendo o que a associação tá, sendo que eu não tô tendo conhecimento dos argumentos que a própria associação tá praticando".*

5. O que significa ser quilombola para o senhor?

Pedro: *"O quilombola é... o ser quilombola é. Ser quilombola pra mim é tudo".*

Roldão: *"Olha, o quilombola, fia, achei que fosse um direito. Porque nós somos umas pessoas nascido dentro do quilombo, e esse quilombo trouxe um benefício para a própria comunidade. Ele tá registrado já como quilombo, então é uma origem que dá um direito a todos os nossos direitos, o nosso bem que a gente precisa de ter".*

6. Conte-me, como foi sua infância, adolescência, idade adulta e está sendo sua velhice na comunidade?

Pedro: *"Bom, eu não nasci na comunidade, eu nasci no Jacareacanga. Mas na volta pra cá, pra que a mamãe trouxe a gente, foi tão muito bom, tudo maravilhoso, que abriu várias portas pra gente. Até hoje, às vezes, ainda isso continua se abrindo. E pra mim foi tudo. Isso aí pra mim não tem o que falar, o que dizer. O que o Cria-ú deu pra gente, ofereceu pra gente de bom".*

Roldão: *"Sim. Eu quando nasci, a minha estatura era estudar e brincar de bola. Aí nós ficava brincando a bola, às vezes que quando chegava ali, eu estudava à tarde, nós ia pra roça. Quando vinha da roça, tomava banho e ia pra escola. Aí que quando saía 5 horas, nós ia pra bola. Aí a mãe dizia: 'Moleque, não tem comida, pequeno!'. Nós só fazia assim pra ela. Aí nós vinha em casa, pegava o anzol, corria, jogava lá no lago, pegava o peixe... 'Tá aqui, mamãe, a janta!'. E nós corria pra bola. Então aquilo não dava trabalho pra gente pegar o alimento. Se comia salgado porque queria, mas dava pra nós todo dia comer fresco sem salgar. Mas quando a gente queria passar o dia trabalhando sem ir mariscar, pegava que se salgava. Era fresco ou salgado que nós... e o açaí era fresco ou azedo, que não se tinha geladeira. Era cumbuca e pote que nós usava dentro das nossas casas".*

7. O senhor trabalha ou trabalhou em quê?

Pedro: *"Eu sempre trabalhei com artesanato e hoje eu trabalho na função de agente de portaria".*

Roldão: *"O meu trabalho foi na roça mesmo, depois da roça foi que eu fiquei como o líder da comunidade".*

8. De onde veio o sustento do senhor e da sua família?

Pedro: *"Vivi quase 40 anos só com a música, trabalhando com artesanato. E hoje eu tenho mais uma fonte, que é trabalhar para o governo federal".*

Roldão: *"O meu sustento era da roça. E hoje, depois que eu parei a tradição, houve uma oportunidade que eu me aposentei como agricultor e que eu estou ganhando esse salário-mínimo. Aí estou vivendo por esse salário que eu estou ganhando da minha aposentadoria".*

9. O senhor ou alguém da sua família trabalha na agricultura familiar? Se sim, o que vocês cultivam? Vocês comercializam os produtos ou eles são apenas para alimentar a família?

Pedro: *“Sim. A agricultura é só pra família mesmo. No meu trabalho eu faço comércio. Comércio com certeza. A agricultura é só meu prazer”.*

Roldão: *“Tinha, todos nós trabalhava nessa família, familiar. Agora hoje tá todo mundo aposentado, os que estão vivos estão todos aposentados desse salário que foi aposentado pelo governo do Estado. A nossa cultura, a gente plantava cana, banana, feijão, melancia, arroz. Fazia esse piracuí, na época de piracema pegava o peixe, a mãe fazia aquele azar de piracuí e a gente comia. Tinha a galinha, tinha o pato, assim o porco, tudo a gente tinha e a gente só vivia da própria criação que a gente tinha dentro da nossa comunidade. E era só mesmo pra família, porque todo mundo tinha, né? Então naquele tempo não se tinha venda, né? Cada qual tinha pra usar pra própria família, né? Que usava e fazia a sua comissão daquilo que plantava”.*

10. O que falta na comunidade?

Pedro: *“Na comunidade falta é um bocado de coisa”.*

Roldão: *“Olha, o que está faltando hoje é amor, e união que não está tendo mais. Porque naquela época nós era 10 casa, e essa 10 casa se ajudava um para o outro. O que um tinha, todo tinha. Se dava na casa tinha duas pessoas, ia dois objetos. Se tinha três, ia três objeto. Então quer dizer que tudo comia do mesmo comer que o outro comia. Que o primeiro comia, todo mundo comia e bebia porque eles tinham aquela amizade e tinha aquela união entre família, né? Porque era tudo os irmão e parentes. E a família nossa se casava primo com prima, que era pra não ter herança de gente de fora. E hoje tá uma mistura, tem gente até do Rio de Janeiro, de São Paulo, é crioulo, é... é toda a nação já tá tendo no Brasil inteiro, mas aqui tá essa mistura.”*

11. O que tem, mas precisa melhorar na comunidade?

Pedro: *“Precisa melhorar mais saúde, com certeza. E mais a educação na comunidade. Precisa melhorar muito”.*

Roldão: *“Olha, o que precisa dentro da comunidade, precisa ter mais é amor e amizade que não se tá tendo. Após que chegou a associação, se desuniu. Porque o representante da associação não são líder da comunidade, são tudo gente de fora, e estão tirando o direito da comunidade pra dar o direito pro pessoal de fora. Ai tá fazendo aquela desunião através da associação.”*

12. Quais iniciativas governamentais estão disponíveis à comunidade aqui na comunidade?

Pedro: *“Aqui na comunidade tem, é... tanto o Governo do Estado como a Prefeitura Municipal. Tem aula na prefeitura, a escola da prefeitura e o colégio do Governo Estadual. Estão exercendo o trabalho deles, com o posto de saúde, da prefeitura e por aí por diante”.*

Roldão: *“Olha...a... a....a, o governo do estado, hoje eles tão fazendo um evento. Aqui o prefeito, nós tinha, por exemplo, um posto médico, hoje nós tem ali um posto. Já esse posto aqui já tem o tratamento, já tem toda a medicação. Tem o remédio e, graças a Deus, o médico vem, faz a consulta. Quando a gente não pode ir, ele vem na casa da pessoa e faz o tratamento. Então, houve aquela melhora de que a gente ir daqui pra Macapá pra procurar se tratar, enfrentar uma fila pra ser tratado. Graças a Deus, nós temos esse direito aqui dentro da comunidade”.*

13. Quais os problemas que a comunidade enfrenta?

Pedro: *“O problema maior da comunidade é essa parte de, dessa nossa rodovia que é muito complicada ainda”.*

Roldão: *“Olha, o problema que a comunidade enfrenta é a dificuldade da desunião. Porque chegou muita gente de fora que não conhece ninguém da comunidade e se jogaram aqui na comunidade. Então, não se une com a própria comunidade. Estão fazendo o bebê deles e a própria comunidade não está sabendo. E aí está sendo essa destruição que muitos só vivem se reclamando que tá existindo essa desunião até na escola aí. O diretor, o professor, que não são da própria comunidade, tá fazendo essa desunião, até botando as pessoas da comunidade pra fora do trabalho da própria comunidade”.*

14. Qual a alternativa que o senhor destaca para resolver esse problema?

Pedro: *“É se empenhar mais, os governantes se empenhar mais para resolver o problema da comunidade sobre a rua. É parte de transporte. Transporte e iluminação”.*

Roldão: “Olha, eu diria sim, se existisse, desses problemas que tem, que tivesse um responsável da comunidade como chefe das escolas e das outras autoridades, porque eles sabiam o que era o necessário e como tinha que fazer. Não botar pra gente de fora que não tem o conhecimento e não sabe o que é o direito de fazer para o bem pra própria comunidade”.

15. Quais são os desafios da comunidade na atualidade?

Pedro: “O desafio da comunidade na atualidade é enfrentar muitos problemas que têm que ser resolvidos. A questão mesmo é sobre os terrenos da comunidade. A terra da comunidade está sendo invadida, está sendo invadida mesmo”.

Roldão: “É, o desafio é porque a gente fica se perguntando como viver. Porque não tem êxito pra própria comunidade. Você vai pedir um emprego, aqui na comunidade não tem. Agora se vê outro de fora, tem. Mas pra comunidade é difícil. Porque é da comunidade, não quero dar o direito pra própria comunidade, que é a raiz da comunidade que tem esse direito de ter o seu emprego para a sua sobrevivência”.

16. A comunidade costuma se reunir para dialogar sobre os problemas e junto buscar soluções para resolver?

Pedro: “Não, não, dificilmente acontece da comunidade se reunir assim pra dialogar. Não existe diálogo na comunidade”.

Roldão: “Não, fia. Isso é que tá também tendo outros problemas. Não tá existindo essa união da própria comunidade. Porque a comunidade podia, e ela tem esse direito, de se reunir e ver os problemas que tá errado, para ver se a própria comunidade fazia um evento e fazer uma baixa assinada contra a pessoa que tá sendo contra a comunidade e dizer que a gente precisa da pessoa que trabalha junto com a comunidade, não com o povo fora de fora e deixa o povo da comunidade sofrer”.

17. Com qual frequência as reuniões são realizadas?

Pedro: “Bom, às vezes são reuniões que a gente nem sabe. Eu, pelo menos, sou um. Tem reuniões que eu nem conheço. Eu sei quando ela termina. Ela termina a reunião, eu não sei o que acontece. A comunidade não reúne todo mundo. A gente não tem uma presidente da comunidade. A comunidade do Curiaú está sem domínio”.

Roldão: “É difícil, porque a reunião ele faz lá só mesmo o povo de fora. Não procura o povo da comunidade. É só lá o diretor, o responsável. Não junta a própria comunidade. Até eu vejo aqui, as meninas que trabalham aqui de merendeira e fazem a faxina lá, reclamo que quando eles têm a reunião, eles não convidam eles pra assistir também essa reunião pra saber qual é o, a dificuldade que estão fazendo contra a comunidade”.

18. Quais são e como atuam as associações da comunidade?

Pedro: “Da associação, a comunidade da associação a gente não espera nada. Aqui não tem presidente”.

Roldão: “Olha, a situação e a comunidade é um direito. E a comunidade tem que saber tudo o que é o necessário e tudo o que tão fazendo dentro da comunidade a benefício de quem? Que quer se saber. Então tem que fazer o benefício afim da comunidade, que são as gentes legítimas, nascidas e criadas nessa comunidade. O povo vem pra ensinar o que a comunidade não sabe. Então pra dar-se direito pra própria comunidade”.

19. O senhor costuma participar e ser ouvido nas reuniões, como conselheiro-ancião?

Pedro: “Não, não, não”.

Roldão: “Não, senhora. Nunca, nunca houve esse convite pra mim. Às vezes, algum vem aqui, vem gente de fora, veio até um pessoal, um ano passado, vieram pessoal lá de Santana, saber daqui, se eu se era convidado pra reunião aqui. Mas nunca aconteceu esse fato, não, senhora. Graças a Deus, eu fico sentado aqui e me perguntando ‘por que?’ faz essa reunião, eu como líder dessa comunidade não estou participando, como fui subprefeito, e estou nascido aqui há 92 anos e não tem uma participação, aquela amizade para ninguém. As diretoras e os diretores das escolas, dos postos, não sabem quem eu sou. Sabem quem eu sou, mas nunca vieram na minha casa ou me convidar para fazer qualquer uma entidade para reconhecer e contar o que era o Cria-ú.”

O presente bloco, sobre pertencimento e vivências na comunidade do Cria-ú demonstra na fala dos senhores entrevistados que eles, mesmo sendo pertencentes da cultura da comunidade, não são devidamente valorizados no cotidiano do território quando o debate envolve o domínio da comunidade. A associação dos moradores deveria seguir seus princípios baseando-se na valorização da ancestralidade, que se encontra em nossos mais velhos e que devem ser reconhecidos como ouvintes cruciais nos debates da comunidade. E fica como questionamento, até quando a comunidade, em destaque a associação, irá desvalorizar os conhecimentos dos nossos griôs e começar a dar destaque para suas falas e seus posicionamentos? Agora vamos para o bloco de perguntas sobre a Identidade dos entrevistados:

1. O que é o Quilombo do Cria-ú?

Pedro: *“O quilombo do Curiaú... Não sei nem o que dizer o que é o quilombo do Curiaú que hoje as questões estão meio complicadas”.*

Roldão: *“Olha, o quilombo do Cria-ú, ele foi feito Cria-ú. Depois que, quando foi em 94, era o Zé Araújo foi presidente da associação. Aí ele pegou um documento que o vovô Januário tinha, que foi o doutor Maia que tirou, em 42. O doutor Maia foi pra Brasília, chegou lá, viu lá no mapa, que esse Januário Clarindo era um grande poceiro dentro desse Curiaú. E aí o doutor Maia tirou esse documento, chamou o vovô e deu esse documento pra ele. Aí disse, ‘seu Januário, você tem esse documento, é uma légua de frente por uma dita légua de fundo. Quando você precisar, tira uma xerox e guarda a original, que é pra pai, filho, neto, bisneto e tataraneto, que é um documento que serve pra toda a sua família. E esse documento que nós temos como tudo que pertence é dentro da nossa área do quilombo do Curiaú”.*

2. O que significa o Quilombo do Cria-ú para o senhor?

Roldão: *“Olha, o quilombo do Curiaú, ele veio, trouxe uma melhora, porque nós não tínhamos esse registro de quilombola, nós era só Curiaú, Curiaú, mas como ele foi registrado como quilombola, então aliviou mais a nossa alegria e tivemos mais um nome mais bonito dentro da própria comunidade do quilombo do Curiaú”.*

3. Como é a convivência entre anciãos, jovens e crianças, na comunidade?

Pedro: *“Bom, isso aí, tem uns que respeitam outros não”.*

Roldão: *“Olha, as crianças, até algumas crianças venham aqui, vêm me perguntar. Olha tem a festa aqui de São Joaquim, sempre eles vêm me perguntar: ‘Senhor Roldão, como foi feita a festa de São Joaquim aqui do Curiaú?’ Eu disse: ‘Oh filho, uma boa pergunta’. Essa festa, ela foi feita aqui, na época, ela foi cinco membros, foi o mestre-sala, o porta-bandeira, o mestre-tamboreiro, um violeiro e um pandeiroiro. Era o velho Inácio, que era o mestre-sala, o velho Cambemba, que era o pai do Arin, que era o porta-bandeira, era o meu avô Pedro do Ó, que era do tambor, o velho Braje, que era o irmão, o pai...o irmão do Gorgia...do Valdevino, e ainda vinha o velho Duque, que era o marido da velha Fuló, que era do pandeiro. Foram os cinco primeiros. Aí ele fez essa folia, que eu não sei como eles aprenderam essa folia e essa ladainha que eles fizeram. Aí que quando foi em 48, ele faleceu, esse velho Inácio. Aí ficou o Chico Marinho, que ele era tio do Chico Marinho, ele cantava a folia e o Chico Marinho rezava a ladainha. Em 49, o Chico Marinho assumiu. como o mestre-sala e o João, meu irmão, como porta-bandeira. E eu, que era na vaga do velho Bolão, ele foi daqui em 50, que era o velho Bolão, me deixou ele como ficou o segundo. Aí foi que o João passou pra ser o primeiro porta-bandeira e eu o segundo porta-bandeira. Aí nós ficamos, e quando foi em 62, ele veio a falecer, o Chico Marinho. Aí foi que já ficou o João, meu irmão, como o mestre-sala, aí eu passei o primeiro porta-bandeira e o Chuteira, que era o segundo porta-bandeira, porque todos eles são falecidos. E hoje nós já era 18, na época do Chico Marinho, folião de São Joaquim. Hoje nós temos a 22, folião de São Joaquim”.*

4. Qual a importância da memória individual e coletiva na proteção dos saberes da comunidade?

Pedro: (Não soube responder à pergunta)

Roldão: “É... É uma coisa que é muito preocupante, porque ninguém tem esse conhecimento. Muitos não sabem o que é e o que não é, se é o bem ou se é o ruim. Não tem essa pessoa que tem essa coragem de sentar com a comunidade e explicar qual é a finalidade dessa coisa que tem que ser dentro do Quilombo do Cria-ú”.

5. O que o senhor entende por ancestralidade?

Pedro: “Ancestralidade é o nosso povo do tempo passado. O nosso povo que viveu, que entende que era o nosso povo mais velho da comunidade. Que era o nosso ancestral”.

Roldão: (Silêncio) “Sim, eu sinto muito, pela ausência dos que estavam e conheceram. Mas Deus é Deus, ele é o nosso dono e sabe de tudo. Ele nos trouxe pra cá, um dia ele tem que nos levar pra lá. Ele precisou já deles pra lá, eles foram e tão bem satisfeitos porque nós todos vamos ter o mesmo caminho como ele fez. Agora, nós é que temos que fazer aquilo que nós pode fazer e que nós sabe e procurar ensinar pra aqueles que não sabem aquilo que é o necessário da própria comunidade. Mas não está havendo, os pais não tão mandando os filhos procurar os mais velhos pra saber o que que é a comunidade e quem era o fundador dessa comunidade”.

6. O que o senhor entende por de identidade?

Pedro: “Identidade é preservar a nossa origem, de onde a gente veio”.

Roldão: “Sim, por identidade da coisa, é pela amizade das pessoas. Então, a gente tinha amizade tanto, hoje quase agora, as amizades estão sendo dispensáveis, porque não está tendo mais aquela amizade com ninguém. Porque você ia na minha casa, ou ia na sua, nós íamos na casa do fulano, o fulano ia na casa, mas hoje não. O cara não está mais tendo aquela amizade de ir na casa do A, ou do B, ou do B ou do C. Naqueles tempos não, a gente visitava uns os outros. Então tinha aquela amizade e era aquela amizade até o fim da vida de um para o outro”.

7. O que o senhor entende pelos saberes quilombolas?

Pedro: “O que eu entendo é uma parte de preservação da nossa história. É muito importante ter história e saber contar a nossa própria história”.

Roldão: “Pois é. Os quilombolas hoje é um nome tão bonito e tão amado e muitos não estão sabendo o que que é um quilombola e não tão dando esse direito, tão fazendo o que eles querem, não ao direito dos quilombolas, que são a raiz e o conhecido do Quilombo do Curiaú.

8. O senhor se sente valorizado e reconhecido como ancião, um cidadão amapaense e filho do Cria-ú?

Pedro: “Sim, eu me sinto muito valorizado”.

Roldão: Não! Porque não tá existindo essa amizade contra mim. Todos sabem que eu existo, mas muitos não sabem. Eu já vi um comentário aí, de uma determinada pessoa, onde falaram sobre o meu respeito. Aí a pessoa, como é a dona do emprego, disse que eu tô ‘é caducando’. Mas não tô caducando, eu sou é conhecedor. Caducando tá ela, que não é daqui, que tá falando mal contra mim. Então, ela que tá caducando porque não são daqui e ela não vem me procurar. Ainda fico falando contra mim que eu tô caducando, porque quando eu conto a história o pessoal diz que eu tô caducando. Eu não tô caducando, eu tô contando aquilo que eu vi e conheço e sei o que é da comunidade pra pessoa. Se ela não sabe, o problema é dela”.

9. Tem racismo no Brasil? E no Amapá?

Pedro: “Sim, tem e é muito”.

Roldão: “Tem”.

10. E no Cria-ú?

Pedro: “Também”.

Roldão: “Tem também”.

11. O senhor já sofreu racismo? Se sim, que tipo, explique como ocorreu o fato? Quem foi a pessoa? Como o senhor se sentiu? O que o senhor fez? O senhor buscou ajuda com alguém?

Pedro: “Não, até então não, graças a Deus. Eu pensei, porque eu não morava aqui na época do Cria-ú, eu não morava aqui. Eu, assim, uma vez eu pensei assim, poxa, o pessoal... a gente sentia assim onde tinha muita gente, a gente ficava meio... com receio de entrar em outros lugares, mas aí eu pensei em uma coisa muito séria, que é ‘onde entra o branco, entra o preto’, então vou lá entrar também”.

Roldão: “Já. Existia assim, uma desunião, primeiro foi, que aconteceu na própria família. Tinha um cidadão que ele tinha o boi, tinha o gado, tinha os cavalos, e o gado dele deram na nossa roça. E nós fomos aos donos do boi. Eles não quiseram ter acordo, a gente matou uma rês dentro do gado, aí eles foram pra justiça, aí o delegado perguntou se tinha a cerca. A nossa tinha. O gado bandalho a cerca e varou. Então o dono do boi tinha que pagar o prejuízo, e daí foi que existiu, a gente ficou intrigado, uns seis meses, depois eles conheceram que ele estava errado, aí voltou a pedir desculpa porque o erro foi do animal, que não tem raciocínio. E a ajuda que nós teve foi da própria autoridade. Chamou, a gente se uniu. E depois eles viram que eles estavam errados, eles chegaram a gente e pediram desculpa. Aí tornamo-nos a se unir e trabalhar em conjunto novamente”.

12. O senhor sabia que racismo é crime?

Pedro: “O racismo é as pessoas que põem na cabeça as coisas erradas. E se for ver o racismo, todo mundo é racista, todo mundo. Tem pessoas que o próprio da nossa floresta, o próprio da nossa origem, o próprio negro tem racismo com o próprio negro. Isso aí pra mim...”.

Roldão: “É um crime. E é um crime perigoso. Porque naquela época não se tinha quase valentia. Mas então, quando não brigavam, se dava o cacetado um com o outro, ou ficava mal dois ou três meses ou anos contra a pessoa, que era um racismo, que não devia ser que era toda uma comunidade, não era pra acontecer aquilo, porque nós éramos todos nascidos e criados nessa mesma área”.

13. O que o senhor gostaria de dizer, pedir às crianças, aos jovens adultos da comunidade?

Pedro: “O que eu gostaria de dizer, dizer, dizer pra eles assim, é muito ter respeito. Respeito, respeito e respeito. Porque o mais importante é ter respeito pra poder se viver melhor”.

Roldão: “Olha, eu precisava dizer que os pais ou a própria professora lá fizesse, se reunisse comigo, chamasse as crianças. ‘Bora lá com o Sr. Roldão’ pra contar a história do Curiaú, do Quilombo, como foi e quem eram os habitantes e quem tinha o direito e quem não tem. Eles não tão tendo essa coragem e as crianças não pedem e os professores também não procuram quem é quem”.

14. Qual é o seu sonho?

Pedro: “Meu sonho é ser presidente da comunidade do Cria-ú”.

Roldão: “Olha, o meu sonho é de querer ajudar, explicar pra algumas pessoas como era e o que era Curiaú. Mas não me procuram, eu não vou me oferecer. Quando a pessoa vem me perguntar, eu conto daquilo que eu vi e conheci do início, como era Curiaú”.

15. O que o senhor sonha ver acontecer aqui no Curiaú?

Pedro: “Melhorar essa situação das nossas terras. Estão perdendo tudo”.

Roldão: “Olha, o que eu sonho é de ver a melhoria, o bem e a união para o povo da comunidade do Curiaú. Mas como a maior parte já não é a família Curiaú mesmo, tem outra família de todos os lugares, e esses que vêm, às vezes já fazem a desunião, é marido de fora ou a mulher de fora, aí por ali vem o filho, já fica aquela distensão, às vezes se deixa um com o outro, né? Aí faz aquela distensão. E naquela época, como casava primo com primo, a união todo o tempo foi amorizada dentro da própria comunidade”.

Conhecendo um pouco sobre a identidade dos entrevistados, percebo que a comunidade do Cria-ú os recebe de maneira distintas, onde reconhecem o sr. Pedro Bolão por seu trabalho como artesão e não reconhecem o Sr. Roldão pela falta de conhecimento dos seus atos em prol da comunidade. E é importante salientar que a comunidade do Cria-ú vive um momento

delicado em seu cotidiano, causando descontentamento dos anciãos que os deixa – no caso do Sr. Pedro Bolão – sem palavras para descrever certos elementos essenciais da comunidade, como a memória. Dando continuidade, vamos para o bloco de perguntas que aborda sobre a Memória e ancestralidade:

1. Quando o senhor lembra da sua infância aqui no quilombo do Cria-ú, quais as imagens, sons ou histórias vêm primeiro à sua memória?

Pedro: *“Quando eu paro pra pensar, eu lembro ali como era a festa de São Joaquim, com sete anos de idade. Era só o campo, o campo mesmo, Era uma vivência muito gostosa naquela época que a gente ia passar as festas. Eu me lembro sempre, eu converso muito sobre isso. Hoje a gente não vê mais. Está tudo acabado, tudo acabado”.*

Roldão: *“Pois é, filha. Quando eu me entendi, a primeira coisa que eu tinha, me entendi de saber, de querer saber ler e escrever. Pra que eu pudesse ter um emprego pra minha sobrevivência. Porque eu trabalhava na agricultura, que quando eu chegasse velho, eu não tinha mais força pra trabalhar. Então, quem sabe, se eu aprendesse a ler e escrever, pegasse um emprego, e nesse emprego eu me aposentasse, eu ficava ganhando sempre o meu salário, que era pra me sobreviver, graças a Deus foi o que aconteceu. Ai eu me aposentei como agricultor, eu não tenho mais condição de trabalhar na roça, não tenho mais condição de pescar, não tenho de apanhar o açaí. E esse salário-mínimo que eu tô ganhando é que dá pro meu sustento, que eu tô sobrevivendo dele”.*

2. Como o senhor aprendeu sobre a cultura da comunidade? Quem lhe ensinou?

Pedro: *“Meu velho pai. Tudo eu aprendi com meu velho pai e minha mãe”.*

Roldão: *“Pois é, isso foi os meus pais. Eles trabalhavam na agricultura. E quando nós nascemos, com idade de 5 anos, ia lá pra roça. Descascava essa mandioca, ela ensinava como era pra descascar, vai lavar, pra ralar, aí pegava o ralo e ia ensinando, aí coando, amassando ou puxando no fundo. Tudo eles iam ensinando como era o ramo da sobrevivência da agricultura. Aprendi na casa do forno de farinha que nós íamos fazer. Ai o pai sempre ensinava pra gente, olha, a mandioca faz assim, a farinha faz assim, amanhã você bota, arranca na água e foi mostrando todos os caminhos como a gente tinha que fazer. Passava três, quatro, cinco dias dentro d'água, depois ralava aquela, tirava d'água pra fazer a farinha e foi explicando pra gente e a gente foi aprendendo tudo como era a sobrevivência da cultura que a gente tinha que se alimentar”.*

3. Qual é a importância da memória na sua opinião?

Pedro: *“A importância da memória é preservar, preservar mesmo nossa história”.*

Roldão: *“A importância foi do saber do que me ensinaram e que eu aprendi e gostei, assisti e achei que era um motivo para a minha sobrevivência também. Então, já que eles tinham me ensinado, eu tinha que continuar fazendo aquilo que era para mim viver, como eles viveram naquilo que eles estavam vivendo. Agora, já a minha vida foi melhor do que a deles, né? Porque eles não chegaram a ter esse direito de se aposentar como eu ainda tive o direito de me aposentar. O que eu sabia fazer, parei de fazer e fui ganhando esse salário-mínimo”.*

4. Quem cuida da saúde da comunidade?

Pedro: *“Para mim, recorre, recorrer é a UBS, mais perto daqui, Marcelo Cândido e a UPA, do Novo Horizonte. E a UPA do Curiaú”.*

Roldão: *“A saúde da comunidade tem os postos médicos aí, mas tudo é gente de fora. Tem umas pessoas da própria comunidade que são empregadas aí, mas não é chefe, é só para tá fazendo limpeza. Ou distribuindo aquele vidro de remédio pra comunidade. E andando nas casas das pessoas doentes, aqui é pra dizer pro médico que a pessoa tá doente, que não dá pra pessoa ir, é que o médico vem na casa da pessoa que eles trazem pra fazer o tratamento. A gente, às vezes, tá doente. Às vezes, a gente vem. Eu tive um problema aqui de saúde, um tempo aí atrás. Eu tenho duas filhas e esse irmão que mora aqui comigo, é uma filha ali. Ai me deu um problema. E aí eu tava com ele aqui e fiquei aflito, fiquei aflito e disse que era pra ele não chamar. Ele foi chamar a sobrinha. Ai a filha mora mais lá embaixo. Ai que quando eu me acordei, já tava a ambulância bem aí. E me jogaram dentro da ambulância. Ai, quando eu cheguei lá, aí o médico me fez o*

tratamento e disse assim “olha sr. Roldão, o senhor teve uma sorte. Uma crise que lhe deu de coração. E você teve tratamento urgente, senão você tinha falecido na hora”. Então, graças a Deus, me deu o medicamento e aí foi que sobrevivi. Até agora ainda estou aqui. Mas a gente é vivente, né? É. Então tudo é bom”.

5. O senhor costuma fazer uso de plantas, casca de pau, entre outros como remédio?

Explique o motivo. Quem lhe ensinou?

Pedro: *“Sim, eu tomo muito remédio caseiro, eu tomo muito. Eu faço ali as minhas garrafadas, eu mesmo, e tomo. A minha mãe era patrona disso aí. Tudo eu aprendi, tudo que eu a via fazer, eu faço. Em remédio”.*

Roldão: *“Não, a única planta que eu tenho aqui é uma laranjeira que eu plantei aí. E é um pé de capim-marinho que sempre eu gosto do chá dele. De casca de pau não. Como remédio não. Não tem mais essa casca, não tem mais essa, remédio de casca de pau não tem mais. É só o mesmo da botica, o remédio que a gente tá tomando. É pra pressão. Tenho problema de pressão. Tem que comprar uma pilulazinha pra tomar da pressão. Aí vai medir quando tá alta, quando tá baixa. E todos esses problemas”.*

6. O que o senhor aprendeu sobre o Batuque, o Marabaixo, e o que o senhor pode destacar que aprendeu e, por conseguinte ensinar as gerações atuais sobre as histórias, os valores, o legado cultural e afrorreligioso do quilombo?

Pedro: *“Eu aprendi tudo com meu pai e meu avô, Januário Clarindo. Eu vi eles tocarem, principalmente o meu avô, depois o meu pai. Tudo o que eu aprendi hoje com eles. Tudo o que eu aprendi foi com eles”.*

Roldão: *“Pois é. Aqui, quando eu me entendi, tinha essa festa de São Joaquim, e era uma festa da Santa Maria, em maio. Então aí, depois que eu fiquei com uma idade de oito ou seis anos, aí já comecei a andar na folia. Depois de cinquenta, que eu fiquei como porta-bandeira. E essa festa da Santa Maria, era uma santa que ela era da mãe do Gregório. A velha Gregório, que era a mãe, tinha essa santa. E tava na casa do Chico Marinho, que a mãe do Bomba morava lá com ela. E um dia dava aquelas pragas na roça, E ela se ajoelhou perto da santa, pediu pra Santa Maria, se daquele, desse ano pra frente não desce mais essas pragas na roça, ela mandava rezar uma ladainha pra Santa Maria e dava um almoço pros inocentes. E aí, ela muito milagrosa fez, e a santa aceitou a proposta e fez. Quando completou um ano, aí o Chico Marinho, ela disse pro Chico Marinho, o Chico Marinho disse ‘é fia, promessa e dívida’. Aí ela mandou rezar a ladainha, o Chico Marinho rezava. Naquela época, eram cinco criança pra dar. Pra você ver, não tinha tanta criança, foram cinco crianças pra almoçar um galo, que ela deu esse almoço pra aquelas cinco crianças. Aí ela pagou essa promessa. E daí foi que daí já o Chico Marinho fez uma festa sócios e mordomos, aí que foi que ficou a festa de Santa Maria com sócios e o mordomo. Aí já era feito por quatro, era dois sócios e dois mordomos, dois sócios e dois mordomos. Todo ano fazia essa festa, que até hoje ela tá existindo, essa festa de Santa Maria”.*

7. Qual é a sua religião?

Pedro: *“Eu sou católico”.*

Roldão: *“Olha, a minha religião, sou católico”.*

8. A sua família é devoto de algum Santo ou Santa?

Pedro: *“É Santo Expedito e São Joaquim”.*

Roldão: *“Olha nós temos vários santos e com todos os santos nós temos o direito de ser bem unidos com todos os santos, porque de todos os santos a gente precisa. Quando a gente pede alguma coisa a qualquer um santo e sempre a gente recebe aquela oferta ou aquele milagre que a gente pediu pra aquele santo, ele faz aquela graça quando a gente merece e consegue aquela amizade para qualquer um santo, para nós ter validade”.*

9. O senhor se recorda o motivo que levou a comunidade a fazer festa para homenagear esses santos? Explique o motivo.

Pedro: “Ah, isso aí eu só sei contar do que eu via. Mamãe contava uma história pra gente que foi o bisavô ou avô que trouxe a imagem de São Joaquim para ser festejado na comunidade. Só isso que eu sei dizer”.

Roldão: “Olha, foi uma homenagem que a gente não estava pensando de ter. Porque santo, mesmo aqui, nós só tínhamos um, que era o Santo Antônio, bem aqui embaixo. E quando foi um dia, o velho Clarindo foi pra Belém. Ele chegou em Belém, chegou numa casa que tinha um bocado de santo. Aonde ele chegou na entrada, ele viu um santo bem assim, que é esse mulato que nós temos aqui. Ele chegou aqui e veio, o velho Lino, que era o velho Lino, que era o chefe da casa, que era o mais velho. Ele era até cego, esse velho Lino. Ele vivia num banco, mesmo assim de Buriti, sentado. Ele era cego. Ele disse assim ‘Lino, eu estive em Belém, eu vi um santo que tá pra ser o padroeiro daqui’. Ele disse ‘oh Clarindo, vê quanto é o santo’. 50 Mil réis. Foi um sacrifício pra arrumar esses 50 mil réis. Ele foi...E comprou. Aí ele deixou e disse ‘olha, hoje eu não vou levar porque eu não vou direito ainda que eu vou, mas tal dia eu volto’. E ele tirou o santo daqui e botou lá no fundo da casa e botou um outro no lugar onde estava esse São Joaquim. Quando foi o dia que ele foi buscar o santo, ele disse pro dono ‘Mestre, eu vim buscar, o meu santo’. Ele ‘tá aí’. Ele disse ‘não senhor, o meu santo é aquele que está lá atrás, que ele está me olhando. Ele só fez sacudir com a cabeça. Aí ele foi buscar o santo e trouxe. Então, o dia dele é dia 26 de julho, São Joaquim Sant’Anna, que são os avôs do Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas como ele chegou dia 18 de agosto, eles comemoram essa festa do dia 18 agora. Agora, como eles foram buscar esse dia 9, pra começar as novenas do dia 9, eu não tenho lembrança de como foi quando eu nasci, eles já tinham essa festa.”.

10. Existe vinculação entre a festa de Santo, do Batuque, do Marabaixo ou não existe?

Pedro: “Sim, sim, existe. Existe Marabaixo e Batuque. Existe vinculação, sim. Existe”.

Roldão: “Existe sim, porque na época nossa aqui, a tradição era Batuque. O Marabaixo só tinha um. Era de janeiro a janeiro o Batuque. O Marabaixo era em maio, a festa. Em janeiro primeiro tinha aí é Santo Antônio, como é? São Sebastião, era Batuque. Quando chegava em fevereiro, São Lázaro, era Batuque. Quando chegava em junho, era São Antônio, era Batuque. Quando chegava em julho, era outro Santo Antônio da passagem, era Batuque. Quando chegava em maio, era Marabaixo, que era da Santa Maria. E em agosto, era a festa de São Joaquim, em dezembro era que o pessoal do Gorgia fazia a festa do batuque de Nossa Senhora da Conceição, ali do pessoal do Gorgia. Mas hoje já mudou. É só o Marabaixo, só é o batuque do Curiaú na festa de São Joaquim. O resto é só no Marabaixo. E quando toca uma parte de batuque, o resto é só no Marabaixo. E naquele tempo o batuque era três pandeiros e dois tambores. E hoje é três, quatro caixas. E naquele bibibí, cada um toca pra si, cada um canta pra si. E tirou o imã da nossa festa. E a gente já não sabe mais nem o que dança”.

11. É possível fazer festa de santo sem ter Marabaixo e Batuque?

Pedro: “Mas aí depende do santo, depende do santo. Hoje todo santo é festejado com marabaixo e batuque. Quase todo santo. Quando não é marabaixo é batuque. Quando é batuque é marabaixo”.

Roldão: “Às vezes fazem. Festa ali que a Rosa tá fazendo também. Uma festa que ela faz no Santo Expedito. Ela faz também um batuque. E faz o baile pro pessoal aí, que dá às vezes a comida também. Mas sempre quando tem algum bingo que faz também para ter algum recurso para fazer alguma promoção”.

12. Qual é a festa de santo que o senhor não pode perder na comunidade?

Pedro: “A festa do padroeiro São Joaquim”.

Roldão: “Todas as festas, para mim, todos os santos têm validade”.

13. Qual é a importância da festa dos santos da comunidade?

Pedro: “Porque o São Joaquim é o padroeiro da comunidade, o que é importante é o padroeiro da comunidade. O São Joaquim que era o padroeiro da comunidade é o padroeiro da comunidade de Curiaú. É o São Joaquim. Então a gente tem que estar na festa. Tem a folia, tem a ladainha, então a gente tem que participar dessa festa”.

Roldão: “A importância da festa é daquelas uma que a gente vai, come, bebe, se diverte”.

14. Na sua opinião, as festas de santo agregam valores culturais na comunidade ou elas tomaram um problema social na comunidade?

Pedro: *“Antigamente, o promesseiro fazia a sua festa. O próprio promesseiro fazia a festa. Hoje, se não tiver dinheiro do governo, não faz festa. Depois que derrubaram o calendário cultural, a festa do santo ficou a ver navios”.*

Roldão: *“Olha, a festa antigamente era feita pela própria comunidade, mas hoje já está tendo, outro mudou. Porque era a própria comunidade que fazia de tudo, dava farinha, tinha até o boi era da comunidade. Mas hoje já tá sendo tudo comprado e já tá cadastrado, né? Ai o governo que tá repassando o dinheiro já pra essas festas, é que compra tudo, é compra farinha, é tudo. Até o café, naquele tempo era torrado aqui, hoje compra aqueles pacotes, já vem feito. Então mudou o imã. Do como foi, hoje como está, a mudança do material que a gente está comendo e bebendo nessas festas tradicionais do Curiaú”.*

15. O senhor concorda com as ideias de festa na comunidade?

Pedro: *“Não, eu sou a favor de fazer as festas. Eu gosto de festa”.*

Roldão: *“Não, eu acho justo. Porque a festa é uma tradição e é uma alegria para a comunidade. Porque nós nascemos e já temos essa alegria e nós temos que deixar para quem ficar essa mesma alegria e essa diversão. Agora, tá uma mudança. E tem algumas pessoas que eram dessa condição, viraram protestantes. Então, eles estão mudando por conta deles. O que acharam bom, ficaram na mesma situação. Os que não acharam estão sendo protestantes, mas isso é problema de cada qual escolhe o que quer, né? Então, seja feita a vontade de quem quer que seja”.*

16. Tem benzedeira, ou rezador outra dominação dada pela comunidade a pessoas que são médiuns?

Pedro: *“Teve muitas benzedoras e curandeiras. Hoje eu não sei as que não tem. Se tiver, eu já não conheço”.*

Roldão: *“Isso, tem. Porque a rezadora hoje, que estão rezando, sempre vão, a pessoa que quer chamar a rezadeira, sempre dão uma gratificação. Eles não cobram. Porque é uma obrigação de se rezar para o santo. Mas como eles dão a gratificação, eles recebem. Não que a gente cobre através deles. O dono da festa e que dão aquela gratificação para o rezador e ele recebe aquela gratificação que lhe dão. Mas que não é direito de cobrar porque é uma missão de fazer para o santo o que o santo faz pra a gente”.*

17. Sabe de alguma história de encantamento de pessoas que desapareceram da comunidade e que não foram mais encontradas?

Pedro: *“Não, não sei. Essa era uma história que eu não sei”.*

Roldão: *“É, tem muitas pessoas que aconteceu esse fato que faleceram e a gente não sabe o porquê que aconteceu o fato. Adoecia, tinha aqueles problemas, mas às vezes não tinha quem tratasse ou não sabia tratar e às vezes falecia e nunca foi descoberto qual era o problema. Alguns, depois que existiu a medicina, estão morrendo e estão sabendo o porquê. Quando deu aquela crise de covid-19, aquela doença que matou muitas pessoas até daqui da comunidade, eu tinha essa irmã, a Rosilda, que foi vítima também dessa doença que ela teve. Ela faleceu dessa própria doença também”.*

18. O senhor costuma andar pela comunidade a qualquer hora? Ou aprendeu a ouvir desde a sua infância que é perigoso fazer isso?

Pedro: *“Minha mãe falava sempre que era muito perigoso. Na época da minha mãe era perigoso. Hoje é mais diferente. O pessoal anda aí, o pessoal anda aí a hora que quiser na comunidade”.*

Roldão: *“Sim, filha. Eu, logo no início, que eu fiquei como líder da comunidade, sempre eu fazia isso, reunia, explicava. O que for da comunidade, qualquer objeto, vocês têm que me representar eu, eu que sei o que eu vou dizer e como é o que tem que fazer para a comunidade. Então, qualquer pessoa, ‘onde é que mora o líder da comunidade?’ Ai ia na minha casa, me perguntava eu já. Dizia que o pessoal tudo fazia. Aqui houve um fato. Logo assim que foi feita essa estrada aqui, aí dava muita poeira. Ai a casa era dessa casa daqui e era*

um irmão pra baixo. E aí lá na frente eu pedi pro pessoal fazer umas valas assim. E aí lá o pessoal vinha lá, achava o pessoal cavando, chamou a polícia. Eu morava mais lá embaixo. Era bem na casa do cunhado meu, onde morava a Rosilda. Aí a polícia veio. Chegou, proibiu o pessoal lá, disse 'quem tinha autorizado?'. Disseram que era o líder da comunidade. Aí foram me chamar. Aí veio o delegado lá com dois policiais. Disseram bom dia, eu 'Bom dia. Por que eu vou dizer que eu tô fazendo? Você quer comer com poeira e beber café com poeira? É como nós estamos fazendo aqui. Se não asfaltar isso aqui, tem que fazer vala até no fim da vila. E pega o caminho de vocês e vão embora. E aqui quem manda sou eu'. Aí 'você tem a sua razão', pegaram o carro e foram embora. Então, eles respeitaram a minha atitude. E depois foi que, quando o Capiberibe, em 1990, assumiu como prefeito, foi que ele mandou asfaltar aqui, graças a Deus. Melhorou a situação da comunidade".

19. Tem lugares misteriosos na comunidade que o senhor não costuma andar?

Pedro: *"Tem. Dizendo a lenda que tinha muitos poços. Que é perigoso andar sozinho por aí. Os poços".*

Roldão: *"Não, filha. Todo lugar eu tenho conhecimento com isso. O Curiaú todo eu sei dizer por onde é e quem é e onde é as extremas e o lugar do Curiaú todo".*

20. O senhor se considera o guardião desses saberes dentro da comunidade?

Pedro: *"Ah guardião, saberes, a minha parte de saberes, eu considero. Eu sou guardião da minha história, com certeza".*

Roldão: *"Sim".*

21. Como o senhor percebe que os nossos saberes legados dos antepassados, incluindo as festas de santo regado a batuque Marabaixos, cerimônia afrorreligioso, ensina mesmo sem ser numa sala de aula ou no caderno?

Pedro: *"Isso é muito importante, porque é um fator da gente ter conhecimento da história que a nossa comunidade tem. É muito importante, sim".*

Roldão: *"Não, essas festas, só a gente aprende na época da festa mesmo. Porque, dependendo de não ser na festa, é difícil. Então, quando chega na festa, eles vêm pra aprender, pra cantar. E aprende. Eu tenho esse irmão que sempre tocava caixa e ia, e sempre quando vinham buscar ele, levava e tocava a caixa e cantava os marabaixos, o batuque, pra festa também. Mas que mais era quando tinha as festas que ele vinha. Olha, aqui, o Mazagão. O Mazagão, a festa do Mazagão foi daqui. Eles aprenderam pela festa do Curiaú. Eu tinha um bisavô e ele era casado com uma senhora do Mazagão, uma tal de Inês Amora da Silva, o Velho Fernandes, ele se casou com essa senhora. Então eles vinham de lá aplaudir o nosso batuque. E daqui foi que eles fizeram. Hoje tem até cavalaria. Nós aqui não temos. Fazia em janeiro, fazia. Então eles tinham... Aí cresceu muito maior do que a nossa, né? Porque eles têm todos os eventos. E nós não temos essa cavalaria aqui como eles tinham no Mazagão. Mas aprenderam daqui que eles vinham através dessa velha Inês, que nós temos parentes lá do Mazagão, aqui em Curiaú. Ela já é falecida".*

22. Há alguma história que o senhor sempre conta para ensinar as crianças jovens, mesmo as pessoas adultas, sobre o respeito da ancestralidade?

Pedro: *"Sim, sempre eu falo. As minhas histórias, meus trabalhos, sempre eu envolvo o meu trabalho, escutando a história da minha avó, da minha mãe, sempre eu vou envolvendo, que é a história mais certa, é falar e ter respeito pela nossa cultura, nossos antepassados".*

Roldão: *"Quando a pessoa vem me procurar, eu conto e eu explico pra eles, a unidade da pessoa, qual é o sentido. O respeito é do maior ao menor. Então tem que se respeitar ambos, inclusive as crianças, tem que receber e saber tratar os velhos. Porque os velhos já sabem o que fizeram e eles estão começando. Então eles têm que aprender para ser o mesmo tanto que aquele velho já aprendeu".*

23. Tem algum conselho que o senhor recebeu quando criança, jovem ou adulto, que até hoje o senhor segue ensinando?

Pedro: *“Que eu sempre ouvi a minha mãe falar para não deixar perder a nossa identidade. Sempre ouvi ela falar isso”.*

Roldão: *“Tenho, sim. Eu sempre recebia isso. Porque quando eu fui criança, sempre eu via ali. Olha, ali tinha esse velho Duca, era o velho Berto. Nós íamos e eles ensinam a rezar o Pai Nosso e a Ave Maria. Toda santa noite nós íamos, seis horas nós íamos pra lá, rezava o Pai Nosso e a Ave Maria, tudo era assim. A gente aprendia com ele. Agora, só que hoje não, não tem ninguém que tá aprendendo mais essas coisas. Então, nós, naquele tempo, nós tínhamos essa profissão de aprender aquilo que a gente não sabia. E, graças a Deus, eu tive esse período e consegui aprender alguma coisa com os velhos da própria comunidade. Passando hoje para as crianças”.*

Neste bloco de perguntas, pude extrair de ambos os senhores, diferentes percepções sobre a ancestralidade do Quilombo do Cria-ú, e com o que é de meu entendimento posso complementar aqui para que nada seja entendido de forma equivocada. Primeiro, que os dois anciãos foram lembrados por sua memória de diferentes contextos vividos na comunidade. Não que os dois não tenham vivido as diversas vertentes da cultura local, mas ao ouvir a palavra “cultura”, observa-se que o Sr. Roldão menciona sobre a cultura agrícola da comunidade, enquanto o Sr. Pedro se recorda da cultura afro e religiosa vivenciada nas festas tradicionais. E o que destaco nesta observação, é que ambos foram ensinados por seus pais ou avós tudo o que me falaram nesta entrevista. Além de se reconhecerem como guardiões desses saberes que receberam de seus antepassados e de compartilharem de pensamentos que visam preservar a identidade da nossa comunidade, como o fato de recebermos apoio financeiro do governo para celebrar nossa maior e mais antiga festividade. Não que isso seja errado, e claro, todo apoio é muito bem-vindo, porém o que fica para a sociedade futura é a perda do tradicionalismo da existência de um festeiro, que se dedicava fielmente aos afazeres da festa. Como complemento percebi, no ato da entrevista, que ambos ficaram receosos em responder as perguntas que dizem respeito sobre os saberes ocultos da comunidade, algo completamente normal para os dois que já devem ter vivenciado histórias misteriosas na comunidade. Agora iremos para o bloco de perguntas acerca do Espaço Cultural Tia Chiquinha:

1. O que é o espaço cultural? Esse espaço cultural da Tia Chiquinha representa para a comunidade, para a memória dos mais velhos.

Pedro: *“Foi um legado que a mamãe deixou. A gente representa muito. É vender o cartão, o cartão postal dentro do Cria-ú hoje. É esse espaço”.*

Roldão: *“Olha, filha, essa festa da Tia Chiquinha, ela tem um imã. Esse imã é uma mudança. Porque, veja bem, o Vêio Bolão, ele era o porta-bandeira. Quando ele foi se embora para o Macapá, eu fiquei. E aí, Ele ficar, depois que o velho Bolão morreu, eles fizeram, fizeram essa festa da bandeira. Só que a festa tem que ser aqui. E eles fazem lá na Maloca da Tia Chiquinha. Ele faz do dia 9, rezo aqui, a ladainha de São Joaquim, aí eles vão fazer o Batuque lá na casa dele. Mas a festa de São Joaquim tem que ser na sede dele. Lá o santo é Santo Expedito. Então a festa não é de São Joaquim, é de Santo Expedito. E aqui tem que ser a festa de São Joaquim, dentro da propriedade dele, porque por isso nós temos a sede dele aí. E eles estão fazendo lá”.*

2. O senhor conheceu a tia Chiquinha e o seu esposo Bolão? Como era a convivência entre vocês?

Pedro: *“É uma convivência de respeito. O meu pai tinha com a gente. O meu pai como a minha mãe. Tinha hora que era pra quebrar, e tinha que respeitar mesmo, né? Metia era o cacete”.*

Roldão: *“Tudo isso. A vivência, tudo era bom. A velha Chica, o velho Bolão, era a minha tia, a Chiquinha, chamava de tia por causa do velho Bolão também. Januário, a Catarina, o Simão, todos nasceram aqui, no Curiaú né, é toda gente nossa. Dentro desse Curiaú era uma amizade. Outro dia fiquei surpreso de ver que chegou aqui o Januário. Chegou o seu primo. Muitos anos a gente nunca mais teve esse convívio, esse contato”.*

3. O senhor costuma visitar o local? Em que ocasião isso aconteceu?

Pedro: *“Nas festas. Eu moro aqui mesmo”.*

Roldão: *“Quando tem a necessidade da pessoa que queira me pedir, eu vou lá aonde a pessoa mora para ver o que a pessoa precisa, o que eu posso ajudar. Às vezes eu ajudo dentro das minhas possibilidades daquilo que a pessoa precisa e que eu sei, eu explico para ele a finalidade”.*

4. O senhor sabia que muitas escolas, pessoas visitam o local. Qual é a sua opinião sobre isso?

Pedro: *“Foi uma coisa que a minha mãe deixou. Ela disse que ela ia voltar a fazer esse espaço para receber os alunos. Então foi aí que tá, é uma coisa que a gente tem que segurar sempre, manter essa tradição da minha mãe”.*

Roldão: *“Olha, as escolas têm o imã. Quando a escola é uma escola pública, ela tem o direito de procurar em primeiro lugar o representante da comunidade saber quem é o autor dessa comunidade, para saber como foi que foi feita essa escola, de onde veio e quem foi o primeiro fundador. Isso não está acontecendo”.*

5. Na sua opinião o Espaço contribui para a valorização e o fortalecimento da cultura quilombola? Explique sua opinião.

Pedro: *“Contribui muito. Muito, muito, muito mesmo”.*

Roldão: *“Sim”.*

6. O que não pode faltar quando se ensina a alguém sobre o Cria-ú?

Pedro: *“O que não pode faltar é a gente sempre contar nossos fatos, nossa história. Não pode faltar a gente ensinar e passar para as pessoas que vêm o que a gente aprendeu”.*

Roldão: *“O que não pode faltar é a união, que todos têm que se unir para saber o que é Curiaú e como ele foi começado, como outras famílias tinham e como era a vila do Curiaú. Muitos estão chegando e, também, não procuram saber qual é a finalidade”.*

Como observação sobre este bloco, concluo apenas trazendo a reflexão de que ambos reconhecem o espaço como parte essencial na manutenção dos saberes da comunidade, e que, de alguma forma, também contribuem para esse suporte. Neste próximo bloco de perguntas vamos falar sobre Percursos de Ensino e Formação Antirracista:

1. O que você acredita que as pessoas aprendem sobre o povo negro e quilombola quando escutam suas histórias?

Pedro: *“Tem muitas pessoas que, quando eu conto uma história nossa, os caras ficam abismados de saber aquela história. Eles querem ter o conhecimento de ver de contar. Sempre a gente fala, como a gente aprendeu com a mamãe, a gente conta de onde a gente viu. Pra trás, a gente não pode contar nada que a gente não viu, mas de onde a gente viu, a gente já conta a história. É isso que o povo fica abismado de saber. Justamente que a mamãe passava pra gente história, a gente conta o que a mamãe contava pra gente”.*

Roldão: “Olha, é uma desunião. Eu acho que muitos não acreditam porque é negro. Eu acho que o negro está falando mentira. Não acredito. Ah, porque esse negro quer se mostrar, quer contar. Mas ele tem o fruto do conhecimento daquilo que era e como era a vida. E ele, por ser branco, não teve aquele tempo para fazer ou aplaudir aquilo. Aí, de fato, ele não acredita naquilo que a gente diz. Mas é um direito que a gente tem o conhecimento e às vezes conta. E a realidade é a verdade”.

2. Já viu alguém mudar seu olhar sobre a comunidade depois de ouvir um relato seu ou participar de uma vivência ou roda de Marabaixo ou Batuque?

Pedro: “Já vi pessoas que ficam interessadas. Quanto mais a gente fala, mais pessoas vêm para procurar a gente. Já com outra visão, outro olhar”.

Roldão: “Sim”.

3. O que você gostaria que a pesquisadora levasse consigo como ensinamento dos mais velhos?

Pedro: “O saber deles. E sempre a opinião dos mais velhos”.

Roldão: “Sim. Não, eu acharia assim que você, como veio a saber da realidade, você tem o imã de contar a história como você ouviu. Diz, olha, eu fui com o Sr. Roldão, a história do Curiaú, dessa maneira. Então, pra quem não conhece, se eu tô mentindo, vai lá na casa dele. Você tem como provar. Então você é uma convidada minha e convida a pessoa. Se não quiser ouvir da senhora, manda vir aqui comigo que eu explico a mesma coisa, como tem que ser o rito da comunidade.”

4. Se pudesse deixar um conselho para as próximas gerações do quilombo, qual seria?

Pedro: “Valorizar. Valorizar, se empenhar mais na parte cultural da nossa comunidade, que é muito interessante. Às vezes não é só tocar tambor, é ir para a escola. Ir para a escola, que a escola também ajuda a nossa cultura a crescer, com certeza”.

Roldão: “Esse conselho, se tivesse sim, pra ficar um imã pra todo mundo saber o que é o Quilombo. Porque é um imã que a maior parte não está sabendo o que é o Quilombo e como ele foi começado, né? Então é bom que todo mundo saiba e tenha conhecimento”.

5. Qual é a sua opinião sobre a educação e as escolas da comunidade?

Pedro: “A escola está aí, como a gente falou, está aí, num patamar mais pra frente hoje, melhorou muito mais o ensino aqui na comunidade, e até daqui pra frente vai melhorar mais”.

Roldão: “Olha, a minha preocupação da comunidade é porque o povo de fora é que está mandando em tudo. Não é a própria comunidade. Então eles vão embora, olha, ouve aqui o filho da menina, Mariazinha. Elas são raiz daqui. Já estão aposentadas da escola. Agora os professores todos são de fora. Não são mais da comunidade. Só é professor de fora”.

6. Qual é a sua avaliação sobre as escolas? Elas são boas, nem tanto, ou mais ou menos? Explique sua resposta.

Pedro: “O que eu sempre digo é mais ou menos”.

Roldão: “Não, eu acho que seja boa. Porque os meninos estão estudando. Eu acho que não vejo reclamar. Reclamo, sim, que às vezes a diretoria aí uma maior parte reclama que é a diretoria e que tá fazendo a coisa errada. Aí que eu ainda disse até pra moça lá, faz uma boa assinada e vamos lá na educação contra eles. Tava pedindo que esse ano, que o Clécio Luís se perdesse a eleição pra ser outro governador, pra ver se mudava essa diretoria. Se não é pra tirar o Clécio Luís pra fazer uma substituição, né? Se reúne vocês lá da comunidade, e faz uma abaixo-assinado na secretaria e pede a demissão dele, da pessoa que está fazendo mal contra você. Não tem mais esse problema”.

7. O que precisa melhorar e mesmo mudar nas escolas, segundo o seu ponto de vista?

Pedro: *“Dá mais é valorizar mais os professores. Para poder a coisa andar”.*

Roldão: *“Eu precisava que a própria escola tivesse um amor, da escola com os líderes da comunidade, para saber como começou a comunidade e quem eram os habitantes do passado da comunidade”.*

8. O senhor já foi convidado pelas escolas para compartilhar diretamente aos estudantes sua vivência na comunidade? Se sim, como o senhor se sentiu? Se não, o que o senhor tem a dizer sobre isso?

Pedro: *“Sim, sou convidado e me senti muito bem”.*

Roldão: *“Não, nunca fui. Nunca tive esse convite da comunidade”.*

Finalizando a entrevista com os guardiões da comunidade destaco deste bloco como a educação da comunidade deveria valorizar mais os saberes dos nossos griôs, que são fundamentais para a formação dos indivíduos e para a valorização da identidade do povo negro. Ao finalizar as entrevistas, agradei aos mestres/griôs da comunidade e me retirei com o coração transbordando de alegria e com a mente abastecida de conhecimentos.

Seguindo a ordem das entrevistas, para as professoras, preparei roteiros diferentes onde abordam aspectos de sua experiencição dentro do Espaço Cultural Tia Chiquinha, suas vivências pessoais e dentro da comunidade e o conhecimento e a aproximação com ela. Os roteiros possuem os mesmos blocos, com perguntas para ambos as professoras e com algumas perguntas diferentes em cada roteiro. Segui o mesmo modelo de introdução, com a apresentação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Amapá, a apresentação da minha pesquisa e dos termos de anuência para que fossem assinados. E assim, começamos com a coleta dos dados pessoais:

1. Qual é o seu nome completo?

Núbia: *“Núbia Maria Ramos Lopes”.*

Benedita: *“Benedita do Nascimento Ramos”.*

2. Você nasceu em que dia?

Núbia: *“Eu nasci no dia 27 de março de 1967”.*

Benedita: *“12/07/1978”.*

3. Você é natural de qual lugar?

Núbia: *“Eu nasci no Quilombo da Lagoa dos Índios”.*

Benedita: *“Macapá mesmo”.*

4. Qual o, a sua nacionalidade?

Núbia: *“Brasileira”.*

Benedita: *“Brasileira”.*

5. Você é filha de quem? Pai e mãe.

Núbia: *“Meu, o, meu pai era Pedro de Almeida Lopes e a minha mãe Maria Fernanda Ramos Lopes”.*

Benedita: *“Josefa do Nascimento Ramos e Raimundo de Souza Ramos”.*

6. Quem são seus avós maternos?

Núbia: *“Meus avós maternos é Vitalino e Alzira”.*

Benedita: *“Theodorico Brás do Nascimento e Maria Ferreira”*

7. Quem são seus avós paternos?

Núbia: *“Pedro Lopes e Cândida”.*

Benedita: *“Antônio Ilário Ramos e Maria Ramos”.*

8. Quantos irmãos você tem e quem são eles?

Núbia: *“Três, eu, eu tenho três irmãos. A Nilma, Nalzira e o Nivaldo”.*

Benedita: *“Tenho sete irmãos. É, Joaquim do Nascimento Ramos, Maria do Nascimento Ramos, Antônio do Nascimento Ramos, José do Nascimento Ramos, é, Ana do Nascimento Ramos, João do Nascimento Ramos (In memoriam), e tenho um que mora aqui no Curiaú que é o Wilson Leite”*

9. Qual é a sua cor e raça?

Núbia: *“Eu sou, a minha cor é preta”.*

Benedita: *“Negra”.*

10. Qual o seu gênero? Masculino ou feminino?

Núbia: *“Feminino”.*

Benedita: *“Feminino”.*

11. Qual a sua orientação sexual?

Núbia: *“Agora sim. É, é héte-hétero, né? É”.*

Benedita: *“É hétero”.*

Seguindo o roteiro de entrevistas, passamos para o bloco sobre a Trajetória Educacional e Profissional das entrevistadas. Ressaltando que, apesar do roteiro possuir os mesmos blocos com temas centrais, irei dividir este bloco em duas partes/vertentes, trazendo as respostas das entrevistadas separadamente pois, como se trata da trajetória educacional e profissional, as perguntas foram elaboradas exclusivamente para o seu contexto vivido. Começaremos com a entrevista da professora interna:

1. Você trabalha onde e em que?

Núbia: *“Quando eu trabalhava, que agora eu estou aposentada, eu trabalhava na Escola José Bonifácio como professora”.*

2. Quantos anos você tem de formado? Por qual instituição se formou?

Núbia: *Eu tenho...é muito tempo, não lembro mais, porque eu...eu tirei, eu fiz o magistério no IETA, aí depois eu fiz a graduação na UNIFAP e a pós-graduação...eu me esqueci. É IPEBEX parece. É pelo IPEBEX”.*

3. Qual a disciplina que você ministra?

Núbia: *“Eu trabalhava de primeira à quarta, então eu trabalhava com todas as disciplinas”.*

4. A senhora possui algum pós-graduação? Se sim, em quê? Há quanto tempo?

Núbia: *“Sim”.*

5. Há quanto tempo o(a) senhor(a) é professor(a)?

Núbia: *“Eu trabalhei como professora, eu acho que uns trinta e três anos”.*

6. Qual é a memória de sua infância no Cria-ú (ou da sua convivência com a comunidade) influenciam sua visão de educação?

Núbia: *“A minha memória de infância, porque as minhas memórias de infância não são do Curiaú, são do quilombo onde eu nasci. Aí então, eu nasci na Lagoa dos Índios, dos Índio. Depois eu vim morar no Pacoval. Não, fui morar no Santa Rita, aí depois que o meu pai morreu, foi que eu vim morar no Curiaú. Mas antes eu morava...eu vinha aqui no Curiaú só mesmo a passeio. Aí depois que meu pai morreu, era que todas as férias, a minha mãe trazia, porque ela ficou viúva, né? Com quatro filhos pra criar. Aí então ela vinha pra perto da família pra dar aquele apoio pra ela nas férias. Aí então quando eu chegava aqui, eu já vim pra cá, eu acho que com uns nove, dez anos. Aí quando chegava aqui, era muito banho no lago, era muita brincadeira com os parentes, era muito divertido. E no, e na lagoa, a memória que eu tenho é que quando meu pai era vivo, então ele cuidava de gado, né? Aí todo dia de manhã, não sei se você, você lembra daqueles canequinhos de, de...como é o nome que chama? Que a gente, quando a gente, ele não pode bater, que ele estala. Eu, eu não lembro o nome desse caneco. Então cada um dos filhos tinha um canequinho daquele. Aí ele, meu pai saía cedo pra ir pro curral, né? Aí eu ia, aí ia todo...os outros três, porque a Nalzira não ia que ela já nasceu em Macapá. Ia os três pra lá, cada um com seu canequinho. Ele tirava leite, a gente tomava aquele leite quente, tirado na hora. É essa a memória de infância que eu tenho. Então, aqui tem uma planta. Essa planta, quando eu quero me lembrar da lagoa, eu tiro as folhas dela e amasso, eu, eu volto, parece assim que eu volto pro passado, porque essa planta tem o cheiro da lagoa e a minha recordação. Aí o resto da pergunta é... a minha convivência com a comunidade é uma convivência boa, é uma convivência tranquila. Não sou uma pessoa assim de gostar de tá na casa do vizinho. Quando dá pro vizinho vim na minha casa, a gente conversa, a gente se senta, a gente conversa. Então, a minha convivência na comunidade é essa, uma convivência tranquila. E quanto à educação? A minha visão de educação...pode ser dos tempos antigo e do atual agora também. Antigo, parece assim, aquela educação, não sei se tão se referindo à educação, aquela formal da escola ou a educação que as crianças trazem de casa. Não, quando, quando eu comecei a trabalhar, era parece assim, que a gente tinha mais facilidade de conduzir as crianças no, no percurso do aprender. Antes, a gente tinha mais liberdade. A, o aluno parece que antes ele tinha um, um maior compromisso, ele gostava de estar estudando. Hoje, é, a gente enfrenta uma barreira muito grande. Eu já no final de carreira, eu já tinha muita dificuldade, principalmente de trabalhar com os alunos adolescentes. Eu vou te...falar a verdade, eu tinha medo. Dos alunos da tarde eu tinha medo, porque as crianças não, as crianças tu consegues conduzir, mas o adolescente tu não consegues, porque eles já se acham assim superior, eles acham que sabem mais que a gente, então eles não querem respeitar. E pra completar, a família também não nos ajuda, porque o que o aluno fizer de errado, a família assina embaixo. Se a gente chama o pai pra conversar, o pai não vem conversar. Eles não aceitam o que, que a gente colocar os defeitos do filho. A gente tá pedindo um socorro, a escola tá pedindo um socorro, tá pedindo uma ajuda e a família, assim, eles montaram uma barreira. Hoje em dia, eles tão fazendo os filhos e jogando pra escola educar e não é papel da escola. Aí a gente não sabe se dá a instrução ou a educação, porque a criança não vem educada de casa. Ela vem com todas aquelas mazelas e a gente precisa administrar. Aí quando chega no final do ano, o sistema te pede resultado. Aí o sistema, eu sempre falava: o sistema coloca um doido pra conduzir quarenta alunos. Os alunos não sabem pra onde vão, nem pra onde vêm, mas o doido do professor tem que dar conta daqueles quarenta. E no final do ano, tu tens que mostrar resultado. É essa, assim, é, é essa a visão que eu vejo. Se a gente tivesse uma*

ajuda, assim, da família, se a família se sentasse e dissesse: "Não, aqui nós vamos trabalhar pra instruir essa criança" aí eu acho que a gente ia bem".

7. Você enquanto professor(a), participa das tradições da comunidade? Desde quando?

Quem te ensinou?

Núbia: *"Essas práticas eu aprendi com a minha mãe, porque a minha mãe ela sempre vinha. Ela vinha quando chegava o tempo das festas, ela vinha lá da, de quando nós já estávamos no Santa Rita, né? Aí então ela nos trazia pra cá, é aí que a gente participava. Então, isso daí foi um exemplo que a gente seguiu, tá seguindo dela".*

8. Que práticas rituais, história ou modo de viver da comunidade, você considera fundamental para a formação das crianças, jovens do Quilombo do Cria-ú?

Núbia: *"Olha, as, a, olha, uma das práticas que eu acho muito bonito, a ladainha, o Batuque, o Marabaixo, tudo isso assim é fundamental pra gente construir a identidade dessa criança. Porque quando eu cheguei na escola, tu acreditas que os nossos alunos tinham vergonha de dançar o Batuque e o Marabaixo? Se tu chamavas um aluno pra uma roda de Batuque, uma roda de Marabaixo, era um desespero muito grande. Aí foi criado o projeto 'Curiaú mostra a tua cara'. Dentro desse projeto começamos a trabalhar, até a folia mirim nós tínhamos aí. Começamos a trabalhar e tu via o interesse, tu via o orgulho da criança ir lá pro meio da roda dançar, cantar e mostrar o que é a cultura dele. Então, é assim que eu vejo".*

9. Durante sua formação, você teve algum, alguma dificuldade para deslocar da comunidade até a cidade?

Núbia: *"Não, porque quando eu, durante o período que eu estava estudando, eu não morava aqui. Eu morava em Macapá, então eu não tinha dificuldade".*

10. No decorrer de sua trajetória como professora, em quais escola você trabalhou?

Núbia: *"Eu trabalhei um ano no...não, eu comecei a trabalhar em Ferreira Gomes, trabalhei seis meses em Ferreira Gomes, trabalhei um ano no Bailique, trabalhei seis meses no Dom José Maritano e o resto do tempo foi só no Cria-ú".*

11. Quando você lembra do início de sua vida escolar, quais lembrança vem à sua mente?

E que marca, é, esse período deixou na sua forma de, de aprender e ensinar hoje?

Núbia: *"Ah, sim, porque a gente sempre foi assim muito retraído, muito tímido. Então, eu sentia assim que tinha uma certa barreira dos professores em relação à, à minha pessoa, porque, em primeiro lugar, negro. O negro aonde chega, o negro é discriminado. Não pode dizer que acabou o preconceito, que ac-- não acabou, gente. A gente fala porque quem sente na pele, e eu senti várias vezes. Então, uma das barreiras foi essa, o preconceito. Aí, o que, o que o, o, a gente sabe, a nossa cultura nunca foi destacada, nunca. Nunca se trabalha a cultura do ne-- o negro, assim, parece que todo tempo, parece não, todo tempo é deixado de lado, lá no cantinho dele, ele não incomoda, fica pra lá. E era assim que eu me sentia dentro da sala. Lá no meu cantinho, quieta, não mexia com ninguém, ninguém mexia comigo".*

12. Quais foram os momentos ou pessoas que mais influenciaram sua decisão de seguir o caminho da docência?

Núbia: *"Quem influenciou foi a minha mãe, porque o meu sonho mesmo era fazer Psicologia. Mas aí, como meu pai tinha morrido, aí ela ficou recebendo um terço do salário-mínimo pra sustentar quatro filhos, aí ela disse: 'Não, Núbia, vai fazer o magistério, porque vai te dar emprego mais rápido'".*

13. Como você aprendeu aquilo que hoje considera essencial para ensinar e onde essa, esse aprendizado acontece (na escola, na família, na comunidade, no trabalho ou em outros espaços)?

Núbia: *“Como eu aprendi? Eu aprendi na prática. Foi na prática mesmo, tive que ir pro, pro chão do, da, da escola e, e aprender, porque se eu não, não aprendesse, não mostrasse a que eu vim, eu não ia conseguir nada, né? Então, com, no dia a dia, na luta, observando a comunidade também. A gente vai observando, vai vendo o que dá pra gente aproveitar, o que não dá pra gente aproveitar e assim a gente vai levando. Foi na prática, porque a escola não te ensina”.*

14. Como foi o início da sua atuação como professora e qual desafio marcaram esse começo? Qual foi os desafios que marcaram esse começo?

Núbia: *“O maior desafio foi porque quando eu comecei, já pro Bailique, é, é, eu não sei nadar. E aí a gente ia, né, naquela lá--ô, meu Deus, era um, era muito ruim a viagem. Mas--esse foi um dos principais desafios. Aí quando chegava, uma vez, deixaram a gente numa determinada ilha, porque não dava pra entrar na ilha que eu dava aula, né? Me deixaram numa outra ilha. Aí de lá, esse dia foi só eu, a outra professora não veio. Aí quando chegou lá, aí disseram: ‘Agora, professora, eu vou lhe botar numa canoinha pra senhora ir pro seu igarapé’. Aí tá. Me botaram nesta canoinha com três homens. E aí demorou no meio do rio, um começou a amolar a faca, né? Eu digo: ‘Ele vai me matar’. Aí eu digo: ‘O jeito é eu pular na água. Agora, como que eu vou pular na água se eu não sei nadar?’ É, eu sei que esses foram os desafios”.*

15. Como você descreve o modo (metodologia) como ensina hoje e quais elementos de sua história explicam esse modo de ensinar?

Núbia: *“Olha, o modo que ele, que hoje a gente tá praticando, desenvolvendo o, o, o ensino, tá bem melhor. Tá bem melhor, porque o aluno tem mais liberdade. O problema é que o aluno não tá sabendo aproveitar essa liberdade. Mas tu tens as tecnologias à tua disposição, então tá tudo muito mais fácil do aluno aprender, tá muito mais fácil de absorver do que antigamente quando eu comecei, que era só o giz, o cuspe e o giz, e hoje não, tu tens as tecnologias todas à tua...Agora, se o aluno não aproveita, aí fica difícil”.*

16. Você teve alguma disciplina na universidade que tratava da problemática racial no Brasil e suas implicações até os dias atuais? Se sim, qual (is)? Ou até mesmo participou de projetos de iniciação científica e/ou extensão com tal conteúdo?

Núbia: *“Hum, não lembro não, acho que não tinha não, quando eu fiz. E não participei não. Quem, quem faz, a Nilma fez a pós dela nessa área. Mas eu não. Não cheguei a fazer não”.*

Essa fala revela elementos importantes para compreender os limites da formação docente e da efetivação de uma educação antirracista e quilombola. Dessa forma, depreende-se algumas coisas, como o desconhecimento da Lei nº 10.639/2003 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. A fala de Núbia evidencia, inicialmente, um distanciamento da formação docente em relação às políticas educacionais voltadas à educação das relações étnico-raciais. Quando a informante afirma que não se lembra de ter estudado a temática e que não participou de formação específica, sua narrativa sugere que os conhecimentos sobre a legislação racial e quilombola não foram incorporados de maneira sistemática à sua trajetória formativa.

Tal aspecto é particularmente significativo porque a **Lei nº 10.639/2003** alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), tornando obrigatório, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados, o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. A legislação determina ainda que os conteúdos sejam trabalhados em todo o currículo escolar, com especial atenção às áreas de Educação Artística, Literatura e História brasileiras.

Portanto, não se trata de uma temática facultativa ou dependente exclusivamente do interesse individual do professor. A legislação estabelece uma **obrigação curricular e institucional**, o que pressupõe também a criação de condições para que os docentes conheçam a legislação e desenvolvam práticas pedagógicas coerentes com seus princípios.

No caso específico da Educação Escolar Quilombola, a **Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012**, instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. As Diretrizes possuem caráter mandatório e orientam os sistemas de ensino para que considerem as especificidades históricas, sociais, culturais e territoriais das comunidades quilombolas.

Assim, a declaração de Núbia permite interpretar que existe uma **lacuna entre o aparato jurídico-normativo brasileiro e a formação efetivamente vivenciada pelos professores**. A existência de leis e diretrizes, por si só, não garante sua implementação: é necessário que elas sejam conhecidas, discutidas e transformadas em práticas pedagógicas. Essas observações puderam ser constatadas em outros depoimentos também.

17. Quantos livros sobre a temática racial, racismo, discriminação e preconceito racial você leu durante a graduação e na pós-graduação (se ele tiver pós-graduação)?

Núbia: *“Sobre esse tema, nenhum. Tema nenhum. Nenhum”.*

18. Você já escutou falar da Lei n. 10.639/03 e sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a sua implementação nas escolas do nosso país.

Núbia: *“Sim. Nós trabalhamos. Tanto é que a nossa escola foi uma das primeiras, antes até de se lançar, a gente já trabalhava essa cultura racial”.*

19. O que você aprendeu sobre a Lei n. 10.639/03 e sobre as outras leis resoluções vigentes, antirracistas?

Núbia: *“Sobre essa lei, eu aprendi um pouquinho, não vou te dizer que eu aprendi muito, aprendi um pouquinho que ela trabalha a identidade do negro, ela trabalha todos os benefícios. Só que na minha visão, assim, Esmeralda, eu acho que, que não adianta tu criar várias leis, se tu não educar o povo. Nós vamos continuar chovendo no molhado, porque tu crias lei, tu obrigas. Olha aqui na escola, sinceramente, Esmeralda, hoje em dia eu não tenho mais vontade de ir na escola. A nossa escola tá branca. Além de tá*

branca, os professores que aí estão, não ligam. Aí eles passam o ano todinho criando história pra não trabalhar o 'Curiaú Mostra Tua Cara', porque eles dizem que eles têm a disciplina. Gente, vamos fazer interdisciplinaridade. Tu trabalhas o 'Curiaú Mostra Tua Cara' em matemática, história, assim, em todas as disciplinas, eles não conseguem fazer isso. Aí quando chega na culminância, é aquela correria. Não adianta. Não adianta. Porque o meu aluno não aprendeu. Olha, era outra briga minha aí na escola. Quando tinha o desfile, aí vestia os alunos de negros, de reis, reis e rainhas. Não leva! Porque se chegar um repórter e perguntar o que significa aquele rei, aquela rainha, eles não vão ter como explicar. Então vai ficar mais feio. Aí, mas continuam levando, mas eu quero que um dia alguém pergunte. Porque não custa, Esmeralda, não custa trabalhar nossa identidade. É por isso que eu, eu sou assim de acordo que viesse uma lei. Os índios não bateram os pés e não querem só os professores indígenas? Por que que o negro tem que aceitar todo mundo que vem? Aí, olha um, um ano, nós trabalhamos os orixás. Tinha professor que tava lá na sala, já na culminância do projeto. Tinha professor que tava morrendo de medo porque ia sair incorporado, incorporado de que, cristão? Outro, que ele ia sair igual um toucinho defumado. É, é desse jeito. Tinha uma professora que era evangélica: 'Aí, maninha, eu tô com medo'. Medo de que, criatura? 'Eu tô com medo dos espíritos'. É desse jeito, eles não respeitam a nossa cultura, não respeitam".

20. Você conhece (leu) a Resolução n. 08/2012, que trata sobre a educação escolar quilombola? Se sim, como você incorpora tais conteúdos em seu fazer pedagógico?

Núbia: "Olha, essa uma eu ouvi falar assim, passei por cima. Só um pouquinho. Até porque, Esmeralda, essa lei é muito bonita, mas eles não aplicam, ela direto na escola".

21. Como você se sente ao fazer isso? Justifique sua resposta.

Núbia: "É como eu te falo, eu me senti-- a gente fica, assim, contente, porque quando vem uma lei: 'não, agora vai melhorar'. Só que, como eu te digo, quem vem aí pra dentro da escola, o que-- eram três professores pra trabalhar. Era eu, a Nilma, a Deusiana. Nós três. Vivia igual umas doidas aí. Vamos fazer assim, vamos fazer assado. Não adianta. Olha, um ano, um ano nós estávamos com o, uma coordenação do projeto. Era pra trabalhar? Eu, eu não lembro qual era o tema. Eu sei que nós fizemos, fizemos por turma as atividades todinhas, os filmes, tudo como era pra ser trabalhado. Aí tu me pergunta, quem foi que trabalhou? Só a Nilma. O resto ficou no ora veja. Aí quando chega na culminância, é isso assim que eu fico e-- agoniada. Quando chega na culminância, vem professor com um monte de cabelo. A nossa identidade não é só o cabelo, não é só isso-- cabelo que nos identifica. A gente tem tanta coisa. Aí o professor vem com um monte de cabelo, aí faz cabelo, faz aqueles desenhos, aí pro-prega um monte de massa de macarrão no cabelo. Aí faz um, pega esses apliques, aí põe, faz uns desenhos. Não é isso que nos identifica. Não é só isso, mas só que ninguém, ninguém liga Esmeralda. Aí por isso mais que a gente resolveu largar o barco de mão e, e saiu, pulou fora. E vai ter o Festival Cantando Marabaixo, o José Bonifácio não está. Saiu. É como eu te digo, não tá vindo mais, não vem. E a, a tendência da escola do Curiaú, já tá branca, vai ficar mais branca ainda, e a nossa cultura vai embora. Não tem mais ninguém pra preservar".

22. Como os estudantes reagiram a, a tais, os tais conteúdo em sala de aula, a família, os estudantes e a comunidade escolar?

Núbia: "Olha, quando eu tava na escola, a maioria dos alunos eles abraçam, eles a-- eles gostam de participar. É por isso que eu te digo, se tivesse um professor que dissesse: 'Eu vou abraçar essa causa, eu vou trabalhar', nossa escola tava a mil anos-luz. Agora tem aluno, tem-- tinha aluno aí na escola, que chorava, que queria participar do, do, das nossas festas, do Batuque, do Marabaixo. A mãe vinha aí e dizia que o filho não ia estudar, não ia participar porque aquilo era coisa de, de macumba. Era um desespero, é, filho daqui da comunidade fez isso. Tirou os filhos da escola, porque os filhos dela não iam participar daquilo, porque aquilo era macumba. Então, é dessa forma. A maioria dos alunos eles gostam, eles abraçam, mas tem uma minoria que a família faz isso, principalmente quando é evangélico. Os evangélicos não aceitam. Então assim, eu acho que é muita loucura, porque eu tô dizendo, eu vou estudar numa escola quilombola. A minha escola tá dentro de um quilombo. Esse quilombo preserva a cultura e as tradições. Onde que eu vou trabalhar isso? É dentro da escola. Eu vou botar meu filho lá sabendo de tudo isso, quando chega na hora eu vou tirar meu filho? Eu vou ficar falando besteira, porque é besteira".

23. Quais desafios dificuldades você enfrenta? Quais estratégias você utiliza para superá-los?

Núbia: *“Os desafios maiores que a gente enfrenta, principalmente em relação à cultura negra, é porque o livro didático, ele não vem assim, trabalhando massivamente, porque se é feito uma escolha de livro, se tivesse um livro que se adequasse à nossa realidade, à nossa cultura, seria muito mais fácil a gente trabalhar. Mas o livro que vem é o livro de uso comum. Ai então a gente vai ter que trabalhar os conteúdos que vem naquele livro. Quem tem disponibilidade pra adaptar, faz adaptação. Quem não tem, vai trabalhar lá o livro que veio lá do Sul. É o livro que veio do Sul, veio do Sudeste, mas do, do, do que, que vem trabalhando a nossa cultura, não tem. Então esse é um dos nossos grandes desafios”.*

Complementando este bloco de perguntas, observo como existe um descontentamento na Prof. Núbia em relação ao rumo em que nossa escola está tomando. Sua trajetória profissional é marcada pela vivência dentro da comunidade, dedicada exclusivamente ao ensino de cultura e história africana e afro-brasileira que a Escola José Bonifácio já trabalhava, mesmo antes do surgimento da Lei 10.639/03 e da Resolução n. 08/2012. Ver a escola que tanto valorizou e preservou nossa cultura embranquecida, causa um sentimento de decepção, principalmente nos mais velhos.

Vejam que não tem mais ninguém para preservar. Nenhum profissional que é designado à escola se dedica em ensinar dentro do contexto cultural e afro-religioso da comunidade. E os que irão querer trabalhar sobre algo além do currículo escolar, irão querer trabalhar a cultura de fora da comunidade. Porque, infelizmente, o que a gente vê dentro do estado do Amapá é isso. Tem muitas escolas que ainda não abraçam de fato a cultura. E hoje, o que eu estou vendo, é a correria das escolas em busca de livros de autores da terra, porque agra é obrigatório dentro de suas bibliotecas, é obrigatório falar sobre o Marabaixo e o Batuque, mas não é um livro parado em uma estante que fará você trabalhar sobre a cultura do nosso estado. É preciso ser engajado e realmente praticar as atividades que incluam esse estudo. Mas não é isso que está acontecendo. Até em nossas próprias comunidades não conseguimos isso. E como a professora disse, e eu não sei o porquê, que as comunidades quilombolas tem que aceitar professores externos, ao invés de capacitar as pessoas da própria comunidade. E aceitar não dar oportunidades de liderança para os que são capacitados dentro da comunidade e que se dedicam à valorização da cultura.

Algo que me chamou bastante atenção na entrevista – e que é uma realidade nossa – é as dificuldades que os professores, de modo geral, mas principalmente os da comunidade, enfrentam com a família. O relato da professora envolvendo a família, não é um relato isolado, é uma realidade cotidiana na vida de todo profissional de educação. Hoje, a família não é mais um apoio da escola no processo educacional das crianças e dos jovens. A educação vem de casa, da família. Na escola buscamos conhecimento. E, infelizmente, os professores precisam

não apenas passar o conhecimento para os alunos como, também, precisam educá-los dentro de sala de aula. O que torna mais difícil ainda, se dedicar ao ensino de cultura e história africana e afro-brasileira nas escolas. Para concluir e fechar este bloco, prosseguirei com a entrevista da professora externa à comunidade:

1. Você trabalha onde e em que?

Benedita: *“No momento eu estou trabalhando na Escola Vó Alexandre, escola da prefeitura, localizada no município do Maruanum. Eu tô há três meses trabalhando lá como professora, é, de educação de primeiro a quinto ano”.*

2. Quantos anos você tem de formado? Por qual instituição se formou?

Benedita: *“Tenho vinte e seis anos já de formação, tá? Na área da educação. É, me formei no Esther Virgulino, professora de anos iniciais, é, que é o antigo magistério. E fiz faculdade na FAMA, e sou licenciada em História e bacharel também em História”.*

3. Qual é a disciplina que você ministra?

Benedita: *“É, no momento, como eu tô trabalhando com séries iniciais, eu leciono língua portuguesa, matemática, ciências, é, é, todas as séries”.*

4. O(a) senhor(a) possui alguma pós-graduação? Se sim, em quê? Há quanto tempo?

Benedita: *“Fiz pós-graduação já tem mais de dez anos, tá? E tenho outros cursos também, é, é pedagogia escolar, que abrange orientação, direção, coordenação. Então esses vinte e seis anos de magistério, de educação que eu trabalho, vinte e seis anos foi em coordenação pedagógica. Aí há um ano agora eu tô trabalhando, é, em sala de aula”.*

5. Há quanto tempo o senhor(a) é professor(a)?

Benedita: *“Seis, seis meses”.*

6. Antes de se tornar professor(a), quais escolas você trabalhou?

Benedita: *“É, trabalhava no Bartolomea, trabalhei treze anos no Bartolomea e trabalhei treze anos também no Colégio Pódio, Centro de Ensino Pódio”.*

7. Quando você lembra o início da sua vida escolar, quais lembranças vem à sua mente?

E que marcas esse período deixou na sua forma de aprender e ensinar hoje? Fale-me sobre tais lembranças.

Benedita: *“É, passa um filme na nossa mente, né? Quando a gente vai pra sala de aula. É, a gente trabalha assim: ‘poxa, se tivessem feito isso comigo, será, como eu seria?’ E hoje a gente ensina os nossos alunos, é, de uma maneira diferente, com lúdicos, que hoje nos dá essa oportunidade, porque antigamente, lá no nosso, no nosso magistério, lá no, quando nós estudamos lá no, nas nossas séries iniciais, nós não tínhamos todos esses, é, como é que eu posso explicar? Esse apoio que nós temos hoje em dia, principalmente na internet, nas redes sociais, que nós temos. É, então pra mim, hoje em dia ensinar pros meus alunos é muito gratificante, porque eu tenho como fazer retomadas sempre de qualquer conteúdo. Os alunos estão com dúvidas, tá? Vamos lá, vamos trabalharmos juntos aqui, o que é, qual é a sua dificuldade? Antigamente não, a gente perguntava uma coisa pros professores, a gente, a gente tinha medo, na verdade. Eu falo por mim, porque eu tinha medo de falar com as minhas professoras. E hoje em dia não, nós somos muitos amigos, amigos, nós*

somos pais, nós somos médicos, nós somos tudo pros nossos alunos. Eu vejo isso hoje em sala de aula, que pra mim tá sendo uma experiência muito grande”.

8. Quais foram os momentos ou pessoas que mais influenciaram sua decisão de seguir o caminho da docência?

Benedita: *“Aí, vou chorar. É, quando eu vim pra cidade, eu morava no interior com meus, é, com meus pais, tudinho. Aí quando eu vim pra cidade, que nós morávamos aqui no quilômetro nove, na Lagoa de Fora. Então, é, eu vim com quinze anos pra cidade. Trabalhar, ajudar meus pais que trabalhavam na roça, então era uma dificuldade muito grande, que nós éramos muitas crianças. Então só o papai trabalhava na roça, a mamãe trabalhava em casa. E, e depois eu disse: “Mãe, a gente vai pra cidade, vamos estudar.” E eu consegui um trabalho. Meu primeiro emprego foi que eu vendia bingos e, e lá eu conheci uma pessoa que hoje é o, é o pai das minhas filhas, né? E ele, e a mãe dele que me deu esse suporte pra eu não parar de estudar, que eu engravidei muito jovem também, que eu não tinha também esse apoio, não tinha essa, essa educação que hoje em dia nós podemos passar pra, pras nossas filhas. E essa mulher ela me ajudou muito. Ela, eu digo pra ela até hoje, que é avó das minhas filhas, que ela foi uma segunda mãe, pra mim. E ela me ajudou, não deixou eu parar de estudar. Ela ia, ficava com as minhas filhas, ela é professora, já aposentada, aposentou há uns dois anos. Então ela sempre dizia: ‘Não, minha filha, você vai estudar, você vai ser alguém’. Aí eu dizia pra ela que eu queria ser igual a ela. E hoje eu vejo, eu vejo isso, que ela me ajudou muito na, na base da educação. Ela disse: ‘É isso que você quer?’ Aí eu peguei e fui, fiz o magistério, fiz o processo seletivo lá no, no, no Esther. Passei. Ela queria que eu fizesse no IETA na época, mas como eu passei, eu fiz nos dois., aí como foi pro, pro Esther, fiquei no Esther. Fiz, tá? Estudei quatro anos lá e ela sempre me ajudou. Ela ia comigo, ficava com as minhas filhas. Quando foi pra faculdade, a mesma coisa. Via, eu precisava às vezes viajar e ela sempre me deu esse apoio. Digo pra ela, até hoje eu tenho assim um vínculo muito grande com ela, que eu digo pra ela que é a minha segunda mãe, que é a Maria Lúcia Gomes da Costa”.*

9. Como você aprendeu aquilo que hoje considera essencial para ensinar, e onde esses aprendizados aconteceram (na escola, na família, na comunidade, no trabalho, ou em outros espaços)?

Benedita: *“Na comunidade escolar. Na família também, a família é a base de tudo, né? Que vai, que nós, que nos ensina”.*

10. Como foi o início da sua atuação como professor e quais desafios marcaram esse começo?

Benedita: *“Olha, é, receber um não, às vezes nos ensina muito, nos fortalece mais ainda. Recebi vários não quando eu deixava o meu currículo por aí e eu dizia: ‘Uma hora eu vou conseguir, uma hora vou conseguir’. E eu deixei, é, o meu currículo na escola Colégio Santa Bartolomea, que foi onde eu iniciei a minha carreira na área da educação. É, eu queria pra, até mesmo pra limpeza, eu queria sustentar minhas filhas, que eu tinha duas filhas pequena. E chegando lá, comecei, eu me dava com todo mundo, era extrovertida, tal, e as irmãs: ‘Não, a senhora vai ficar em sala de aula’. Trabalhei como professora de maternal. No ano seguinte, é, me colocaram pra ser auxiliar de disciplina. Fiquei dois anos como auxiliar de disciplina e depois de auxiliar de disciplina, fiquei na orientação pedagógica durante quatro anos na educação pedagógica e os outros anos me colocaram na coordenação, na coordenação pedagógica do fundamental II e do ensino médio. Foram cinco anos a mais aí, aí formou os treze anos de, de Bartolomea”.*

11. Como você descreve o modo como ensina hoje e quais elementos da sua história explicam esse modo de ensinar?

Benedita: *“Aí descrever? Amor. Amor, acima de tudo pela profissão, que nós escolhemos pra ensinar os nossos pequeninhos. Que eu vejo a onde eu tô trabalhando hoje na Escola Avô Alexandre, a carência afetiva dos alunos, que isso me marca muito. Eu sou muito, eu sou vó, sou mãe, sou vó, então a gente leva, a gente*

tinha que separar, mas não tem, a gente não consegue separar esse momento com os nossos alunos. Então, assim como eles aprendem comigo, eles me ensinam muito, no dia a dia”.

12. Você teve alguma disciplina na universidade que tratava da problemática racial no Brasil e suas implicações até os dias atuais? Se sim qual (is)? Ou até mesmo participou de projetos de iniciação científica e/ou extensão com tal conteúdo?

Benedita: *“Olha, na faculdade, nós tínhamos uma disciplina, que eu não me recordo agora o momento, que era até a professora Mariana Gonçalves, que, que ministrava. Então, como era o meu curso era História, nós trabalhamos muito com muitas questões de afro, tá? Mas era difícil voltar, e a gente cobrava isso muito, por quê? Eu falava pra eles: ‘A gente tem o nosso, o nosso Curiaú, que é aqui próximo, por que a gente não estuda um pouquinho? Tem o Mazagão’. Nós, aí, na época, é, eu batia muito de frente às vezes com meus professores, aí a gente foi pro Mazagão trabalhar a questão cultural deles, lá que, é do que é o nosso Marabaixo, né? Então, isso era uma coisa que nós, acadêmicos, nós batíamos muito de frente pra trabalhar essa questão afro, trazer pra sala de aula. Aí hoje em dia nós temos a lei também que nos ampara, tá? Pra gente trabalhar, inserir essa lei em sala de aula com nossos alunos, desde as séries iniciais até a faculdade”.*

13. Quantos livros sobre a temática racial, racismo, discriminação e preconceito racial você leu durante a graduação e na pós-graduação (se ele tiver pós-graduação)?

Benedita: *“Li quatro livros, agora não, não me recordo. Eu lia muito sobre Nelson Mandela, então eu, eu lia direto”.*

14. Você já escutou falar na Lei n. 10.639/03 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para sua implementação nas escolas do nosso país?

Benedita: *“Sim, sim, já. Que é aí que eu, que nós estamos trabalhando muito agora, é, na escola do município, tá? Nós estamos trabalhando. E a gente tem, é, como é que se diz? Ainda, ainda em algumas escolas, aquela cana de braço que fala, porque tem, uns querem trabalhar, outros não. Quem é da cidade não quer trabalhar e quem é do interior abraça a causa, né? Então aí eu fico, eu fico imaginando, e eu converso muito com a minha coordenadora. Se tá, se é lei, é projeto, então vamos executar, vamos executar, vamos colocar aí os alunos e eles se envolvem, a comunidade se envolve muito nos projetos que a gente faz. É, na semana passada, nós fizemos a leitura, projeto de leitura na escola, onde, é, trazia um pouquinho da, da comunidade pra sala de aula. Os pais adoraram, tá? O projeto. Cada aluno falou um pouquinho como era a sua família quilombola, o que eles trabalhavam, o que eles, é, trabalhavam na agricultura, qual era a parte cultural que eles gostavam de fazer, tá? Então tudo isso, é, a gente, é, essa lei veio pra aprimorar mais ainda o trabalho do, da educação”.*

15. O que você aprendeu sobre a Lei n. 10.639/03 e sobre outras leis e resoluções vigentes, antirracistas?

Benedita: *“É a questão da igualdade. Tá? Trabalhamos, todos nós somos, não tem ninguém diferente do outro, tá? E a questão do, do preconceito ainda existe, existe muito e essa lei veio só pra nos ajudar, mais ainda”.*

16. Você conhece (leu) a Resolução n. 08/2012 que trata sobre Educação Escolar Quilombola? Se sim, como você incorpora tais conteúdos em seu fazer pedagógico?

Benedita: *“É, assim, o nosso trabalho da lei, tá? Por mais que o livro vem, o livro didático vem, tá? É, com o conteúdo já específico pra gente trabalhar, mas só que nós quanto professores, nós podemos adaptar, fazer uma adaptação no conteúdo, tá? E trazer pra sala de aula, pra realidade daquele aluno, daquela comunidade, daquela escola, né? Então isso foi muito bom. É muito bom, é a lei que veio, que eu fiz e eu faço esses*

trabalhos no decorrer do meu planejamento, agora eu tô fazendo, tá tudo voltado. Vem o conteúdo da matriz e a gente faz uma adaptação pra realidade dos nossos alunos”.

17. Como você se sente ao fazer isso, justifique sua resposta?

Benedita: *“Ai, pra mim é muito gratificante. Muito gratificante de ver o resultado, de ver os nossos alunos, do agradecimento dos pais, é, na hora lá falando: ‘Poxa, a gente tava precisando de alguém assim’. Então isso pra mim, eu fico então, quantos agradecimentos eu fico chorando, porque assim, eu tô pouco tempo lá e, e os pais assim, parece assim que eu conheço eles há tempo. Então o trabalho, os alunos tão gostando de ir pra aula, que eles não gostavam de ir pra aula. Ai então, e, e isso me motiva mais ainda, por mais que tenha distância, que é mais de, é lá pro quilômetro passando o vinte e um, o Maruanum. Então aí eu deixo a minha família aqui, deixo minha vida aqui e vou pra lá, que eu sei que tem alguém lá me esperando de braços abertos”.*

18. Como os estudantes reagem a tais conteúdos? E as famílias dos estudantes? E a comunidade escolar?

Benedita: *“Ai, Tia Esmeralda. É, eles reagiram muito bem à nossa proposta, quanto escola, é, da gente levar o novo, porque a gente precisa sair daquela mesmice, precisa mostrar realmente a nossa realidade, tá? É, tinha pais que nem sabia, tá? É, como eu trabalho na, na escola Vó Alexandre, então teve um professor que falou, fez a biografia do Vó Alexandre. Vó Alexandre é morador, nasceu, cresceu e morreu no Maruanum. E ele fez a biografia e teve gente que depois veio nos parabenizar dizendo que: ‘Olha, nossa, não sabia nem que ele era daqui’. Então isso pra gente quanto professores, passando pouquinho dessa nossa realidade assim para a comunidade, pra gente foi muito gratificante”.*

19. Como você aborda (trabalha) tais conteúdos na escola?

Benedita: *“A gente faz os nossos planos de aula, pra entregar, voltado em cima do, do material, do conteúdo que foi nos propostos. Ai a gente faz essa abordagem, é, trazendo pra comunidade”.*

20. Quais desafios, dificuldades você enfrenta? Quais estratégias você utiliza para superá-los?

Benedita: *“Ai bem, desafios são muitos, né? Mas se não for eles, a gente fica estagnado. Então, assim, desafio de, de ir pegar uma estrada, de levar o material pra uma sala de aula pra-- proposto pelos alunos e eles acolherem, a comunidade acolher, sabe? Então são muitos desafios que a gente tem todos os dias e eu gosto de enfrentar esses desafios”.*

Ao finalizar este bloco percebo como algumas falas das professoras se complementam, como por exemplo, dentro do contexto escolar, ambas passaram pela dificuldade de socialização com seus professores, sendo esta uma barreira criada contra o povo negro e sustentada pelo preconceito que persiste até os dias de hoje. Além de que, o modo de ensino se encontra bem mais avançado e humano, de certa forma, onde os professores podem criar laços com os alunos e aprenderem com eles ao mesmo tempo que ensinam. Outra colocação é sobre a aplicação da Lei 10.639/03 dentro das escolas, principalmente as escolas de comunidade onde as professoras trabalham/trabalhavam, percebe-se em suas falas que os professores que não vivenciam o fazer cultural e os que desconhecem, não se empenham em valorizar um modo de ensino que dialogue com a cultura negra ou de determinada comunidade. Sendo que, como as

professoras já mencionaram, é possível se adequar à lei 10.639/03 através de adaptações pedagógicas e da interdisciplinaridade.

Agora vamos dar continuidade ao roteiro de entrevista com o bloco abordando sobre as atividades pedagógicas e culturais no Espaço Cultural Tia Chiquinha. Neste bloco manterei as duas entrevistas juntas, e a partir daqui irei sinalizar as perguntas que são diferentes de um roteiro para o outro com um asterisco (*). Aqui há apenas uma pergunta diferente para a professora interna que trata das atividades dentro do contexto do cotidiano quilombola:

1. Como você ficou sabendo da existência do Espaço Cultural Tia Chiquinha?

Núbia: *“Até, porque eu moro na comunidade, né, então praticamente todo dia eu tô passando. E vocês fazem as divulgações. A gente tá sabendo, a gente sabe que vai acontecer tal coisa lá na Tia Chiquinha. Então, isso daí vocês fazem um trabalho de divulgação muito bom, então a comunidade toda fica sabendo”.*

Benedita: *“É, Malocão da Tia Chiquinha conheço há muitos anos já. Minha família é daqui também, daqui do Curiaú, tá? Minha mãe. E há muito tempo eu sempre tive vontade de participar do ciclo do Marabaixo, só que aí eu não, na verdade, não sei nem dançar Marabaixo, mas eu gosto muito, né? Então, Malocão da Tia Chiquinha veio, vim trazer meus alunos aqui da área da educação, né, vim trazer os meus alunos que eu vi na rede social, que tem um projeto que o Pedro Bolão faz, é, de ensinar os instrumentos de percussão pros nossos alunos. Como na escola, na época que eu trabalhava no Centro de Ensino Podium, eu trabalhava, então o nosso, a temática do nosso projeto lá era o Marabaixo. Por que não ensinar pros nossos alunos? Por que não tirar os alunos da escola e ir ao espaço? E onde no ano passado nós trouxemos os nossos alunos, é, do fundamental II, junto com os alunos do ensino médio aqui no Malocão da Tia Chiquinha, onde eles aprenderam a fazer, é, alguns, alguns instrumentos de percussão. Eles souberam, é, sobre o Marabaixo também, o que era o ladrão, que a maioria dos alunos não sabiam, eles não sabiam nem o que era Marabaixo. Então, pra eles e pra nós, enquanto professores, foi muito gratificante trazer os nossos alunos pra conhecer realmente o espaço do Malocão da Tia Chiquinha, que eles queriam também já vim, é, e conhecer os instrumentos, eles conheceram. É, e eles apresentaram no projeto que eles, que nós fizemos lá, eles apresentaram o Marabaixo, eles montaram a caixa deles, não do jeito que o Pedro ensinou pra eles, mas eles fizeram, foi tudo maravilhosa a apresentação. Tanto é que o, o grupo do Adelson Preto foi lá na escola, participou junto com a apresentação deles, é, foi maravilhosa a apresentação, né. E esse espaço que eles vieram conhecer aqui no Malocão da Tia Chiquinha, conversaram um pouquinho com a tia Esmeralda também, né, saber um pouquinho, foi maravilhoso”.*

2. O que lhe trouxe até aqui, e o motivou a sua aproximação?

Núbia: *“Eu já-- eu sempre participo lá do Quilombo Grove, né? Então me convidaram, eu fui pra lá, gostei e quando dá pra eu ir, eu vou”.*

Benedita: *“Minhas raízes. Não tem como. E eu gosto muito, assim, do Marabaixo, gosto das pessoas que participam assim, do Marabaixo. Minha mãe também gosta e ela diz: ‘ah, se eu pudesse ir, eu ia’. Como ela mora no interior, aí então ela diz: ‘vão me representar’, não sei o quê. Então isso pra gente, é, é muito bom, tá? Mostrar pros nossos filhos, pros nossos netos, tá, a importância das nossas raízes, da onde nós viemos realmente”.*

3. O que mais te chama atenção nas atividades que são desenvolvidas no espaço cultural?

Núbia: *“É porque lá, naquele espaço, é Esmeralda, é desenvolvido, é trabalhado muito a nossa cultura. Vocês não fogem da regra, é trabalhada a cultura negra, então isso pra nós é muito bom. É muito bom que se faça, se faça a divulgação do que nós temos, do que nós somos, que é pra mostrar pro povo que não é, que eles dizem que negro é preguiçoso, que negro é isso, que negro, o negro é ladrão. Então não é isso. O negro também tem uma história, tem uma cultura e dá pra mostrar pra todo mundo”.*

Benedita: *“Ai, o carinho que vocês têm, assim quando chega o público, a atenção, a recepção, tá, que vocês dão assim pros nossos alunos, pros nossos... É muito boa, tá? Não tenho o que me queixar”.*

4. Fale um pouco sobre as dimensões de africanidades que você, porventura, encontrou no local?

Núbia: *“A dimensão da africanidade do povo nosso, né, que é trabalhado lá na Chiquinha. Bom, eu acho assim, que eu vejo representado...a africanidade. Sim. É, eu, é, é assim, é como te falei, vocês trabalham muito bem esses temas, então vocês dão visibilidade à nossa cultura”.*

Benedita: *“É aqui, assim, no Malocão, nós encontramos a questão de, como eu coloquei, a questão do respeito, o carinho que vocês têm pelo nosso público, pelas nossas crianças, né? É, o trabalho que vocês desenvolvem aqui pras escolas, isso é muito bom, esse projeto que vocês têm de levar um pouquinho até, assim como a escola vem até o Malocão da Tia Chiquinha, é, o projeto do, do Pedro Bolão também vai à escola, então todos, é, é, participam. E assim, é, pra comunidade escolar isso é muito importante, muito, e que não deixe morrer isso, é, que sigam, e que as escolas possam aderir à lei, porque a lei tá aí pra ser cumprida, tá? Então a gente precisa ser trabalhado”.*

5. O que você observa nos estudantes após participarem das tais atividades culturais-pedagógicas?

Núbia: *“Bom, após essas, essas, é, é, assim vocês fazem oficinas, vocês fazem palestras, então eu--a gente sente, eu sentia quando eu estava na escola, eu sentia que eles vinham assim mais empolgado, por eles conhecerem um pouquinho mais da história do negro. Então isso aí, faz com que eles deem um pouquinho mais de atenção, principalmente aquelas crianças. As daqui não, as daqui já têm esse convívio direto, então pra eles não é novidade. Mas a criança que vem de fora, eles ficam maravilhados com tudo que eles a, conseguem aprender”.*

Benedita: *“Eles, eles são assim, eles falam, meus alunos, na época, no ano passado, né, final do ano passado: ‘tia, eu pensava que eu sabia muita coisa, a gente não sabe nada’. Então é assim, é, a gente vai aprendendo diariamente, tem essas mudanças, tá? Constantemente. E é bom as escolas participarem, trazer, se não der, porque assim, muita gente não sabe como chegar até aqui, né? Eu fui, corri atrás, mandei o ofício pro Adelson, pra verificar, pra nos ajudar, tá? Então, aqui é portas abertas pra comunidade”.*

6. O que eles dizem sobre a experiência?

Núbia: *“Ficam, ficam bem, bem empolgados, bem, mas--é assim, desperta aquela vontade como eu te falei. Desperta a vontade neles, de conhecer a cultura. Muitas vezes, o que, o que nos impede, nos impedia aí na escola, que eu não sei se vai continuar assim, é a família. A família é que não consegue entender que aquilo é uma cultura, o aluno não. O aluno quando ele entra em contato com a cultura, ele fica maravilhado, ele se sente importante, principalmente quando é, eles pra, participam de uma roda de conversa, eles vêm pra escola, eles vêm empolgados, eles querem contar, eles querem conversar. Só que quando chega em casa, eles encontram a barreira da família, entre a escola e a família, quem é que eles vão ficar? É com a família, né?”.*

Benedita: *“Pra eles foi uma experiência muito boa, tanto é que eles querem vir agora aqui de novo. Eu não trabalho mais na escola, é, no Podium, mas eles querem vir fazer o projeto, eles me ligam pra, pra eu marcar pra eles virem de novo, é, são outros alunos, outras turmas. É, então, isso é muito bom, tá? Mostrar o trabalho da comunidade, do Malocão da Tia Chiquinha”.*

7. Você sabe quem foi tia Chiquinha? Se sim, fale um pouco sobre ela. Na sua opinião o que ela representa e significa?

Núbia: *“A tia Chiquinha foi uma velha que gostava de contar história, ela gostava muito de participar da nossa tradição. Ela gostava de divulgar aquilo que ela sabia, ela não tinha assim aquele, dá o nome que eu, como é que eu vou dizer? Assim, aquela coisa de ficar pra ela. O que ela tinha, ela gostava de dividir com todo mundo. Então é isso que eu lembro dela, uma pessoa que gostava de participar, que gostava de, de tá assim presente, em tudo que se relacionava à cultura negra, a tia Chiquinha queria tá ali”.*

Benedita: *“Olha, eu não tenho história da Tia Chiquinha, só sei que ela foi uma mulher guerreira, pelo pouco que me falam dela”.*

8. Como a experiência da visitação será (seria) explorada por você pedagogicamente na escola?

Núbia: *“Se eu ainda estivesse em sala. Após uma visitação lá no espaço, o que nós iríamos fazer? Uma roda de conversa, desenvolver atividades relacionadas a tudo aquilo que eles viram lá. É, roda de conversa, atividades, redações, tudo isso daria pra trabalhar com eles na sala de aula”.*

Benedita: *“É... os meus meninos hoje em dia na, lá no Maruanum, eles querem é a questão do Marabaixo, que é a parte cultural lá. E a maioria dos alunos, quando eu falo pra eles: ‘Olha, é, é, vamos escolher uma dança pra gente fazer, vamos escolher...’ Eles querem logo dançar Marabaixo. Eu disse: ‘Ei, não é só Marabaixo, a gente tem outros instrumentos, outras danças que a gente pode fazer’. Eles dizem: ‘Tia, mas é o que a gente sabe aqui fazer’. Aí a questão do batuque também, porque é totalmente diferente, né, do Marabaixo, do batuque. Então pra eles, pra, pra nós, assim, em sala de aula, a gente precisa trabalhar e definir direitinho pra eles, ensinar direitinho pra eles o que vem ser Marabaixo, o que vem ser o batuque”.*

9. Como essas atividades, que unem saberes ancestrais e vivências pessoais do nosso cotidiano quilombola, contribuem para o desenvolvimento das atividades que valorizem a cultura africana e afro-brasileira dentro de sala de aula? *

Núbia: *“Essas, como essas atividades, contribuem sim. E como eu já falei agora com rodas de conversa, atividades, redações, tudo isso daria pra trabalhar com eles na sala de aula”.*

10. As atividades pedagógicas e culturais do espaço cultural poderiam ser consideradas método e metodologia para contribuir com a prática pedagógica dos professores no estudo da cultura de herança quilombola? Explicar o porquê.

Núbia: *“É, essas atividades, dá muito pra se trabalhar dentro da sala. É, como eu te falei, nossos professores estão brancos, então se eles participassem mais desse movimento que acontece lá na, lá no, na Maloca, eu acho que daria pra eles ampliar a mente e trabalhar de forma mais positiva a cultura negra”.*

Benedita: *“Sim, com certeza. Com certeza, isso eu já trabalho com os, com os nossos alunos. Lá os professores, nós já trabalhamos isso, é, em sala de aula já com nossos alunos. Já está no nosso calendário, já. Tanto é que dia vinte de novembro, é, a gente já tem um projeto grande lá, que vai também falar sobre a cultura afro-quilombola, tá tudinho isso nós já temos no nosso projeto”.*

11. Em que momentos você percebe que as atividades pedagógicas e culturais desenvolvidas no espaço ensinam algo que a escola formal nem sempre consegue ensinar? Explicar sobre.

Núbia: *“O momento que aluno vai pra lá, porque dentro da sala é ali entre quatro paredes. E se eles vão pra um campo aberto, fica muito mais fácil deles absorver aquilo que a gente tá querendo ensinar, de forma mais prazerosa e mais recreativa, porque eles tão pensando que o que eles estão aprendendo lá é uma brincadeira, é só um passeio. Não. Eles tão aprendendo aquilo ali de forma muito mais tranquila. Dentro da sala são quatro paredes. E eles cansam, aí eles se aborrecem, eles se entediam. E lá no espaço da Chiquinha, não”.*

Benedita: *“Ah, as manifestações, as nossas manifestações culturais”.*

12. Quais vivências você e os estudantes tiveram no espaço?

Núbia: *“Foi como eu acabei de te falar. Essa vivência de, de uma coisa mais livre. É uma vivência, assim, de mais liberdade pra gente aprender com mais facilidade. Então é dessa forma que eu vejo. Visitar o espaço, aprende com muito mais facilidade, porque é mais tranquilo, mais ameno aquele conhecimento que é repassado”.*

Benedito: *“Ah, aí não, pra gente foi um aprendizado muito grande. É, os alunos que vieram, os alunos do ensino médio, do ensino médio, não sabiam como era a Caixa de Marabaixo, não sabiam, é, na visita que nós fizemos aqui no ano passado, eles não sabiam mesmo como era a Caixa do Marabaixo, não sabiam o que era”.*

ladrão. E os professores, é mais engraçado, quando o professor levou pra prática pedagógica, os professores colocaram nas avaliações deles, tá? Todos, se foram dez questões, seis questões foram relacionadas à visita que nós fizemos aqui no, no Malocão da Tia Chiquinha”.

Após as falas das professoras neste bloco, percebe-se como as atividades contribuem de forma significativa no desenvolvimento dos alunos. A empolgação dos alunos após a visita no espaço é um sinal de que as atividades transbordam neles o sentimento de pertencimento, além de fazer com que eles reconheçam a história e cultura afro-brasileira e tomem conhecimento da dimensão que tudo isso tem. Compreendo como as atividades pedagógicas são configuradas, agora, continuando a entrevista das professoras, passemos para o bloco sobre práticas educativas como formação cultural, identitária e antirracista:

1. Fale um pouco sobre o conteúdo, o desenvolvimento das atividades e sobre os recursos didáticos utilizados pelos mediadores (guardiões de saberes) para introduzir você e estudantes no cotidiano do Espaço Cultural.

Núbia: *“Então, nessas, nessas atividades, quando acontecem, os guardiões eles repassam, mas é assim, muito... eles mais conversam com eles, né. Eles não, não utilizam muito recurso. Eles não utilizam recurso da informática, é mais a conversa, os saberes. Então, essa forma de transmitir o conteúdo, se eles tivessem a possibilidade de trabalhar as mídias, aí ficaria mais interessante pra eles. Mas como eles não têm, eu acho que da forma que tá sendo trabalhada, também dá, como eu te falei, eles ficam bem tranquilos com aquele conhecimento que eles estão aprendendo lá naquela aula. Não sei se eu respondi”.*

Benedita: *“É, na nossa, no nosso início de ano, a gente sempre faz a semana pedagógica, é, com os professores. Então lá é decidido o que nós, o que cada professor vai trabalhar. E um dos professores de História, é, queria trabalhar sobre a manifestação cultural da nossa cidade. Então, a nossa manifestação cultural é ampla, então eles tinham que fechar, né, aí então ele escolheu aqui o Curiaú, o Malocão da tia Chiquinha, pra trazer, pra fazer a visita, pra trabalhar em sala de aula. Foi, antes da gente vim pra cá fazer a visita, nós trabalhamos em sala de aula com os alunos. Falamos um pouquinho da tia Esmeralda, falamos um pouquinho da tia Chiquinha, eles pesquisaram quem era a tia Chiquinha, eles pesquisaram quem era a tia Chiquinha. Foi falado quem eram as filhas dela, falaram da tia Bena também, foi colocado que ela tem, era não sei quantas filhas, são três filhas ou, eles falaram um pouquinho. Tô me lembrando aqui o que eles, que eles colocaram. Então foi feito um histórico, um breve histórico todinho aqui do Malocão da tia Chiquinha. E assim, quando foi voltado pra sala de aula, a proposta deles, que eles colocaram, porque eles apresentam no slide pra coordenação, pra direção, como vai ser trabalhado a manifestação cultural, como nós vamos conseguir levar alguém pra cantar, porque é difícil, né? Às vezes nem todo mundo tem a sua disponibilidade pra ir, né? Então isso, graças ao Adelson, que ele me ajudou muito, me ajuda muito, me dá um suporte muito grande quando eu preciso dele nessa questão de, de manifestação cultural. Então, em sala de aula, em sala de aula hoje, lá onde eu trabalhei esses anos todinhos, a gente não tem o que nos queixar, porque a gente ganha, a gente tem esse suporte”.*

2. Na sua experiência como professora, existe ou não existe, ou deveria existir, um fio condutor didático-pedagógico (próprio) a ser utilizado pelos guardiões no desenvolvimento das atividades? Fale um pouco sobre o assunto. Destacar alguns elementos e fale sobre eles.

Núbia: *“Se existe um fio condutor? Existe, porque as memórias do nosso quilombo é o que eles transmitem para os alunos que vêm assistir as aulas. Então esse é o fio condutor. E existe esse fio condutor, e é próprio deles é porque eles, é, fazem de forma a contar a história. Eles vão repassando aquele conhecimento através da história pra nós ouvirmos”.*

Benedita: *“Deveria. É, tinha que ter, tá? É, com a, com a nova lei que é proposta agora, aí a gente vai, a gente vai sondar, a gente busca os conhecimentos. Só que tinha que ter também alguém pra estar orientando-*

nos: 'olha, como é que tem que ser trabalhado, tá?' Por mais que a gente, é, como eu tenho uma experiência assim de coordenação, eu digo: 'não, vamos trabalhar isso, isso aqui...' Eu, eu dou esse suporte lá, lá na escola. É, só que nem todo mundo aceita. Como eu coloquei pra você, nem todo mundo aceita. Eu digo: 'não, tá na lei, tá no projeto, tá no calendário', então vamos cumprir, vamos trabalhar desse jeito".

3. De que maneira essas práticas dialogam com o currículo escolar e com as disciplinas que você ministra?

Núbia: "Essas práticas do espaço, elas dialogam com aquilo que é capaz e que é simples de se fazer, que é a interdisciplinaridade. Ela tem maneiras de interdialogar com os sabres dos antepassados e a escola trazia a interdisciplinaridade pra fazer o que é ideal com a educação de acordo com o currículo escolar. Se todo mundo abraçasse essa causa de trabalhar essas práticas na escola, a nossa cultura seria menos discriminada. Mas onde nós perdemos é aí, porque se você pega um aluno do Curiaú, que você não consegue extrair...e a gente sabe que ele sabe, só que ele não consegue te explicar o que que tu queres saber".

Benedita: "Na, é, em sala de aula, eu ministro essas práticas em História, tá? Que os alunos gostam muito quando chega a aula de História, eles dizem que tem uma novidade, que eles adoram essas novidades. Então, pra mim é muito bom, tá? Saber que o aluno tá esperando, que a gente tem que trabalhar, a gente tem que levar, e inovar, inovar sempre em sala de aula com nossos meninos".

4. Quais os principais conteúdo e conhecimentos que os(as) estudantes aprendem ao participar dessas práticas? Abordar quais e diga o porquê.

Núbia: "Os principais conteúdos que nós a-- que, que as crianças absorvem aqui no Curiaú, aprendem aqui no Curiaú, é com relação ao Batuque, ao Marabaixo, à folia, os foliões, às ladainhas, às nossas, a nossa cultura, através dessas práticas, eles vão absorvendo. Os que são moradores daqui eles já têm uma, um pouco de noção. Agora, os que vêm de fora, alguns se encantam com o que a gente tem aqui pra mostrar pra eles. Como eu sempre falo, que acontece é que o trabalho que é muito, assim, muito superficial. Se a gente tivesse um grupo de professores engajados a trabalhar cultura negra, a nossa escola estaria em primeiro lugar".

Benedita: "Aí olha, eles participando, é, a gente vê a mudança depois, que a gente vai trabalhando isso no processo, não é de uma hora pra outra, não. A gente vai trabalhando os conteúdos no processo, vai explicando como era o antepassado deles, tá? Pra chegar até onde eles estão hoje. E assim, é, lá onde eu trabalho hoje, é, os alunos são muito carentes, muito mesmo, sabe? É, a senhora vê a escola, eu às vezes eu fico: 'meu Deus, o que que eu tô fazendo aqui?' Fico pensando, sabe? Mas assim, quando eu vejo o aluno querendo ir pra escola, dizendo: 'ah, tia, eu só vim por causa da sua aula', isso me deixa muito orgulhosa. E assim, porque eles aprendem e eu aprendo muito com eles, então a gente precisa, é, resgatar as memórias afetivas desses, desses alunos e até mesmo dos pais. Como eu coloquei o projeto que nós fizemos lá no mês passado, é, os pais falando: 'nossa, professora, fazia tempo que eu não via essas coisas', tá? Tudinho, os meninos dançaram marabaixo, os meninos levaram coisas de casa, é, piracuí, que eles não sabiam, os pais não sabiam pra que era. E chegando lá, eles viram os filhos deles explicando, explicando, é, o que ele estava ali no dia a dia, que passava em branco. Eles jamais, jamais eles iam pensar que os filhos dele estavam ali, ó. O cachimbo, como era feito o cachimbo. A aluna levou a cinza, levou, levou o barro, tudinho, explicou, levou malhadeira, levou o piracuí, um pouquinho do piracuí, levou, é, o material do marabaixo, que era do bisavô dele, levou, explicou como era que o bisavô dele usava e ele ficava então, ó, só olhando. Então isso pra gente, assim, é, mostrando pra comunidade escolar, isso foi muito bom".

5. Após essa participação dos estudantes e sua, existe alguma mudança de postura, percepção ou sensibilidade, comportamento em relação ao modo de vida, à identidade negra e quilombola? Discorrer sobre suas impressões.

Núbia: "Existe. Como eu te falei antes, antes o nosso aluno, ele tinha vergonha de participar d'uma roda de Batuque e Marabaixo. Depois que eles foram tomando conhecimento, tomando gosto, tu não precisas ficar chamando ninguém, tu vês as crianças correr, pegar as saias e dançar. Então, tudo isso só ocorreu depois que foi trabalhado. Então, eles mudaram o comportamento. Antes eles tinham comportamento de vergonha e agora eles estão tudo sem vergonha".

Benedita: *“Depois dessa apresentação, nós, ainda não observei assim nada de, de anormal, assim muito, assim o elogio pra escola, né? Da gente tá fazendo esse trabalho diferenciado e chamando a comunidade, porque antes eles não participavam de nada, não sabiam nem o que tava acontecendo na escola”.*

6. De que forma você integra – ou busca integrar – as práticas desenvolvidas no espaço com as atividades escolares desenvolvidas em sala de aula?

Núbia: *“É como eu te falei, quando eu trabalhava... era--a gente absorvia o conteúdo...o conhecimento lá na Chiquinha, vinha pra dentro da sala e ia trabalhar. Pode, você pode produzir desenhos, você pode produzir redações, você pode produzir versos, você pode produzir músicas, ladrões de marabaixo, tudo isso com aquele conhecimento que tu adquiriste lá, tu podes transformar tudo aqui dentro da sala”.*

Benedita: *“Ai, da melhor maneira possível, de mostrar o meu conhecimento, coisas que eu queria realmente ter aprendido lá atrás, hoje em dia que eu tô, é, através da leitura, através das, das redes sociais que nos ajudam bastante, né? E através dos nossos alunos, que a gente aprende a cada dia”.*

7. De que maneira você aborda e explora a problemática racial, a questão identitária e antirracista com seus estudantes?

Núbia: *“A gente, porque, de vez em quando aparecia assim, alguns comentários racistas dentro da sala. Ai então a gente se sentava, parava o que tava fazendo e eu conversava com eles, porque meu filho, você está aqui dentro de uma comunidade negra, de uma comunidade quilombola. Quem é que mora dentro do quilombo? É o negro. Se você veio pra cá, você veio já com esse conhecimento. Então, se você quer ser respeitado, você precisa respeitar o que está aqui dentro”.*

Benedita: *“Pra, pra trabalhar a questão racial é muito assim, a gente tem que ter todo um cuidado pra gente trabalhar, porque a questão não é só o racismo, né? É, porque lá na comunidade todos, todos lá, nós somos negros lá, mas só que mesmo assim ainda tem um que diz assim: ‘ah, mas eu não sou negra’. Então isso a gente precisa trabalhar com essa criança, como? É através dos pais, porque isso a gente traz, olha, lá de casa, essa educação a gente traz de casa, porque ele diz, ele é negro e diz que ele não é”.*

8. Na sua opinião, o que as escolas deveriam melhorar para incentivar os estudantes a respeitarem e valorizarem a práticas cultural, as identidades, os saberes e a prática social, e o convívio antirracista?

Núbia: *“A escola, o que ela ti-- como eu te falei antes, a gente tinha que ter uma política de trabalhar professor, professor quilombola, porque enquanto a gente estiver aceitando, nós estivermos aceitando os professores que não são do quilombo, que não, mesmo que não fosse quilombola, mas que se identificasse com a cultura, aí sim eles iam trabalhar a cultura negra. O problema é que vem professor de todos os lugares e esses professores eles não abraçam a causa negra dentro da escola. O que eles vêm fazer? Eu quero cuidar do meu conteúdo. Eu quero cuidar do meu conteúdo e o, o quilombo que fique lá no cantinho dele, porque isso daqui não vai me render nada. É essa visão que eles têm. Eles não trabalham. De dez professores, um trabalha”.*

Benedita: *“Aí, colocaria, poderia colocar mais, como é que eu posso explicar? Levar capacitação pros profissionais da área da educação lá, porque a gente não tem, tá? Levar pra falar um pouquinho da lei, né? Na, pra comunidade escolar. Eu acho que deveria ter a gente, mas eu já, eu já mexi meus pauzinhos, eu já falei lá na semana passada que era bom levar alguém pra falar um pouquinho da lei que implanta, porque como, é, eu coloquei pra coordenadora, é uma cana de braço de, de professores, uns querem trabalhar a lei, outros não querem, outros querem falar de racismo, outros não querem, que tem essas limitações, né? Então eu disse: ‘Faz o seguinte, chama um profissional da área da educação pra falar um pouquinho da área aqui, marca uma reunião’. A escola não é grande, mas marque, que como a questão lá, os alunos vão pra escola de barco, vão pra escola de kombi, às vezes o barco não passa, que caiu uma árvore no rio. Então tudo isso acontece lá. Então chamaria, eu tenho certeza de que, no dia que chamarem uma pessoa da educação pra levar, pra dar uma palestra lá, pra falar um pouquinho da lei, da resolução quilombola, então eu tenho certeza de que os pais vão participar”.*

9. Que história da comunidade você considera que deveria estar presente na formação identitária das, das, dos estudantes da comunidade? *

Núbia: *“O que eu queria era que eles-- porque a gente sabe como, como foi que surgiu o quilombo? É assim, de uma forma muito superficial. Eu queria assim, que trabalhasse a profundidade, pra conhecer de onde vieram realmente esses, se foi realmente esses escravos que vieram, que fundaram. Eu queria com-- que tivesse uma disciplina, porque antes tinha o canto de casa, mas acabaram também. Então que viesse essa disciplina pra esclarecer todos os alunos, porque já que nós recebemos um mundo de alunos aqui, então que se trabalhasse a origem da nossa comunidade pra mostrar como é a nossa história. Mas até hoje a gente ainda não tem essa disciplina”.*

Para finalizar este bloco, trago apenas alguns esclarecimentos e comentários pertinentes às respostas das entrevistadas. Primeiro é sobre a compreensão das professoras sobre as perguntas, que podem ter algum entendimento diferente do que gostaria de extrair. A exemplo da professora Benedita, que leva as perguntas para o seu âmbito profissional do presente, mas isso não impede que suas percepções sejam consideradas irrelevantes, pelo contrário, foi através do aprendizado que ela teve aqui com as práticas pedagógicas que ela consegue implementar em seu local de trabalho. Como foi mencionado pela professora Núbia, os recursos utilizados no espaço são muito artesanais e são poucas as tecnologias utilizadas, e a professora Benedita complementa que os alunos ao receberem este conhecimento conseguem, com a ajuda das tecnologias educacionais afroreferenciadas, como a atividades realizadas a céu aberto, embaixo de árvores, o processo de produção artesanal de instrumentos que são na verdade elementos culturais educativos que exemplificam e testemunham o modo de vida das pessoas da comunidade quilombola, conforme mencionamos ao longo de nossa dissertação, são formas de adquirir este conhecimento de maneira mais leve e adaptar ao seu cotidiano. E ainda, os alunos ao receber este conhecimento e o incentivo através das práticas educativas, sentem-se pertencentes e mais conectados à sua identidade.

Além de tudo isso, gostaria de comentar sobre algo que me chamou bastante atenção, que é a forma como as professoras lidam com a problemática racial dentro da sala de aula, comentando, conversando e ensinando sobre a valorização da identidade negra. Além de destacarem a importância da família e da educação que vem de casa como principal combatente do racismo e do preconceito dentro da sala de aula e no cotidiano.

Para concluirmos as entrevistas das professoras, iremos para o último bloco do questionário que aborda sobre as Vivências e experiências culturais na construção de percursos de ensinagem:

1. Quais experiências profissionais mais contribuíram para que você compreendesse a importância dos saberes culturais do Cria-ú no processo educativo?

Núbia: “Assim, as experiências que eu tive, algumas não foram muito legais, não. Então, quanto a preconceito, isso daí foi uma coisa que me marcou muito. Então, a partir daí eu comecei a rever a forma de trabalhar pra mostrar que o negro é tão importante quanto o branco. Essa experiência que eu tô falando foi uma vez que eu sofri na Fortaleza de São José de Macapá. Eu levei os meus alunos daqui pra lá. Quando nós chegamos lá, as portas estavam todas fechadas. Tinham várias oficinas e eles, os instrutores das oficinas não deixaram nós entrarmos em nenhuma. Nós chegávamos lá, nos olhavam e diziam que lá tava cheio. Aí eu ia pra outra sala e meus alunos atrás. Resumo: eles não deixaram nós adentrarmos em nenhuma sala. E aí, o que foi que eu fiz? Eu saí com eles andando, e passeando, né? Aí ficamos todos assim juntos. Vieram, veio uma turma de alunos e aí disseram: “Olhe esse bando de preto” Eu fiquei tão magoada, botei meus alunos no ônibus e viemos embora. Então, a partir daí, eu me reestruturei pra trabalhar que o negro é tão importante quanto o branco. Essa hora eu fugi, porque essa hora não era pra eu ter saído da Fortaleza, era pra eu ter tentado entrar em qualquer sala, já que eu fui convidada, era pra eu ter tentado entrar em qualquer sala e marcar minha presença, a nossa presença lá, mas não, eu fugi da Fortaleza com meus alunos. Então, a partir daí, nós nunca mais passamos por isso. Aonde nós íamos, nós éramos convidados, nós íamos e a gente tinha que entrar”.

Benedita: “Aí, pra mim o mais importante foi ver, é, a alegria, a felicidade dos meninos descendo de ônibus aqui no Malocão da Tia Chiquinha, que isso ficou marcado pra mim. E eles ficaram encantados quando eles foram pra ali, da-daqui no espaço que tem ali do, da oficina do Pedro, eles verem cada detalhe. Eram muitas perguntas que eles tinham, cada, de cada instrumento lá, cada peça, era, eram várias perguntas. Então isso pra mim foi tirar os alunos de dentro de sala de aula e trazer pra, pra realidade, pra prática”.

2. Você, enquanto professor(a), já participou de alguma vivência cultural no espaço? Se sim, me conte como foi sua experiência.

Núbia: “Sim, é como eu te falei. Participei já lá na Tia Chiquinha, com as oficinas, as palestras, nos eventos e, é muito bom”.

Benedita: “Já. É, já. Já vivi sim”.

3. Como você descreveria, a partir de sua vivência, o modo como as atividades pedagógicas são organizadas no Espaço Cultural Tia Chiquinha?

Núbia: “Bom, é organizado, é, é realizado de forma bem-organizada, Esmeralda, porque são feitas oficinas, é, são feitos vários espaços, né, e os alunos, eles percorrem tudo aquilo de forma a não criar tumulto, não-- e todos que vão participando dos espaços, eles participam daquilo que tá acontecendo. Então é feito de forma bem-organizada”.

Benedita: “Aí olha, é, pra mim foi como profissional da educação, e eu ajudo os meus colegas em sala de aula, é, pra trazer eles pra nossa, pra nossa realidade, pra conhecer um pouquinho da nossa história amapaense, pra nossa história do Curiaú. Então, isso pra mim foi muito importante. Eu ter um pouquinho dessa contribuição na área da educação”.

4. Em que momento você sente que o espaço funciona como uma escola da comunidade, mesmo não sendo uma escola formal?

Núbia: “A partir do momento que você leva o aluno lá pra dentro, pra fazer a visitação, pra conhecer tudo que vocês realizam lá dentro, vocês já são uma escola”.

Benedita: “Aí, é, vendo o que os alunos aprenderam, porque quando chega em sala de aula, os professores perguntam e eles falando cada detalhe. Então isso pra gente, aqui o Malocão é uma sala de aula aberta, e chegando uma sala de aula fechada, os meninos sabem muito mais”.

5. Como a sua atuação como professor(a) é atravessada pelas experiências que você vive no Espaço Cultural Tia Chiquinha e no território quilombola? Explique como.

Núbia: “Bom, minha experiência é porque quando a gente vai, quando nós vamos pra lá, a gente sente, porque como eu te falei, a nossa cultura ela não é vista, assim. E lá no espaço da Tia Chiquinha, a gente vê que lá há uma valorização da cultura negra. Então, isso é uma forma da gente se sentir bem, porque lá é

mostrado aquilo que é da nossa vivência. A gente convive com todas aquelas atividades e lá é mostrado pra, tanto pro, pros nossos alunos, quanto para as pessoas que vêm de fora. Então, isso aí é uma forma gratificante da gente ver que o nosso saber, os nossos saberes são, são, como é que é que eu digo? Eles são lembrados, eles são, eles tão se fazendo ver”.

Benedita: *“É, pra mim, assim, como professora, é, mostrar e falar um pouquinho, é, pros nossos meninos, é, é muito, é muito gratificante saber um pouquinho de como eu disse pra eles, é, eu não nasci, eu não nasci lá no Curiaú, mas eu pouco, pouco que eu tenho, é o pouco da minha família todinha, que convive lá, tudo. Então através do Malocão, que a gente veio saber depois que, que abriram as portas pra visita. Então aí a gente vai conhecendo um pouquinho das nossas manifestações culturais, que não é só no período do ciclo do Marabaixo que a gente tem que correr atrás, né? A gente tem que estudar diariamente, já que tá no nosso planejamento, é pro decorrer do ano todo, então a cada bimestre, levar, tirar os alunos de sala de aula, vamos conhecer, não precisa vir só aqui pro Malocão ou então lá pro do no espaço, trazer os meninos pra realidade aqui no Curiaú, né? Então, mas só que eles falam, eles perguntam logo: ‘A gente vai parar lá no Malocão?’ Lá no Malocão, que é, que é o primeiro nosso ponto aqui, é, de referência. Então, isso pra gente é muito bom, saber do, que os nossos alunos sabem um pouquinho da nossa, da nossa história, dos nossos locais aqui em Macapá, onde a gente pode, é, ser trabalhados”.*

6. Que aprendizado você leva do espaço para a sua prática docente e como eles influenciam seu modo de ensinar?

Núbia: *“Bom, tudo que a gente é vive, que nós vivenciamos lá, é como eu te falei, é uma forma de valorizar nossa cultura. Então, tudo que nós vamos observar lá no espaço, a gente vai ver, é uma forma de levar também pra dentro da sala um pouquinho mais do conhecimento que a gente já tem, de valorizar, de enriquecer nossos conteúdos”.*

Benedita: *“Ah, eu levo daqui um carinho muito grande, um respeito muito grande, por todos vocês daqui do, do Malocão, é, que me estenderam a mão, me aceitaram de braços abertos aqui, principalmente quando eu trouxe os nossos alunos. E em sala de aula, eu sempre coloco, quando tem algum exemplo de, é, de instrumentos, eu sempre falo do Pedro Bolão, que ele é um, um dos melhores aqui em Macapá, que ensina os instrumentos, como fazer o instrumento. Aí teve até um aluno que levantou a mão e disse assim: ‘Mas tia, quando é que a senhora vai levar a gente lá no Malocão da tia Chiquinha?’ Eu disse: ‘Filho, tá muito, tá longe, mas a tia vai fazer o possível, até chegar o final do ano pra gente ver como é que a gente faz’. De tanto eu falar, de tanto eu falar, eles querem conhecer. Então, assim, pra mim, como professora, é, foi, é muito bom, muito bom mesmo”.*

7. Tem mais alguma coisa que você gostaria de dizer? *

Núbia: *“Não”.*

8. Deixe uma mensagem aqui a quem você desejar. *

Núbia: *“Bom, é, após todas essas perguntas, não sei se eu me sair bem. Após todas essas perguntas, eu vejo assim, que tá um interesse de conhecer o que a gente passou e passa, porque o negro continua passando as suas mazelas. Então, com essa forma de vocês trabalharem, de vocês dar visibilidade ao nosso quilombo, é muito bom. Então eu espero, assim, que tu tenhas sucesso, que leve pra frente esse trabalho e que eu agradeço muito por me escolher pra vir me entrevistar”.*

9. Deixe uma mensagem aos Guardiões que recepcionaram a você e os estudantes. *

Benedita: *“Aí, tia... Que busque sempre, é, o melhor pra educação, tá? Pros seus, pros seus alunos. É, em sala de aula, tirar os meninos um pouquinho de sala de aula, levar ele em outros espaços pra conhecer, por que não aqui no Malocão da tia, da tia Chiquinha, né? Que onde aqui a gente vê as memórias, a gente resgata nossas memórias, nossas raízes. Então, pra nós da educação é muito importante esse convívio na nossa comunidade, na nossa tradição, tá? E principalmente abraçar a lei, a lei tá aí pra ser cumprida”.*

Como conclusão às entrevistas das professoras destaco alguns pontos interessantes. Primeiro a respeito das experiências que moldaram o modo como elas passaram a compreender a importância dos saberes do Cria-ú, que para Núbia foi marcado pelo preconceito sofrido em um dia que seria de lazer e de conhecimento dos nossos antepassados e que para a Benedita será lembrado através da experiência de seus alunos e da felicidade deles conhecendo a cultura do nosso quilombo. Elas ainda comentam no decorrer da entrevista sobre suas experiências e sobre como as atividades pedagógicas são organizadas e movidas profissionalmente, além de reconhecerem o espaço como uma escola (não formal) que fortalece e dá visibilidade à nossa cultura e a história do quilombo, em que seu aprendizado consegue mesclar o conhecimento cultural com o carinho e o respeito com o público que o frequenta. Assim, finalizamos aqui a entrevista com as professoras.

Por fim, para as estudantes, os roteiros possuem os mesmos blocos com algumas perguntas distintas de um roteiro para o outro, onde busco o conhecimento de suas trajetórias educacionais e as vivências com o Espaço Cultural Tia Chiquinha. Iniciei apresentando o programa de pós-graduação e o objetivo de minha pesquisa, além do termo de anuência que ambas assinaram na presença de suas responsáveis e, só então, prossegui para a entrevista coletando os dados pessoais:

1. Qual é o seu nome completo?

Maria: *“Maria Vitória dos Santos Alves”*.

Nathália: *“Nathália Vitória dos Santos”*.

2. Você nasceu em que dia?

Maria: *“Dia 05 de Novembro”*.

Nathália: *“Dia 24 de Dezembro de 2009”*.

3. Quantos anos você tem?

Maria: *“10 anos”*.

Nathália: *“16”*.

4. Você é natural de que lugar?

Maria: *“Quilombo do Curiaú. Macapá”*.

Nathália: *“Do Pará”*.

5. Qual é a sua nacionalidade?

Maria: *“Brasileira”*.

Nathália: *“Brasileira”*.

6. Você é filho de quem (Pai e Mãe)?

Maria: “*Antônia Márcia e Jhonatan*”.

Nathália: “*De Risthielly Sena e Tarcísio Seixas*”.

7. Quem são seus avós maternos?

Maria: “*É Catarina e Benedito*”.

Nathália: “*É, Maria José e Manoel*”.

8. Quem são seus avós paternos?

Maria: “*Não sei dizer*”.

Nathália: “*É, Maria Deuzarina e Manoel*”.

9. Quantos irmãos você tem? Quem são eles?

Maria: “*Dois. O nome do meu irmão é Alex Ruan e da minha outra irmã é Yasmim*”.

Nathália: “*Eu tenho dois irmãos. O Rael e o Marcelo*”.

10. Qual é a sua cor/raça?

Maria: “*Preta*”.

Nathália: “*Eu acho que eu sou parda*”.

11. Você se considera um quilombola? Explicar o porquê. *

Maria: “*Sim. Por causa que toda a minha família é quilombola, então eu me considero quilombola também*”.

12. Qual é o seu gênero (Masculino ou Feminino)?

Maria: “*Feminino*”.

Nathália: “*Feminino*”.

13. Qual é a sua orientação sexual?

Maria: “*Não sei*”.

Nathália: “*Hétero*”.

Dando continuidade, agora passaremos para conhecer um pouco da vida das estudantes através de suas trajetórias educacionais:

1. Você estuda em qual escola?

Maria: “*Joanna Santos*”.

Nathália: “*Eu estudo no Maria do Carmo Viana dos Anjos*”.

2. Em que ano/série você está?

Maria: “*Eu tô no quinto ano*”.

Nathália: “*Eu estou no segundo ano do ensino médio*”.

3. Quantas e quais escolas você já estudou?

Maria: “*Eu estudei em duas escolas. Maria José e Joanna Santos*”.

Nathália: *“É, eu já estudei em cinco escolas. É Joana Bandeira, é Francisco Ferreira Pontes, no Ceará, Serafini Costaperária, Maria do Carmo, e, Plácida”.*

4. Em suas outras escolas, eram abordados temas com a temática racial, por exemplo, racismo, discriminação, preconceito racial, quilombo, educação antirracista?

Maria: *“Sim”.*

Nathália: *“Não”.*

5. De que maneira esses conteúdos eram abordados?

Maria: *“Na semana da consciência negra. E foi dentro da sala de aula, por causa que tem pessoas que acham que podem ser maiores que os outros”.*

Nathália: *“Eles não eram abordados”.*

6. Qual a disciplina que você mais gosta? Por quê?

Maria: *“Língua Portuguesa. Porque ela ensina várias coisas legais”.*

Nathália: *“É, eu gosto de História, porque eu gosto muito de saber dos meus antepassados, de que como as coisas foram mudando ao longo do tempo”.*

7. Você se interessa por leituras sobre herança, cultura e história africana e afro-brasileira?

O que mais te chama atenção no estudo?

Maria: *“Sim, eu me interesso. E o que me chama atenção é como eles são, como eles vivem”.*

Nathália: *“É, eu gosto muito de saber sobre isso, até porque eu cresci no meio disso, então eu sempre gosto de me lembrar das minhas origens, de onde eu vim, é, onde fui criada, onde eu cresci, no Curiaú, e é por isso que eu gosto”.*

8. Se o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira fosse uma disciplina obrigatória na escola, quais conteúdos você iria gostar de estudar? Por quê?

Maria: *“Sim. Por causa que ia trabalhar a cultura afro no Brasil”.*

Nathália: *“É, eu iria gostar de estudar sobre as danças culturais”.*

9. Você conhece alguma personalidade negra ou quilombola? Fale um pouco sobre ela?

Maria: *“Sim, eu conheço a minha tia. Ela é escritora. Ela, ela é muito legal, ela faz vários livros e contando histórias”.*

Nathália: *“É, conheço, a dona Esmeraldina, e ela é um exemplo de pessoa. Uma pessoa que batalhou bastante e que eu vi crescendo de uma maneira absurda e sempre melhorando”.*

10. Você sabe tocar/dançar Batuque e Marabaixo? Com quem você aprendeu?

Maria: *“Sim, eu sei praticamente tudo, todos esses negócios. E eu aprendi mais com a minha mãe”.*

Nathália: *“Eu sei dançar marabaixo, e eu aprendi quando eu fui inserida no Curiaú com seis anos de idade. Então eu fui criando laços com o pessoal do Curiaú e aprendi”.*

11. Você participa de eventos culturais e sobre a cultura negra local?

Maria: *“Sim”.*

Nathália: *“Sim, participo”.*

12. O que você estudou na escola sobre tal conteúdo?

Maria: *“Sim, só que eu não me lembro bem”.*

Nathália: *“Eu estudei muito o básico, do básico sobre o Marabaixo e o Batuque. Mas não é tão falado, ainda”.*

13. Você estuda na escola sobre a Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de história, da cultura negra e da contribuição do povo negro para o desenvolvimento do nosso país e do Amapá? Se sim, diga em qual disciplina? O que lhe marcou mais sobre o assunto? O que você aprendeu?

Maria: *“Sim, estudamos sobre a folia de São Joaquim. Por causa que a gente comemora a Festa de São Joaquim e, também, reza. E, também, tem uma festa pra todos comemorarem”.*

Nathália: *“Eu lembro de ter estudado em história uma coisa muito superficial sobre, e eu aprendi sobre os nossos valores e nossas crenças, e como isso foi crescendo cada vez mais e tivemos liberdade para fazer isso”.*

14. Você já sofreu racismo? Como se sentiu? O que você fez?

Maria: *“Nunca sofri racismo”.*

Nathália: *“Eu nunca sofri racismo”.*

15. Você já cometeu atitude racista contra alguém? Qual foi o motivo?

Maria: *“Não”.*

Nathália: *“Não, nunca cometi”.*

Trago como destaque deste bloco sobre como o conteúdo envolvendo a cultura afro-brasileira era abordado para as estudantes. Maria cresceu e se criou dentro do quilombo, logo pode vivenciar em suas escolas assuntos que tratavam da cultura e herança africana, já Nathália que passou boa parte de sua vida estudando em escolas da cidade, não recebeu esse conhecimento pois suas antigas escolas não valorizavam tal conteúdo. O que me traz uma reflexão de como as escolas próximas ao quilombo, conseguem buscar tal conhecimento com bastante facilidade, enquanto outras escolas mais distantes possuem essa dificuldade de buscar estes saberes, como dito na entrevista anterior da professora Benedita, pois não têm um direcionamento que una as escolas diretamente com a comunidade. Por isso, as escolas costumam tratar o conteúdo de maneira superficial, como mencionado pela estudante Nathália, que recebeu o conhecimento da cultura, mas que não foi aprofundado pela sua escola. Assim, passemos ao bloco que trata das atividades pedagógicas e culturais no Espaço Cultural Tia Chiquinha:

1. Como você ficou sabendo da existência do Espaço Cultural Tia Chiquinha?

Maria: *“Porque, ela é minha avó, e a gente mora dentro do espaço dela, onde ela morou e onde ela viveu por aqui. Então, eu sei disso porque já me contaram essa história”.*

Nathália: *“Porque eu tenho muito convívio e contato com as pessoas do Curiaú, é, meus familiares, e eu até considero familiar pra mim. Então eu sempre estou presente”.*

2. O que lhe trouxe até aqui, e o que motivou a sua aproximação?

Maria: *“Por causa que é legal ver o pessoal dançando, ver o pessoal comemorando, e várias coisas. Então, eu também me divirto”.*

Nathália: *“É, o que me trouxe à comunidade foi quando a minha mãe teve um breve relacionamento, e aí eu fui inserida dentro do Curiaú, da comunidade, fui sabendo das culturas. Aprendi a dançar o marabaixo, a cantar o marabaixo e o batuque”.*

3. Você participou de alguma vivência cultural no espaço? Como foi a sua experiência?

Maria: *“Eu já vivi, e, também, é legal assim participar das coisas”.*

Nathália: *“Foi muito boa a minha experiência, porque é uma coisa que não era normal pra mim, e quando eu fui inserida, eu comecei a gostar muito de saber disso”.*

4. O que mais te chama atenção nas atividades que são desenvolvidas no espaço cultural?

Maria: *“Como o pessoal dança arrastando os pés, como era antigamente”.*

Nathália: *“É, o que mais me chama atenção, é, o jeito que está crescendo, que está dando mais visibilidade que antes não tinha”.*

5. O que você aprendeu no espaço que não aprendeu na escola formal?

Maria: *“Eu aprendi a maioria das coisas lá na escola, e aqui eu aprendi a dançar, rezar, cantar, e comemorar algumas coisas e lá também a gente comemora, mas é mais aqui”.*

Nathália: *“É, eu aprendi sobre a cultura, o respeito, sobre os povos negros, a força que eles têm, e como eles surgiram, e que eles são guerreiros. É, aprendi a respeitar, a não julgar. Porque a cultura vem passada, e devemos apenas, é, incentivar cada vez mais”.*

6. Você já percebeu alguma mudança em colegas depois de conhecerem o espaço?

Maria: *“Sim, eles falam que é legal, que é divertido, que queriam vir aqui mais vezes”.*

Nathália: *“É, os meus colegas, eu percebi que eles gostaram muito e que, assim como eu, eles acharam uma novidade. Aprenderam a dançar, é, gostaram muito de saber sobre as músicas, a cantar, tocar, foi uma coisa que até incentivou eles bastante a valorizar a cultura, a aprender sobre a nossa cultura do Amapá. Mesmo que a gente tenha esse contato, mas a gente não estando presente ou não tendo esse convívio com as pessoas, a gente não vai entender, não vai saber. E eles conhecendo, eles vão admirar, e isso que aconteceu, eles admiraram e gostaram bastante. A gente foi pro Mazagão, é, pra representar a dona Esmeraldina, e quando eles voltaram, eles elogiaram bastante, que eles não tinham conhecido ainda”*

7. Tem alguma história da sua família ou da sua vida que você lembra quando está aqui?

Se sim, me conte um pouco sobre ela.

Maria: *“Quando a gente fica todos reunidos, que a gente conversa, e é tudo muito divertido”.*

Nathália: *“Ah sim, uma coisa que eu me lembro muito, foi logo que eu cheguei, eu não sabia dançar Marabaixo, aí, é, uma menina da comunidade me emprestou uma saia e só me colocou no meio pra dançar, e eu aprendi a dançar Marabaixo assim como quem não sabia nada, toda torta”.*

8. O que você acha que as pessoas, em especial os estudantes, deveriam saber sobre o Quilombo do Cria-ú?

Maria: *“É, sobre o respeito que eles têm que ter, entre nós, valorizando a cultura, tudo”.*

Nathália: *“Deveriam saber que nós somos batalhadores, que queremos expandir a nossa cultura, a nossa dança. Mostrar para o povo que não é só dança, que é história atrás de cada dança, que é força atrás de cada música, das bebidas, e que tudo tem uma história por trás”.*

9. Você sabe quem foi Tia Chiquinha? Se sim, fale um pouco sobre ela? Na sua opinião o que ela representa e significa?

Maria: *“Sim, que ela ensinou várias coisas importantes da cultura, nos ensinou a dançar, a rezar. Tipo, a capela, foi ela que mandou construir”.*

Nathália: *“É, tia Chiquinha, pra mim, das histórias que eu ouvi, ela foi uma das pessoas que mais deu visibilidade, é, pra comunidade aqui do Curiaú, que foi reconhecida, que até hoje é lembrada, tem praças e escolas no nome dela. Acho que é uma pessoa, que tem uma força e que tinha força, e que hoje é lembrada com muito amor e orgulho”.*

10. Conte uma situação em que você sentiu que estava aprendendo algo que vinha “dos mais velhos”, dos ancestrais, do cotidiano quilombola mesmo que não estivesse escrito em nenhum lugar.

Maria: *“Eu aprendo com a minha mãe a como fazer gengibirra, é, e vou me inspirando nela, o que ela faz, eu também quero fazer. Tem coisas que eu posso fazer e coisas que eu não posso fazer. Tipo respeitar o próximo, não desobedecer”.*

Nathália: *“É, como eu disse, eu aprendi muito que eles são guerreiros, tentando mostrar a sua força através da música, da dança, que não é só fazer por fazer, é fazer pela história, pela emoção, por sentir aquilo no coração, valorizando a cultura e tudo mais”.*

11. Me fale sobre uma experiência em que você percebeu que o nosso Batuque, o Marabaixo, a Ladainha e nossas festas religiosas ensinaram algo que não estavam nos livros ou aulas tradicionais.

Maria: *“Porque a gente comemora, e a gente reza, e a gente faz uma festa enorme para todos pra comemorar todos juntos. Então, isso é muito legal, porque todos se divertem juntos, e ninguém fica de fora”.*

Nathália: *“É, nas músicas eles vem contando as histórias, e com as histórias a gente vem aprendendo coisas, que nos navios vinham mar-a-baixo, com os negros, trazendo e que eles lutaram bastante para que isso mudasse né. A dança também, que antes a dança era um jeito de expressar a sua dor, que era dançando o marabaixo que eles expressavam a sua dor, e que isso, eu sinto que é contado, é, eles podem não ter falado diretamente, mas nas músicas é contado”.*

12. Se o espaço cultural fosse um personagem, como você o descreveria?

Maria: *“Não sei como descrever. Por causa que eu olho ele assim e não consigo pensar em nada. Mas é um espaço divertido com várias brincadeiras, vários elementos”.*

Nathália: *“Ah, não sei”.*

Comentando sobre este bloco, percebo como descrever o espaço através de uma simples pergunta de associação é difícil para as estudantes, e até mesmo para mim, que me pego pensando que personagem teria as características que o espaço possui? Mas posso extrair algumas características de acordo com o que elas disseram, em que o espaço é um lugar onde o aprendizado é centrado na cultura quilombola e na preservação de elementos dos antepassados tais como o arrastar dos pés e o toque de caixa leve e lamentado, onde o respeito e o amor pela

cultura fez com que os saberes da comunidade se tornassem mais reconhecidos e ganhassem visibilidade, um lugar onde os visitantes são mergulhados em uma formação que prioriza o respeito e a força do povo negro e aprendem sobre tudo isso, e que ainda ensina através de nossas festas, danças, músicas e ladainhas. Esse é o Espaço Cultural Tia Chiquinha pelo olhar destas estudantes. Agora, veremos o bloco sobre as práticas educativas como formação cultural, identitária e antirracista, que este será dividido em duas partes diferentes, sendo uma para cada estudante:

1. Você se considera uma pessoa racista? Explicar o porquê.

Maria: *“Não, por causa que toda a minha família me ensinou a respeitar o próximo”.*

2. Participar das práticas educativas do espaço te faz pensar diferente sobre ser negro(a), quilombola, cultura negra, racismo ou amazônida?

Maria: *“É, sim”.*

3. Em que momentos você sentiu que as atividades do espaço podem contribuir para que as pessoas reconheçam e enfrentem o racismo?

Maria: *“Porque aqui a gente ensina a não fazer isso, e aqui a gente recebe várias pessoas, e é, pode entrar branco, preto, indígenas, várias coisas, e aqui a gente não vai julgar essas pessoas porque a gente respeita. Então, todo mundo tem que entender isso”.*

4. Você percebe que o Espaço Cultural Tia Chiquinha funciona como um lugar de proteção, acolhimento e de trocas de conhecimentos contra o racismo?

Maria: *“Sim”.*

5. Me conte sobre uma atividade que te fez pensar na resistência do povo negro, quilombola e na importância de manter essas tradições vivas.

Maria: *“Por causa que aqui a gente aprende bastante coisas, que aqui ensina diversas coisas, a gente aprende bastante. A gente aprende a como fazer a caixa de Marabaixo, a fazer gengibirra, a ler, escrever, aprende com o seu livro”.*

6. Como você imagina que essas práticas podem transformar outras pessoas ou outros espaços?

Maria: *“É através do que acontece aqui dentro, como eu já lhe disse, a gente comemora juntos, não fica ninguém de fora, a gente vira amigos, a gente faz brincadeiras, e fica todos juntos”.*

7. Me fale sobre um momento em que você se sentiu mais conectado (a) à sua identidade negra, não negra, quilombola, amazônica ou comunitária durante a visita ao Espaço Cultural.

Maria: *“Sim, quando eu vejo o pessoal dançando, eu adoro dançar, então eu entro junto com eles pra dançar, então eu me sinto solta, me sinto alegre”.*

8. Qual é o seu lugar preferido na comunidade?

Maria: *“O espaço cultural, que ele é bem aberto e tem muitos lugares”.*

9. Na sua família quem lhe ensina sobre o quilombo, sua história e riquezas?

Maria: *“Minha mãe”.*

Para a conclusão do bloco, agora a parte com a entrevista da estudante externa à comunidade:

1. Você se considera uma pessoa racista? Explicar o porquê.

Nathália: *“Não, eu não me considero uma pessoa racista. Eu cresci no meio de pessoas negras, que tem uma força, uma vontade enorme de batalhar. Eu tenho um pai, que eu considero como pai, é preto, e eu admiro muito a história, eu admiro a história da minha avó de consideração. De todos que estavam ao meu redor, e estão ao meu redor. Então eu não me considero uma pessoa racista. Eu acho que, a gente tem muito que parar com o racismo, que o racismo hoje em dia, não, sinto que não deveria nem existir ainda, mas sei que existe”.*

2. Participar das práticas educativas do espaço te faz pensar diferente sobre ser negro(a), quilombola, cultura negra, racismo ou amazônida?

Nathália: *“É, me faz pensar diferente. Porque estar no espaço é saber que eu fui incluída lá, e eu sempre fui ouvida de certa forma, e a dança me faz me sentir leve, me traz paz quando eu danço nas rodas de Marabaixo, eu me sinto muito, muito leve”.*

3. Em que momentos você sentiu que as atividades do espaço podem contribuir para que as pessoas reconheçam e enfrentem o racismo?

Nathália: *“No momento, em que a gente faz a apresentação, onde várias pessoas brancas, negras, indígenas, estão lá, é, nos assistindo, e às vezes todas elas se misturam na dança e não tem isso de negro, branco, todo mundo tá lá dançando junto, de uma certa forma e gostando de estar lá”.*

4. Você percebe que o Espaço Cultural Tia Chiquinha funciona como um lugar de proteção, acolhimento e de trocas de conhecimentos contra o racismo?

Nathália: *“Sim, eu acho muito que é uma coisa que é troca de conhecimento, assim, quando pessoas vem aqui até a maloca, até o local visitar e eles acabam conhecendo mais, e acabam deixando o preconceito de lado quando eles sabem da história, participam, porque não é só saber, é estar ali no meio participando, e conhecendo, e tomando a gengibirra, e fica todo mundo misturado”.*

5. Me conte sobre uma atividade que te fez pensar na resistência do povo negro, quilombola e na importância de manter essas tradições vivas.

Nathália: *“É, nas atividades de apresentações, quando a gente vai nos apresentar e a gente leva muito a nossa cultura, é nossas danças, nossas bebidas, e essas atividades me mostram muito sobre a força, e é uma*

coisa que eu sempre vou me lembrar. E a gente, quando tá de fora a gente não percebe, mas quem tá dentro sente uma mudança, e é muito gratificante”.

6. Como você imagina que essas práticas podem transformar outras pessoas ou outros espaços?

Nathália: *“Essas práticas podem transformar outras pessoas em outros espaços quando, quando elas conseguem identificar, é, a nossa cultura, perceber, se inserir, conhecer, descobrem a luta do movimento, é, contra o racismo, o preconceito. Elas inseridas ou elas aprendendo quando a gente leva em algum evento, em algum tipo de atividade que sempre tem, e eles veem e percebem o quanto isso é gratificante ver e descobri nossa cultura. Até porque, todo mundo já ouviu falar, mas ninguém conhece realmente, ou a maioria sabe muito pouquinho, por alto”.*

7. Me fale sobre um momento em que você se sentiu mais conectado (a) à sua identidade negra, não negra, quilombola, amazônica ou comunitária durante a visita ao Espaço Cultural.

Nathália: *“É, no momento, em que eu me senti acolhida pelo grupo, e, em que quando eu começo a dançar, e começo a receber carinho, e a felicidade dos outros, vai me, vai me cativando, e eu vou dançando e eu não percebo”.*

8. Tem algum lugar que você mais gostou no Espaço? Explicar o motivo.

Nathália: *“É, o lugar que eu mais gostei no espaço é a igreja, é quando todo mundo está dentro e se reúne, e começa a rezar. E depois que a gente sai da igreja, a gente vem e entra na roda de Marabaixo, e tem o Batuque. Tem o dia 19 de abril, que a gente vai na igreja, depois dança, come e comemora e fica todo mundo junto”.*

9. Qual lembrança e aprendizado você levará consigo do Quilombo do Cria-ú e do Espaço Cultural Tia Chiquinha?

Nathália: *“A lembrança que eu sempre vou levar, é da primeira vez que eu entrei e conheci, fiquei numa roda de Marabaixo e me senti muito em paz, ao mesmo tempo com vergonha porque eu não conhecia. E quando eu conheci eu passei a gostar”.*

10. No seu convívio familiar vocês conversam sobre racismo, preconceito e discriminação racial, respeito às diferenças, ou até mesmo sobre quilombo, sua história e riquezas?

Nathália: *“É, no meu convívio familiar a gente conversa muito sobre isso, que o racismo é uma coisa que já não deveria nem existir, mas ainda existe. A gente fala sobre as diferenças, e que, eu tenho exemplos dentro de casa, que era o meu padrasto, que ele é negro, é da comunidade, eu fui inserida por ele, e a gente sempre foi contra o racismo”.*

11. E na escola, você já estudou sobre o assunto? você pode relatar como foi a experiência?

Nathália: *“Na escola eu já estudei sobre o racismo. A experiência foi boa, mas muitos alunos ainda levam como brincadeira, graça, ainda brincam, e eu acho que não se deve nem brincar com o esse tipo de coisa, que racismo é coisa séria”.*

Apesar de ambas as entrevistas terem, em sua maioria, as mesmas perguntas, preferi separá-las a fim de manter a organização do conteúdo. Sobre este bloco, destaco como o

convívio no âmbito cultural e comunitário e a educação da casa pode moldar o pensamento das pessoas em relação ao racismo. Ambas as estudantes tiveram esse contato direto com o quilombo e por isso se tornaram defensoras das práticas como formação antirracista. Além disso, destaco também que as práticas fazem com que os visitantes se sintam mais conectados com sua identidade, como mencionado pelas estudantes, e ainda revelam a resistência do povo negro no cotidiano quilombola. Apesar de tudo isso, muitas pessoas ainda consideram as práticas como algo fútil e irrelevante, e é com essas pessoas que devemos trabalhar para combater o racismo e o preconceito. Por fim, apresento o último bloco que trata das vivências e experiências culturais na construção de percursos de ensinagem:

1. Há algo que você passou a valorizar mais – sua história, nossa cultura – depois de vivenciar essas práticas?

Maria: *“A nossa origem, como a gente respeita os outros, como a gente reza, como a gente vive aqui. Então é muito bom, eu me sinto muito leve”.*

Nathália: *“É, eu passei a valorizar mais a cultura, que era uma coisa que eu não estava muito por dentro, sabia por alto, sabia do Marabaixo, do Batuque, mas eu não sabia e quando eu comecei a me inserir dentro eu passei a valorizar muito mais e trouxe pra mim como família, como algo meu, natural”.*

2. Há algum ensinamento, gesto ou prática que fez você se sentir parte de algo maior, como uma comunidade ou ancestralidade?

Maria: *“Sim, as festas, quando a gente vai pra reza, como a gente comemora aqui as festas todos juntos, a gente reza todos juntos. Então isso é muito legal, muito importante”.*

Nathália: *“Sim, eu comecei a me sentir parte, quando eu fui inserida, eu me senti família, eu me senti povo, eu me senti comunidade, me senti acolhida, me senti livre e me senti muito bem”.*

3. Fale sobre o processo de ensino e aprendizagem no Espaço Cultural, cite algumas características, singularidades e metodologia adotada no local?

Maria: *“É, como a gente se organiza, e todo mundo se separa pra fazer as coisas, e quando uma pessoa tá fazendo uma coisa, a outra já tá fazendo outra pra poder ser mais rápido pra poder acontecer. Então é muito importante é muito legal”.*

Nathália: *“É da parte dos ensinamentos, eu gosto muito quando a gente é ensinado sobre os instrumentos, quando a gente aprende a tocar, quando a gente aprende a cantar, quando a gente descobre que toca de tal maneira e canta de tal maneira, que é num som assim, num ritmo assim. Eu gosto muito, tem meus tios que ensinam e que sempre dão aula de Marabaixo e Batuque”.*

4. Você percebe que participar das experiências no Espaço Cultural Tia Chiquinha influencia a forma como você se vê e como vê sua própria história e a de seu povo?

Maria: *“Sim”.*

Nathália: *“É, influencia sim, porque quando eu estou no meio, eu lembro que pra mim estar ali, alguém teve que batalhar, alguém teve que sofrer muito no passado pra hoje a gente está contando a nossa história no meio das danças e das músicas para o povo e para o mundo”.*

5. Me conte sobre um momento que você vivenciou que te ajudou a perceber o valor da ancestralidade no cotidiano quilombola.

Maria: *“Porque todos são respeitados, e todos são especializados em algumas coisas, fazem roupas, livros, caixas, gengibirra, tudo né. Então é muito especial”.*

Nathália: *“Eu pude perceber o valor da ancestralidade, quando a gente começa a ser reconhecido como pessoa, como povo negro que lutou bastante, é, quando a gente é visto, quando a gente é lembrado, quando a gente é inserido e quando a gente é colocado em visibilidade”.*

6. Se você pudesse resumir em poucas linhas, qual seria o maior aprendizado que viveu aqui?

Maria: *“Porque, vendo as coisas eu vou tentando fazer também, porque é especial, é legal ver as pessoas fazendo, então é bom”.*

Nathália: *“Seria o amor que eu tenho com a história do Curiaú, com a história do povo afro-brasileiro, com a história do povo negro que veio e que lutou”.*

7. Você pretende ingressar na universidade? Para cursar qual curso superior? Qual é o motivo da escolha do curso?

Maria: *“Sim, pra ser professora. Porque eu gosto e poder ensinar tudo o que eu aprendi pra outras pessoas”.*

Nathália: *“É eu pretendo ingressar na universidade, em administração, seguindo o meu técnico que eu já tenho em administração e eu continuarei dando continuidade”.*

8. Você tem sonhos? Qual (is)?

Maria: *“Eu tenho vários sonhos. Um, deixa eu pensar, um dos meus sonhos é que eu já pensei em ser cantora, modelo. Mas eu queria mesmo é ser cantora”.*

Nathália: *“Tenho, meu sonho é me formar”.*

Para concluir, trago como destaque que as vivências no espaço despertam nos estudantes um sentimento para a valorização da cultura e de nossas origens, além de que as atividades contribuem para que os visitantes se sintam parte da comunidade e de algo maior, pois elas refletem a união do povo que busca pelo reconhecimento através da inclusão e do respeito com o próximo. Ainda mais, o espaço influencia para que os visitantes se sintam importantes e entendam o valor da ancestralidade, que como foi dito pelas estudantes, está no modo de fazer cultural e no seu reconhecimento. E, desse modo, finalizo as entrevistas de todos os meus colaboradores de pesquisa.

7 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após percorrer um longo caminho em busca de enriquecer ainda mais meus conhecimentos tradicionais, me vejo tal qual o Ponciano que com seu cavalo Província vai cavalcando pela estrada de chão batido para anunciar a chegada de mãe velha. E nessa minha estrada vou cursando pelos primeiros passos desta pesquisa e me guio pelos referenciais que embasaram todos os meus pensamentos e os objetivos deste estudo, além de conhecermos um pouco sobre a história e memória do *lôcus* de pesquisa, o Quilombo do Cria-ú, e só então nos aprofundarmos nas memórias de minha família e na minha como pesquisadora e contribuinte de pesquisa, chego ao final deste caminho para também anunciar, que os objetivos que tracei lá no início estão, definitivamente, alcançados.

Ao decidi retornar os estudos, eu tinha um propósito de poder repassar à comunidade tudo o que me foi ensinado pela minha mãe, meu pai, e pelos guardiões que hoje vivenciam o Cria-ú em nossas memórias. Ao ingressar dentro do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGED, da UNIFAP, com mais de 60 anos, esse propósito permanece mais vivo do que nunca, e ele vem carregado de uma grande responsabilidade que assumi ali dentro: pesquisar a minha história de vida, o meu cotidiano quilombola e os saberes da minha comunidade, a fim de contribuir para a valorização de um espaço. Um espaço herdado de uma mulher que, mesmo não sabendo ler nem escrever, sabia o poder que a educação tinha.

Foi uma responsabilidade muito grande, e que assumi com muito orgulho. Ali não representava só a mim, mas a todos os entes que partiram deste mundo e que contribuíram, significativamente, para a valorização de nosso território quilombola, vivo, e cheio de saberes. Acima de tudo, representava uma menina. Uma menina que sonhava bastante acordada, que saía cedo para a roça, que ajudava a mãe lavando roupas para fora, e que por isso teve de esquecer o desejo de estudar. Um desejo este que não se apagou, e sim ficou guardado, trancado dentro de um baú, tal qual o que sua mãe usava, e que anos depois foi retirado para que pudesse ser realizado.

Não posso dizer que a caminhada foi fácil, houve momentos muitos difíceis, momentos em que senti medo, que não acreditava que aquilo era para mim, momentos em que o choro me tomava por inteiro e que pensei em desistir de tudo – e foram muitas vezes. Pesquisar sobre a minha vida dentro da comunidade foi um ato de bravura, pois, por mais que tenhamos os momentos de superação, há também os momentos de fraqueza, ou melhor, os momentos de tristeza. Dizem que o tempo cura tudo, mas as cicatrizes permanecem em nós. E ao relembrar do passado, me via cutucando marcas que não queria, mas que eram necessárias para aprimorar

este estudo. Tive que assumir a postura de uma pesquisadora e investigar cada ato de minha memória, mesmo que fosse dolorido. E lhes digo que não me arrependo de nada. Principalmente dos momentos em que quase entrei em surto, ou que quis jogar o computador no meio da rodovia. Pois são estes momentos, que hoje nos tiram risadas, que nos fazem mais fortes para continuar o caminho. E continuei.

Ao pesquisar sobre o Espaço Cultural Tia Chiquinha que passei a entender a dimensão do tesouro que tínhamos. Minha mãe costumava dizer que nestas terras tinham ouro. Uma corrente de ouro que atravessava de um lado para o outro. Posso não entender o significado do que os mais velhos falavam, e nem sei se de fato existe o minério na comunidade. Mas sei que o ouro de que minha mãe falava eram os nossos saberes, este sim é o nosso tesouro. Um tesouro preciosíssimo, que precisa ser reconhecido e valorizado. E é por isso a importância deste estudo. Após analisar as atividades pedagógicas e culturais do espaço, bem como as contribuições dos colaboradores de pesquisa, percebo como elas estão interligadas com os princípios civilizatórios africanos e afro-brasileiros, traçados por Azoilda Trindade, e como elas são fundamentadas por estes princípios.

A circularidade, que está presente no modo como recepcionamos e ensinamos através de rodas de conversas e oficinas que costumam ser em círculos, além de como vivemos aqui no cotidiano, com as rodas de Batuque e de Marabaixo e até a forma como nos renovamos a cada dia, que também influenciam nas atividades pedagógicas. A religiosidade, que se concentra na celebração e devoção dos nossos santos e santas, e nas missas que existem na igreja, deixada pela matriarca Tia Chiquinha. A corporeidade, que está presente no ensino das atividades sobre o movimento do corpo durante as rodas de Batuque e Marabaixo, durante as ladainhas e da folia, das práticas do fazer da gengibirra e da farinha. A musicalidade, que vai para além da música, e está nas atividades que orientam sobre a dança, o canto, as letras do Ladrões de Marabaixo e das Bandaias de Batuque, do tocar das caixas, dos tambores e dos pandeiros afinados pelo calor das chamas. O cooperativismo, que representa o coletivo e a cooperação deste grupo em fazer com que as atividades sejam ensinadas de forma coesa, respeitosa e representativa, além da presença nas festas tradicionais que unem a comunidade com uma força para que tudo saia como planejado a fim de louvar nossos padroeiros. A ludicidade, perneia a forma como fazemos tudo no espaço, com bastante alegria, amor e de maneira lúdica para que todos compreendam o valor dessas práticas como formação cultural, comunitária, identitária e antirracista. A energia vital/axé, é o próprio espaço que guia essas atividades, um espaço vivo, cheio de energia, e que faz circular saberes entre as casas, as árvores e até pelos cantos dos passarinhos que por aqui passam. Por fim, uno três valores que são o puro fundamento dessas

atividades, a ancestralidade, a memória e a oralidade. Esta tríade, se encontra nos próprios fazeres culturais do espaço, pois estes são orientados pelas vivências dos nossos antepassados e o legado cultural que nos foi deixado. Além de ser salvaguardado em nossas memórias, que são alimentadas pela tradição comunitária do contar e ouvir histórias. Estes valores são cruciais na elaboração das nossas atividades pedagógicas e estão presentes nelas de maneira espontânea e natural, pois fazem parte do nosso cotidiano afro-quilombola.

Para complementar, digo que estou satisfeita de ter percorrido este caminho e muito feliz dos resultados que apresento aqui. A valorização e o reconhecimento das nossas práticas culturais e educativas se dá na necessidade de ensinar ao público em geral a importância da oralidade e da memória individual e coletiva, bem como os nossos saberes tradicionais e afrorreligiosos. Por isso, é que trago neste estudo a Pedagogia do Batuque e do Marabaixo como metodologia de ensino e alternativa no combate ao preconceito e ao racismo dentro das escolas, podendo ela capacitar professores, pedagogos, gestores, alunos e a sociedade, dentro do contexto escolar e comunitário, para o ensino de história, cultura e herança africana e afro-brasileira, visto na Lei 10.639/2003, que orienta tudo isso.

Por fim, reconhece-se a importância da Pedagogia do Batuque e do Marabaixo presente nas atividades pedagógicas e culturais do Espaço Cultural Tia Chiquinha, que são guiadas pelos valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros e fundamentadas pelas vivências dos que frequentam o espaço, os saberes e o legados cultural e histórico dos antepassados.

Concluo esta pesquisa muito grata a tudo e a todos que contribuíram comigo neste longo percurso, e tenho o desejo de que este trabalho sirva de inspiração para tantas outras mulheres quilombolas, que deixaram de estudar para se entregar a roça ou os afazeres domésticos. Que perpetue este desejo e o sonho que eu tive de voltar à sala de aula para elas. E ainda, desejo que este estudo seja proveitoso para toda a comunidade acadêmica, científica, como também para a comunidade geral, para que busque conhecimento dos nossos saberes e tradições, fica aqui a minha contribuição, e me despeço com uma citação do livro *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, que diz: “Meu pai não sabia nem mesmo assinar o nome, e fez o que estava ao seu alcance para trazer uma escola para a fazenda, para que aprendêssemos letra e matemática. Muitas vezes o vi tentar convencer algum vizinho que não queria que o filho fosse à escola; até concordava que o filho fosse, mas dizia que menina não precisava aprender nada de estudo”.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sandra. **Abdias Nascimento**. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen – Coleção Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro (Selo Sueli Carneiro), 2019.
- AMAPÁ, Secretaria do Estado do Meio Ambiente – SEMA. **Plano de Manejo Área de Proteção Ambiental do Rio Curiaú**. Amapá, 2010.
- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo: Atlas, 2010.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Estudo de caso**: seu potencial na educação. Cadernos de pesquisa., (49): 51-54. Rio de Janeiro: PUC, 1984.
- ASANTE, M. **Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental**: Introdução a uma Ideia. Tradução: Renato Nogueira, Marcelo J. D. Moraes e Aline Carmo. Ensaio Filosóficos, Volume XIV, 2016.
- ASANTE, M. **Afrocentricity**. Trenton: Africa World Press, 2002.
- BORGES, Valdeci Rezende. **História e literatura**: algumas considerações. Universidade federal de Goiás/Campus catalão. Revista de teoria da história Ano 1, Número 3, junho/2010.
- BRANDÃO, Ana Paula (org.); TRINDADE, Azoilda Loretto da (org.). **Modos de brincar**: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. il. (a cor da cultura; v.5).
- BRASIL, **Censo Brasileiro de 2021**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).
- BRASIL, Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Diário Oficial da União, Brasília, 22 de junho de 2004, seção 1, p. 11.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Parecer CNE/CEB nº 16/2012. Diário Oficial da União, Brasília, 21 de novembro de 2012, Seção 1, p.26).
- BRASIL. **Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007**, que instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Diário Oficial da União, Brasília, 08 de fevereiro de 2007. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm>. Acesso em: 13 de ago. 2022.

BRASIL. **Estatuto da Igualdade Racial**: Lei nº. 12.288, de 20 de julho de 2010, e legislação correlata. 4. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015. (Série legislação, 171).

BRASIL. **Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 de janeiro de 2003, Seção 1, p.1.

BRAUN, V.; CLARKE, V. **Using thematic analysis in psychology**. Qualitative Research in Psychology, v. 3, n. 2. p. 77-101. 2006.

CHIZZOTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. – São Paulo: Cortez, 2000 – (Biblioteca da educação, série 1. Escola; v. 16).

COURTINE, Jean-Jacques. **O tecido da memória**: algumas perspectivas de trabalho histórico nas ciências da linguagem. Polifonia, Cuiabá, v. 12, n. 2, p. 1-13, 2006.

CUNHA JR., Henrique. **Africanidade, afrodescendência e educação**. Revista Educação em Debate, Fortaleza – CE, ano 23, v. 2, nº 42, p. 5-15, 2001.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Ilustrações Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Depoimento cedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 1 de fev. 2025.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, 1996.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. In: DUARTE, Constância Lima e NUNES, Isabella Rosado (orgs); il. Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008, 194p.

FARIAS, P. F. de Moraes. **Afrocentrismo**: entre uma contranarrativa histórica universalista e o relativismo cultural. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 29-30, 2003. Disponível via periódico UFBA. Acesso em: 4 nov. 2024. periodicos.ufba.br

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOHN, M. G. **A educação não-formal e a relação escola-comunidade**. Revista ECCOS, no 2, vol. 6, dez 2004, p. 39-65.

GOMES, Nilma Lino. “Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos”. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. Aletria: alteridades em questão. Belo Horizonte, v. 6, n.9, p. 38-47, dez. 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Termos e Conceitos Presentes no Debate sobre Relações raciais no Brasil**. Educação antirracista: caminhos abertos pela lei 10.639/03 Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p. 39-62, 2005. (Coleção Educação para todos).

GONZALEZ, Lélia. “Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher”. In: GONZALEZ, Lélia; RIOS, Flávia; e, LIMA, Márcia (orgs.). **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, 375p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In: Bauer. M. W., Gaskell G. (Org). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113.

KLEIN, M. L. **Educação, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

LAVILLE, C.; DIONE, J. **A construção do saber: manual de metodologia em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LIMA, Ivan Costa. **História da educação do negro/a no Brasil: pedagogia interétnica**. Curitiba: Appris, 2017

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso**. 2. ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2005. p. 39-45.

LUNA, S. V. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2009.

MACHADO, Vanda. **Com a palavra Vanda Machado**. In: Lilian Pacheco. (Org.). Pedagogia Griô - A reinvenção da Roda da Vida. 1ed.Lençóis. Bahia: Sistematização de vivências, invenções e pesquisas compartilhadas do Ponto de Cultura Grãos de Luz, 2006, v. 01, p. 153-153.

MACHADO, Vanda. “Tradição Oral-Vida Africana e Afro-brasileira”. In: SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré (Org.). **Literatura Afro-brasileira**. 1. ed. Salvador: CEAO - Fundação Cultural Palmares, 2006, v.1, p.79-109.

MARTINS, Heloísa Helena de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educação e pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, mai/ago. 2004.

MOURA, Gloria. **Africanidades brasileiras e educação** [livro eletrônico]: Salto para o Futuro / organização Azoilda Loretto Trindade. Rio de Janeiro: ACERP; Brasília: TV Escola, 2013.1,58 Mb; PDF

MOURA, Gloria. **Festas dos quilombos** / Gloria Moura; Lamberto Scipioni, fotos. _ Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Cadernos Penesb (Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade Brasileira). UFF, Rio de Janeiro, nº 5, p. 15– 34, 2004.

NASCIMENTO, Beatriz. **O conceito de quilombo e a resistência**. Originalmente publicado em: Afrodiáspora, nº 6 e 7, 1985, p. 41 a 49.

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PACHECO, Lillian. **Pedagogia Griô: a reinvenção da vida**. 1 ed., Lençóis- Bahia, 2006.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral** contribuições do legado africano para a implementação da lei nº 10.639/03/ Sandra Haydée Petit. - Fortaleza: EdUECE, 2015.

PINTTO, Daniel (Org.); Et al. **Narrativas Negras: escrevendo nossas histórias**. Feira de Santana: Editora Vecchio, 2021. 254p.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. “Relatos orais: do ‘indivizível’ ao ‘divizível’”. In: VON SIMSON, O. M (org. e intr.). **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: vértice, editora revista dos tribunais, enciclopédia aberta de ciências sociais, v.5, 1988. p. 68-80.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. Instituto Kuanza/ Imprensa oficial - São Paulo, 2006, p. 117-125.

REIS, Ana Maria Bianchi dos. **Plantando Axé: uma proposta pedagógica**. São Paulo: Cortez, 2000.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi; SIPPEL, Juliano. “A escrevivência de Conceição Evaristo como reconstrução do tecido da memória brasileira”. UTFPR - **Cadernos de linguagem e sociedade**, 20(2), 2019, Paraná, p.36 a 51.

RIBEIRO, J. F & WALTER, B. M. T. As Principais Fitofisionomias do Bioma Cerrado. In: SANO, S. M.; ALMEIDA, S. P. de; RIBEIRO, J. F. (Ed.). **Cerrado: ecologia e flora** v. 2. Brasília: EMBRAPA-CERRADOS, 2008. 876 p.

ROCHA, Adair. *Cultura e cidadania: educação comunitária, comunicação e política cultural*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2011.

ROSA, Allan da. **Pedagogia, autonomia e mocambagem**. 1. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

SANTOS, Esmeraldina dos. **Histórias do meu povo**. Macapá: Confraria Tucuju/PMM, 2002.

SILVA, Anderson Gomes da. *Educação quilombola e territórios do saber: práticas culturais e formação comunitária no Amapá*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amapá, UNIFAP, 2017.

SILVA, Y.; NERY, M; LACERDA, N. **Plantas Tradicionais: Sabedoria Popular da Comunidade Quilombola do Curiaú**, Macapá, Amapá. Amapá: Instituto Mapinguari – IMAPIN, 2022.

SOARES, Edimara Gonçalves. **Quilombo, Território e Territorialidades: Anexo 1**. Departamento da Diversidade/SUED. Paraná: Secretaria de Estado da Educação, 2017.

TRINDADE, Azoilda Loretto. “Em busca da cidadania plena”. In: **Saberes e fazeres**, v.1: Modos de ver / coordenação do projeto Ana Paula Brandão – Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. 116p.: il. color. (A cor da cultura).

VIDEIRA, Piedade Lino. **Batuques, folias e ladainhas: a cultura do quilombo do Cria- ú em Macapá e sua educação**. Fortaleza: UFC, 2013.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Dança do marabaixo: cultura afroamapaense em evidência**. In: Congresso nacional da federação de arte e educadores do brasil, 18.; congresso latinoamericano e caribenho de arte educação; encontro nacional de arte educação, cultura e cidadania, 1., 27-30 nov. 2008.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo, dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense**. Fortaleza: UFC, 2009.

VIDEIRA, Piedade Lino.; VASCONCELOS, José. Gerardo. “Experiência museal no distrito de Mazagão Velho-AP: visitação em movimento”. **Roteiro**, [S. l.], v. 46, p. e26473, 2021. DOI: 10.18593/r.v46.26473. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/26473>. Acesso em: 30 jun. 2022.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa**. 2. ed. reimp. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração da UFSC, 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

(Resolução n. 510/2016 CNS/CONEP)

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar da Pesquisa **“ESCREVIVÊNCIA E COTIDIANO QUILOMBOLA NO ESPAÇO CULTURAL TIA CHIQUINHA NO QUILOMBO DO CRIA-Ú AMAPÁ”**, que é de responsabilidade da pesquisadora Esmeraldina dos Santos, a qual pretende utilizar de seus conhecimentos e saberes, que serão transpassados através das práticas de oralidades, para o enriquecimento da presente pesquisa que visa compreender a importância das manifestações culturais do Batuque e do Marabaixo no cotidiano pedagógico e cultural do Quilombo do Cria-ú, Amapá, especialmente a partir das vivências no Espaço Cultural Tia Chiquinha.

A sua participação é de forma voluntária e será por meio de uma entrevista semiestruturada, com perguntas sobre suas experiências, memórias, saberes e práticas relacionadas ao batuque e ao marabaixo. A entrevista terá duração aproximada de 40 a 60 minutos e poderá ser gravada com sua autorização, para posterior transcrição e análise. Se você aceitar participar, contribuirá para o fortalecimento do conhecimento sobre a cultura afroamapaense e quilombola, valorizando as práticas tradicionais do Batuque e do Marabaixo como formas legítimas de pedagogia e resistência cultural, além de ajudar na formação de um estudo acerca das práticas de ensinagem e aprendizagens utilizadas no território quilombola do Cria-ú, especificamente no Espaço Cultural Tia Chiquinha, o que ocasionará no reconhecimento de sua ancestralidade, de seus saberes, tradições e de seus rituais, no meio acadêmico-científico, ajudando na preservação da identidade quilombola e ainda colaborar com iniciativas educacionais voltadas à promoção da diversidade cultural nas escolas.

Os riscos associados à participação nesta pesquisa são mínimos. A resolução nº510/2016 do Conselho Nacional de Saúde aponta os cuidados que o entrevistador deve ter com os riscos que podem aparecer nos momentos da pesquisa e como o sistema CEP/CONEP pode assegurar a proteção dos atores envolvidos. Por isso, a possibilidade dos riscos durante a entrevista semiestruturada são, emoção ao trazerem lembranças de algum fato decorrente ao objeto pesquisado, desconforto e cansaço ao responder às perguntas, constrangimento ao receber uma pergunta que não saiba responder e o nervosismo ao receber perguntas que lhe tragam recordações boas ou ruins. Se por um acaso isso ocorra, você poderá interromper a entrevista a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Além disso, serão tomadas todas as precauções necessárias em relação as medidas de segurança no que compete a saúde dos atores sociais. As informações que forem fornecidas serão mantidas em sigilo. Sua identidade será preservada por meio da utilização de pseudônimos ou outras estratégias de anonimização. Os dados serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, através da assinatura deste termo, o qual o (a) Sr.(a) receberá uma cópia.

Os benefícios da pesquisa são, o autorreconhecimento de si e da relevância da problemática de pesquisa na perspectiva da educação cultural comunitária, a participação de estudos acadêmicos, como este, que evidenciarão a relevância que os participantes possuem sobre o problema de pesquisa, poder conhecer mais sobre o problema de pesquisa e sobre os entrevistados, o despertar crítico dos participantes e demais leitores que reconhecerão o racismo como parte estrutural da sociedade, a valorização da educação antirracista possibilitando a igualdade e a inclusão das classes e o reconhecimento dos espaços culturais do estado como verdadeiros patrimônios históricos do povo negro amapaense.

O (a) Sr.(a) tem o direito e a total liberdade de recusar-se a participar ou desistir da pesquisa a qualquer momento, sem a necessidade de apresentar justificativa, e tal decisão não acarretará qualquer prejuízo ao atendimento prestado por esta instituição, de acordo com a Resolução CNS nº466/12 e complementares.

Para qualquer esclarecimento ou dúvidas no decorrer de sua participação, me encontro disponível através do número de telefone (96) 98145-5853 ou do e-mail: escritoraesmeraldinasantos@gmail.com. O senhor (a) também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amapá sob o endereço Rodovia JK, s/n – Bairro Marco Zero do Equador – Macapá/AP, para obter informações sobre esta pesquisa e/ou sobre a sua participação, através dos telefones 4009-2804, 4009-2805. Desde já agradecemos!

Eu _____ (nome por extenso) declaro que após ser suficientemente informado (a) pela pesquisadora, lido o presente termo, e compreendido tudo o que foi explicado sobre os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios deste estudo, concordo em participar da Pesquisa intitulada **“ESCREVIVÊNCIA E COTIDIANO QUILOMBOLA NO ESPAÇO CULTURAL TIA CHIQUINHA NO QUILOMBO DO CRIA-Ú AMAPÁ”**. Sendo este documento emitido em duas vias, ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

Macapá, ____ de ____ de ____.

Pesquisadora – Esmeraldina dos Santos
 Universidade Federal do Amapá/Unifap
 Cel.: (96) 98145-5853
 E-mail: escritoraesmeraldinasantos@gmail.com

Orientadora – Profa. Dra. Piedade Lino Videira
 Universidade Federal do Amapá/Unifap
 Cel.: (96)
 E-mail: piedadevideira@bol.com.br

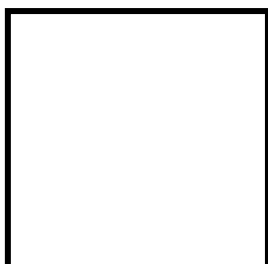
Assinatura do (a) sujeito (a) da pesquisa

Em relação aos instrumentos para a coleta de informações, concordo em participar da pesquisa de forma livre e espontânea, e autorizo a utilização de gravadores durante a entrevista semiestruturada:

- ☐ Autorizo a gravação da entrevista
☐ Não autorizo a gravação da entrevista

Caso o sujeito seja impossibilitado de assinar:

Eu _____, declaro, por meio deste abaixo-assinado, que realizei a leitura integral do presente termo em relação ao (a) sujeito _____, o (a) qual declarou na minha presença a compreensão plena e aceitação em participar desta pesquisa, o qual utilizou sua impressão digital (abaixo) para confirmar a participação.



Polegar direito (caso não assine)

Testemunha nº 1 _____.

Testemunha nº 2 _____.

APÊNDICE B – VERSÕES DOS QUESTIONÁRIOS PARA REALIZAR A ENTREVISTA

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DESTINADA AOS GUARDIÕES DA COMUNIDADE DO CRIA-Ú

Título da Pesquisa: ESCRIVIVÊNCIA E COTIDIANO QUILOMBOLA NO ESPAÇO CULTURAL TIA CHIQUINHA NO QUILOMBO DO CRIA-Ú AMAPÁ

Pesquisadora responsável:

Esmeraldina dos Santos

E-mail: escritoraesmeraldinasantos@gmail.com

Cel.: [(96) 98145-5853]

• Dados pessoais:

1. Qual é o seu nome completo?
2. O senhor nasceu em que dia?
3. O senhor é filho de quem?
4. Quem são seus avós maternos?
5. Quem são os seus avós paternos?
6. Quantos irmãos o senhor tem? Quem são eles?
7. Qual é a sua cor/raça?
8. Qual é o seu gênero (Masculino ou Feminino)?
9. O senhor mora em qual Cria-ú?

• Escolaridade:

1. O senhor estudou? Se sim, até que série (ano)?
2. O senhor não estudou mais gostaria de estudar?
3. O senhor sabe ler e escrever?
4. Qual era a disciplina (matéria) que o senhor mais gostava?
5. O senhor ainda pretende estudar?
6. O senhor pretende cursar uma universidade (ensino superior)?

• Escola e Comunidade:

1. O senhor é, tem sido ou já foi convidado a participar das atividades pedagógicas desenvolvidas nas escolas EQE José Bonifácio e EMEF Joana Santos?
2. O senhor foi convidado para fazer o quê?
3. Como o senhor se sentiu?
4. Na sua opinião as escolas da comunidade trabalham os saberes locais como conteúdo escolar? Explique sua resposta.

• Pertencimento e Vivências na Comunidade Quilombola do Cria-ú:

1. Qual é o nome correto da comunidade, é Curiaú ou é Cria-ú? Qual é o significado do nome?

2. Há quanto tempo o senhor mora na comunidade?
3. O senhor gosta ou não gosta de morar na comunidade? Se o senhor pudesse escolher, moraria em outro local ou comunidade? Explique o motivo.
4. O senhor exerce alguma função social, qual? Ou já exerceu? Dizer qual.
5. O que significa ser quilombola para o senhor?
6. Conte-me, como foi a sua infância, adolescência, idade adulta e está sendo sua velhice na comunidade?
7. O senhor trabalha ou trabalhava em que?
8. De onde advém o seu sustento do senhor e de sua família?
9. O senhor ou alguém de sua família trabalha com agricultura familiar? Se sim, o que vocês cultivam? Vocês comercializam os produtos ou eles são apenas para alimentar a família?
10. O que falta na comunidade?
11. O que tem, mas precisa melhorar na comunidade?
12. Quais iniciativas governamentais estão disponíveis à comunidade aqui na comunidade?
13. Quais problemas a comunidade enfrenta?
14. Quais alternativas o senhor destaca para resolver o problema?
15. Quais são os desafios da comunidade na atualidade?
16. A comunidade costuma se reunir para dialogar sobre os problemas e juntos buscarem soluções para resolvê-los? Com qual frequência as reuniões são realizadas?
17. Quais são e como atuam as associações da comunidade?
18. O senhor costuma participar e ser ouvido nas reuniões, como conselheiro/ancião?

- **Identidade:**

1. O que é o Quilombo do Cria-ú?
2. O que significa o Quilombo do Cria-ú para o senhor?
3. Como é a convivência entre anciãos, jovens e crianças na comunidade?
4. Qual é a importância da memória individual e coletiva na proteção dos saberes da comunidade?
5. O que o senhor entende por ancestralidade?
6. O que o senhor entende por identidade?
7. O que o senhor entende por saberes quilombolas?
8. O senhor se sente valorizado e reconhecido como um cidadão amapaense e filho do Cria-ú?
9. Tem racismo no Brasil? E no Amapá? E no Cria-ú? O senhor já sofreu racismo? Se sim, que tipo, explique como ocorreu o fato? Quem foi a pessoa? Como o senhor se sentiu? O que o senhor fez? O senhor buscou a ajuda de alguém?
10. O senhor sabia que racismo é crime?
11. O que o senhor gostaria de dizer/pedir as crianças, aos jovens e adultos da comunidade?
12. Qual é o seu sonho?
13. O que o senhor sonha ver acontecer aqui no Cria-ú?

- **Memória e ancestralidade:**

1. Quando o senhor lembra da sua infância no Quilombo do Cria-ú, quais imagens, sons ou histórias vêm primeiro à sua memória?
2. Como o senhor aprendeu sobre a cultura da comunidade? Quem lhe ensinou?

3. Qual é a importância da memória na sua opinião?
4. Quem cuida da saúde da comunidade? Quando alguém adoece recorre a quem da comunidade para ajudar a se curar?
5. O senhor costuma fazer uso de plantas, cascas de pau, entre outros, como remédio? Explique o motivo. Quem lhe ensinou?
6. Com quem o senhor aprendeu sobre o Batuque, o Marabaixo e o que o senhor pode destacar que aprendeu e, por conseguinte, ensina às gerações atuais sobre a história, os valores, o legado cultural e afroreligioso do quilombo?
7. Qual é a sua religião?
8. A sua família é devota de algum Santo ou Santa?
9. O senhor se recorda o motivo que levou a comunidade a fazer festa para homenagear seus santos? Explique o motivo.
10. Existe vinculação entre as festas de santo e o Batuque e o Marabaixo? Ou não existe?
11. É possível fazer as festas de santo, sem ter Marabaixo e Batuque?
12. Qual é a festa de santo que o senhor não pode perder na comunidade?
13. Qual é a importância das festas de santo na comunidade?
14. Na sua opinião as festas de santo agregam valores culturais à comunidade ou elas se tornaram um problema social à comunidade? Explique sua resposta.
15. O senhor concorda ou é contra a realização de festa na comunidade? Explique o motivo.
16. Tem benzedeira, ou rezador ou outra denominação dada pela comunidade a pessoas que são médiuns?
17. O sabe alguma história de encantamento (pessoas que desapareceram) na comunidade e que não foram mais encontradas?
18. O senhor costuma andar pela comunidade a qualquer hora, ou aprendeu e ouviu desde a sua infância que é perigoso fazer isso? Quem lhe falou e o advertiu?
19. Tem lugares misteriosos na comunidade que o senhor não costuma andar? Explique o motivo.
20. O senhor se considera um guardião desses saberes dentro da comunidade? Se sim, explique o motivo.
21. Como o senhor percebe que os nossos saberes: legado dos antepassados, incluindo as festas de santo regada a Batuque, o Marabaixo, cerimônias afroreligiosas ensinam, mesmo sem ser numa sala de aula ou caderno? Explique como isso acontece.
22. Há alguma história que o senhor sempre conta para ensinar as crianças, jovens e mesmo as pessoas adultas sobre respeito, ancestralidade ou resistência?
23. Tem algum conselho que o senhor recebeu quando criança, jovem ou adulto que até hoje o senhor segue ensinando?

- **Espaço Cultural Tia Chiquinha:**

1. O que o Espaço Cultural, em especial o Espaço Cultural Tia Chiquinha, representa para a comunidade e para a memória dos mais velhos?
2. O senhor conheceu a tia Chiquinha e o seu esposo Bolão? Como era a convivência entre vocês?
3. O senhor costuma visitar o local? Em quais ocasiões isso acontece?
4. O senhor sabia que muitas escolas e pessoas visitam o local? Qual é a sua opinião sobre isso?

5. Na sua opinião o Espaço contribui para a valorização e o fortalecimento da cultura quilombola? Explique sua opinião.

6. O que não pode faltar quando se ensina a alguém sobre o Cria-ú?

- **Percursos de ensinagem e formação antirracista:**

1. O que você acredita que as pessoas aprendem sobre o povo negro e quilombola quando escutam suas histórias?

2. Já viu alguém mudar seu olhar sobre a comunidade depois de ouvir um relato seu ou participar de uma vivência ou roda de Marabaixo e Batuque?

3. O que você gostaria que a pesquisadora levasse consigo como ensinamento dos mais velhos?

4. Se pudesse deixar um conselho para as próximas gerações do Quilombo, qual seria?

5. Qual é a sua opinião sobre a educação e as escolas da comunidade?

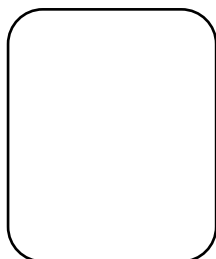
6. Qual é a sua avaliação sobre as escolas, elas são boas, nem tanto ou mais ou menos? Explique sua resposta.

7. O que precisa melhorar e mesmo mudar nas escolas, segundo o seu ponto de vista?

8. O senhor já foi convidado pelas escolas para compartilhar, diretamente aos estudantes suas vivências na comunidade? Se sim, como o senhor se sentiu? Se não, o que o senhor tem a dizer sobre isso?

Macapá, AP, ____ de ____ de ____.

Assinatura do participante



Impressão digital do dedo polegar caso não saiba assinar

Assinatura do Pesquisadora Responsável.

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DESTINADA À PROFESSORA
INTERNA DA COMUNIDADE DO CRIA-Ú.

**Título da Pesquisa: ESCRIVIVÊNCIA E COTIDIANO QUILOMBOLA NO
ESPAÇO CULTURAL TIA CHIQUINHA NO QUILOMBO DO CRIA-Ú AMAPÁ**

Pesquisadora responsável:

Esmeraldina dos Santos

E-mail: escritoraesmeraldinasantos@gmail.com

Cel.: [(96) 98145-5853]

• **Dados pessoais:**

1. Qual é o seu nome completo?
2. Você nasceu em que dia?
3. Você é natural de que lugar?
4. Qual é a sua nacionalidade?
5. Você é filho de quem (Pai e Mãe)?
6. Quem são seus avós maternos?
7. Quem são os seus avós paternos?
8. Quantos irmãos você tem? Quem são eles?
9. Qual é a sua cor/raça?
10. Qual é o seu gênero (Masculino ou Feminino)?
11. Qual é a sua orientação sexual?

• **Trajetória educacional e profissional:**

1. Você trabalha onde e em que?
2. Quantos anos você tem de formado? Por qual instituição se formou?
3. Qual é a disciplina que você ministra?
4. O(a) senhor(a) possui alguma pós-graduação? Se sim, em quê? Há quanto tempo?
5. Há quanto tempo você é professor(a)?
6. Quais memórias da sua infância no Cria-ú (ou da sua convivência com a comunidade) influenciam sua visão de educação?
7. Você, enquanto professor(a), participa do cotidiano e das práticas culturais/religiosas da comunidade? Desde quando? Quem te ensinou?
8. Que práticas, rituais, histórias ou modos de viver da comunidade você considera fundamentais para a formação das crianças e jovens do Quilombo do Cria-ú?
9. Durante sua formação, você teve alguma dificuldade para se deslocar da comunidade até a cidade?
10. No decorrer da sua trajetória como professor(a), em quais escolas você trabalhou?
11. Quando você lembra o início da sua vida escolar, quais lembranças vem à sua mente? E que marcas esse período deixou na sua forma de aprender e ensinar hoje? Fale-me sobre tais lembranças.

12. Quais foram os momentos ou pessoas que mais influenciaram sua decisão de seguir o caminho da docência?
13. Como você aprendeu aquilo que hoje considera essencial para ensinar, e onde esses aprendizados aconteceram (na escola, na família, na comunidade, no trabalho, em outros espaços)?
14. Como foi o início da sua atuação como professor e quais desafios marcaram esse começo?
15. Como você descreve o modo (metodologia) como ensina hoje e quais elementos da sua história explicam esse modo de ensinar?
16. Você teve alguma disciplina na universidade que tratava da problemática racial no Brasil e suas implicações até os dias atuais? Se sim, qual (is)? Ou até mesmo participou de projetos de iniciação científica e/ou extensão com tal conteúdo?
17. Quantos livros sobre a temática racial, racismo, discriminação e preconceito racial você leu durante a graduação e na pós-graduação (se ele tiver pós-graduação)?
18. Você já escutou falar na Lei n. 10.639/03 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a sua implementação nas escolas de nosso país?
19. O que você aprendeu sobre a Lei n. 10.639/03 e sobre as outras leis e resoluções vigentes, antirracistas?
20. Você conhece (leu) a Resolução n. 08/2012 que trata sobre Educação Escolar Quilombola? Se sim, como você incorpora tais conteúdos em seu fazer pedagógico?
21. Como você se sente ao fazer isso? Justifique sua resposta.
22. Como os estudantes reagem a tais conteúdos em sala de aula? E as famílias dos estudantes? E a comunidade escolar?
23. Como você aborda (trabalha) tais conteúdos na escola?
24. Quais desafios, dificuldades você enfrenta? Quais estratégias você utiliza para superá-los?

• **Atividades pedagógicas e culturais no Espaço Cultural Tia Chiquinha:**

1. Como você ficou sabendo da existência do Espaço Cultural Tia Chiquinha?
2. O que lhe trouxe até aqui, e o que motivou a sua aproximação?
3. O que mais te chama atenção nas atividades que são desenvolvidas no espaço cultural?
4. Fale um pouco sobre as dimensões de africanidades que você, porventura, encontrou no local?
5. O que você observa nos estudantes após participarem de tais atividades culturais-pedagógicas?
6. O que eles dizem sobre a experiência?
7. Você sabe quem foi Tia Chiquinha? Se sim, fale um pouco sobre ela. Na sua opinião o que ela representa e significa?
8. Como a experiência da visita será explorada por você pedagogicamente na escola?
9. Como essas atividades, que unem saberes ancestrais e vivências pessoais do nosso cotidiano quilombola, contribuem para o desenvolvimento de atividades que valorizem a cultura africana e afro-brasileira dentro de sala de aula?
10. As atividades pedagógicas e culturais do espaço cultural poderiam ser consideradas método e metodologia para contribuir com a prática pedagógica dos professores no estudo da cultura e herança quilombola? Explicar o porquê.

11. Em que momentos você percebe que as atividades pedagógicas e culturais desenvolvidas no espaço ensinam algo que a escola formal nem sempre consegue ensinar? Explicar sobre.
12. Quais vivências você e os estudantes tiveram no espaço?

• **Práticas educativas como formação cultural, identitária e antirracista:**

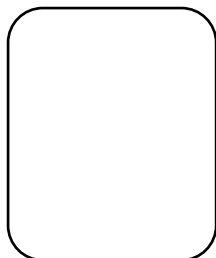
1. Fale um pouco sobre o conteúdo, o desenvolvimento das atividades e sobre os recursos didáticos utilizados pelos mediadores (guardiões dos saberes) para introduzir você e estudantes no cotidiano do Espaço Cultural.
2. Na sua experiência como professor, existe ou não existe ou deveria existir, um fio-condutor didático-pedagógico (próprio) a ser utilizado pelos guardiões no desenvolvimento das atividades? Fale um pouco sobre o assunto. Destacar alguns elementos e fale sobre eles.
3. De que maneira essas práticas dialogam com o currículo escolar e com a disciplina que você ministra?
4. Quais os principais conteúdos e conhecimentos que os(as) estudantes aprendem ao participar dessas práticas? Abordar quais e diga o porquê.
5. Após essa participação dos estudantes e sua, existe alguma mudança de postura, percepção ou sensibilidade, comportamento em relação ao modo de vida, à identidade negra e quilombola? Discorrer sobre suas impressões.
6. De que forma você integra – ou busca integrar – as práticas desenvolvidas no espaço com as atividades escolares desenvolvidas em sala de aula?
7. De que maneira você aborda e explora a problemática racial, a questão identitária e antirracista com seus estudantes?
8. Na sua opinião, o que as escolas deveriam melhorar para incentivar os estudantes a respeitarem e valorizarem a prática cultural, as identidades, os saberes e a prática social, o convívio antirracista?
9. Que histórias da comunidade você considera que deveriam estar presentes na formação identitária dos estudantes da comunidade e por quê?

• **Vivências e experiências culturais na construção de percursos de ensinagem:**

1. Quais experiências profissionais mais contribuíram para que você compreendesse a importância dos saberes culturais do Cria-ú no processo educativo?
2. Você, enquanto professor(a), já participou de alguma vivência cultural no espaço? Se sim, me conte como foi sua experiência?
3. Como você descreveria, a partir da sua vivência, o modo como as atividades pedagógicas são organizadas no Espaço Cultural Tia Chiquinha?
4. Em que momentos você sente que o espaço funciona como uma “escola da comunidade”, mesmo não sendo uma escola formal?
5. Como sua atuação como professor é atravessada pelas experiências que você vive no Espaço Cultural Tia Chiquinha e no território quilombola? Explique como.
6. Que aprendizados você leva do espaço para sua prática docente e como eles influenciam seu modo de ensinar?
7. Tem mais alguma coisa que você queira dizer?
8. Deixe uma mensagem a quem você desejar.

Macapá, AP, ____ de ____ de ____.

Assinatura do participante



Impressão digital do dedo polegar caso não saiba assinar

Assinatura do Pesquisadora Responsável.

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DESTINADA À PROFESSORA
EXTERNA À COMUNIDADE DO CRIA-Ú.

**Título da Pesquisa: ESCRIVIVÊNCIA E COTIDIANO QUILOMBOLA NO
ESPAÇO CULTURAL TIA CHIQUINHA NO QUILOMBO DO CRIA-Ú AMAPÁ**

Pesquisadora responsável:

Esmeraldina dos Santos

E-mail: escritoraesmeraldinasantos@gmail.com

Cel.: [(96) 98145-5853]

• **Dados pessoais:**

1. Qual é o seu nome completo?
2. Você nasceu em que dia?
3. Você é natural de que lugar?
4. Qual é a sua nacionalidade?
5. Você é filho de quem (Pai e Mãe)?
6. Quem são seus avós maternos?
7. Quem são os seus avós paternos?
8. Quantos irmãos você tem? Quem são eles?
9. Qual é a sua cor/raça?
10. Qual é o seu gênero (Masculino ou Feminino)?
11. Qual é a sua orientação sexual?

• **Trajetória educacional e profissional:**

1. Você trabalha onde e em que?
2. Quantos anos você tem de formado? Por qual instituição se formou?
3. Qual é a disciplina que você ministra?
4. O(a) senhor(a) possui alguma pós-graduação? Se sim, em quê? Há quanto tempo?
5. Há quanto tempo o senhor(a) é professor(a)?
6. Antes de se tornar professor(a), quais escolas você trabalhou?
7. Quando você lembra o início da sua vida escolar, quais lembranças vem à sua mente? E que marcas esse período deixou na sua forma de aprender e ensinar hoje? Fale-me sobre tais lembranças.
8. Quais foram os momentos ou pessoas que mais influenciaram sua decisão de seguir o caminho da docência?
9. Como você aprendeu aquilo que hoje considera essencial para ensinar, e onde esses aprendizados aconteceram (na escola, na família, na comunidade, no trabalho, ou em outros espaços)?
10. Como foi o início da sua atuação como professor e quais desafios marcaram esse começo?
11. Como você descreve o modo como ensina hoje e quais elementos da sua história explicam esse modo de ensinar?

12. Você teve alguma disciplina na universidade que tratava da problemática racial no Brasil e suas implicações até os dias atuais? Se sim qual (is)? Ou até mesmo participou de projetos de iniciação científica e/ou extensão com tal conteúdo?
13. Quantos livros sobre a temática racial, racismo, discriminação e preconceito racial você leu durante a graduação e na pós-graduação (se ele tiver pós-graduação)?
14. Você já escutou falar na Lei n. 10.639/03 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para sua implementação nas escolas do nosso país?
15. O que você aprendeu sobre a Lei n. 10.639/03 e sobre outras leis e resoluções vigentes, antirracistas?
16. Você conhece (leu) a Resolução n. 08/2012 que trata sobre Educação Escolar Quilombola? Se sim, como você incorpora tais conteúdos em seu fazer pedagógico?
17. Como você se sentiu ao fazer isso, justifique sua resposta?
18. Como os estudantes reagem a tais conteúdos? E as famílias dos estudantes? E a comunidade escolar?
19. Como você aborda (trabalha) tais conteúdos na escola?
20. Quais desafios, dificuldades você enfrenta? Quais estratégias você utiliza para superá-los?

• **Atividades pedagógicas e culturais no Espaço Cultural Tia Chiquinha:**

1. Como você ficou sabendo da existência do Espaço Cultural Tia Chiquinha?
2. O que lhe trouxe até aqui, e o que motivou sua aproximação?
3. O que mais te chama atenção nas atividades que são desenvolvidas no espaço cultural?
4. Fale um pouco sobre as dimensões de africanidades que você encontrou no local?
5. O que você observa nos estudantes após participarem de tais atividades culturais-pedagógicas?
6. O que eles dizem sobre a experiência?
7. Você sabe quem foi Tia Chiquinha? Se sim, fale um pouco sobre ela? Na sua opinião o que ela representa e significa?
8. Como a experiência da visita será explorada por você pedagogicamente na escola?
9. As atividades pedagógicas e culturais do espaço cultural poderiam ser consideradas método e metodologia para contribuir com a prática pedagógica dos professores no estudo da cultura e herança quilombola? Explicar o porquê.
10. Em que momentos você percebe que as atividades pedagógicas e culturais desenvolvidas no espaço ensinam algo que a escola formal nem sempre consegue ensinar?
11. Quais vivências você e os estudantes tiveram no espaço?

• **Práticas educativas como formação cultural, identitária e antirracista:**

1. Fale um pouco sobre o conteúdo, o desenvolvimento das atividades e sobre os recursos didáticos utilizados pelos mediadores (guardiões dos saberes) para introduzir você e estudantes no cotidiano do Espaço Cultural?
2. Na sua experiência como professor, existe ou não existe ou deveria existir, um fio condutor didático-pedagógico (próprio) a ser utilizado pelos Guardiões no desenvolvimento das atividades? Fale um pouco sobre o assunto. Destacar alguns elementos e fale sobre eles.
3. De que maneira essas práticas dialogam com o currículo escolar e com a disciplina que você ministra?

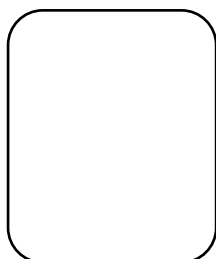
4. Quais os principais conteúdos e conhecimentos que os(as) estudantes aprendem ao participar dessas práticas? Abordar quais e diga o porquê?
5. Após essa participação, existe alguma mudança de postura, percepção ou sensibilidade em relação ao modo de vida, à identidade negra e quilombola? Discorrer sobre suas impressões.
6. De que forma o(a) você integra – ou busca integrar – as práticas desenvolvidas no espaço com as atividades escolares desenvolvidas em sala de aula?
7. De que maneira o(a) você aborda e explora a problemática racial, a questão identitária e antirracista com os estudantes?
8. Na sua opinião, o que as escolas deveriam melhorar para incentivar os estudantes a respeitarem e valorizarem a prática cultural, as identidades, os saberes e a prática social, o convívio antirracista?

• **Vivências e experiências culturais na construção de percursos de ensinagem:**

1. Quais experiências profissionais mais contribuíram para que você compreendesse a importância dos saberes culturais do Cria-ú como um processo educativo?
2. Você, enquanto professor(a), já participou de alguma vivência cultural no espaço? Se sim, me conte sua experiência?
3. Como você descreveria, a partir da sua vivência, o modo como as atividades pedagógicas são organizadas no Espaço Cultural Tia Chiquinha?
4. Em que momentos você sente que o espaço funciona como uma “escola da comunidade”, mesmo não sendo uma escola formal?
5. Como sua atuação como professor é atravessada pelas experiências que você vive no Espaço Cultural Tia Chiquinha?
6. Que aprendizados você leva do espaço para sua prática docente e como eles influenciam seu modo de ensinar?
7. Deixe uma mensagem aos Guardiões que receberam a você e estudantes.

Macapá, AP, ____ de ____ de ____.

Assinatura do participante



Impressão digital do dedo polegar caso não saiba assinar

Assinatura do Pesquisadora Responsável.

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DESTINADO AO ESTUDANTE
INTERNO DA COMUNIDADE DO CRIA-Ú.

**Título da Pesquisa: ESCRIVIVÊNCIA E COTIDIANO QUILOMBOLA NO
ESPAÇO CULTURAL TIA CHIQUINHA NO QUILOMBO DO CRIA-Ú AMAPÁ**

Pesquisadora responsável:

Esmeraldina dos Santos

E-mail: escritoraesmeraldinasantos@gmail.com

Cel.: [(96) 98145-5853]

• **Dados pessoais:**

1. Qual é o seu nome completo?
2. Você nasceu em que dia?
3. Quantos anos você tem?
4. Você é natural de que lugar?
5. Qual é a sua nacionalidade?
6. Você é filho de quem (Pai e Mãe)?
7. Quem são seus avós maternos?
8. Quem são os seus avós paternos?
9. Quantos irmãos você tem? Quem são eles?
10. Qual é a sua cor/raça?
11. Você se considera um quilombola? Explique o porquê.
12. Qual é o seu gênero (Masculino ou Feminino)?
13. Qual é a sua orientação sexual?

• **Trajetória educacional:**

1. Você estuda em qual escola?
2. Em que ano/série você está?
3. Quantas e quais escolas você já estudou?
4. Em suas outras escolas, eram abordados temas com a temática racial, por exemplo: racismo, discriminação, preconceito racial, quilombo, educação antirracista?
5. De que maneira esses conteúdos eram abordados?
6. Qual a disciplina que você mais gosta? Por quê?
7. Você se interessa sobre por leituras sobre herança, cultura e história africana e afro-brasileira? O que mais te chama atenção no estudo?
8. Se o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira fosse uma disciplina obrigatória na escola, quais conteúdos você iria gostar de estudar? Por quê?
9. Você conhece alguma personalidade negra ou quilombola? Fale um pouco sobre ela?
10. Você sabe tocar/dançar Batuque e Marabaixo? Com quem você aprendeu?
11. Você participa de eventos culturais e sobre a cultura negra local?
12. O que você estudou na escola sobre tal conteúdo?
13. Você está na escola sobre a Lei n. 10.639/ 2003, que tornou obrigatório o ensino de história, da cultura negra e da contribuição do povo negro para o desenvolvimento do nosso país e

Amapá? Se sim, diga em qual disciplina? O que lhe marcou mais sobre o assunto? O que você aprendeu?

14. Você já sofreu racismo? Como se sentiu? O que você fez?

15. Você já cometeu atitude racista contra alguém? Qual foi o motivo?

• **Atividades pedagógicas e culturais no Espaço Cultural Tia Chiquinha:**

1. Como você ficou sabendo da existência do Espaço Cultural Tia Chiquinha?
2. O que lhe trouxe até aqui, e o que motivou a sua aproximação?
3. Você participou de alguma vivência cultural no espaço? Como foi a sua experiência?
4. O que mais te chama atenção nas atividades que são desenvolvidas no espaço cultural?
5. O que você aprendeu no espaço que não aprendeu na escola formal?
6. Você já percebeu alguma mudança em colegas depois de conhecerem o espaço?
7. Tem alguma história da sua família ou da sua vida que você lembra quando está aqui? Se sim, me conte um pouco sobre ela.
8. O que você acha que as pessoas, em especial os estudantes, deveriam saber sobre o Quilombo do Cria-ú?
9. Você sabe quem foi Tia Chiquinha? Se sim, fale um pouco sobre ela? Na sua opinião o que ela representa e significa?
10. Conte uma situação em que você sentiu que estava aprendendo algo que vinha “dos mais velhos”, dos ancestrais, do cotidiano quilombola mesmo que não estivesse escrito em nenhum lugar.
11. Me fale sobre uma experiência em que você percebeu que o nosso Batuque, o Marabaixo, a Ladainha e nossas festas religiosas ensinaram algo que não estavam nos livros ou aulas tradicionais.
12. Se o espaço cultural fosse um personagem, como você o descreveria?

• **Práticas educativas como formação cultural, identitária e antirracista:**

1. Você se considera uma pessoa racista? Explicar o porquê.
2. Participar das práticas educativas do espaço te faz pensar diferente sobre ser negro(a), quilombola, cultura negra, racismo ou amazônida?
3. Em que momentos você sentiu que as atividades do espaço podem contribuir para que as pessoas reconheçam e enfrentem o racismo?
4. Você percebe que o Espaço Cultural Tia Chiquinha funciona como um lugar de proteção, acolhimento e de trocas de conhecimentos contra o racismo?
5. Me conte sobre uma atividade que te fez pensar na resistência do povo negro, quilombola e na importância de manter essas tradições vivas.
6. Como você imagina que essas práticas podem transformar outras pessoas ou outros espaços?
7. Me fale sobre um momento em que você se sentiu mais conectado (a) à sua identidade negra, não negra, quilombola, amazônica ou comunitária durante a visita ao Espaço Cultural.
8. Qual é o seu lugar preferido na comunidade?
9. Na sua família quem lhe ensina sobre o quilombo, sua história e riquezas?

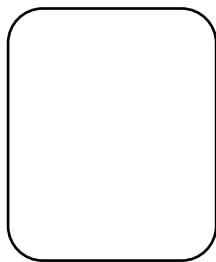
• **Vivências e experiências culturais na construção de percursos de ensinagem:**

1. Há algo que você passou a valorizar mais, por exemplo – sua história, nossa cultura – depois de vivenciar essas práticas?

2. Há algum ensinamento, gesto ou prática que fez você se sentir parte de algo maior, como uma comunidade ou ancestralidade?
3. Fale sobre o processo de ensino e aprendizagem no Espaço Cultural, cite algumas características, singularidades e metodologia adotada no local?
4. Você percebe que participar das experiências no Espaço Cultural Tia Chiquinha influencia a forma como você se vê e como vê sua própria história e a de seu povo?
5. Me conte sobre um momento que você vivenciou que te ajudou a perceber o valor da ancestralidade no cotidiano quilombola.
6. Se você pudesse resumir em poucas linhas, qual seria o maior aprendizado que viveu aqui?
7. Você pretende ingressar na universidade? Para cursar qual curso superior? Qual é o motivo da escolha do curso?
8. Você tem sonhos? Qual (is)?

Macapá, AP, ____ de ____ de ____.

Assinatura do participante



Impressão digital do dedo polegar caso não saiba assinar

Assinatura do Pesquisadora Responsável.

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DESTINADO AO ESTUDANTE
INTERNO DA COMUNIDADE DO CRIA-Ú.

**Título da Pesquisa: ESCRIVIVÊNCIA E COTIDIANO QUILOMBOLA NO
ESPAÇO CULTURAL TIA CHIQUINHA NO QUILOMBO DO CRIA-Ú AMAPÁ**

Pesquisadora responsável:

Esmeraldina dos Santos

E-mail: escritoraesmeraldinasantos@gmail.com

Cel.: [(96) 98145-5853]

• **Dados pessoais:**

1. Qual é o seu nome completo? 2. Você nasceu em que dia? 3. Quantos anos você tem? 4. Você é natural de que lugar? 5. Qual é a sua nacionalidade? 6. Você é filho de quem (Pai e Mãe)? 7. Quem são seus avós maternos? 8. Quem são os seus avós paternos? 9. Quantos irmãos você tem? Quem são eles? 10. Qual é a sua cor/raça? 11. Qual é o seu gênero (Masculino ou Feminino)? 12. Qual é a sua orientação sexual?

• **Trajetória educacional:**

1. Você estuda em qual escola?
2. Em que ano/série você está?
3. Quantas e quais escolas você já estudou?
4. Em suas outras escolas, eram abordados temas com a temática racial, por exemplo: racismo, discriminação, preconceito racial, quilombo, educação antirracista?
5. De que maneira esses conteúdos eram abordados?
6. Qual a disciplina que você mais gosta? Por quê?
7. Você se interessa por leituras sobre herança, cultura e história africana e afro-brasileira? O que mais te chama atenção no estudo?
8. Se o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira fosse uma disciplina obrigatória na escola, quais conteúdos você iria gostar de estudar? Por quê?
9. Você conhece alguma personalidade negra ou quilombola? Fale um pouco sobre ela?
10. Você sabe tocar/dançar Batuque e Marabaixo? Com quem você aprendeu?
11. Você participa de eventos culturais e sobre a cultura negra local?
12. O que você estudou na escola sobre tal conteúdo?
13. Você estudou na escola sobre a Lei n. 10.639/ 2003, que tornou obrigatório o ensino de história, da cultura negra e da contribuição do povo negro para o desenvolvimento do nosso país e Amapá? Se sim, diga em qual disciplina? O que lhe marcou mais sobre o assunto? O que você aprendeu?
14. Você já sofreu racismo? Como se sentiu? O que você fez?
15. Você já cometeu atitude racista contra alguém? Qual foi o motivo?

• **Atividades pedagógicas e culturais no Espaço Cultural Tia Chiquinha:**

1. Como você ficou sabendo da existência do Espaço Cultural Tia Chiquinha?
2. O que lhe trouxe até aqui, e o que motivou a sua aproximação?
3. Você participou de alguma vivência cultural no espaço? Como foi a sua experiência?

4. O que mais te chama atenção nas atividades que são desenvolvidas no espaço cultural?
5. O que você aprendeu no espaço que não aprendeu na escola formal?
6. Você já percebeu alguma mudança em colegas depois de conhecerem o espaço?
7. Tem alguma história da sua família ou da sua vida que você lembra quando está aqui? Se sim, me conte um pouco sobre ela.
8. O que você acha que as pessoas, em especial os estudantes, deveriam saber sobre o Quilombo do Cria-ú?
9. Você sabe quem foi Tia Chiquinha? Se sim, fale um pouco sobre ela? Na sua opinião o que ela representa e significa?
10. Conte uma situação em que você sentiu que estava aprendendo algo que vinha “dos mais velhos”, dos ancestrais, do cotidiano quilombola mesmo que não estivesse escrito em nenhum lugar.
11. Me fale sobre uma experiência em que você percebeu que o nosso Batuque, o Marabaixo, a Ladainha e nossas festas religiosas ensinaram algo que não estavam nos livros ou aulas tradicionais.
12. Se o espaço cultural fosse um personagem, como você o descreveria?

• **Práticas educativas como formação cultural, identitária e antirracista:**

1. Você se considera uma pessoa racista? Explicar o porquê.
2. Participar das práticas educativas do espaço te faz pensar diferente sobre ser negro(a), quilombola, cultura negra, racismo ou amazônida?
3. Em que momentos você sentiu que as atividades do espaço podem contribuir para que as pessoas reconheçam e enfrentem o racismo?
4. Você percebe que o Espaço Cultural Tia Chiquinha funciona como um lugar de proteção, acolhimento e de trocas de conhecimentos contra o racismo?
5. Me conte sobre uma atividade que te fez pensar na resistência do povo negro, quilombola e na importância de manter essas tradições vivas.
6. Como você imagina que essas práticas podem transformar outras pessoas ou outros espaços?
7. Me fale sobre um momento em que você se sentiu mais conectado (a) à sua identidade negra, não negra, quilombola, amazônica ou comunitária durante a visita ao Espaço Cultural.
8. Tem algum lugar que você mais gostou no Espaço? Explicar o motivo.
9. Qual lembrança e aprendizado você levará consigo do Quilombo do Cria-ú e do Espaço Cultural Tia Chiquinha?
10. No seu convívio familiar vocês conversam sobre racismo, preconceito e discriminação racial, respeito às diferenças, ou até mesmo sobre quilombo, sua história e riquezas?
11. E na escola, você já estudou sobre o assunto? você pode relatar como foi a experiência?

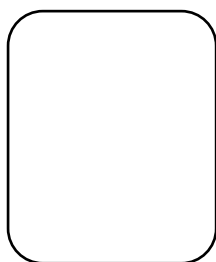
• **Vivências e experiências culturais na construção de percursos de ensinagem:**

1. Há algo que você passou a valorizar mais – sua história, nossa cultura – depois de vivenciar essas práticas?
2. Há algum ensinamento, gesto ou prática que fez você se sentir parte de algo maior, como uma comunidade ou ancestralidade?
3. Fale sobre o processo de ensino e aprendizagem no Espaço Cultural, cite algumas características, singularidades e metodologia adotada no local?
4. Você percebe que participar das experiências no Espaço Cultural Tia Chiquinha influencia a forma como você se vê e como vê sua própria história e a de seu povo?

5. Me conte sobre um momento que você vivenciou que te ajudou a perceber o valor da ancestralidade no cotidiano quilombola.
6. Se você pudesse resumir em poucas linhas, qual seria o maior aprendizado que viveu aqui?
7. Você pretende ingressar na universidade? Para cursar qual curso superior? Qual é o motivo da escolha do curso?
8. Você tem sonhos? Qual (is)?

Macapá, AP, ____ de ____ de ____.

Assinatura do participante



Impressão digital do dedo polegar caso não saiba assinar

Assinatura do Pesquisadora Responsável.

ANEXOS

ANEXO I – PPARECER DO CEP/UNIFAP

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAPÁ - UNIFAP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ESCRIVÊNCIA E COTIDIANO QUILOMBOLA NO ESPAÇO CULTURAL TIA CHIQUINHA NO QUILOMBO DO CRIA-Ú-AMAPÁ

Pesquisador: ESMERALDINA DOS SANTOS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 87597025.3.0000.0003

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 8.358.625

Apresentação do Projeto:

A presente proposta tem origem em programa de pós-graduação em Educação da UNIFAP. Tem como título, *“ESCRIVÊNCIA E COTIDIANO QUILOMBOLA NO ESPAÇO CULTURAL TIA CHIQUINHA NO QUILOMBO DO CRIA-Ú-AMAPÁ”*, objetiva investigar conhecer e utilizar valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros na prática pedagógica na perspectiva da educação cultural, comunitária e antirracista no espaço cultural Tia Chiquinha, localizado no Quilombo do Cria-ú-Amapá. A pesquisa trata-se de uma abordagem qualitativa, e será enfatizada na metodologia autoetnográfica na qual os dados empíricos serão coletados por intermédio da: observação, entrevistas semiestruturadas, registros fotográficos e descrição apresentada pelas narrativas dos sujeitos/colaboradores da comunidade pesquisada. Os objetivos da pesquisa são os seguintes: Priorizar a narrativa autobiográfica (escrivência), a minha como autora e pesquisadora e do público que frequenta o espaço cultural Tia Chiquinha; Configurar as atividades pedagógicas e culturais que são oferecidas para escolas, estudantes e sociedade em geral no Espaço Cultural Tia Chiquinha; Analisar qual é a contribuição de tais atividades pedagógicas e culturais para a formação na perspectiva antirracista do público visitante do local; Construir percursos de ensinagem à luz de vivências e experiência(ção) cultural a partir da minha experiência de vida e comunitária como mulher preta, quilombola e pedagoga. Destaca-se, também, apresentar e buscar apoio em leis que evidenciam a importância da

Endereço: Rodovia Josmar Chaves Pinto, - Km.02, Marco Zero

Bairro: Bairro Universidade

CEP: 68.902-280

UF: AP

Município: MACAPA

Telefone: (98)4009-2805

Fax: (98)4009-2804

E-mail: cep@unifap.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ - UNIFAP



Continuação do Parecer: 8.358.625

cultura negra e quilombola em apresentar os elementos culturais, como a legislação antirracista.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Conhecer e utilizar valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros na prática pedagógica na perspectiva da educação cultural, comunitária e antirracista no espaço cultural Tia Chiquinha, localizado no Quilombo do Cria-ú-Amapá.

Objetivo Secundário: i. Priorizar a narrativa autobiográfica (escrevivência), a minha como autora e pesquisadora e do público que frequenta o espaço cultural Tia Chiquinha; ii. Configurar as atividades pedagógicas e culturais que são oferecidas para escolas, estudantes e sociedade em geral no Espaço Cultural Tia Chiquinha; iii. Analisar qual é a contribuição de tais atividades pedagógicas e culturais para a formação na perspectiva antirracista do público visitante do local; iv. Construir percursos de ensinagem à luz de vivências e experiência(ção) cultural a partir da minha experiência de vida e comunitária como mulher preta, quilombola e pedagoga.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: De acordo com a resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, onde aponta os cuidados que o entrevistador deve ter com os riscos que podem aparecer nos momentos da pesquisa e como o Sistema CEP/CONEP pode assegurar a proteção dos atores sociais. Com isso, fizemos a identificação de alguns possíveis riscos que podem ser acometidos no momento da entrevista, sejam de aspectos psicológicos, intelectuais ou emocionais: i. Emoção ao trazerem lembrança de algum fato decorrente ao objeto pesquisado; ii. Desconforto e cansaço ao responder às perguntas; iii. Constrangimento ao receber uma pergunta que não saiba responder; iv. Nervosismo ao receber perguntas que lhe tragam lembranças boas ou ruins.

Benefícios:

- i. Autorreconhecimento de si e da relevância da problemática de pesquisa na perspectiva da educação cultural comunitária;
- ii. A participação de estudos acadêmicos, como este, que mostrarão a relevância que os participantes têm sobre o problema de pesquisa;
- iii. Poder conhecer mais sobre o problema de pesquisa e sobre os entrevistados;
- iv. O despertar crítico dos participantes e demais leitores, que reconhecerão o racismo como parte estrutural da sociedade, e assim buscando interesse na educação antirracista para a

Endereço: Rodovia Josmar Chaves Pinto, - Km.02, Marco Zero
Bairro: Bairro Universidade **CEP:** 68.902-280
UF: AP **Município:** MACAPA
Telefone: (96)4009-2805 **Fax:** (96)4009-2804 **E-mail:** cep@unifap.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ - UNIFAP



Continuação do Parecer: 8.358.625

melhoria das relações sociais;

v. A valorização da educação antirracista, possibilitando a igualdade e a inclusão das classes;

vi. O reconhecimento de espaços culturais do estado do Amapá, os tornando-os verdadeiros patrimônios históricos do povo negro amapaense.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa exequível. A pesquisa é relevante para a obtenção de informações que poderão auxiliar na compreensão, conhecer e utilizar valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros na prática pedagógica na perspectiva da educação cultural, comunitária e antirracista no espaço cultural Tia Chiquinha, localizado no Quilombo do Cria-ú-Amapá.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

No protocolo da pesquisa, constam os documentos exigidos pela Resolução CNS n. 466/12.

- O TCLE atende às exigências da Resolução, visto que esclarece os objetivos e os procedimentos da pesquisa, garantindo o sigilo e assegurando a privacidade dos sujeitos, além da possibilidade do acesso aos dados registrados e da desistência em qualquer momento da pesquisa.
- O projeto brochura;
- Folha de rosto devidamente assinada pelo departamento de pesquisa;
- Termo de Anuência da Instituição (Espaço cultural) onde parte da pesquisa será realizada;
- Instrumento de pesquisa;
- Cronograma atualizado.

Recomendações:

Recomenda-se aprovação da submissão, podendo a proponente dar continuidade a sua pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Submissão aprovada.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_2527495.pdf	31/03/2026 15:56:03		Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_assinado_Esmeraldin	31/03/2026	ESMERALDINA	Aceito

Endereço: Rodovia Josmar Chaves Pinto, - Km.02, Marco Zero

Bairro: Bairro Universidade

CEP: 68.902-280

UF: AP

Município: MACAPÁ

Telefone: (96)4009-2805

Fax: (96)4009-2804

E-mail: cep@unifap.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAPÁ - UNIFAP



Continuação do Parecer: 8.358.625

Folha de Rosto	a_Santos_assinado.pdf	15:55:40	DOS SANTOS	Aceito
Solicitação registrada pelo CEP	TERMO_DE_ANUENCIA_assinado.pdf	30/01/2026 11:03:35	ESMERALDINA DOS SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado_esmeraldina.pdf	30/01/2026 10:58:15	ESMERALDINA DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_esmeraldina.pdf	29/01/2026 23:59:26	ESMERALDINA DOS SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MACAPA, 15 de Abril de 2026

Assinado por:
RAFAEL LIMA RESQUE
(Coordenador(a))

Endereço: Rodovia Josmar Chaves Pinto, - Km.02, Maroo Zero
Bairro: Bairro Universidade CEP: 68.902-280
UF: AP Município: MACAPA
Telefone: (98)4009-2805 Fax: (98)4009-2804 E-mail: cep@unifap.br